

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

GIOVANNA LOUBET ÁVILA

**MASCULINIDADE E HOMICÍDIO NO DIVÃ: UMA LEITURA SOBRE
O MATAR E NÃO MORRER**

Dourados, Mato Grosso do Sul

2022

GIOVANNA LOUBET ÁVILA

Masculinidade e homicídio no divã: uma leitura sobre o matar e não morrer

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos comportamentais cognitivos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosalice Lopes

Dourados, Mato Grosso do Sul

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

	<p>Ávila, Giovanna Loubet</p> <p>Masculinidade e homicídio no divã: uma leitura sobre o matar e não morrer. / Giovanna Loubet Ávila. – Dourados, 2022.</p> <p>Orientadora: Professora Dra. Rosalice Lopes</p> <p>Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Psicologia - PPGPsi - Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Masculinidade hegemônica. 2. Psicanálise. 3. Violência. 4. Perversão-narcísica. I. Título.</p>
--	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

Nome: Giovanna Loubet Ávila

Título: Masculinidade e homicídio no divã: uma leitura sobre o matar e não morrer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a. Dr.^a. Rosalice Lopes
Presidente/Orientadora
Universidade Federal da Grande Dourados
(UFGD)

Prof. Dra. Valeska Maria Zanello de
Loyola
Membro Titular Externo
Universidade de Brasília (UNB)

Prof. Dra. Maria de Lourdes Dutra
Membro Titular Interno
Universidade Federal da Grande Dourados
(UFGD)

Prof. Dra. Maria Salete Junqueira Lucas
Membro Titular Interno
Universidade Federal da Grande Dourados
(UFGD)

Dedicatória

À Ana Paula, minha mãe, que me deu a vida.

À memória de Marcos, meu pai, que me ensinou a apostar na palavra.

À memória de Vicente, meu avô, que me ensinou a não esquecer da alegria.

À vida de M.A pelo compartilhamento vital do conhecimento e do amor.

Às pessoas que confiaram sua destrutividade e sua potência à minha escuta em análise.

Às pessoas que suportaram a dor na infância.

E principalmente àquelas que não suportaram e não sobreviveram.

À memória do pequeno Henry.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Rosalice Lopes por saber que este trabalho era possível e me permitir ocupar o espaço que demanda a minha autonomia na escrita, no pensar, no sentir e no trabalho artesanal de pesquisar apostando na Psicanálise. Minha gratidão pela generosidade, pelo oxigênio mobilizador de ideias, pelas trocas, pelo espaço, pelo caminho mais compartilhado do que guiado. Obrigada por me ajudar a descobrir que meus pensamentos podem caber nas palavras, mas que se não couberem, não estão perdidos – estão em processo.

Agradeço a ajuda das queridas auxiliares de pesquisa Aldenora Coutinho Libraiz e Cláudia Tilemann que tornaram esse caminho menos pesado e que acreditaram nesta pesquisa com empenho, sensibilidade e dedicação.

A cada uma das pessoas que me confiaram o compartilhamento de seus processos de análise e que durante o andamento dessa pesquisa contribuíram sem saber para os enredamentos teóricos e pensamentos “fosforilantes” sobre o sentir. Obrigada por me mostrarem, em suas cidades pessoais, ruas, vielas, becos, prédios, edifícios, buracos, estacionamentos, e tudo o que puder caber nos enlaces simbólicos de ser, estar e (faltar) no mundo. Vocês me inspiram o olhar e a escuta para a vida e a sustentação para a morte.

Aos meus amigos e amigas que compreenderam meu distanciamento sem deixar de me apoiar e verbalizar o encorajamento para a escrita, em especial à Fernanda e David. Pelo acolhimento, espaço, entendimento e bom humor.

À minha analista que, nesse período, me ensinou sobre a leveza do pensar e o contorno próprio do caos autêntico de estar viva. Obrigada por me escutar, nesse parto de pesquisa – e acolher - para que eu não me partisse.

Ao meu pai Marcos (*in memoriam*), homem preto, sensível, amoroso e escutador por me ensinar que a função materna é só um nome generificado para a pessoa que cuida com presença, percepção e sensibilidade. Pela coragem de me sustentar a vida até que eu pudesse fazê-lo. Por me ajudar a descobrir que a palavra eterniza. Por não partir sem antes me ensinar que eu não posso tudo, mas que isso não significa que eu não possa desejar tudo.

À minha mãe Ana Paula, mulher com deficiência, que aceitou a minha vida aos dezessete anos de idade e desde então me ensinou que nenhum número, nenhum homem, nenhum familiar, nem ninguém tem direito a minha vida. Pela coragem de me dar à vida. Pelo

aprendizado de linguagens inúmeras para comunicar o que silencia a maioria das pessoas que conheci. Pela capacidade de envolvimento e pelos momentos de necessária solidão. Por me inspirar a ser a mulher que eu sou, viva e combativa aos ditos e não-ditos de uma sociedade subjugadora do feminino. Por ser toda a força que você é para mim.

Ao meu avô Vicente (*in memoriam*) homem simples que mesmo sem estudo me ensinou a ler o mundo e que partiu entre o meio e o fim desta pesquisa. Que me ensinou a contar e quando percebeu que eu não era boa de cálculo, me ensinou a contar histórias. De alguma forma, elas me trouxeram até aqui. Por todo amor, confiança, amparo e admiração. Por ter me dito na semana anterior à sua partida “você é a mestra do vovô”. Isso me deu força para ser.

À Melodia por todas as risadas, carinho, pelos passeios desanuviadores e pela compreensão dos “rolis” que nós não fizemos enquanto eu escrevia.

Aos familiares e infamiliars.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo financeiro à pesquisa.

Tempo 1

A violência nunca falta¹

E não falta porque é do excesso - ainda que esse seja derivado de uma falta.

Como nasce a violência?

Talvez seja mais adequado questionar de que morte esparge o ímpeto de tenacidade, ou a sutileza cínica e vulgar, da violência.

Eu particularmente, embasada no viés psicanalítico, acredito que da impossibilidade de falta.

De se ver faltante, de se saber faltando, de suportar a/o falta-dor.

O que é a violência senão a hostilidade irreconciliável de admitir que existe (dentro e fora de mim) um Outro que por sua outra natureza é divergente, diverso e distinto.

A violência nunca falta quando a falta emerge:

A falta de limite.

A falta de reconhecimento.

A falta de autorreconhecimento.

A falta de condições elaborativas para lidar com o ressentimento.

A falta de recursos para elaborar o recalcado em mim, que precisa ser mantido na alienação, e que chega a beira da pré-consciência quando o vejo no Outro.

Tudo que preciso matar ou violar no Outro é o que não pode, por meio da linguagem, nascer em minha vida - mas que aqui permanece impenetrável até que alguma nomeação seja possível para o excedente absurdo de mim.

Não há nada também que me impeça de ser violenta comigo.

Exceto a suportabilidade amorosa de que deste corpo, desta carne e deste intelecto - nenhum material extraído será capaz de compor outro de mim.

Eu sou da humanidade que você é, mas sou Outro.

De mim e de você.

G.L.A

¹ Ricci, Giancarlo. *Topologie du discours de la fête*, ibid, p. 212

Tempo 2

A violência é o (de)cair

A queda do paraíso é, sem mais, a queda do parido.

Sem sopro nem reza.

É no masculino suposto que se castra - a denominação infame - do que se deve poder.

Da fala - substantivo feminino - é nascido aquilo que vem espontâneo, espargido, expelido, expurgado - esperado.

Por vezes, retaliado pelo Supereu.

Por vozes: re-talhado por um grafo subversivo.

Dentre outras auto-aliterações deslocadas por não serem palatáveis à censura.

Analisar é olhar para o que cai apesar do movimento.

É descobrir que o desânimo só (a)parece assim, meio parado, porque está do outro lado de um mar revolto. Revoltado adjetiva o meio comunicativo do que não ancora.

Dos túneis as entranhas subterrâneas: o pesadelo é sempre esse sonho do avesso que satisfaz o anseio de ansiar por mais.

E mais.

Que algo acalme.

Sem imperativo, sem infinitivo e com sujeito elíptico.

Sem sentença.

Só a aposta no intermédio da retina viva para sobrepor os esvaziamentos da finitude que não acaba.

Analisar é saber, sobretudo, sobre o nada.

É saber cair esse destronamento de si para só.

É perder a sorte para encontrar a verdade.

E a verdade é sempre a morte da regra.

O que pode, então, ser mais vivo e real do que a queda?

G.L.A

RESUMO

Os crimes violentos praticados por homens e direcionados às mulheres e crianças em contexto intrafamiliar são problemas de abrangência mundial. No Brasil, esta questão tem sido abordada, em diferentes pesquisas, a partir da ótica das teorias feministas e dos dispositivos jurídicos direcionados ao enfrentamento da violência contra as mulheres, crianças e adolescentes. No entanto, são escassas as pesquisas psicanalíticas voltadas ao funcionamento perverso-narcísico como elemento engendrado socialmente no psiquismo de homens e inerente à vivência da masculinidade. Concomitantemente, a ocorrência de crimes violentos no âmbito familiar sob a predominante autoria de homens, é um dado irrefutável. Dessa forma, o objetivo principal deste estudo é analisar a existência de elementos de função perverso-narcísica, no discurso masculino, decorrentes da constituição das masculinidades no Brasil, a partir do discurso do acusado no Caso público Henry Borel. Tem-se ainda como objetivo apresentar dados sobre o comportamento violento masculino e estabelecer conexões entre crimes violentos e o ideal de masculinidade hegemônica a partir da teoria Psicanalítica. Por fim, este estudo tem o propósito oferecer recursos reflexivos a profissionais investidos na atuação clínica e/ou preventiva de comportamentos violentos no campo da Psicologia Jurídica. Trata-se de um Estudo de Análise Incorporada, exploratório, de natureza qualitativa, que tem como estratégia a análise do discurso de Jairo Souza Santos Júnior a partir do depoimento público do réu, indiciado e homicídio triplamente qualificado de Henry Borel e investigado por violências graves contra mulheres, que foram suas companheiras, e os filhos destas. A pesquisa apontou que a leitura do discurso masculino a partir da função perverso-narcísica oferece recursos reflexivos relevantes ao campo clínico, criminológico, social e psico-jurídico.

Palavras-chave: Masculinidade hegemônica. Psicanálise. Violência. Perversão-narcísica

ABSTRACT

Violent crimes committed by men and directed at women and children in an intra-family context are problems of worldwide scope. In Brazil, this issue has been addressed, in different research studies, from the perspective of feminist theories and legal devices aimed at confronting violence against women, children and adolescents. However, there is a lack of psychoanalytic research focused on the perverse narcissistic functioning as a socially engendered element in the psyche of hegemonic men and inherent to this experience of masculinity. Concurrently, the occurrence of violent crimes in the family environment under the predominant authorship of men is an irrefutable data. Thus, the main objective of this study is to analyze the existence of elements of perverse narcissistic function in the discourse of hegemonic man resulting from the constitution of masculinities in Brazil, from the discourse of the accused in the Henry Borel Public case. It is also aimed at presenting data on male violent behavior and establishing connections between violence, hegemonic masculinity, and crime, based on the Psychoanalytic Theory. Finally, this study aims to offer reflective resources to professionals invested in the clinical and/or preventive performance of violent behaviors in the field of Legal Psychology. It is an Incorporated Analysis Study, exploratory, of qualitative nature, which has as a strategy the analysis of the discourse of Jairo Souza Santos Júnior from the public testimony of the defendant, indicted for the triple-qualified homicide of Henry Borel and investigated for severe violence against women who were his companions and their children. The research pointed out that the reading of the male-hegemonic discourse from the perverse narcissistic function offers reflective resources relevant to the clinical, criminological, social, and psycho-legal fields.

Keywords: Hegemonic Masculinity. Psychoanalysis. Violence. Narcissistic perversion

LISTA DE SIGLAS

AVC – Acidente Vascular Cerebral

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitês de Ética em Pesquisa

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

COVID-19 - Coronavírus 2019 [(SARS-CoV-2) (síndrome respiratória aguda grave do coronavírus 2)]

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IML – Instituto Médico Legal

INFOPEN - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONG - Organização Não Governamental

SciELO - Scientific Electronic Library Online

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TJRJ – Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro

UF - Unidade Federativa

UNICEF - United Nations International Children’s Emergency Fund. (Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância).

UNODC - United Nations Office on Drugs and Crimes

VICCA - Violência Intrafamiliar Contra Crianças e Adolescentes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. A CONFORMAÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: DO PRINCÍPIO AO PRECIPÍCIO

- 1.1 Masculinidade e dominação: aspectos que reforçam o verniz social 25
- 1.2 Violência primitiva: do infamiliar à família como sintoma 27
- 1.3 A horda do masculino: violência como recurso familiar 30
- 1.4 Masculinidade contemporânea: da virilidade à *broderagem* 33

2. DESENVOLVIMENTO HUMANO E COMPORTAMENTO VIOLENTO MASCULINO

- 2.1 Aspectos introdutórios sobre comportamento violento 36
- 2.2 Desenvolvimento em retrospectiva: estudos sobre a moralidade masculina 40
- 2.3 Violência: uma questão de (não) re-conhecimento 44
- 2.4 Complexos familiares: a primeira experiência de reconhecimento 46
- 2.5 Homens violentos: meninos que triunfam sobre o ressentimento 54

3. NARCISISMO E PERVERSÃO NARCÍSICA

- 3.1 Estruturas psíquicas e a (des)ordenação da lei 57
- 3.2 Violência intrafamiliar: do menino ao possível criminoso 61
- 3.3 Considerações sobre o narcisismo 65
- 3.4 Perversão Narcísica: Estrutura, função e comportamento violento 68
- 3.5. Subjetividades e trocas sintomáticas no relacionamento abusivo: algumas considerações..... 71

4. PSICANÁLISE E CRIMES VIOLENTOS: GOZO, FANTASMA E O CASO HENRY BOREL

- 4.1 Criminologia psicanalítica e sua relação com o Gozo 77
- 4.2 O assassinato do objeto dá vida ao fantasma 80
- 4.3 Caso Henry Borel 82

5. MÉTODO

5.1 Objetivo.....	92
5.2 Amostra.....	92
5.3 Critérios éticos	93
5.4 Procedimento	93
5.5 Categorias de análise	94

6. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Masculinidade hegemônica e virilidade: os homens podem ficar sem casa	95
A lógica do impossível: o crime não existe, e Deus sabe disso	109
Entre ditos e contraditos: minha (in)consciência fala por mim?	117

7. ANÁLISE DOS DADOS

7.1 Análise dos dados	122
-----------------------------	-----

8. CONCLUSÕES

.....	148
-------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICE

ANEXOS

INTRODUÇÃO

do reconhecimento de que minha dor, meu silêncio, ou minha cólera, ou minha percepção não são finalmente somente minhas e que me localizam em uma situação cultural compartilhada que me permite então habilitar-me e me capacitar em vias insuspeitáveis.” (Butler, 1990, p. 301).

A violência é uma ação humana presente na história de indivíduos e grupos e antecede as possibilidades de classificá-la em suas múltiplas e polissêmicas manifestações. Em termos sociais podemos observá-la nos comportamentos que mantêm as desigualdades, a discriminação, a exclusão e a opressão de uns sobre outros. A violência surge em contextos relacionais e é produzida por distintos mecanismos sociais de controle dos que têm o poder de subjugar. No plano individual e subjetivo é também uma resposta de contenção daquilo que destoa, incomoda ou desafia sendo exemplo muito relevante na atualidade as violências contra as mulheres, adolescentes e crianças. No presente estudo aborda-se mais pontualmente a violência produzida no microcosmo das relações familiares, mas considera-se que nenhuma expressão humana é dissociada de um universo de determinações que as conformam ao longo de anos, por vezes, décadas até que uma ação irrompa as barreiras individuais e promova trágica e destruidora manifestação.

A história de cada sujeito é única e a constituição psicossocial de suas manifestações é descrita, em distintas abordagens psicológicas, como sendo, em significativos aspectos, resultante de aprendizagens cognitivas, afetivas e sociais, moldadas na experiência relacional precoce, junto aos pais e mães biológicos, adotivos ou ainda com outros membros da família extensa e, na sequência, à infinita cadeia de sucessivas experiências em outros grupos sociais que reeditarão a mesmidade, ou transformarão criativamente sua subjetividade.

De uma perspectiva singular, e a partir de pressupostos psicanalíticos, admite-se que é nas relações primárias que nossos comportamentos têm os elementos básicos de sua constituição. A psicanalista Waddell (2017) em seu livro *Vida Interior - sobre psicanálise e desenvolvimento da personalidade* - faz referência à concepção kleiniana de que o sujeito é formado, a princípio, não só por impulsos e aspectos biológicos, mas também pelos relacionamentos derivados das primeiras trocas entre a figura materna e o seu bebê.

Estas trocas oportunizam experiências afetivas com diversas nuances entre o prazer e o desprazer e é desejável, num desenvolvimento saudável, que distintas vivências de acolhimento e falta se equilibrem. Entretanto, é possível que o sofrimento psíquico nos estágios iniciais da vida se sobreponha ao prazer. Nestes casos, segundo a autora, é possível que estas pessoas, de modo consciente, ou não, atuem na conformação de problemas interpessoais de tipo mais grave na vida adulta, notadamente no contexto familiar, seja em suas vinculações amorosas com seu/sua companheiro/a, mas também com seus filhos, filhas, enteados e enteadas.

Moralis *et. al.* (2016, cit. por Rodrigues, 2020) conceituam a violência intrafamiliar como todo gesto, ação ou negligência nociva, dirigida à integridade e bem-estar psicológico, físico, financeiro, moral ou sexual de um sujeito da família, sendo a omissão e o abandono de vulneráveis, neste caso, crianças e adolescentes, práticas violentas também passíveis de punição por lei.

Segundo Rodrigues (2020) a Violência Intrafamiliar Contra Crianças e Adolescentes (VICCA), no Brasil, tem sido um tema presente, nos últimos anos, nos contextos educacionais, de saúde e de outras políticas públicas, e reforçado, tanto pela instauração de dispositivos jurídicos, quanto pelas discussões e informativos publicitários que objetivam o enfrentamento desse tipo de violência. As interações e relações humanas são campos de conflitos, os quais não devem ser vistos como absolutamente indesejáveis, uma vez que são dinâmicos e produzem mudanças. É desejável que conflitos tenham um desfecho criativo e que a preservação e respeito pela integridade e dignidade humanas estejam presentes. Diferenciam-se destes, os conflitos relacionais cíclicos e frequentes nos quais a violência é a tônica e o abuso e o desrespeito marcam a experiência relacional do casal e da família.

Nesse sentido, Abranches e Assis (2011) em referência às ideias de Gabarino *et. al.* (1986), pontuaram indicadores comportamentais tóxicos no exercício parental, possivelmente presentes na violência intrafamiliar que auxiliam na detecção dessa situação de abuso e sofrimento psicológico infantil, estes seriam: a rejeição presente na recusa de reconhecimento frente às necessidades da criança; o isolamento no sentido de anular ou diminuir a interação social infantil; o ato de aterrorizar a criança de tal modo que esta sinta medo e/ou pavor; ignorar demandas intelectuais, psicológicas e afetivas da criança e o direcionamento infantil, por parte do adulto, ao estímulo de comportamentos antissociais. Os autores apontam situações extremamente sensíveis na experiência relacional familiar e suscitam reflexões sobre as

(im)possibilidades de intervenção em contextos tão inatingíveis como estes, restando muitas vezes, apenas a reflexão em retrospectiva.

A violência intrafamiliar, ou o relacionamento abusivo, como é popularmente designado este sistema relacional na contemporaneidade, possui muitos desdobramentos, perspectivas e designações/classificações no Brasil: violência doméstica, violência conjugal, violência contra a mulher, violência de gênero, violência contra criança e/ou adolescente, violência física, tortura (Arantes, 2013), violência simbólica (Bourdieu 1998/2017) e por fim, a violência silenciosa, designada e conceituada pelo psicanalista e filósofo Martins (2009).

Essa atmosfera relacional pode ser entendida como uma experiência em que o imperativo de excessos, no relacionamento, por parte de um, ou dos dois indivíduos, se sobrepõe à individualidade e ao respeito que deveria existir em toda relação humana entendida como saudável.

Os comportamentos sistematizados no relacionamento abusivo intrafamiliar expõem as violências praticadas na forma de lesão física, tortura, agressão sexual, destruição patrimonial, maus tratos verbais e privações ou proibições por parte de um dos parceiros (ou ambos), violência psicológica, dentre outras.

Diversas estatísticas, mundiais e locais (OMS, 2002; Mapa da violência de gênero, 2017; Atlas da Violência, 2020), apontam o predomínio de homens na autoria de crimes e comportamentos violentos/agressivos, mas em especificidade, foi a United Nations Office on Drugs and Crimes (UNODC, 2017) que revelou a porcentagem de 95% dos homens como autores de assassinatos.

Dados sobre o impacto da violência intrafamiliar, praticada por homens, contra as mulheres no Brasil, de fevereiro de 2019 e publicados pelo Datafolha, por solicitação da ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), apontam que 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativas de estrangulamento; 42% dos casos de violência ocorreram no ambiente privado/doméstico. Destas mulheres 52% não denunciaram o agressor e 76,4% o conheciam (violência intrafamiliar). Cabe ressaltar ainda que, segundo a publicação do Datafolha (2019), são praticados por hora, em média, 536 casos, de violência contra a mulher no Brasil.

Kaufman (1994 cit. por Muszkat, 2011) enfatiza o intenso domínio e poder (portanto, potência) social que constituem os inúmeros privilégios masculinos como uma estrutura social

produtora de sofrimento e alheamento de homens e mulheres em relação à esta engrenagem de poderes. A alienação feminina e, principalmente, a masculina são essenciais na manutenção dessa estrutura patriarcal capitalista (Souza, 2016).

Diniz *et. al.* (2003) postulam a importância de explicitar que a violência, embora esteja frequentemente associada a aspectos físicos, instaura danos além da gravidade corporal e, em consequência, se expande de modo intenso até às dimensões psicológica e social. Isso se dá por meio dos traumas silenciosos que a agressão tem potencial de estabelecer. O alto índice de violência intrafamiliar contra o gênero feminino, não é desconhecido no meio acadêmico e na sociedade, entretanto, aborda-se em menor frequência o fato de que crianças e adolescentes estão inseridos nessa complexa e adoecida dinâmica familiar e também se tornam vítimas de violência.

Os dados estatísticos em seu estudo sobre violência conjugal demonstram que no Brasil 70% dos casos de agressão ocorrem dentro de casa e o autor do crime costuma ser o namorado, marido ou parceiro; das violências que culminam em lesões corporais de alta gravidade, os dados são superiores a 40% das agressões que incluem “[...] socos, tapas, chutes, amarramentos, queimaduras, espancamentos e estrangulamentos” (Diniz *et. al.* 2003, p. 1).

Estima-se que entre 10% e 69% das mulheres, em nível mundial, já sofreram violência por parte de seu parceiro (World Health Organization, 2002, cit. por Rosa *et. al.* 2008). Uma pesquisa realizada no Brasil no ano de 2001 estimou que 2,1 milhões de mulheres já foram gravemente espancadas, existindo ainda um número médio de 175 mil mulheres que são agredidas por mês (Venturi *et. al.* 2001, cit. por Rosa *et. al.* 2008).

Nos casos de violência intrafamiliar 58% dos autores da violência são parceiros, namorados, maridos e ex-companheiros, sendo 42% dos homens pais, padrastos, avôs e outros membros do sexo masculino pertencentes à família. Das mulheres violentadas 83,7% possuem entre 18 e 59 anos e 15% correspondem a uma faixa etária acima dos 60 anos (Mapa da violência contra a mulher, 2018).

Segundo os estudos de Gonçalves & Ferreira (2002) a violência intrafamiliar infantil ganhou destaque no contexto brasileiro, ao final da década de 80 e início dos anos 90, com o art. 227 da Constituição Federal (Brasil, 1988) e o art. 13 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990), que estabeleceram a obrigatoriedade de denúncia de casos

de maus tratos infantis, além de penalizar (art. 245) profissionais da saúde e da educação que não agissem de acordo com a legislação mencionada.

Para a organização não governamental World Vision (2020) a violência intrafamiliar contra crianças teria aumentado em 32% na média anual mundial, em decorrência da Pandemia de Covid-19. Em consonância, os estudos de Cruz *et. al.* (2021) apontaram para o aumento de respostas parentais violentas, direcionadas aos filhos, pelo estresse experimentado durante o isolamento social. O cenário pandêmico teria ampliado também, entre 2,9 milhões e 4,6 milhões, o número de crianças e adolescentes vítimas de crimes violentos, dentro da própria casa, na América Latina (Agência Brasil, 2020). Paralelamente, dados da UNICEF (2018) no Brasil, apontam que em média 32 crianças e adolescentes são assassinados diariamente em diferentes contextos.

O cenário mais drástico da violência intrafamiliar infantil é o que culmina em homicídio. No entanto, estatísticas sobre a violência contra crianças são extremamente mais escassas do que os índices referentes aos adolescentes e ainda menos frequentes quando se trata de homicídio infantil derivado de violência intrafamiliar. O levantamento realizado no âmbito deste estudo na plataforma SciELO aponta que entre 2001 e 2020 foram publicados no Brasil 12 artigos científicos relacionados aos termos *homicídio infantil* e *homicídio de crianças*, sendo apenas nove destes trabalhos redigidos em língua portuguesa.

Conforme os dados apresentados por Granville-Garcia *et. al.* (2008, p. 301) há “um profundo pacto de silêncio responsável pelo tímido número de denúncias” referentes às violências e sofridas por crianças e adolescentes brasileiros. O estudo realizado em Pernambuco analisou os documentos de 143 denúncias do Conselho Tutelar de maus tratos, entre 2002 e 2006, e os organizou em categorias com os seguintes resultados: violência física – 35,27%; negligência 54,22%; violência psicológica 4,08%; violência sexual 6,41% (Granville-Garcia *et. al.* 2008, p. 303).

O desfecho da violência infantil pode ser ainda mais trágico dos que as marcas no corpo e os traumas silenciosos. As estatísticas da Organização Mundial de Saúde (OMS, cit. por Granville- Garcia *et. al.* 2008) revelam que uma criança menor de cinco anos morre, anualmente, vítima de homicídio intrafamiliar. A ausência de dados sobre o crime de assassinato praticado contra crianças reforça a crucialidade de estudos sobre o tema quando relacionados à masculinidade hegemônica. Nas palavras da Psicanalista brasileira Maria

Arantes (2013, p. 18) “[...] o lugar vazio do sujeito torna-se a questão central, uma vez que nesses casos um sujeito fala em nome de um outro que não pode fazê-lo porque não sobreviveu.”

A resposta social às ações de homens autores de violência, especialmente contra mulheres, ainda são escassas e mais presentes em contextos reparativos do que preventivos e relacionadas a medidas socioeducativas, tais como os grupos reflexivos para homens (Nascimento, 2001; Muszkat, 2011; Urra & Pechttol, 2016), no entanto, inexitem ações específicas quando as vítimas são crianças. Em todos os casos, a escassez de ações, possivelmente, se refere ao desconhecimento das causas desencadeadores do comportamento violento masculino e sobre o que fazer com o que já é conhecido, tendo em vista a crescente apresentação de casos semelhantes.

Toda possibilidade relacional deriva de sujeitos que vieram de relações familiares com características específicas, portanto, o encadeamento relacional e os complexos familiares daí resultantes são fundamentais nesta pesquisa. Conforme a teoria pulsional freudiana (Gomes, 2001), todo ser humano experimenta a dualidade – bom/ruim, certo/errado, bem/mal, dentre outros e, por extensão, as relações humanas também são caracterizadas por ambivalências. Para Winnicott (2012) o bebê que mama vorazmente pela primeira vez, o faz com a agressividade necessária para ser alimentado e mantido vivo, antes mesmo de experimentar sensações prazerosas, gratificantes e amorosas. Para este autor, “Amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas. Mas amor e ódio envolvem agressividade.” (Winnicott, 1939/2012, p.93).

É também de reconhecimento psicanalítico que as experiências familiares configuram complexos relativamente estáveis que se estabelecem intergeracionalmente, como hábitos, tradições ou ainda, diferentes tipos de neuroses do contexto familiar. Mas o que poderia estabelecer uma fixação subjetiva no comportamento agressivo e violento? Winnicott (1939/2012, p.93) explicou que “a agressão pode ser um sintoma de medo.” O medo pode ser compreendido como um sentimento que sinaliza uma ameaça imaginária, simbólica, ou concreta à autopreservação. Admite-se, portanto, que a violência intrafamiliar possa ser uma resposta narcísica e rudimentar ao medo.

As trocas primitivas entre a mãe e seu bebê, ou entre os pais e a criança são essenciais para o desenvolvimento emocional de cada pessoa. Zimmerman (2010), fortemente influenciado

pela teoria bioniana, postulou que, muitas vezes, há uma relação patologicamente identificada entre a criança que sofreu maus tratos e a figura parental sádica. Dessa forma, ressalta que, ainda durante a infância, por meio das brincadeiras, ou na vida adulta, de forma direta e ativa, é esperado que o sujeito reproduza a violência que, no passado, sofreu passivamente (Zimerman, 2010, p. 230).

Neste estudo admite-se que a prática da violência intrafamiliar seja um modo inconsciente de atualização do modelo relacional oferecido pelos pais (entre eles e na relação com o filho ou filha) e atravessado pela pedagogia de gênero (Zanello, 2018). Assim, a hipótese norteadora da pesquisa é a de que a função perversa e narcísica (Martins, 2009)², engendrada pelos dispositivos de gênero (Zanello, 2018) que conformam as masculinidades brasileiras legitimam o comportamento violento de um homem em contexto intrafamiliar.

A proposta de Martins (2009) sobre a perversão narcísica a situa como uma mobilização inconsciente da autopreservação psíquica em associação ao imperativo de gozo sobre o Outro. Já o comportamento violento, por sua vez, pode evidenciar uma função perverso-narcísica, entendida como uma expressão do sujeito³, de oposição e anseio de triunfar sobre a Lei (Nome-do-Pai) original, tomando como referência a compreensão clássica de desejo na estrutura perversa a partir de Lacan (1938, cit. por Lustoza, 2018).

Esta pesquisa objetiva analisar a existência de elementos de função perverso-narcísica no discurso do homem branco, considerando o ideal de masculinidade hegemônica inerente à constituição masculina, no Brasil, a partir do caso público Henry Borel. Tem-se ainda como objetivo apresentar dados sobre o comportamento violento masculino e estabelecer conexões entre violência, masculinidade hegemônica e crime, a partir da Teoria Psicanalítica. Por fim, este estudo tem o propósito oferecer recursos reflexivos a profissionais investidos na atuação clínica e/ou preventiva de comportamentos violentos no campo da Psicologia Jurídica. Como desdobramentos pretende-se apontar aspectos da cisão social em torno do comportamento

² É relevante elucidar neste ponto, a partir de uma leitura psicanalítica, que estrutura e função são dimensões distintas nas manifestações psíquicas. Neste estudo a abordagem do homicídio intrafamiliar contra uma criança, no que cabe à análise destas manifestações se darão a partir da função perverso-narcísica, exclusivamente.

³ No contexto deste estudo o termo sujeito é entendido a partir das proposições de Booner e Cazalans (2017) que o apresentam como um conceito inerente à teoria e clínica psicanalítica, entretanto, cabe aqui a crítica à manutenção psicanalítica do termo sujeito enquanto um recurso da linguagem que corrobora o uso do gênero masculino como neutro.

criminoso e do maniqueísmo societal que distancia o violento, ou bárbaro, do humanamente respeitável.

É uma demanda feminista responder questões sobre as principais características da subjetividade de homens que atuam a violência, como estas características servem e sustentam o sistema patriarcal de dominação, quais os possíveis engendramentos relacionais que mantêm mulheres em relações abusivas e violentas ou ainda se é possível admitir que experiências precoces de violência produzam adultos violentos.

Certamente, não há uma resposta pronta e absoluta para estas questões. Violência relacional, autores e vítimas de violência são categorias tratadas, muitas vezes, de forma estatisticamente genérica, mas que resultam de arranjos e vivências singulares. Neste sentido, os estudos já realizados direcionam o olhar desta pesquisadora para eventos inconscientes que, na singularidade do estudo buscará identificar, descrever e compreender para que, ao final, sua compreensão e possíveis indicações contribuam, num continuum, com outros estudos semelhantes no futuro.

Na estrutura do presente texto, o primeiro capítulo aborda os indicadores sociais que reforçam e legitimam a masculinidade hegemônica a partir de autores da Ciências Humanas e de uma perspectiva interdisciplinar. Em contraponto, retoma-se as concepções freudianas sobre a violência primitiva do infamiliar (Freud, 1919), relativas à barbárie e à violência original no humano, de modo a estabelecer algumas compreensões sobre a violência intrafamiliar, entendida como sintoma contemporâneo da civilização e da dominação do outro, inclusive no cenário brasileiro.

No contexto psicanalítico estruturas e funcionamentos psíquicos ou de personalidade se formam a partir do desejo compensatório de angústia primitivas (Bergeret, 1974 cit. por Vaisberg & Machado, 2000), o comportamento violento em questão, pode ser compreendido, também, como uma manifestação dessa busca, mas qual o papel do machismo e da misoginia enquanto estrutura social de dominação diante dessa demanda de compensação? Nesta direção, aborda-se a relação entre masculinidade e o comportamento violento como um recurso rudimentar de autopreservação psíquica, legitimado e estimulado pelo patriarcado capitalista, por meio de *acting outs* (Calazans & Bastos, 2010), ou pela passagem ao ato na vida privada.

No segundo capítulo são retomados estudos sobre a moralidade masculina e compreensões sobre a agressividade. Ou seja, trata-se da diferença entre agressividade e

agressão dentro das teorias psicanalíticas do desenvolvimento, assim como a relação entre crimes violentos e masculinidade. São tecidas considerações sobre a importância dos vínculos primários, dos complexos familiares e da experiência edípica na conformação de relações intrafamiliares abusivas e violentas na vida adulta. Para tanto, retoma-se a Psicanálise relacional, a partir de uma revisão da literatura psicanalítica pioneira e contemporânea, na qual é abordada a distinção entre as estruturas psíquicas: neurose, psicose e perversão (Freud, 2016).

No terceiro capítulo apresenta-se os conceitos de perversão e perversão narcísica, enquanto função psíquica sem, necessariamente, depender de uma estrutura correspondente e aborda-se a dinâmica da parceria sintomática entre casais: o relacionamento abusivo e a expansão da destrutividade conjugal no contexto familiar do qual a criança participa. Trata-se ainda da função da sedução como meio de manipulação nas/das relações intrafamiliares e o significado do silenciamento do sujeito identificado como mais vulnerável da família (a criança). Por fim, aborda-se o desenvolvimento do domínio do autor da violência intrafamiliar, desde o apoderamento ou assujeitamento (Strogenski, 2003, cit. por Oltramari *et. al.* 2014) até o sacrifício simbólico ou físico de um dos pares e a não-relação entre o perverso e a Lei simbólica (Lacan, 1988).

O quarto capítulo propõe um olhar para a Criminologia Psicanalítica a partir de J. Lacan estabelecendo correlações entre: a pulsão de morte e a agressividade; a crueldade e a tortura; o sadismo e o gozo e, por fim, retoma conexões entre a perversão narcísica e o crime de homicídio infantil no contexto da violência intrafamiliar. Ainda neste capítulo apresenta-se uma síntese do caso Henry Borel, no qual Jairo é apontado, até o presente momento, como partícipe e autor a partir da obra de Paolla Serra⁴ (2021).

O método empregado nesta pesquisa, e apresentado no quinto capítulo, é o estudo de caso exploratório a partir da *Análise incorporada* (Yin, 2009, cit. por Creswell, 2014), que trata de um aspecto específico do caso – aqui o suposto comportamento masculino violento e homicida – intrafamiliar.

Como objeto de estudo será utilizado o caso público, ocorrido em 2021, envolvendo o médico e deputado Jairo Souza Santos Júnior indiciado por tortura e homicídio triplamente

⁴ Advogada e jornalista pela Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), especialista em Segurança Pública e especializada em Justiça Criminal. Conquistou o prêmio de Direitos Humanos da OAB/RS, ARFOC/RS e Magistrados Brasileiros (AMB).

qualificado de Henry Borel e investigado por agressões contra sua companheira Monique Medeiros da Costa e Silva. No complexo conjunto de dados do caso foi realizado um recorte constituído essencialmente de elementos do discurso de Jairo Souza em seu depoimento na condição de réu em 19/06/2022. Admite-se no contexto deste estudo que o caso ilustra um tipo de masculinidade branca, cis-heteronormativa, com poder aquisitivo acima da média brasileira e de um **suposto autor**⁵ de crime violento. Os dados foram extraídos da fase de autodefesa do julgamento, transcritos para análise e estão disponibilizados integralmente no Apêndice do presente texto.

A apresentação dos dados, resultantes da transcrição, leituras e organização em categorias de análise, seguem no capítulo seis. Na apresentação, buscou-se identificar elementos discursivos relacionados à perversão narcísica correlacionados à constituição da qualidade discursiva de um tipo de representante da masculinidade brasileira, além de elementos complementares que se entende, colaboraram no fortalecimento da hipótese inicial e no alcance dos objetivos.

No capítulo sete apresenta-se a análise dos dados, a qual foi fundamentada nas teorias sobre a Casa dos Homens de Daniel Welzer-Lang (2001); masculinidade hegemônica teorizada por Connell & Messerschmidt (2013); as pedagogias e os dispositivos de gênero propostos por Valeska Zanello (2018; 2020; 2021); para desenvolvimento das interpretações psicanalíticas foram utilizados os estudos de Jacques Lacan em distintos momentos de sua obra e as considerações sobre perversão-narcísica postuladas por Martins (2009) e Eiguer (2014). No capítulo oito são apresentadas as considerações finais da presente pesquisa.

Destaca-se, por fim, que a realização deste estudo permitiu a verificação dos agravantes sociais produzidos por discursos patriarcais, que contribuem para a manutenção do poder masculino. Enseja-se que novos estudos, com foco na masculinidade hegemônica, sejam realizados de modo a desvelar outras formações discursivas que impactam as relações familiares e que produzem violência e até mesmo a morte de mulheres e de crianças.

⁵ À época da finalização deste estudo o julgamento de Jairo de Souza Santos Junior ainda não havia sido concluído.

Capítulo 1. A conformação da masculinidade hegemônica: do princípio ao precipício

1.1 Masculinidade e dominação: aspectos que reforçam o verniz social

Na Grécia antiga as relações na *polis* se apresentavam de dois modos: a vida pública e a vida privada. Esta cisão favorecia não apenas certa naturalização e acobertamento da violência intrafamiliar como assegurava ser um direito legítimo a manifestação do comando persuasivo e violento dos homens sobre o seu núcleo familiar. Dessa forma, a esfera privada era delimitada por recursos pré-políticos que não diferiam muito da monarquia e do imperialismo que se fizeram presentes em inúmeros governos ao longo da história (Timm *et. al.* 2011).

Para Timm *et. al.* (2011) foram as teorias do feminismo que, sob análises políticas, trouxeram a possibilidade de um olhar crítico sobre o interesse patriarcal de reproduzir e alimentar a opressão constituinte das relações de gênero e fomentaram a explicitação da violência com denúncias que direcionaram o Estado à criação de políticas públicas.

A gênese das expressões feministas despontou em 1789, na França, segundo Gurgel (2010) e desde então, passando por inúmeras transformações, o feminismo propõe uma ruptura estrutural-simbólica com a perpetuação de desigualdades sociais e de gênero que mantém o patriarcado capitalista (Souza, 2016) enquanto meio de dominação na contemporaneidade.

Bourdieu (2017) postulou que a dominação masculina, e a sua expressão impositiva, resulta da violência simbólica, uma espécie insensível de violência que se impõe, até mesmo de modo invisível, às vítimas. Conforme o desenvolvimento teórico do autor sugere, a linguagem e o conhecimento são vias para o exercício simbólico de domínio masculino e ainda fazem parte desse movimento, as formas de desconhecimento, reconhecimento e sentimento.

Para Bourdieu trata-se de uma composição relacional desenvolvida a partir de um princípio simbólico (re) conhecido por aquele que exerce o domínio e por quem está em posição de ser dominado (as minorias⁶, por exemplo, são grupos sujeitos à dominação) e que se entende, em complemento, pode ser reproduzido e atualizado de modo consciente e inconsciente.

⁶ Paula *et. al.* (2017) designaram como minoria todo grupo humano em condição de inferiorização e subjugação pelo contexto social seja por questões físicas, étnicas, socioeconômicas, legislativas, de gênero, religiosas, ou outras características que possam ser desviantes dos padrões hegemônicos considerados normativos.

Neste estudo a masculinidade é tratada intencionalmente no singular para diferenciar o ideal masculino em questão: a masculinidade hegemônica (Connel & Messerschmidt, 2013). Para os autores, a expressão masculinidade hegemônica fala de uma minoria representante da normatividade que “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.” (p. 245)

No cenário brasileiro não são apenas as mulheres e crianças os seres subjugados pelo homem branco, o seu poder também é exercido sobre homens negros, amarelos, indígenas (Schucman, 2014), transexuais, homossexuais e bissexuais (Eccel *et. al.* 2015). No Brasil, a masculinidade branca, sobretudo, corresponde a um expressivo recorte da herança colonizadora e violenta que os brasileiros experimentam no imaginário social, conceito alusivo ao “[...] complexo ideofetivo não consciente que influencia as práticas, individuais ou coletivas, de um determinado grupo social em relação a um certo fenômeno” (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2006 cit. por Rosa *et. al.* 2019 p. 579).

O homem, no Brasil, é a representação metonímica e totêmica da sociedade brasileira, que, mesmo habitando um território descolonizado, atua a linguagem de um inconsciente profundamente colonizado, que mantém uma cadeia de significantes, na qual a figura do homem branco e cis-heteronormativo é o salvador. Para Quijano (1992 cit. por Santos, 2018) o colonialismo é uma "relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes." (p. 4).

Não é surpreendente que um país que denomina a história de sua invasão como “descobrimento” e a dominação e o genocídio do próprio povo como “desenvolvimento” (Gomes, 2018, p. 78), tenha uma população identificada e investida numa figura comportamental e fenotipicamente análoga ao seu primeiro pai: o homem europeu que acobertou suas violências por meio da branquitude (Schucman, 2014) e pelo poder de produzir, a princípio, deslumbre com sua masculinidade hegemônica e cristã, enquanto invadia, usurpava e dominava as terras brasileiras.

Desse cenário primeiro são mantidos significantes culturais fundantes do psiquismo de brasileiros e brasileiras, sendo um desses pilares, supostamente civilizatórios, a tradição cristã. De acordo com os estudos de Mélo (2012), o cristianismo é componente fundamental da construção heteronormativa e da soberania masculina, uma vez que todas as figuras

representantes do divino, nesta mitologia, são masculinas e brancas. No Brasil, maior nação católica do mundo (Alves *et. al.* 2017), 64,6% da população é católico-romana e 22,2% evangélica (IBGE, 2010), totalizando um povo predominantemente cristão.

A raça, a cor, a religião e a heteronormatividade a partir da leitura de Ribeiro e Matos (2020) compõem fatores sociais que naturalizam a violência de modo simbólico: por meio da linguagem, anunciam que subjetividades distintas da padronização judaico-cristã, são consideradas anormais e, portanto, inferiores. Esses autores reforçam a perspectiva de que esse parâmetro é fruto do processo “de colonização portuguesa no Brasil, a colonização do pensamento, bem como o controle dos corpos.” (Ribeiro & Matos, 2020, p. 5).

O poder da masculinidade hegemônica e dos homens que dela buscam se aproximar consistem na familiaridade que seu verniz social representa no “imaginário coletivo” (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2006 cit. por Rosa *et. al.* 2019) e sua violência contra as minorias deriva da legitimação constante de inconscientes profundamente colonizados.

No entanto, para a simbolização da barbárie e dos terrenos obscuros do inconsciente, tem-se a sustentação psicanalítica: “antes de tudo, o instinto é característico do animal; o crime, pelo seu horror mesmo, é humano e passa pelos *desfiles do significante*⁷” (Cottet cit. por Almeida, 2008 p. 13). Portanto, para a compreensão de um comportamento violento é necessário, primeiramente, revisitar a ideia lacaniana postulada em 1950 e citada por Almeida (2008, p. 13) de que “a psicanálise desrealizando o crime não desumaniza o criminoso”.

1.2 Violência primitiva: do infamiliar à família como sintoma

“o mal repousa sobre a indiferença ao rosto do semelhante declarado estrangeiro absoluto e mesmo estrangeiro à humanidade: isso para os algozes.” (Green, 1988, p. 259).

O conceito de significante, muito difundido pela psicanálise lacaniana tem sua origem na linguística saussuriana que o aponta como a imagem acústica do verbo (Fiorin, 2004, p. 58). Nesse sentido o significante é o que articula um signo (representação) a um significado (conceito).

⁷ Destaque do autor do texto citado

Ferrari (2006) situou a violência como um significativo articulador da história humana em diversos âmbitos incluindo a mitologia judaico-cristã, a filosofia clássica e a própria psicanálise freudiana. A autora apontou como denominador comum dessas teorias, nascidas e desenvolvidas em diversos contextos sócio-históricos, a civilização. Entretanto, Ferrari (2006) ressaltou que a sensatez e a percepção precisas dessa relação entre o homem e o processo civilizatório é mais adequadamente situada a partir da perspectiva de Freud (1929) do campo pulsional, como é possível verificar, em um de seus textos mais importantes sobre o tema: Mal-estar na civilização.

A psicanalista Muszkat (2011) depreendeu e explicou a obra freudiana como uma leitura do humano enquanto ser passível de abusos, maldades e de agressões manifestas contra seus pares, desprendendo-se criticamente da tendência biologizante dos primeiros escritos de Freud, os quais inicialmente, trataram a violência como um aspecto da maldade natural e inata aos seres humanos (Freud 1929).

Tendo por base a conceituação do princípio de prazer, a teoria freudiana foi distanciada da delimitação rasa de uma biologia instintiva dos afetos, uma vez que o fazer clínico de Freud, segundo Ferrari (2006), clarificou a divergência entre o instinto animal que, por meio da agressividade, mata por defesa ou necessidade de se alimentar, e o ser humano que violenta por poder, crueldade, sadismo, e inúmeras outras derivações e combinações possíveis do campo pulsional. Rastrear o assunto em sua obra é dispor-se, então, a uma árdua tarefa. Significa deparar-se com a constituição do eu/não-eu, prazer/desprazer, amor/ódio, ideal do eu/eu ideal, auto-erotismo, narcisismo, sadismo, masoquismo e, principalmente, com a tendência restitutória e a pulsão de morte. Supõe o encontro com o mito do Pai da horda primitiva e exige o esforço de clareza dos termos hostilidade, crueldade, intenção e tendência agressiva, todos eles jogando com *Eros* e *Thanatos*. (Ferrari, 2006, p. 53-54)

A cisão entre animais irracionais e pessoas simbolizantes se estrutura por meio de uma ordem incorporada social e culturalmente, conforme proposto por Freud (1913/1914). A proibição do incesto, do assassinato e da tortura, são contenções superegóicas que quando aceitas, de acordo com os estudos de Muszkat (2011), fundamentam a fantasia humana de que assim é possível evitar o desamparo, a frustração e a perda que, inevitavelmente, derivam da destrutividade atuada por meio da violência. A autora também apontou a parcialidade dessas contenções que se estabelecem por meio da identificação nos grupos: eis o processo civilizatório como engrenagem sublimatória da barbárie.

Freud (1919), no ano posterior à Primeira Guerra Mundial, publicou os seus estudos referentes ao Estranho/Infamiliar (*Unheimlich*) e postulou que os movimentos de disputa, calcados na violência e na agressividade, derivam de uma necessidade do sujeito/grupo-dominador de evitar o contato com – e ao mesmo tempo exercer poder e controle sobre – o que tem de si no outro, mas que permanece recalcado, alienado e/ou reprimido na constituição psíquica do autor da agressão.

A família é um exemplo clássico de complexo microssocial no qual o amor e a identificação supostamente prevalecem, uma vez que a hierarquia simbólica mantém os desafetos, as inclinações hostis mais viscerais e o ódio voltados aos indivíduos de fora desse grupo: os infamiliars (*Unheimlich*, Freud, 1919).

Na dinâmica entre o eu ideal, o ideal do eu e o Supereu (Lewkovitch & Grimberg, 2016) há um sujeito investido de identificações simbólicas, inserido na vivência grupal que conforma a fantasia idealizada do núcleo familiar. Esse campo imaginário é o princípio da fenda metafórica que propicia o recalque daquilo que pode existir de mais selvagem no ser humano: o desejo de consumir ou aniquilar a si, por meio do outro, ou ainda a ânsia de devorá-lo narcisicamente, a fim de torná-lo uma espécie de igual de outra face.

Para Lacan (2008) essa experiência será entendida como um processo duplo uma vez que inscreve no psiquismo humano duas instâncias cruciais para o desenvolvimento da estruturação psíquica e relacional do sujeito: o Supereu – derivado do recalque - e o ideal do eu que consolida o recurso sublimatório e demarca a finalização da “crise edípiana” (p.41).

Nesta mesma direção, a retomada da teoria freudiana (Freud, 1916) esclarece que, a atuação criminosa decorre do sentimento de culpa, nascido ou contatado, frontalmente pela primeira vez, durante o complexo de Édipo. Portanto, a pulsão de morte é a mobilizadora da culpa que pode levar o sujeito à atuação de sua angústia por meio do crime. Winnicott (2012), embora não trabalhe a ideia de pulsão de morte, apontou a conduta criminosa e delinvente como resultantes dos sentimentos de ansiedade e culpa, originalmente, inconscientes e relacionados ao desejo ambivalente de destruir uma pessoa amada ou importante. Como exemplos extremos podem ser citados diferentes tipos de assassinatos intrafamiliares.

Winnicott (2012) em seu livro *Privação e delinquência* trata de aspectos importantes para a prevenção do comportamento violento e criminoso desde os primeiros anos de vida do sujeito, sendo a capacidade de envolvimento um importante componente, apontado em seus

escritos, para elaboração, em vez da atuação (neste caso, criminosa), de angústias e culpas de modo psicologicamente saudável. Se a família puder conter as manifestações agressivas de suas crianças e conduzi-las na construção de uma autêntica capacidade de envolvimento, torna-se possível a percepção do outro como um familiar, ou semelhante.

Nos humanos, o desenvolvimento se dá também, por meio de falhas, fissuras, vazios, prazeres, traumas e privações, muito particulares, que a teoria não pode delinear até que aconteçam. Não há garantia de que uma pessoa, nos primeiros anos de vida, vá experimentar e/ou desenvolver possibilidades elaborativas suficientes para simbolizar a própria dor, refrear o próprio gozo, conter os próprios imperativos e sobreviver aos seus fantasmas. Sendo assim, do complexo familiar só é possível garantir que: ninguém sai ileso e nem todos os outros se tornam familiares!

1.3 A horda do masculino: violência como recurso familiar

“Se Deus está morto, então tudo é permitido”.⁸

Em retorno a teoria freudiana, Lacan faz menção à divergência conceitual entre resistência e censura depreendida por meio de um recurso simbolizante. Nesse sentido, o primeiro termo designa o ato de resistir, conter um impulso pela presença de uma lei, enquanto o segundo termo trata de uma internalização da lei que se mantém mesmo em sua ausência externa. A dissolução do complexo de Édipo é o enlutamento pelo Pai morto que se dá por uma identificação denominada Supereu, ou seja, “se Deus está morto, nada é permitido” (Lacan, [1960] 2005, p. 30, cit. por Godoi & Noe, 2018, p. 74).

Júnior e Besset (2010) postularam a violência como um produto da falha simbólica diante do Real. Para desenvolver esta ideia os autores retomaram o Nome-do-Pai, o significante maior da lei, da regulação cultural (Lacan, 2008) como uma função reguladora do gozo – que limita e opera, por meio da castração, a introjeção da falta simbólica. Essa internalização é entendida a partir da relação com a imagem paterna.

⁸ Embora essa frase seja frequentemente atribuída a Dostoiévski ou a Nietzsche, foi enunciada por Sartre na fundamentação existencialista conforme apontado por Slavoj Žižek (2015, p. 37 cit. por Godoi & Noe, 2018, p. 73)

Desse modo, a simbolização é articulada na teoria e na prática como uma filha possível da masculinidade. Embora a função paterna não seja inerente ou exclusivamente relacionada ao homem (Monteiro, 2001) é o masculino – paterno, ou Nome-do-Pai (Lacan, 1992, cit. por Júnior & Besset, 2010) - que se apresenta na função nominativa, que nomeia e é nomeado por meio da evocação patriarcal – como agente limitador do primitivismo psíquico. Há que se rever a literatura psicanalítica e sua imensa colaboração com a manutenção de uma linguagem que favorece a dominação masculina.

Da literatura científica à vida escancarada nos noticiários cotidianos, a violência é uma legítima licença poética historicamente concedida ao homem, detentor, do poder, do privilégio e do recurso de ser bárbaro sem perder seu lugar e sua humanidade. Na literatura também é possível identificar esse recorte.

Cronos é o deus grego que devorou os próprios filhos a fim de não ser destronado por nenhum deles (Shwartz, 2008). Essa cena mitológica metaforiza uma demanda atual da violência intrafamiliar. Cronos temia ser castrado, superado pelos filhos e os engolia imediatamente após seus nascimentos. Este mito elucida um conflito encontrado em homens autores de violência e apresentado por Muszkat (2011) como um impulso rudimentar e imediatista de extirpar qualquer espaço-tempo que possibilite o sentimento de tensão, ou seja, os homens que atuam violência, talvez engulam, sem mastigar, a própria angústia, logo após o nascimento dela. O homem que atua a violência não tem tempo para pensar a violência, ou sobre o desejo implicado no ato.

Em seus estudos com grupos de homens condenados por violências intrafamiliares Muszkat (2011) concluiu a existência de uma função pulsional maniqueísta e recorrente, que foi expressa pelo discurso dos participantes e incorporada à explicação da psicanalista para esse tipo de violência como uma “resposta imediata, não mediatizada por pensamentos, que visa eliminar a frustração, o desprazer ou a ameaça quanto à manutenção da identidade, reproduz o sistema de funcionamento mental apoiado no princípio prazer/desprazer.” (p.203).

A perspectiva dualista dos homens participantes do estudo de Muszkat (2011) pode ser evidenciada pelo próprio discurso masculino que atribuiu intensa valorização às mães, vistas como sagradas e fortes: “minha mãe teve os filhos na roça, tudo parto natural. Sofreu muito no parto do filho mais novo” (p. 158), em oposição as falas sobre suas companheiras, mães de seus filhos: “eu vou pensar sobre a mulher que tem tempo para ir a balada... eu queria saber se existe

amor sobre isso aí” (p. 159) disse um dos rapazes em referência ao amor de mulheres pelos seus filhos quando essas saem à noite para se divertir. De modo geral, os homens partiram do pressuposto que “a mãe tem obrigação de dar carinho. É mais a mãe” (p. 155), ou seja, ser mãe e ser mulher se antagonizam, sendo que ser mulher passa a ter um valor reduzido em relação a ser mãe.

No Brasil, a maioria dos crimes violentos e passionais é cometida por homens (Miranda *et. al.*, 2014); a taxa de mortalidade masculina, por homicídio, é doze vezes maior do que o número de mortes de mulheres (Filho *et. al.* 2007) e o índice de suicídio consumado entre homens é até cinco vezes maior do que o número de pessoas do gênero feminino que morre em decorrência da mesma causa (Báere & Zanello, 2020).

Na via da passagem ao ato os homens parecem ter livre trânsito, seja por meios heteroagressivos ou por comportamentos autoagressivos, eles lideram, em estudos e estatísticas, a autoria e o índice de vitimação por mortes violentas.

O sobrelotado sistema carcerário brasileiro é composto, na maioria por homens que correspondem a 96,31% da população encarcerada (Infopen, 2019) sendo que, no grupo de Crimes contra a Pessoa (incluindo tráfico, posse ou porte ilegal de arma, lesão corporal, homicídio simples, latrocínio, homicídio qualificado, estupro de vulnerável, extorsão mediante sequestro, tortura, estupro, dentre outros), são mais de 171.700 homens condenados e menos de 1.000 mulheres (Infopen, 2019). Outro dado que deve ser ressaltado, é que a masculinidade em privação de liberdade não é a branca no terceiro país do mundo, com a maior ocupação prisional, uma vez que, a cada três detentos, dois são negros, o que corresponde a 64% dos presos (Borges, 2019, cit. por Lopes e Ávila, 2021).

De acordo com Gomes (2016) há uma importante crise da identidade masculina – angústia diante da diversidade das masculinidades, ou seja, novas expressões opondo-se às atitudes heterossexistas, heteronormativas, misóginas, ALGBTfóbicas, dentre outras – frente à manutenção da masculinidade padrão, associada à honra, virilidade e a força, uma vez que ela é decorrente do reconhecimento do recurso violento como inerente à concepção de masculinidade legítima.

Um exemplo pode evidenciar estes fatos. Um homem em um bar, autoriza-se e se dirige à uma mulher sozinha com investidas e elogios, francamente interessado em algum tipo de intimidade. Apesar da desconsideração da investida por parte da mulher, o homem insiste em

seu projeto até que o companheiro dela surge, e surpreso em vê-la ao lado de outro homem, pergunta sobre o que acontece. De pronto, o primeiro responde: “Desculpa, eu a confundi com uma amiga!” Situação corriqueira que ilustra a prevalência da resistência, uma contenção diante do outro, muito distante do que seria uma atitude na qual ele se censurasse frente à uma mulher desconhecida. A violência, desde um comportamento intrusivo até o limite do homicídio, pode ser entendida, portanto, num *continuum*, como um recurso familiar aos homens, expressão da masculinidade hegemônica e típica daqueles que até podem resistir ao desejo, mas certamente tem limitações para censurá-lo.

1.4 Masculinidade contemporânea: da virilidade à *broderagem*

A ampliação das pesquisas acadêmicas feministas contribuiu para a experiência de novas expressões de masculino e masculinidade que se reorganizam constantemente de modo a acompanhar e/ou se camuflar, diante dos novos valores sociais.

Expressões evidentes e contundentes de força bruta e violência gratuita, que em dado período histórico foram associadas à virilidade dos homens, hoje facilmente seriam lidas como estupidez e selvageria. Dessa forma, o laço masculino e o pacto da masculinidade rearranjaram as possibilidades: agora existe uma classe supostamente superior de homens – os que encenam a gentileza, a prudência e o bom senso diante do público – e com estas atitudes preparam terrenos férteis para violação e mascaram atuações violentas, subjugadoras e devastadoras. Nas palavras de Moore (2000, p.43 cit. por Gomes, 2016) “a violência é um meio de resolver essa crise porque age re-confirmando a natureza de uma masculinidade de outra maneira negada,” também pela flexibilização e a descoberta do trânsito entre performances de gênero (Butler, 2017) e as masculinidades contemporâneas promovendo fissuras na *casa dos homens*⁹.

No presente, tornou-se uma possibilidade que homens experimentem estéticas e vivências distintas como pintar as unhas, usar maquiagens, roupas com cores e cortes até então designados femininos, ou ainda, permanecer em casa cuidando de seus filhos enquanto suas companheiras exercem atividades remuneradas fora de casa. Nos estudos de Connell e

⁹ A casa dos homens é um conceito cunhado por Daniel Welzer-Lang (2001) para metaforizar o aspecto homoafetivo das relações masculinas e abordado como uma tecnologia de gênero para manutenção das relações patriarcais pela autora Valeska Zanello (2018; 2020).

Messerschmidt (2013), chama a atenção o fato de homens de classe social privilegiada apoiarem o feminismo¹⁰, o que produz a indagação de que este movimento pode, talvez, significar mais do que o necessário apoio, mas a busca de um escamoteamento de posturas que poderiam ser consideradas indesejáveis por traz de uma fachada de ajuste e adequação social. Também nesta direção, Fontes *et. al.* (2012) aponta os crescentes números de procedimentos estéticos para homens que incorporaram novas considerações do que é permitido no meio masculino quando se trata de autoimagem, mas ressalta que estes procedimentos ou recursos estéticos são frequentes no grupo de homens com maior poder aquisitivo.

É possível admitir que a crise de identidade masculina se deva à uma série de representações divergentes e que muitos homens possam se ressentir diante da quebra de padrões masculinos e, rapidamente, associá-la à homossexualidade como uma tentativa, infundada, de afastá-la da masculinidade heterossexual e viril, e outros, como já suposto, para camuflar violências de gênero em sua suposta nova masculinidade.

A divisão na *casa dos homens* aponta para uma construção específica, mas igualmente idealizada, da masculinidade hegemônica que, embora em nova roupagem, mantém as estruturas misóginas e homoafetivas das relações patriarcais. Esse é um fato observado também na abrangência da violência intrafamiliar – no âmbito privado homens próximos do ideal hegemônico ou dissidentes da hegemonia – cometem crimes contra mulheres e crianças, entretanto, é a masculinidade hegemônica que detém, com maior frequência, o privilégio da impunidade. Quanto mais rico, mais conhecido e esteticamente adequado ao padrão socio normativo, maior o benefício do homem branco diante de seus crimes:

A sociedade, as leis e os órgãos responsáveis pela investigação e punição de quem comete crime possuem uma grande tendência em promover a punição exemplar aos criminosos comuns, uma vez que estes são tidos como perigosos para sociedade. No entanto, em relação aos criminosos da alta sociedade, a mesma punição não é exigida, pois essa classe raramente é etiquetada como classe de delinquentes. (Ladin, 2015, p. 6)

Ladin (2015) ressalta que, nos casos de acusados que tem proximidade com a mídia, a impunidade pode ser ainda maior, uma vez que o poder midiático funciona como meio para manutenção da imagem social que o sujeito deseja transmitir.

¹⁰ No Brasil estes homens são denominados “esquerdomacho”, ou seja, aqueles que são politicamente de esquerda, mas que ainda produzem em muitos espaços posturas machistas, tais como o silenciamento de mulheres (Nelvo & Silva, 2019).

A desestruturação da virilidade expressa por meios explicitamente violentos e/ou rudimentares se deu a partir da crise das masculinidades e das novas conformações de masculino. Entretanto, a performance viril não deixou de existir, apenas se transformou e tornou-se, pelo bem da imagem masculina, mais concentrada em uma virilidade intelectual, laboral e sexual, conforme o dispositivo da eficácia proposto por Valeska Zanello (2018).

Nesse sentido, a manutenção da civilidade masculina e do fortalecimento da “casa dos homens” se dá pela broderagem que consiste em um sistema performativo de trocas homosociais¹¹ que reforçam a identidade masculina. Esse exercício identitário se estabelece por meio de pontos em comum: a misoginia, a homoafetividade e a lealdade masculina. (Zanello, 2018; 2020). Trata-se da “cumplicidade, construída ativa ou passivamente por eles, seja pela manutenção da lealdade acima de tudo, seja pela manutenção do segredo mesmo face às barbaridades que um outro homem possa cometer.” (Zanello, 2020, p. 99)

A partir destas reflexões é crucial apresentar elementos que auxiliem a compreensão sobre a conformação silenciosa da violência, e do comportamento violento, ao longo do desenvolvimento dos homens e do ideal da masculinidade hegemônica como parte de seu processo normativo e supostamente saudável.

¹¹ O termo homosociais remete à palavra homosociabilidade que se refere às trocas e relações sociais não românticas/sexuais entre homens ou pessoas do mesmo gênero ou sexo.

Capítulo 2. Desenvolvimento humano e comportamento violento

“O desempenho dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais.”
Freud (1895)

O presente capítulo objetiva aprofundar a compreensão sobre distintos aspectos do desenvolvimento humano e o surgimento do comportamento violento. A violência é uma manifestação humana complexa, multideterminada, multifacetada, polissêmica e ecoa vozes de diferentes espaços e tempos lógicos – e ilógicos. Apresenta-se na sequência, tópicos que, em seu conjunto compuseram um mosaico das compreensões que foram alcançadas, neste estudo, sobre o tema.

2.1 Aspectos introdutórios sobre comportamento violento

O contexto científico da contemporaneidade é estabelecido por meio de uma série de desdobramentos e avanços em pesquisas experimentais e empíricas. Entretanto, as perspectivas provenientes do senso comum inclinam-se à ideia de que todo sujeito violento, ou a maioria deles, é um psicopata. Este termo, em uso popular, tem por função distanciar das pessoas aquilo que elas podem considerar estranho, chocante, maldoso.

No sentido psiquiátrico por sua vez, Huss (2011, p. 91) descreveu a psicopatia como uma concepção clínica que referencia um desdobramento da “personalidade antissocial” e na qual predominam comportamentos delinquentes, criminosos e irresponsáveis associados às características postuladas por Cleckley (1941, cit. por Huss, 2011) como inteligência, pensamentos estritamente racionais e capacidade de sedução pronunciada, porém, superficial. Estes aspectos corroboram a descrição de assassino/agressor “proativo predador”, presente na teoria da anatomia da violência (Raine, 2015, p.75).

A psicopatia, no contexto cênico, é apresentada pelas artes midiáticas como uma estruturação personalística que promove um incômodo atrativo, uma espécie de fascinação perturbadora, ou ao menos, desperta algum interesse/curiosidade no público. Não há quem saia psiquicamente ileso ou intocado de filmografias e histórias acerca desses personagens, sejam eles reais ou fictícios. Muito se produz sobre a temática da psicopatia, algum conhecimento se encontra sobre a perversão e quase (ou) nada sabemos sobre as pessoas que carregam tais

definições psicopatológicas ou estruturais impressas em si. É parte de um fetiche, no sentido da fixação parcial em um objeto, a nomeação deliberada de psicopata para criminosos violentos.

A psicopatia é um termo correspondente aos resultados de pesquisas empíricas que buscaram traçar modos de avaliação desse tipo de personalidade e, conforme Hauck Filho *et al.* (2009, p. 339)

O emprego de medidas, associado à visão da psicopatia como uma constelação de características disruptivas de personalidade e comportamentos anti-sociais, permitiu expandir as pesquisas para outras populações que não criminosos ou pacientes psiquiátricos (Hare, 2006; Williams, Paulhus, & Hare, 2007).

As designações atuais de psicopatia, sociopatia e personalidade antissocial são, na prática, inespecíficas o suficiente para produzir confusões até mesmo entre profissionais da saúde mental. Shine (2000) pontuou que originalmente, as derivantes do tratado designativo da psicopatia são provenientes da psiquiatria, mas é possível perceber que os termos mencionados anteriormente, foram incorporados massivamente, até aos diálogos mais cotidianos e informais.

A teoria psicanalítica, em um posicionamento oposto à intensificação de construções nominativas patologizantes, propõe o estudo contínuo de estruturas psíquicas que contemplam modos humanos de ser e estar no mundo. As produções freudianas conceberam, embasaram e fortaleceram as três estruturas clínicas denominadas: neurose, psicose e perversão (Freud, 2016).¹² Entretanto, psicopatia não é equivalente à perversão, que por sua vez não é sinônimo, para a Psicanálise, de perversidade enquanto um aspecto moral. E nem os crimes ou a violência são inerentes ou exclusivos às estruturas perversas.

Propõe-se aqui, leituras sobre o comportamento violento a partir de teorias psicanalíticas que puderam ser desenvolvidas sem obliterar o sujeito num determinismo autoritário e científico, do qual o patriarcado e o capitalismo também se beneficiam para perpetuação das desigualdades étnico-raciais e de classe e gênero. O desenvolvimento deste estudo é crítico ao encadeamento dos achados e à precariedade de considerações psíquicas e psicológicas, explicitadas em obras de base neurobiológicas como as de Raine (2015) ou de cunho psiquiátrico como as teorias de Dalgalarrrondo (2008).

Dessa forma, esta pesquisa conduz-se na perspectiva de Duarte (2018, p. 2) e:

¹² Essas categorias clínicas apresentam particularidades e subdivisões e serão trabalhadas em sua relação com a violência mais adiante.

Não se volta evidentemente contra a pesquisa em neurociências em si, mas contra a formulação e uso de ilações socioculturais de seus conhecimentos em contextos gerais de divulgação científica ou formação educativa, aproveitando-se de uma aposta ingênua na maior ‘cientificidade’ de suas propostas e compondo uma estratégia autoritária de desqualificação das ciências humanas.

Conceber o comportamento humano como um substrato de funções neurobiológicas produziria, conforme Duarte (2018) questões éticas bastante complexas, porque implicaria a anuência a um autoritarismo mecânico, reducionista, “autorreferido e extrassubjetivo, infenso e hostil à compreensão das condições culturais e psicológicas que instituem os sujeitos na vida social – a única possível para a humanidade.” (p. 2).

A teoria pioneira da economia psíquica de Freud (1895) envolvendo o conceito do Princípio da Inércia Neuronal ou Neurônica contribuiu para o desenvolvimento metapsicológico da psicanálise e apontou a tendência, do aparelho psíquico e de seu funcionamento neuronal, para a evitação ou liberação de todo movimento excitatório produzido pela atividade do sistema nervoso por meio das repetições compulsivas, e por consequência, a possibilidade inicial da compreensão neurobiológica do comportamento compulsivo.

A psicanálise, desde os estudos freudianos, evidencia que a escassa condição de elaboração do sofrimento, ou de um evento traumático, culmina invariavelmente em atuação – comportamento ou ação que objetiva um escoamento libidinal - e, portanto, o que não é elaborado psiquicamente retorna em ato sob o anseio de que seja desfeito o curso sintomático da evitação libidinal cumulativa, conforme proposto no texto Recordar, Repetir e Elaborar (Freud, 1914).

Embora estes textos inaugurais da Psicanálise apresentem pistas significativas sobre uma disposição instintiva primária para o comportamento agressivo ou violento, foram os estudos posteriores de autores pós-freudianos que consolidaram o tema de maneira mais elaborada.

Lacan (cit. por Guillot 2014) extraiu a agressividade e seu caráter pulsional do campo biológico e o analisou a partir do campo da linguagem evidenciando, na emersão de sua perspectiva, que a agressividade pode ser lida enquanto um fenômeno desenvolvido no imaginário, de modo primitivo, que se molda a partir de uma forma de identificação própria da condição humana, distintamente da pulsão de morte freudiana. Para a teoria lacaniana a pulsão

de morte se inscreve, em um primeiro momento, no campo do simbólico, e posteriormente passa a ser pensada em sua relação com o gozo, por conseguinte, em seu laço com o Real.

Winnicott (2012) representante da Psicanálise pós-kleiniana, apesar de não trabalhar o conceito de pulsão de morte, concluiu que o comportamento agressivo e o desrespeito, ou o desprezo, pelas normas sociais que possibilitam uma convivência saudável podem ser uma expressão das faltas sofridas pelo indivíduo em estágios anteriores e importantes de seu desenvolvimento e que, suas tentativas de suprir ou evitar o contato com essas carências, podem conformar uma conduta permeada por problemas e disfunções.

Já o psicanalista contemporâneo Zimmerman (2010) distinguiu agressão e agressividade, sendo a primeira um desdobramento atitudinal da segunda, que por sua vez, foi descrita como um componente do psiquismo que pressiona intensamente o sujeito e pode chegar ao nível da insuportabilidade. Como consequência desta dinâmica, e na impossibilidade de contenção, o sujeito expressa uma descarga compulsiva de suas tensões psíquicas por meio de agressões contra os outros.

Ao discorrer sobre a violência intrafamiliar o mesmo autor propôs que, numa relação, o dominador, geralmente um homem, se posiciona de modo tirânico e este posicionamento pode derivar de um funcionamento obsessivo-paranoide que, em instâncias mais extremas, culmina na exigência de uma demarcação do corpo do outro, a fim de que marcas impressas evidenciem o domínio, a posse e o apoderamento do agressor sobre o corpo de sua vítima. De acordo com Zimmerman (2010) as agressões físicas não são incomuns, culminando por vezes, em assassinato sob o nome de um suposto “amor” que, transposto a um nível patológico de ciúmes, resulta em crimes passionais.

O abuso, a violência e a dominação dos homens somente se tornam possíveis em uma relação, na presença de um “outro”, ou nomeando adequadamente, de uma outra (mulher ou criança), entretanto, para que uma relação se estabeleça, é importante que esta seja composta também de aspectos gratificantes. De acordo com as postulações de inúmeros autores e autoras psicanalíticos, dentre eles Zimmerman (2010) e Bowlby (2015), as formas relacionais da vida adulta reproduzem, em determinada medida, os aprendizados estabelecidos nas relações/configurações vinculares mais primitivas e nas experienciais infantis que podem ser reforçadas ao longo da vida de cada pessoa.

2.2 Desenvolvimento em retrospectiva: estudos sobre a moralidade masculina

Por que os homens, aparentemente, apresentam dificuldades em se responsabilizar pelas violências que cometem? E por que as mulheres demonstram aparente capacidade de perdoar inúmeras vezes a reincidência de maridos/namorados violentos?

Para compreender e explicar o comportamento violento também é necessário olhar para os processos psicossociais/relacionais e para as experiências psíquicas e seus significantes que construíram a violência e/ou a agressividade como uma possibilidade de resposta para o homem autor de violência. Todo comportamento se dá por meio de uma complexa engrenagem de aprendizagens, vivências, traumas, ausência ou presença de recursos psíquicos ou menos elaborados.

As teorias acerca da moralidade masculina aplicadas à compreensão da teoria Psicanalítica e das possibilidades vinculares primárias de homens que cometeram crimes violentos no âmbito intrafamiliar são princípios norteadores que ampliam o entendimento das possíveis causas e origens da violência masculina. Destacando-se que a relação amorosa/conjugal se sustenta mesmo diante da violência, alguns apontamentos teóricos são fundamentais para uma compreensão inicial da violência masculina.

Lima (2004) pontuou relevantes distinções no desenvolvimento moral feminino e masculino que têm por base elementos diferenciadores básicos entre meninos e meninas relacionados, por exemplo ao tipo de brinquedos e vestuário a eles destinados. A autora aponta que aos meninos são dados brinquedos e brincadeiras que promovem um “espírito jurídico” (Lima, 2004, p. 13), o qual seria menos desenvolvido nas meninas. Os garotos, durante o desenvolvimento, aprenderiam sobre a objetividade, racionalidade e posturas pragmáticas e a independência estaria associada à uma superficialidade em suas conexões – baixo investimento nas relações – que poderiam prendê-los/responsabilizá-los às/pelas próprias atitudes. Por outro lado, conforme Lima (2004), as garotas são ensinadas, por meio das experiências lúdicas, a valorizar as experiências e demandas emocionais dos outros, a preservação dos vínculos, enfim pela responsabilidade e o cuidado dos/pelos aspectos relacionais.

Ao se pensar sobre as manifestações afetivas, no âmbito da masculinidade hegemônica, é possível admitir que manifestações afetivas de modo mais efusivo desestabilizariam a hierarquia patriarcal, pois favoreceriam a expressão de vulnerabilidade, ou seja, se “a

masculinidade define-se através da separação, enquanto a feminilidade define-se através do apego; a identidade de gênero masculina é ameaçada pela intimidade, ao passo que a identidade de gênero feminina é ameaçada pela separação” (Gilligan, 1982 cit. por Lima, 2004, p. 18).

Entretanto, faltou a Gilligan a leitura crítica do que a autora tomou como distinções postas entre homens e mulheres e que, em qualquer perspectiva minimamente feminista, pode ser entendida como favorecedora à manutenção do sexismo e do machismo. Nesse sentido, é preciso citar o trabalho de Valeska Zanello (2018; 2020; 2021), que explicou que a leitura do desenvolvimento humano precisa ser gendrada, uma vez que é o objetivo do patriarcado capitalista produzir, estruturar e manter a dominação masculina por meio dos dispositivos de gênero, ou seja, da ideia de que existem funções, atribuições e características supostamente inerentes ao feminino e ao masculino.

Por outro lado, os homens se beneficiam das relações familiares para a intensificação do verniz social e reforçamento de sua suposta supremacia, porque assim afastam a ideia da homossexualidade (Silva, 2000; Zanello, 2020) e da impotência e reafirmam sua capacidade provedora e dominadora de domesticar a sexualidade a mulher (Gomes, 2016). Entretanto não dependem exclusivamente destas experiências de dominação no espaço íntimo para serem considerados bem-sucedidos e dignos de importantes posições sociais.

É constituinte da masculinidade hegemônica o posicionamento sempre “machista, viril e heterossexual” (Silva, 2006) e de acordo com os estudos de Souza (2005) a maioria dos grupos sociais humanos tornam o processo de prova e incorporação da masculinidade um percurso violento e calcado na expressão da agressividade como força. Essa crença equivocada do comportamento violento como intrínseco à masculinidade seria um dos principais fatores do grande número de crimes violentos cometidos por homens jovens e acrescentou:

Isto destaca o papel da família e da cultura na produção de homens violentos e inclui questões sobre a violência estrutural de gênero, como uma construção social que determina uma relação desigual e opressiva entre as pessoas. Inclui ainda questões sobre conexões entre gênero e outras formas de violência estrutural, em torno da sexualidade, da raça e da classe social e diferencia o papel e a responsabilidade dos homens em relação a essa violência. Significa explorar as conexões entre gênero e violência em um contexto de estruturas de desigualdade e opressão. (p. 61)

De uma perspectiva oposta, estudos mais recentes apontam que o masculino é legitimado como honrado a partir de alguns valores, tais como a “honra da família”, associada a valores materiais; a “honra social”, relacionada a valores e a imagem social e a “honra

masculina” ligada à todas as derivações materialistas e relacionais, sendo inclusive o “heterossexismo” e a “restrição emocional” subfunções da masculinidade honrada, e hegemônica (Guerra *et. al.*, 2015, p. 79-84).

Destaca-se ainda que o distanciamento afetivo, a força física e a violência são naturalizadas desde os processos primários do desenvolvimento e embrutecimento masculino e, nesse sentido, os homens aprendem a atuar suas frustrações, em vez de elaborá-las, uma vez que o silenciamento do sofrimento psíquico e dissimulação da vulnerabilidade, é parte do projeto de masculinidade hegemônica e as mulheres, frequentemente as mais honradas (as mais inseridas na pedagogia afetiva de gênero¹³), aprendem a conter e suportar essas manifestações.

No que diz respeito ao comportamento violento de homens contra suas parceiras, a teoria do dispositivo amoroso (Zanello, 2018) conferiu explicações relevantes para que o relacionamento seja mantido, também, pelas mulheres. A autora apontou que as figuras femininas de uma relação heteronormativa, sentem que o amor, representado e apostado na relação, constitui o senso identitário e vital de suas personalidades (Zanello, 2018).

Para Zanello (2018) um dos principais causadores das assimetrias de gênero para as mulheres é o ideal moral de amor romântico heteronormativo, construído pela sociedade, sobre as bases de uma moralidade que defende a monogamia, a disponibilidade devocional, o autossacrifício em prol da relação e a dependência. Para os homens restam os privilégios: a poligamia, a dominação, o sucesso financeiro e o mínimo investimento na relação amorosa. A autora ressalta que “o amor, mais do que o parto, é o pivô da opressão das mulheres” (Firestone, 1976 cit. por Zanello, 2018, p. 83).

Permanecer em relacionamentos amorosos, ou evitar o fracasso deles representado pelo divórcio/separação a todo e qualquer custo, é mais do que uma insistência feminina como pode parecer a princípio. A tendência à permanência de mulheres em relações violentas antecede o domínio causado pelo ato violento em si. Meninas são ensinadas desde seus anos iniciais a caber no patriarcado capitalista (Souza, 2016) correspondendo à moralidade imposta por ele, elas devem ser cuidadosas, carinhosas, afetivas, devotadas e sacrificarem seus corpos, suas vidas, seus sonhos e suas carreiras em prol da reprodução e do bem-estar familiar. O sacrifício purifica o corpo e dignifica o espírito feminino. Mas quem decidiu que se trata de um corpo

¹³ Zanello (2020)

profano ou de um espírito indigno senão a própria dominação masculina identificada com sua primeira mãe: a Virgem que concebeu sem pecado?

Estar em uma relação amorosa e compor uma família é apontado como o cerne de uma composição identitária para as mulheres e frequentemente reforçado por meio das *tecnologias de gênero*¹⁴. Deste modo, o investimento afetivo e amoroso torna-se um projeto de dedicação integral impresso no psiquismo feminino. As mulheres são consideradas dignas em proporção ao tamanho do sacrifício que dispensam em nome de suas famílias, filhos e companheiros.

Montenegro (2003) resgatando as produções das feministas Kathryn Boe (1987), Boe (1987) e Nancy Folbre (1995) afirmou que cuidado e dedicação são significantes cruciais para que a dominação sobre as mulheres seja mantida e intensificada, uma vez que esse tipo de investimento libidinal, enfraquece a autonomia (o desejo) e o comprometimento com a própria liberdade. Como exemplo, fez referência à baixa valorização de profissões socio normativamente consideradas femininas, as denominadas profissões do cuidado. As engrenagens patriarcais se recusam a remunerar e reconhecer o valor simbólico dessas atividades porque para o sistema de dominação, essas profissionais não estão fazendo nada além de suas obrigações como mulheres. Por fim, Montenegro (2003) referendou os três significantes que articulam o desejo e a mobilização para o trabalho do cuidado: o altruísmo, a reciprocidade perene e o senso de responsabilidade ou obrigatoriedade. Ou seja, as mulheres, de modo mais ou menos consciente, se sentem convocadas a corresponder ao lugar de cuidadoras.

A família, as relações amorosas e a maternidade são os espaços relacionais mais imediatos e consistentes para materialização do exercício cotidiano de dedicação e autossacrifício na vida das mulheres. O distanciamento destes espaços representa, numa sociedade machista, a manifestação clara de “interesses egoístas” (Montenegro, 2003, p. 495). O ideal amoroso de romance, também na contemporaneidade, e talvez mais intensamente nela, tendo em vista os avanços feministas na conquista dos espaços públicos e alcances socioeconômicos, é adjacente à dependência psicológica feminina como apontou Valeska Zanello (2020).

¹⁴ Tecnologia de gênero é um termo cunhado pela professora Dra. Valeska Zanello (2018, p. 84) para designar mídias e meios de entretenimento como novelas, revistas, músicas e filmes que promovem a manutenção colonizadora das performances de gênero.

Portanto, conseguir sair de um relacionamento violento implica, para uma mulher, ter mais do que garantias econômicas, ela necessita ter um anseio/desejo inconsciente e silencioso que a impulsiona, mas devasta, já que significa, na manifestação consciente, um ato de imoralidade e subversão traumático diante do olhar controlador dos valores patriarcais, culturais e capitais. Uma separação exige de uma mulher que ela se separe de si, que abandone parcialmente seu ideal do eu e que afrente um dos lados mais mortíferos do Supereu (Lewkovitch & Grimberg, 2016) que são instâncias constituídas sob extensos anos de domínio patriarcal.

A moralidade masculina e feminina, portanto, envolvem-se em um encaixe sintomático da dinâmica entre homem de bem, provedor (dominador) e mulher devotada (subjugada). Romper essa dinâmica de séculos de tradição exige, no mínimo, coragem de homens e mulheres, para perder uma parte ou um todo de si.

2.3 Violência: uma questão de (não) re-conhecimento

De acordo com as postulações freudianas (Freud, 1915) o retorno do recaiado é um percurso inevitável na dinâmica psíquica humana. Deste modo, quando pensamos nas manifestações de violência e dominação presentes na história e no imaginário de homens autores dessas práticas, temos exemplos de seu retorno, como sintoma, na atuação do exercício de atos impositivos, exercícios de subjugação e do próprio sofrimento do agressor/algoz/dominador projetado e direcionado àqueles e àquelas mais vulneráveis.

Bourdieu (2017) tratou a dominação como movimento derivado do *conhecimento* (do outro-dominado), seguido de um *desconhecimento* que causa estranhamento, talvez porque nesse momento o dominador contate, fora de si, o que lhe pertence. A estagnação nessa etapa da troca relacional impede o *reconhecimento* do outro como um semelhante na humanidade.

A triangulação estabelecida por Bourdieu (2017) entre os elementos que constituem a interação eu-outro, pode ser percebida também em outras duas produções. A primeira construção teórica é a do psicanalista bioniano Zimerman (2010) que com sua teoria das Configurações Vinculares reforçou o encadeamento *conhecimento – reconhecimento* como elemento crucial para a autodiferenciação e o *reconhecimento de si* por meio do Outro, e do que há de si no Outro, nas relações. A segunda produção refere-se à perspectiva filosófica e

sociológica de Axel Honneth (2017), teórico que compreende os conflitos sociais como a eclosão da necessidade, presente em todo ser humano, de se sentir reconhecido. Este autor expõe os postulados hegelianos como fundamentais e estruturantes para a teorização acerca do conhecimento e reconhecimento de si, por meio do outro, sendo esse movimento uma derivação crucial das relações sociais que permeiam as possibilidades de validação existencial e sociocultural do sujeito.

Honneth (2017), em um retorno a Hegel, fundamenta sua teoria da luta pelo reconhecimento em três aspectos constituintes da realidade e da possibilidade de auto diferenciação do indivíduo: o momento em que ele contata suas impressões psíquicas e produz seus pensamentos, o movimento de exteriorização deste pensar e o instante que o conteúdo exteriorizado retorna ao sujeito.

Esse raciocínio permite observar a crucialidade do discurso para a constituição do saber (de si), considerando que há o momento de formação do verbo (impressão de um fenômeno), de verbalização (expressão elaborativa) – e esta é sempre propagada entre dois ou mais interlocutores – e o retorno do verbalizado que se torna uma linguagem apreendida do verbo e da verbalização, mas que já não é o primeiro e nem o segundo e sim uma derivante integrativa entre o objeto, o sujeito e o olhar do outro. Trata-se de uma concepção sócio-filosófica da constituição do indivíduo por meio do reconhecimento social.

Essas ideias permitem compreender a masculinidade hegemônica e seus processos de reconhecimento como decorrentes da colonização presente, impregnada e (não só) inconsciente, no imaginário social do homem brasileiro que é atuada, por meio do exercício de desconhecimento, entre dominadores, que a negam constantemente, ao mesmo tempo em que, reproduzem seus aspectos mais violentos e deletérios.

O que psicanalistas do desenvolvimento reforçaram com o conceito de simbolização, a teoria lacaniana (Lacan, 1988) expressou como uma espécie de metaforização neurótica que se dá pela articulação entre signo (objeto conhecido), significado (função do objeto) e significante (depreensão psíquica entre signo e significado a partir da particularidade das vivências do sujeito). A ausência da metaforização – conhecimento, desconhecimento e reconhecimento (elaboração) de elementos e significantes – que é promovida pelo não reconhecimento do outro, culmina em ações primitivas comuns a um psiquismo rudimentar, como o excesso de

projeções/identificações projetivas e movimentos maníacos de engrandecimento de si em detrimento da subjugação do outro.

Neste sentido, a Teoria Psicanalítica contemporânea é essencialmente complementar e análoga à proposta de Honneth. Psicanalistas estudiosos do desenvolvimento humano como Zimerman (2010) e Waddell (2017) afirmam que o reconhecimento é um elemento fundante da capacidade vincular e da formação psíquica das pessoas.

Bion (1962 cit. por Waddell, 2017) formulou a metáfora da função materna como organizadora da capacidade de simbolização, por meio do acolhimento das necessidades do bebê, e da devolutiva dessas, para a criança, em uma linguagem acessível ao seu psiquismo rudimentar. Esse é um dos primeiros movimentos de interlocução, na ausência do discurso verbalizado, e de reconhecimento que o Outro¹⁵ (o/a cuidador/a responsável) direciona a criança, e por meio do qual, ela (re)conhece a si, seus sentimentos, pensamentos e constrói sua própria capacidade de simbolização.

A ausência de reconhecimento nas relações primárias, ou a precariedade das trocas relacionais entre cuidador(a)-bebê/criança, produz adultos sedentos por reconhecimento, uma vez que o olhar do Outro, conforme mencionado por Honneth (1949), Freud (1923), Lacan (1936/1998) é intermediador do conhecimento sobre si.

É admissível que a impossibilidade de ser ou se sentir reconhecido em estágios iniciais do desenvolvimento, resulte em uma improbabilidade do indivíduo adulto ser capaz de oferecer reconhecimento a objetos internos e externos em suas relações. Sobre o comportamento violento e a conduta criminal parece se constituir numa verdade possível sobre os autores que quanto mais devastador o crime, mais evidente o fato de que o criminoso não reconhece em sua vítima, assim como faz consigo, a humanidade.

2.4 Complexos familiares: a primeira experiência de reconhecimento

A angústia é o afeto que escapa à barganha da mentira, que se entrelaça às cadeias do significante e carrega em si a demarcação do Real, assim Lacan ([1962-1963] 2005), no Seminário 10 estabeleceu a angústia como o afeto que não engana.

¹⁵ Outro ponto importante da linguagem psicanalítica que merece ser revisto é o conceito de outro e de grande Outro, os quais mantêm o masculino como gênero neutro.

Só nasce em corpo quem primeiro nasceu no desejo de um Outro ou Outra e o nascimento é a primeira queda atravessada pelo Real. Nascer é cair da fantasia, do cenário imaginário que a família à espera construiu para o sujeito. O choro de um recém-nascido é o decreto primário da insuportabilidade frente ao que excede a capacidade de simbolização neste momento: a vida – frágil e visceral – extrauterina. A angústia surge de sobressalto neste contato tão próximo com a morte, afinal, a vida é temida pelo fantasma mortificante de seu fim.

A obra lacaniana diferencia a angústia em duas possibilidades: a castração e o desamparo e distintamente da teoria freudiana que postulou esse afeto como proveniente da perda, Lacan explicitou sua relação com o desejo e considerou que a angústia pode não estar relacionada à falta e sim a presença do objeto desejado (Vasconcelos & Pena, 2019).

Desejar a vida implica em aceitar a morte diante do desamparo psíquico e físico do nascimento que foi descrito por Lacan (2008, p. 23) como instaurador da angústia:

A angústia, cujo protótipo surge na asfixia do nascimento, o frio ligado à nudez do tegumento, e o mal-estar labiríntico a que corresponde a satisfação do acalanto, organizam por sua tríade, o tom penoso da vida orgânica que, para os melhores observadores, domina os seis primeiros meses do homem. Esses mal-estares primordiais têm todos a mesma causa: uma insuficiente adaptação à ruptura das condições do ambiente e de nutrição que constituem o equilíbrio parasitário da vida intra-uterina.

O nascimento é só a primeira de muitas experiências que causam mal-estar para um ser humano. De modo consciente muitos traumas, como o nascer, são recalçados e abandonados às profundezas da inconsciência. Todavia, existe um sujeito que não escapa do peso das memórias – o sujeito¹⁶ do inconsciente (Boonen & Calazans, 2017).

Trata-se de um termo psicanalítico que conceitua a sujeição humana ao desconhecido de si. O sujeito do inconsciente é a pessoa andarilha do mundo interno, subjugada às prisões mnêmicas traumáticas e pulsionais, mas também é a detentora das pedras que pavimentam o caminho do desejo e que vez ou outra favorece as demandas da consciência com lembranças encobridoras (Freud, 1899), ou ainda de perturbá-la com um traço mnêmico capaz de alavancar pulsões esquecidas e sonhos nos quais, seus mecanismos, perturbam a vigília de quem sonha.

¹⁶ A autora do presente trabalho acredita que a expressão mais adequada seria a pessoa do inconsciente, em vez de sujeito.

São inúmeras as pessoas psicanalistas e psicólogas que referenciam a experiência relacional primária como fundante de um modelo a ser inconscientemente repetido e buscado na vida adulta (Lacan, 1995; Zimmerman, 2010; Winnicott, 2012; Bowlby, 2015; Waddell, 2017), mas de que modo os complexos familiares presentes no desenvolvimento humano, podem contribuir para a busca por uma relação violenta? Para responder a essa questão serão trabalhados neste e nos próximos subitens aspectos relacionais do desenvolvimento vital e seus possíveis impactos na vida adulta de homens na posição de autores de violência e mulheres na manutenção da violência sofrida junto a impossibilidade de sair do ciclo violento.

Após o nascimento existiriam, segundo Lacan (2008) três complexos constituintes da vida relacional e da estrutura psíquica do sujeito: o complexo do desmame, o de invasão e o edípico. O complexo do desmame de acordo com Lacan (2008) é fundante da primeira apreensão psíquica da imagem de uma função materna e, portanto, estabelece os primeiros e mais profundos laços familiares. Trata-se de uma ligação afetiva e biológica muito primitiva que distintamente de todos os outros animais é findada por intermédio de uma regulação cultural que demarcará, nesta separação, o estádio ao qual cada pessoa será inconscientemente remetida durante toda experiência de perda e separação (Lacan, 2008).

É com o desmame que a criança revisita a separação mais devastadora: o parto, esse corte do qual “provém um mal-estar que nenhum cuidado materno pode compensar.” (Lacan, 2008, p. 24). Para o autor é neste momento que o masoquismo primário se instaura.

O complexo da intrusão, por sua vez, diz do indivíduo que se percebe como não sendo o único filho e do lugar real e imaginário que o sujeito ocupa na relação familiar (e no desejo de suas figuras parentais) o que, de acordo com Lacan (2008, p.28), possibilita o “reconhecimento” da rivalidade por meio das relações fraternas. São essas relações que, depois do seio materno, inscrevem de modo mais consciente os sentimentos de ambivalência.

Para Lacan (2008) são as experiências de intrusão que evidenciam o ciúme infantil e inscrevem o paradoxo da identificação com o outro e, por consequência, da discordância e rivalidade (desconhecimento) deste outro. A oposição enciumada da criança, nesse sentido, é um desejo não simbolizado de se desidentificar com seu rival para atenuação das pulsões agressivas que quando projetadas, retornam em persecutoriedade e medo de que esse outro seja responsável por mais uma perda, a perda de seu lugar na relação familiar.

O conflito posto nessa relação imaginária é que a angústia diante do temor da perda deriva do enlace entre medo e desejo. Como isso acontece? A criança identificada com seu irmão que teme que ele, irmão, lhe roube o lugar; mas tem o desejo inconsciente que isso aconteça, uma vez que, identificado com este intruso, deseja que a parte de si investida na fantasia de rivalidade que é projetada no irmão, tenha êxito em sua invasão, tornando-o familiar.

O modo como esse complexo é dissolvido impacta diretamente os recursos psíquicos que serão ou não introjetados pela pessoa na fase infantil do desenvolvimento, possibilitando o reconhecimento do irmão como um outro apartado de si, que ocupa um lugar diferente, embora seja pertencente à mesma família, ou seja, a criança passa a perceber seu invasor como um dos seus, mas não como um de si.

É possível, entretanto, que o complexo de intrusão seja sentido como reforçado pelas ações parentais, ou simplesmente não acolhido de modo que o ódio infantil seja apaziguado. Nesses casos o sujeito tende a permanecer fixado na reivindicação pelo que nunca teve, mas se recorda como algo perdido. Com precária, relativa ou profunda capacidade de metaforização das próprias angústias, um fato é unânime a todo complexo familiar: ninguém sai ileso!

A experiência edípica, ou Complexo de Édipo para Laplanche e Pontalis (1992, p. 77)

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia.

O Complexo de Édipo é uma metáfora psicanalítica que nomeia uma importante etapa do desenvolvimento humano. Embora seja uma articulação relacional e objetal profundamente pautada na heteronormatividade e na redução da diversidade de gênero, se trata de uma leitura psicanalítica da expressão vigente em 1897 quando Freud fez sua primeira referência ao mito de Sófocles em uma carta a Fliess (Moreira, 2004). Portanto, apesar da baixa criticidade, presente até hoje, nas teorias psicanalíticas que retomam a questão edípica, esta perspectiva

segue sendo uma visão - e não uma criação da Psicanálise - a partir do sistema de dominação patriarcal e capitalista que conjuga a potência por meio do falocentrismo.

É possível admitir que exista na teoria lacaniana uma tentativa de se afastar das assimetrias de gênero, sem necessariamente evidenciar a preocupação em romper com tais estruturas, uma vez que os postulados lacanianos designaram a função paterna como o movimento de um terceiro que interrompe a relação fusional entre mãe e bebê (Betts *et. al.*, 2014), sendo este corte simbólico não dependente de uma masculinidade ou gênero específico, entretanto, paradoxalmente, foram mantidos termos referentes à paternidade e ao masculino. Ou seja, trata-se da capacidade de Lacan de identificar que existe uma questão sexista e reconhecê-la, mas sem abrir mão do privilégio: reconhece-se o machismo, mas mantém-se a dominação falocêntrica.

Com a proposta de repensar alguns aspectos da teoria edípica, a presente pesquisa tratará adiante do complexo infantil reposicionando a ideia de feminino e masculino enquanto gênero suposto pelo sexo biológico, a partir de posições e performances (Butler, 2017) femininas e masculinas, sem desconsiderar que essas são ainda criações binárias que servem ao sistema de dominação masculina e precisam ser revistas.

Para Nasio (2007), o Édipo tem início na sexualização das representações parentais e é dissipado no processo de dessexualização das mães e pais. A fim de descrever esse complexo, o autor aponta três fantasias edípicas fundamentais: a de onipotência fálica, a de prazer e a de angústia de castração.

A fantasia de onipotência fálica é fundamentada pela rudimentar apreensão psíquica da criança de que ela tudo pode, dado o lugar que ocupou até então no desejo de seus cuidadores e pelo anseio erógeno e prazeroso de dirigir-se ao corpo do outro – neste caso das figuras parentais que são, frequentemente, as mais disponíveis para essa relação de proximidade. Essa fantasia aparece nos primórdios do narcisismo secundário (Freud, 1914/1916), uma vez que o investimento libidinal em um objeto determina um nível de desinvestimento de si que se realoca em direção à relação com um Outro.

Para Nasio (2007, p.25) esse é também um movimento derivado da mobilização agressiva: “desejar é atirar-se para fora de si em busca da carne do outro; é querer atingir, através da carne, sobre a carne, o gozo mais requintado,” ou seja todo desejo é um desejo sexual.

Sexual quer dizer mais do que *genital*. Sexual remete a: “Deixa-me olhar teu corpo nu! Acariciá-lo, senti-lo, beijá-lo, devorá-lo e, até mesmo, destruí-lo!” (idem, p. 25).

Conforme as fases psicosexuais da teoria freudiana após a descoberta da oralidade e ao fim da fase anal, as crianças intuem a possibilidade de prazer por meio de outra zona erógena: o órgão genital, entretanto antes de descobri-lo, o que só acontecerá por volta da pré-adolescência, os meninos e meninas experimentam, na fase pré-genital, a fase fálica (Nasio, 2007) entre três e seis anos. Esse período é designado pela identificação com a presença ou ausência da potência fálica, entretanto, as crianças ainda não são capazes de distinguir as diferenças entre masculino e feminino, embora as contatem cotidianamente (Couto, 2017). Ou seja, as meninas começam a sentir e perceber que são desprovidas de algo e castradas em aspectos e regulações sociais e culturais tidas como inerentes aos homens. Os meninos, por sua vez, descobrem-se detentores do poder simbólico e fálico ¹⁷representado por uma inscrição anatômica: o pênis (Nasio, 2007). Entretanto, descobrem a partir de uma instância superior, a lei do interdito, que ter o pênis não significa ter o falo, ainda.

Para Butler (2017 p.86):

A ordem simbólica cria a inteligibilidade cultural por meio das posições mutuamente excludentes de “ter” o Falo (a posição dos homens) e “ser” o Falo (a posição paradoxal das mulheres). A interdependência dessas posições evoca as estruturas hegelianas da reciprocidade falha entre o senhor e o escravo, particularmente a inesperada dependência do senhor em relação ao escravo para estabelecer sua própria identidade, mediante reflexão. Lacan, entretanto, monta este drama num domínio fantasístico. Todo esforço para estabelecer a identidade nos termos dessa disjunção entre o “ser” e o “ter” retorna às inevitáveis “falta” e “perda” que alicerçam sua construção e marcam a incomensurabilidade do Simbólico e do Real.

Embora o complexo de Édipo se estruture em uma visão predominantemente heterocentrada, e fundamentada no binarismo de gênero, essas não são criações da Psicanálise e sim leituras psicanalíticas de uma sociedade patriarcal em seu modo de funcionamento. Concretamente a potência fálica existe como um privilégio de dominação e poder dos homens sobre as pessoas.

Nesse sentido, o Édipo da posição masculina consiste na veneração ao Falo (expressão fantasiosa da potência entendida como masculina), junto a constante angústia de perdê-lo, afinal

¹⁷ É possível observar que a Psicanálise discute o tema edípico há décadas, mas sem uma única mobilização crítica ou em oposição a esta construção.

um objeto amado (e odiado), sentido como vital, já foi perdido anteriormente, no desmame (Nasio, 2007). A fantasia de onipotência suscita na criança o desejo de ser e permanecer como o objeto de gozo da mãe, e reciprocamente, de dominá-la no enlace do próprio gozo.

A busca desse prazer, denominado por Nasio (2007, p. 25) como “imperioso,” é impulsionada por amor e agressividade, pois há o desejo não só de ter a mãe, mas de tê-la só para si, de consumi-la em um estado fusional, trata-se de uma pulsão de repetição em que a criança tenta, inconscientemente, retomar um estado anterior, mais próximo possível da experiência intrauterina sobre a qual reina a fantasia do gozo. Até esse momento a criança já experimentou privações reais e imaginárias, entretanto a simbolização ainda é um esboço no psiquismo infantil.

A fantasia de onipotência é atravessada pela angústia de castração quando se torna perceptível para o menino que ele não é o único objeto de satisfação e investimento libidinal de sua primeira cuidadora. Esse atravessamento implica um terceiro objeto, o pai, na relação entre mãe e bebê, porque até então a Psicanálise mantém sua leitura associada ao que Jesus (2013) conceituou como heterocentrismo. Entretanto, talvez em uma tentativa de atenuar a assimetria de gênero, a partir das produções freudianas, Betts *et. al.* (2014) resgata a conceituação de função paterna uma vez que a função pode ser desempenhada independentemente do gênero.

Já com base nas postulações lacanianas, que tratam do pai Real, Imaginário e Simbólico como componentes da função paterna e o termo Nome-do-Pai para referenciar o significante, atrelado à religião, ao tabu e limite ou um símbolo da proibição, Betts *et. al.* (2014) retoma que aqui, não se trata mais do Pai todo poderoso que pune o crime incestuoso, mas do Pai com quem é possível estabelecer uma relação desde que a hierarquia e a ordem sejam mantidas e, que o crime, derivado de desejos incestuosos, não aconteça.

A repetição do padrão relacional de um Édipo mal elaborado, na vida adulta, pode ser representada pela histeria masculina no *don juanismo* que consiste na busca desenfreada pelo amor do outro por meio de uma negociação amorosa tal como proposto por Silva & Ceccarelli (2016). Para as autoras, o histérico encena um amor desmedido que na realidade, não passa de sedução, num movimento que consiste na reivindicação do desejo de ser desejado, sem a necessidade de renunciar a algum objeto e deriva da insatisfação cristalizada pelas perdas primárias, que conforme Lacan (2008), não podem ser compensadas por nada na vida.

Outro elemento que se repete como um retorno ao Édipo e muito bem incorporado pelo sistema patriarcal é a “broderagem da casa dos homens” (Zanello, 2020, p. 83). Este conceito representa o que Freud (2011 cit. por Zanello, 2020) tratou como a estrutura fundamental dos grupos, ou seja, cada homem direciona (inconscientemente) parte de seu ideal de ego num objeto- representação que os unifica o qual, no caso do homem brasileiro é, segundo a autora, a masculinidade hegemônica e o objeto de união é a aversão misógina ao feminino (Zanello, 2020). Ser investido do poder patriarcal e fazer parte de um mesmo grupo pela identificação, faz de cada um, e de cada parceiro um “*brother*”. Mas qual a importância do complexo de Édipo para essa formação social?

Em momento posterior à separação da figura materna e ao ódio da imagem paterna, um meio de atenuar a angústia de castração é a descoberta do amor pelo pai e a subsequente identificação com sua posição. Para Nasio (2007) durante a fase edípica “o pai é amado como um modelo ideal; o pai é temido como repressor e censor; o pai é desejado e temido como sedutor; o pai é odiado e temido como um rival” (p. 110).

A “broderagem” (Zanello, 2020) é, nesse sentido, uma resposta de pacificação com a imagem paterna e com o Nome-do-Pai, por meio de um pacto de lealdade e *ressentimento* contra a mãe e sua representação de feminilidade, que posteriormente, na vida adulta ressurgem como elemento inerente à masculinidade. Atualiza-se pelo ódio o suposto domínio do amor que fora limitado na vida primária. A masculinidade hegemônica brasileira é construída pela imperiosa dominação masculina e pela contundente negação do feminino (Zanello, 2018).

Ser homem de acordo com Zanello, (2020, p. 81) é afirmar-se no negativo do feminino, é não ser e nem parecer “mulherzinha,” porque mulher é aquele objeto de menor importância a quem os homens dirigem, coletivamente, sua hostilidade e que como dito por eles mesmos, “comem” (p.85), tal qual uma criança que se apropria do seio materno em um impulso canibalístico de dominar e incorporar seu objeto de amor.

O objeto materno amoroso dos primeiros anos de vida, passa a ser um objeto parcializado que representa o depósito de necessidades afetivas hostis e fisiológicas, que pode ser substituído e descartado em nome de uma vingança narcísica inconsciente contra angústia de separação, castração e privação.

A castração é o símbolo da suposta perda de um objeto inigualável e soberano (Nasio, 2007). É como se os homens deslumbrados e identificados com o poder fálico do pai e divino

do Nome-do-Pai, precisassem imprimir a sua potência e seu amparo paterno, na negativa do amor (materno/feminino) sentido como perdido ou passível de perda.

Nasio (2007) em corroboração às ideias apresentadas no início do capítulo (Lima 2004; Zanello, 2018) ressalta que a castração para os homens pode ser resumida pelo medo de perda da potência e para as mulheres esse corte simbólico significa o medo de perder o amor.

O complexo de Édipo que em tese, terminaria com a dessexualização da mãe e do pai (Nasio, 2007) aparentemente, na masculinidade hegemônica desloca-se, enquanto investimento libidinal, em um mecanismo esquizoide (Klein, 1946/1982) pela cisão entre três tipos de mulheres: a mãe (sagrada), a “puta” (Zanello, 2020, p. 96) (profana) e a mulher com quem esses homens suportam se casar – a que pode transitar na parcialização fetichista – entre puta e mãe. Alguns deles, agridem a mulher profana no anseio de ver emergir a santa (sacrificada, submissa e de amor devocional), afinal, matar a primeira é salvar a segunda, em uma perspectiva cindida e dualista como a que predomina em homens autores de violências (Klein, 1946/1982; Muszkat, 2011).

2.5 Homens violentos: meninos que triunfam sobre o ressentimento

A psicanalista Maria Rita Kehl (2020, p. 9) define o ressentimento de modo objetivo e atento aos enlaces da contemporaneidade:

O ressentimento é uma constelação afetiva que serve aos conflitos característicos do homem contemporâneo, entre as exigências e as configurações imaginárias próprias do individualismo e os mecanismos de defesa do *eu* a serviço do narcisismo. A lógica do ressentimento privilegia o *indivíduo* em detrimento do sujeito e contribui para sustentar nele uma integridade narcísica que independe do sucesso de seus empreendimentos. Adianto a hipótese de que a versão imaginária da falta, no ressentimento, é interpretada como *prejuízo*.

Se toda pessoa, em algum aspecto da vida, tende à repetição conforme proposto por (Freud, 1914) é inteligível que o ressentimento possa ser considerado uma repetição afetiva na qual existe a revisitação, consciente ou inconsciente, de uma experiência que o sujeito deseja dominar e sobre a qual anseia triunfar.

Os complexos descritos no subitem anterior só podem ser simbolizados a partir do luto: do reconhecimento de que algo da ordem simbólica se perdeu em decorrência de uma privação

real. O luto é a capacidade do sujeito de se ver separado do objeto de amor, por meio da simbolização e auto diferenciação que a posição depressiva possibilita (Klein, 1946/1991).

A dificuldade de viver o enlutamento decorre do desconhecimento ou da recusa diante do valor das relações e trocas objetais. Esse estranhamento ou não reconhecimento são resultantes de dois tipos de excesso: demasiadas experiências de falta que produzem a dificuldade de investimento libidinal em um outro, ou excessivas experiências de presença do objeto, o que impede a descoberta da própria sobrevivência após uma separação. O predomínio do primeiro tipo de vivência pode favorecer o desenvolvimento de quadros psicóticos, já o segundo, pode ser observado nas demandas narcísico perversas – em que é necessário tomar o outro como objeto e dominá-lo para garantir a integridade psíquica por meio da presença objetal (Martins, 2009).

Uma criança nos estágios iniciais da vida, é marcada pelas experiências duais que experimenta entre a fantasia e a realidade, o prazer e o desprazer (Freud, 1920) e mantém-se angustiada diante das perdas ou separações porque mesmo na impossibilidade de simbolizar, ela pode sentir o risco, ainda que imaginário, de ser privada do amor objetal ou dominada pelo ódio objetal.

A psicanalista Waddell (2017) tratou dos estados mentais como reminiscências de vivências intensas e até traumatizantes que podem ser retomadas e repetidas de modo súbito e inconsciente durante toda a vida adulta, o que implica no fato de que, todo adulto, em algum momento, experimenta sentimentos e sensações regredidos relacionados à própria infância, incluindo a angústia dualista relacional (amor/ódio).

Esse sorvedouro psíquico, entretanto, é mais complexo do que podem traçar as palavras considerando que amor e ódio coexistem nas ambivalências de toda relação. Para a conceituação dessa associação Lacan (1971/3, p. 121-135, cit. por Flanzer, 2006, p. 220) cunhou o neologismo “amódio” e elucidou que “o verdadeiro amor desemboca em ódio”, ou seja, o enamoramento é uma fenda entre o entrelaçamento do amor e do ódio.

Oscar Wilde citado por Winnicott (2012, p. 108) polemizou a possibilidade expressiva do amor proferindo: “todo homem mata aquilo que ama” e Winnicott reforçou a ideia ao pontuar que junto do amor sempre será encontrada a mágoa, seja ela derivada de uma privação (falta real), de uma frustração (falta imaginária), ou da própria castração (falta simbólica). A mágoa permeia toda possibilidade relacional como via de acesso ao ódio.

No cenário perverso, entre o imperativo de gozo, o anseio em negar a angústia de castração (Couto & Chaves, 2009) e a necessidade de reforço da onipotência psíquica reside uma demanda narcísica de autopreservação (Freud, 1920; Martins, 2009; Ferraz, 2017) que frequentemente se dá pelo domínio do outro. Esse domínio pode ser observado desde uma sutil manipulação sedutora até os casos mais extremos de apoderamento psíquico e físico. O ressentimento perverso reivindica o direito ao desejo edípico incestuoso, pelo deslocamento pulsional a um segundo objeto - que representa parcialmente o objeto original - mas produz o afastamento da culpa pela recusa da moralidade estabelecida pela lei.

Não é impossível que neuróticos usem recursos violentos para lidar com as próprias angústias, todavia, a reincidência, a visceralidade compulsiva e, em alguns casos, a sofisticação da prática de violência, requerem a negação perversa do envolvimento objetal e da própria culpa (Winnicott, 2012) para que, no distanciamento desta relação, o objeto seja fantasiosamente dominado.

Nessa perspectiva, é possível admitir que o ressentimento é sempre uma reivindicação direcionada a um destinatário original (a mãe) e entregue a um terceiro (a companheira) que coube no caminho da demanda, mas que não pode supri-la e acaba por intensificar o ressentimento.

Qual é a falta de objeto a que o sujeito reage com ressentimento? Não é a de um objeto real. Se o que falta ao ressentido é *ser* o objeto que representaria o falo para o Outro, este é um objeto que nunca existiu. É um objeto simbólico. No ressentimento, a perda de que o sujeito se queixa é sentida como privação (Kehl 2020, p. 43).

O que pode ser mais perturbador para um homem do que a ideia de ter perdido o que nunca conquistou, a constatação de que o que acreditou ter conquistado na verdade precisou ser tomado dada sua própria impossibilidade de conviver com a falta? Este poderia ser um significante da masculinidade hegemônica. O maior furo do patriarcado capitalista (Souza, 2016) é a constatação de que ele deriva da impossibilidade masculina de conquistar e a recusa em perder e se sustenta da manutenção constante de privilégios reivindicados diretamente do topo da cadeia alimentar.

Parafraseando Freud (Barbosa, 2011) afinal, o que querem os homens com os seus ideais hegemônicos e reivindicações infantis por meio da violência?

Capítulo 3. Narcisismo e perversão narcísica

As regras que regem a lógica não têm peso no inconsciente;
ele poderia ser chamado de Reino do Ilógico.
(Freud, 1940[1938])

3.1 Estruturas psíquicas e a (des)ordenação da lei

A herança mais conhecida do Complexo de Édipo, no meio psicanalítico, é a formação da instância superegóica. O superego deriva da elaboração possível frente a à castração e a finalização do período edipiano. A metaforização de um limite para o desejo individual, em função de um laço social e do reconhecimento da soberania do princípio de realidade (Freud, 1920), é articulada pela via da linguagem (Freitas & Rudge, 2011).

Para Freitas e Rudge (2011) é no processo civilizatório, por meio da identificação e do amor que a lei, nos casos em que foi incorporada, se torna consistente. Amar é perder ou renunciar a um narcisismo primário (Freud, 1914/1916) e suportar que um outro possa existir e ser no mesmo espaço-temporal até quando isso implica em um profundo desconforto e descontentamento.

Esse vínculo é tão importante que há uma aposta superegóica nele representada pelo Nome-do-Pai:

O ideal de sociedade civilizada, expresso no mandamento "amarás a teu próximo como a ti mesmo" (Freud, 1930/1974: 130), significa um apelo ao convívio gentil com a alteridade, embora não sem sacrifícios, além de compor uma forte defesa contra a agressividade. Todavia, trata-se de uma determinação impossível de ser cumprida por conta do narcisismo que, como vimos, coloca entraves a este propósito - é mais fácil amar o semelhante, parecido com o que somos ou fomos, ou alguém que represente um ideal a ser alcançado, do que um diferente. (Freitas & Rudge, 2011, p. 248)

O modo como a lei é introjetada e elaborada na resolução edípica estrutura o psiquismo do sujeito. Freud teve seus trabalhos reunidos em um livro lançado no ano de 2016 e intitulado *Neurose, Psicose e Perversão* que trata de um dos seus principais legados teóricos: as três estruturas clínicas (Rochel, 2018). Pensar a relação dessas estruturas com a lei simbólica é um caminho para explorar o lugar de cada uma delas frente aos crimes violentos.

A neurose diz da pessoa que renuncia parte de sua satisfação objetal ao fim do complexo de Édipo porque reconhece o corte simbólico e aceita o limite, mas não sem um custo, afinal desistir parcialmente de uma demanda pulsional, por meio do recalque, custa ao neurótico a constante luta contra o retorno do conteúdo recalado, que se inscreve nas mais diversas manifestações sintomáticas, as quais podem ser históricas, obsessivas ou fóbicas. “As neuroses são, pode-se dizer, a negativa das perversões” (Freud, 1905, p.165 cit. por Mieli, 2012).

A perversão tem sua constituição inicial no momento "pré-edipiano" em que, por meio do imaginário, uma relação de engano é posta: a criança se torna objeto de satisfação do desejo materno em tudo aquilo que se estrutura enquanto falta para a mãe (Lacan, 2002, p.197). A clínica da perversão diz sobre a pessoa que recusa a falta, que nega a castração.

O perverso nasce na criança que parcializa o objeto de amor – a mãe – recusando o fato de que ela é um todo integrado e desejante de outras relações objetais e, além disso: desejante da potência fálica que não cabe ao filho. Nesse cenário, a figura paterna ou o próprio “Nome-do-Pai” (Lacan, 2002, p.585) enquanto agente regulador da sociedade, desenvolve um papel fundamental: o corte simbólico ou a castração (Freud, 1976). Para Lacan (1960/1998) a perversão é o negativo da neurose, em termos mais simples, o que o neurótico censura, repele, teme, o perverso resiste e atua sem os efeitos da culpa.

Já as estruturas psicóticas apresentam uma dificuldade libidinal de escolha objetal externa, de envolvimento e por consequência de integração afetiva. Esse movimento para Klein (1946) pode ser compreendido como um mecanismo esquizoide (que pode se manifestar como um funcionamento temporário ou uma estrutura cristalizada), sob o qual o sujeito permanece incapacitado de elaborar (e integrar) suas ansiedades depressivas e maníacas e, portanto, atua no real o conteúdo imaginário. Distintamente do neurótico que simboliza ou recalca a pulsão, e do perverso que recusa o limite e reivindica sua satisfação pulsional por representações deslocadas do objeto original, o psicótico, na impossibilidade de fantasiar (exercício simbólico) delira: e não só recusa a realidade, mas a substitui (Rochel, 2018).

Rosa (2017), embasada na teoria winnicottiana, descreveu a experiência das faltas promovidas pelas figuras parentais como uma falha ambiental em que o bebê experimenta uma espécie de privação, entretanto, no estágio primário do desenvolvimento a criança não possui recursos psíquicos para compreender que o ambiente externo existe e foi o responsável por essa falha/falta. Considerando a dependência do bebê em relação aos seus pais/mães, a perturbação

produzida pelo ambiente, impossibilita a constituição da personalidade que se mantém em suspensão num modo de alerta constante. Essa deficiência ambiental é sentida como “a perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança até certa data, e que foi retirado; a retirada estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pôde manter viva a lembrança da experiência.” (Winnicott, 1958c/2002, pp. 139-140 cit. por Rosa, 2017).

Observa-se que a característica descrita por Rosa (2017) como uma personalidade suspensa, alerta, reativa e ainda sem capacidade de autodiferenciação conversa com o que é compreendido como uma estrutura psicótica.

Lacan preconizou “a existência de uma descontinuidade de origem entre a neurose e a psicose, suposta a partir da presença do operador denominado Nome-do-Pai” (1955-56, p. 585). Para este autor o corte simbólico é fundante da organização neurótica porque faz com que a criança seja capaz de introjetar a Lei e de assimilar que não corresponde a tudo que falta à mãe, uma vez que a figura materna direciona o seu desejo, também, à outra figura parental.

A ausência ou a falha deste corte cristaliza um momento “pré-edipiano” em que o bebê não se separa da figura cuidadora e nutridora, e resulta em estruturas com pronunciadas funções psicóticas e/ou perversas (Lacan, 1956-1957/1995, p. 197).

Entretanto, a Psicanálise contemporânea já admite a coexistência entre estrutura e função que são aspectos distintos do funcionamento psíquico, mas presentes em todo sujeito (Mc Williams, 2014). Um exemplo simples de função que se pronuncia de modo oposto a estrutura são as superstições. É possível encontrar sujeitos neuróticos que em decorrência de pequenos núcleos psicóticos se recusam a passar embaixo de escadas com a certeza de que algo grave poderia acontecer se ele o fizesse. Existiria também um trânsito entre as estruturas inicialmente propostas pela teoria psicanalítica, o qual é designado por um estado limite ou limítrofe (Cardoso, 2007; Chagnon, 2009).

É inviável, diante da instância ética psicanalítica, admitir que possa existir um diagnóstico, ou uma perspectiva estrutural do psiquismo, que defina quem são os autores de crimes violentos, todavia, é possível articular evidências funcionais e comportamentais de sujeitos que cometeram crimes violentos e hipotetizar a possível vinculação desses atos às estruturas clínicas a partir do conhecimento psicanalítico.

É possível admitir, por exemplo, que a demanda psicótica tenda à passagem ao ato com mais frequência, e menos entraves, que as outras estruturas psíquicas e que o comportamento

violento seria mais frequente, em casos psicopatológicos graves de psicose, quando associados com o abuso de substâncias psicoativas (Teixeira *et. al.* 2007; Gutman, 2010). Mas, em contrapartida esse grupo representa uma parcela ínfima de autoria por crimes violentos de acordo com os estudos de Teixeira *et. al.* (2007), o que não é surpreendente considerando que o crime no Brasil tem inúmeras causas, principalmente, socioeconômicas.

A perspectiva de uma estrutura estritamente fixada na neurose ceder a um impulso bárbaro e criminoso contra um outro é reduzida. Conforme teoria winnicottiana (2012) ressalta, a angústia promovida pela culpa é um sentimento presente apenas nos sujeitos que possuem a capacidade de envolvimento - oriunda de um ego integrado - capaz de deprimir e experimentar/elaborar o luto. Uma pessoa neurótica talvez não sobrevivesse à própria culpa, caso cometesse um crime violento contra alguém.

Criminosos que aparecem em veículos midiáticos e se tornam famosos por não expressarem arrependimento pelos seus crimes como Jeffrey Dahmer¹⁸, por exemplo, reforçam a hipótese apresentada em capítulos anteriores, de que ele, como outros *serial killers*, trilhava seus caminhos pelas largas ruas da perversão com algumas paradas extensas nas esquinas da psicose¹⁹.

Nesta pesquisa admite-se a hipótese de que a violência intrafamiliar e o homicídio infantil praticados por um homem são sintomas de uma função perverso-narcísica, comumente atrelados à honra, poder e valores masculinos. Dessa forma não se referem, necessariamente à reivindicação de direitos, ou igualdade socioeconômica e não dependem do consumo de substâncias químicas para acontecer, embora possam ser profundamente intensificados por elas.

O verniz social (reforçado pela sedução social) na ocorrência de crimes violentos contra mulheres e crianças, quando não favorece a suspeita de impunibilidade do autor, estende por tempo indesejável o momento da condenação. Este fato recorrente sugere que esses crimes

¹⁸ Conhecido como Canibal do Milwaukee, Dahmer assassinou 17 homens e ficou conhecido por crimes hediondos envolvendo estupro, necrofilia, homicídio e canibalismo. O *serial killer* passou anos cometendo seus crimes sem levantar suspeitas (Casoy, 2014)

¹⁹ A autora deste trabalho ressalta a importância de destacar que Dahmer, fez o que fez, sobretudo porque enquanto homem, branco e cis foi ensinado que poderia subjugar e dominar outros corpos e não foi parado em decorrência do conluio da Casa dos Homens (Welzer-lang, 2001) e do pacto narcísico da branquitude (Bento, 2002) que não admitia que ele fosse enxergado como um assassino. Deste modo, acima de qualquer aspecto psicopatológico ou estrutural psicanalítico, sobrepõe-se a problemática social antecedente que legitima a barbárie masculina.

acontecem sob a proteção do engano e que, portanto, remetem ao sentimento da vinculação primária de estruturas perversas.

O ressentimento associado à repetição de uma mesma prática violenta (um homem que bate em uma mulher de modo frequente e recidivo, por exemplo), podem ser indicativos da ausência de culpa neurótica e apontam também, para uma condensação narcísica que não pode ser renunciada e resiste sob a angústia de esfacelamento egóico. Esses elementos compõem um tipo de funcionamento perverso-narcísico.

A dificuldade de renúncia narcísica implica um precário investimento libidinal no outro, mas em alguns casos essa incapacidade de renúncia cumpre uma função defensiva e imaginária de autopreservação psíquica do sujeito. Nesse sentido, para algumas pessoas é aniquiladora a ideia de separar-se de si, ainda que parcialmente, a fim de fazer um investimento afetivo num objeto. Essa dificuldade é predominante nas performances masculinas porque, conforme retomado por Lima (2004), os homens aprendem que a autonomia está relacionada a separação ou evitação afetiva diante dos objetos

Deste modo, é possível pensar o crime intrafamiliar como decorrente de uma função perversa, no sentido de que o ato violento é posto como uma manifestação do desejo inconsciente do sujeito de retornar ao momento imaginário em que ele era o único e tudo que cabia do desejo materno, e a mãe era o próprio Deus que o amaria (Roudinesco & Plon, 1997, p.793). Mas uma função perversa e também narcísica, porque nesse cenário, o sujeito não precisaria separar-se de si, uma vez que o estado fusional com seu objeto de amor o permitiria manter-se inteiro e gozando, supostamente, de sua autonomia e do domínio sobre o objeto de amor.

Entende-se, portanto, que as funções perversas e narcísicas, de modo mais pronunciado que as demandas neuróticas e a psicóticas, apresentam relação com os crimes violentos atuados pelas masculinidades hegemônicas e isso será discutido no próximo capítulo.

3.2 Violência intrafamiliar: do menino ao possível criminoso

Durante a Pandemia de Covid-19 e com o crescimento do trabalho remoto é fato conhecido que muitas pessoas passaram a ficar mais tempo em casa e na companhia de suas companheiras (os) e familiares. Mas um dos resultados dessa hiper convivência foi o

crescimento da prática de violência intrafamiliar porque a possibilidade de locomoção para denúncias foi intensamente reduzida, além do contato constante com o autor da violência.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020) publicou um levantamento técnico sobre a violência doméstica durante a Pandemia e constatou o exorbitante aumento de feminicídios – modalidade mais grave de violência contra mulher:

O crescimento no número de feminicídios registrados nos 12 estados analisados foi de 22,2%, saltando de 117 vítimas em março/abril de 2019 para 143 vítimas em março/abril de 2020. No Acre o crescimento chegou a 300%, passando de 1 para 4 vítimas este ano; no Maranhão o crescimento foi de 166,7%, de 6 para 16 vítimas; no Mato Grosso o crescimento foi de 150%, passando de 6 para 15 vítimas. Apenas três UFs registraram redução no número de feminicídios no período, Minas Gerais (-22,7%), Espírito Santo (-50%), e Rio de Janeiro (-55,6%). (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020, p. 6)

O aumento da vulnerabilidade de mulheres em relação à violência intrafamiliar durante a Pandemia de Covid-2019 foi apontado por estudos recentes e amplamente discutida em veículos midiáticos (Borges, 2021; Mendes & Deslandes, 2020; Andrade & Souza, 2021; Ortega, 2021) ainda que parte importante da estatística do aumento deste tipo de violência, no período pandêmico, seja desconhecida. Entretanto, a violência contra a mulher no meio familiar, antes da Pandemia, já era uma questão preocupante, conforme já mencionado anteriormente.

Considerando apenas os dados expressivos da violência doméstica contra mulheres, não é possível mensurar quantas crianças podem estar inseridas nesses cenários, e submetidas também à violência, principalmente pela incapacidade de compreender a situação violenta para denunciá-la e, até mesmo, pela baixa probabilidade de que denunciasses pessoas do seu convívio, as quais podem amar ou temer. Outro fator que contribui para a invisibilização dessas crianças é o reduzido número de dados sobre violência intrafamiliar infantil em comparação aos dados da violência de gênero.

Todavia, existe um direcionamento que pode auxiliar no entendimento da quantidade de crianças violentadas direta ou indiretamente em suas casas. Sagim *et. al.* (2005) realizaram um estudo documental de 1.165 ocorrências registradas na Delegacia da Mulher de Goiânia-Goiás e constataram que em 65% dos casos as mulheres que realizaram essas denúncias eram mães e os autores da violência pais de crianças que moravam na mesma casa. Esse número, possivelmente, seria maior se fosse considerado o fato de padrastos serem os autores das

agressões contra suas companheiras. Os homens referidos nesse estudo possuíam uma característica marcante em comum: eram brancos e a maioria possuía trabalho remunerado (Sagim *et. al.* 2005). Homens brancos supostamente viris e heterossexuais tal qual propõe o conceito de masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt 2013).

Muitas divagações são possíveis acerca dos porquês adultos violentam crianças, independentemente do tipo de violência, mas a literatura psicanalítica é rica em fornecer hipóteses algumas das quais este estudo pretende apresentar neste capítulo, de modo a compreender as possíveis demandas violentas que recaem sobre meninos e meninas que deveriam saber pouco, ou quase nada, sobre a crueldade humana no início de suas vidas.

De acordo com Abranche e Assis (2011, p. 844) na década de 70 a “síndrome da criança espancada” incitou o desenvolvimento de estudos sobre as violências física e sexual contra crianças e adolescentes, entretanto, os dados encontrados apontaram para uma importante lacuna: a ausência de literatura científica sobre a violência psicológica em relação a esses grupos. Nessa direção Abranches e Assis (2011) pontuaram que esta modalidade invisível e imaterial de violência “poderia causar mais danos do que as outras formas de maus-tratos, sendo certamente mais difícil de ser identificada” (p. 844).

É possível equacionar a ideia de que nem toda violência psicológica culmina, necessariamente, em violência física, entretanto, seria irreal dissociar os quadros de violência física da imposição de um sofrimento psicológico. Mas, se o sofrimento psicológico, conforme Abranches e Assis (2011) é uma das consequências mais difíceis de identificar em quadros de violência infantil, isso aponta para um risco importante da evolução do abuso infantil para a agressão corporal.

Os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) citados por Granville-Garcia *et. al.* (2006) indicam que, anualmente, uma criança menor de cinco anos morre em decorrência de violência física, embora os autores ressaltem que esse dado, apesar de oficial, corresponde a um número “muito menor do que a realidade” (p.66). Para compreender esses fatos seria necessário, dentre outros aspectos, questionar se a autoria predominante de violências infantis é, também, masculina. Para isso é necessário observar alguns dados da literatura científica.

Como já referido, segundo dados da UNODC (2017) 95% dos autores de assassinatos mundiais e autores de práticas violentas contra outros homens e mulheres, e também contra si mesmos chegando ao suicídio consumado em até 76,6% dos casos (Brasco e Antoni, 2020;

Silva et.al. 2018), são homens. Por que não seriam eles também os mais representativos dentre os autores de violência intrafamiliar infantil?

Para Moreira e Sousa (2012) a violência intrafamiliar é uma expressão possível de dominação e poder em que homens e mulheres, pais e filhos estão dispostos em polos distintos e desprovidos de simetria, nesse sentido, frequentemente quem ocupa o lugar da submissão são as mulheres em relação aos homens. E as crianças? Que lugar, abaixo da subalternidade imposta às mulheres e da dominação masculina, elas ocupam? Possivelmente o da invisibilização e assujeitamento (Strogenski, 2003, cit. por Oltramari *et. al.* 2014), ou seja, o lugar daqueles que são consumidos, sem voz ou recursos psíquicos, pelo sorvedouro afetivo da dinâmica familiar violenta.

No entanto, pensar sobre a violência que uma criança pode viver nos remete a pensar, a partir da Psicanálise relacional, na possibilidade da identificação infantil com o autor ou a vítima da violência no meio familiar.

Para Zimerman (2010, p. 68) crianças educadas numa atmosfera emocional violenta,

tornam-se fortes candidatos a se identificarem tanto com o agressor (por exemplo, o pai), como com a vítima (por exemplo a mãe), ou com ela própria, criança, vítima de suplícios, assim reproduzindo na vida adulta relações amorosas análogas ao modelo que os pais tiveram entre si e com ela.

Mc Williams (2014) à semelhança de Zimerman (2010) postulou, por meio de seus estudos, a possibilidade de crianças abusadas e vítimas de maus tratos tenderem a se comportar de modos distintos de acordo com o gênero: meninas violentadas possuem inclinação para o desenvolvimento de um comportamento masoquista, antagonicamente, os meninos com experiências semelhantes tendem a se identificar com os agressores e podem desenvolver atuações sádicas na vida adulta.

Entretanto, Zimerman (2010) afirma que é também possível que o contrário, homens masoquistas e mulheres sádicas; possam existir e que a frequência do modelo homem-agressor e mulher-agredida seja uma questão construída socialmente pela ideia patriarcal de que mulheres devem ser consagradas moralmente pela fragilidade física e suportabilidade autossacrificante em nome dos relacionamentos.

No que se refere à estrutura da personalidade nos processos clínicos McWilliams (2014, p. 297) defende a ideia de que quando “alguém tem uma história infantil que inclua pavor,

negligência ou abuso, a necessidade de recriar essas circunstâncias a fim de tentar dominá-las psicologicamente pode ser tanto visível quanto trágica.”

Para compreender o fenômeno da identificação com uma das figuras parentais é necessário que seja abordada a questão do narcisismo. Como postulado por Freud (1914) a primeira experiência da libido é narcísica, sendo a posterior identificação objetal uma mobilização libidinal derivada da perda do narcisismo primário, portanto, abordas as questões relacionais e o narcisismo secundário.

3.3 Considerações sobre o narcisismo

Podem ser distintas as perspectivas psicanalíticas sobre o conceito de narcisismo, entretanto, com convergências, lacunas ou variabilidades estruturais, grande parte das produções teóricas derivam de um movimento pioneiro da metapsicologia freudiana. Embora os estudos freudianos sobre este tema já estivessem presentes antes da sua clássica produção denominada Introdução ao Narcisismo (Freud, 1914), foi a partir deste escrito que as concepções de narcisismo primário e secundário foram consolidadas e desenvolvidas.

A princípio Freud (1914) postulou a posição narcísica como essencial para o estudo das estruturas clínicas, principalmente das perversões, embora tenha sido incisivo ao pontuar que o narcisismo não se trata de uma perversão, como designado anteriormente, por Nacke (1899 cit. por Freud, 1914). Ao tratar do narcisismo a partir da libido que se direciona ao ego e diferenciando-a da libido investida no objeto, o autor apontou para um ponto fundamental do desenvolvimento humano: a inscrição psíquica do sujeito na própria vida e sua possibilidade de amar.

Para Freud (1914) existem dois momentos cruciais do desenvolvimento humano narcísico: o narcisismo primário e o secundário. O primeiro trata das experiências autorreferidas (libido direcionada ao ego) experimentado por todo sujeito no início da vida, quando esse não se percebe como unidade separada de suas cuidadoras e/ou cuidadores. O segundo, por sua vez, refere-se à libido objetal, ou seja, aquela que se direciona a um outro e que demanda uma parcial perda libidinal primária em prol do investimento na relação.

A partir da narrativa de Ovídio, Freud (1856-1939) metaforiza a importância do amor contra a fixação narcísica primária e postula que: "O amor por si mesmo só conhece uma

barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos." (1921/1996b, p.113). Em síntese, na mitologia grega, Narciso foi um jovem que desprezou o amor da ninfa Eco e voltou seu olhar apaixonado para a própria imagem. E de excesso de si – se esvaziou. Morreu afogado perseguindo uma miragem do próprio rosto.

Assim como o mito de Narciso evidencia, por meio do comportamento do jovem, a ausência de laço simbólico entre o imaginário (tomar a imagem refletida como o eu) e o real (a imagem não é o eu), nas estruturas clínicas em que o sujeito permanece fixado a um estado primário de narcisismo, a perversão narcísica como estrutura ou função ²⁰ pode se fazer presente.

O ímpeto de Narciso culminou numa tragédia que expressa um fragmento comportamental de cunho psicótico, uma vez que o jovem apostou na possibilidade fusional com a própria imagem e o resultado foi a consumação de si por meio da morte (o real).

Entretanto, para metaforizar um exemplo de perversão narcísica é necessário criar uma versão análoga ao mito original. O sujeito de estrutura narcísica e perversa, distintamente da pessoa de funcionamento psicótico, sabe que existe um limite, uma impossibilidade, uma castração. Ele entende que a imagem é uma representação, mas não é o eu. Sabe que mergulhar em busca do próprio reflexo é suicídio, mas **recusa** o saber e encena o desmentido da própria castração a partir do Outro, oferecendo sua imagem como objeto a um outro.

A perversão tem sua constituição inicial no momento “pré-edípiano” em que, por meio do imaginário, uma relação de engano é posta: a criança se torna objeto de satisfação do desejo materno em tudo aquilo que se estrutura enquanto falta para a mãe (Lacan, 2002, p.197). Nesse sentido, se o mito de Narciso objetivasse ilustrar o narcisista perverso, o jovem seria descrito como aquele que convence um outro, de que esse outro tudo pode se amar e admirar com devoção suficiente o reflexo na água. Assim, o Narciso perverso seria aquele que usaria o amor do outro até esvaziá-lo e por fim, o deixaria se afogar a fim de experimentar em si a reafirmação onipotente de que matar é uma posição de gozar da pulsão de morte, sem morrer.

Na perversão narcísica o investimento libidinal não é necessariamente no eu, mas no reflexo desse eu que será composto para apreciação do Outro. Narciso no mito de Ovídio deixou de se alimentar e em fraqueza, caiu e se afogou investido na própria imagem. O Narciso

²⁰ Essa distinção será apresentada no próximo subitem.

perverso, da versão aqui proposta, faz o oposto, nutre o corpo e investe em si para se oferecer a partir do melhor reflexo possível para o olhar do Outro.

A obra que ilustra precisamente o tipo de narcisismo que funda a perversão narcísica foi apresentada por Oscar Wilde em *O Retrato de Dorian Gray*.

pode-se notar a ingenuidade de Dorian que, assim como Narciso, não tinha ideia do poder de sua aparência até o momento em que outros deram conta da beleza de sua imagem. Outro fator em comum entre os personagens é a obsessão pela beleza. Contudo, eles a tratam de maneiras distintas: Dorian busca a juventude eterna para se manter belo pela eternidade sem se importar com os meios necessários para alcançá-la, enquanto Narciso almejava conquistar o reflexo visto por ele no rio, pelo qual se apaixonou instantaneamente. (Silva & Tanaka, 2020)

Entretanto, para manter a sua imagem Dorian pagou o preço de corromper o próprio eu, perverter as leis da natureza e do tempo cronológico: “Por isso - por isso - eu daria tudo! Sim, não há nada no mundo inteiro que eu não daria! Eu daria a minha alma por isso” (Wilde, 2012, p. 26-27).

Dorian se entregou ao hedonismo e aos prazeres de seduzir, manipular e controlar aqueles que o cercavam por meio, principalmente, da imagem que conseguia oferecer às pessoas. O gozo do protagonista em ser adorado o distanciou do seu desejo de ser amado, porque mesmo que pudesse sê-lo, não perceberia. Ser desejado não era o mesmo que ser amado e de acordo com os estudos de Ana Suy Sesarino Kuss (2014) amor e desejo são meios distintos de lidar com a falta.

Na obra, Dorian viveu faltas pronunciadas como o assassinato do pai e a morte prematura da mãe, o que possivelmente contribuiu para a formação do seu psiquismo e do seu Ideal do Ego (Laender, 2005) como aquele que sobrevive à falta usando o desejo do Outro.

Pode-se compreender, a partir disso, que nas relações que expressam a tentativa inconsciente de um retorno parcial ao estágio de formação do narcisismo primário, ou seja, naquelas em sujeitos com condições clínicas como a perversão narcísica, a conduta antissocial, a estrutura borderline, ou ainda histéricos graves, estaríamos diante de “[...] uma falha narcísica inicial, a partir da qual o sujeito, ao invés de voltar-se para si, busca no poder exercido sobre o outro, uma forma de sustentação e preenchimento de seu próprio narcisismo.” (Martins, 2009, p.40).

3.4 Perversão Narcísica: Estrutura, função e comportamento violento

O aprofundamento do conceito de perversão narcísica é atual e vem sendo consolidado dentro da Psicanálise contemporânea com a finalidade de traçar fundamentações teóricas aptas a explicar, clinicamente, as personalidades que não se resumem ao narcisismo patológico e nem se enquadram nos termos estruturais da perversão conforme postulada pela teoria psicanalítica ortodoxa.

Eiguer (2014) ressalta que esse tipo de perversão, embora possa estar associada ou servindo a algum modo de comportamento perverso da sexualidade, não é comumente a associada ao caráter sexual e sim ao aspecto moral da “predação” (p. 94). Trata-se de uma experiência implicada em “outras entidades de perversão de caráter: o sadomasoquismo moral, a mitomania, a impostura, a pirofilia, a cleptomania, o jogo patológico e a relação fetichista com o outro.” (p.93).

Nesse sentido o narcisista perverso age:

Diferentemente do sádico moral, que visa a experimentar satisfação humilhando e maltratando um terceiro de maneira muito impulsiva, o perverso narcisista é mais calculista e menos voltado para o gozo; por isso é que ele prolifera em contextos em que a questão é o exercício do poder. (Eiguer, 2014, p.94).

E distintamente do psicopata que

é geralmente impetuoso, desorganizado e rústico; sua predação é um convite à ruptura da ordem moral. O perverso narcísico é menos agressivo, mais refinado, calculador, teatral, tende à sensualidade, atua mascarado; sua dança é um convite ao gozo. Ambos têm ausência de consciência moral. Seja para os perversos ou psicopatas, a lei não está marcada em seus espíritos. Ou melhor, está marcada para justamente poder ser transgredida. (Brühlhart-Donoso, 2011, p. 64)

A perversão narcísica é análoga à perversão sexual tal como conceituada por Ayouch (2014), em um sentido: as pessoas com as quais o perverso se relaciona, não são pessoas e sim instrumentos que servem ao utilitarismo narcísico do sujeito. A fim de nomear o conteúdo latente e manifesto presente nos comportamentos de pessoas que se enquadram nessa categoria clínica Eiguer (2014) apontou três dimensões que contornam as articulações perverso-narcísicas: a sedução, a paradoxalidade e indução (p.96).

O movimento sedutor dessas personalidades tem a função de reforçar o narcisismo e mobilizar o desejo do outro de se vincular a uma figura tão cheia de sucesso em sua história. A *sedução*²¹ no presente contexto também foi descrita por Zimerman (2010) ao tratar do “amor tantalizante” (p. 61). Para o autor, os sujeitos sedutores são aqueles na experiência primária experimentaram seduções eróticas ou narcísicas de figuras parentais obsessivas e tirânicas – características da relação tantalizante e “em decorrência dessa sedução patogênica, a criança fica *sedenta*²² de amor e, é interessante assinalar, que também cabe na etimologia da palavra ‘sedução’ o fato de que *sed* em latim também significa ‘sede’.” (Zimerman, 2010, p.67).

A paradoxalidade, por sua vez, é o conceito proposto por Racamier (1993, cit. por Eiguier, 2014) para designar o comportamento cínico e manipulador de direcionar uma pessoa, evitando suscitar respostas conscientes hostis direcionadas ao sujeito que manipula. É um meio de induzir o seduzido ou a seduzida a agir do modo que o sedutor deseja, mas com um engano posto.

trata-se da utilização de mensagens opostas e insustentáveis do ponto de vista lógico (mensagens contraditórias), do tipo: “Você não precisa de um mestre, eu sou o único possível para você”. Ou então: “Não que eu queira isso, mas você tem de me escutar mais frequentemente”; “É por você que faço isso”. Embora sempre presente, a dimensão de obrigação, de coerção, está dissimulada por trás de uma mensagem cheia “de boas intenções”. (Eiguier 2014, p. 96)

Não é incomum que prática da paradoxalidade possa ser associada ao *gaslighting*²³ uma violência psicológica que objetiva enganar, confundir, trocar ou omitir alguma informação ao ponto de desorganizar a compreensão psíquica de alguém.

O Efeito Gaslight resulta do relacionamento entre duas pessoas: um gaslighter (aquele que pratica o gaslighting) que precisa estar certo no sentido de preservar o seu ego e o seu senso de ter poder no mundo; e o gaslightee (aquele que sofre o gaslighting), que permite que o gaslighter defina o seu senso de

²¹ Para o autor a provável etimologia da palavra deriva “de *sed* (quer dizer “sentado”, às vezes, num repouso tranquilo, e outras vezes, num estado de entorpecimento + *ducere* - conduzir).” Entretanto, há também outra formação etimológica, apontada pelo psicanalista, na qual “o prefixo latino se designa *sem* + *ducere* que alude a *dirigir a um rumo*, compõem a significação de que o sedutor induz o seduzido a perder o rumo, estagnado e aturdido.” (Zimerman, 2010, p. 65-66).

²² Os grifos em itálico neste trecho são do autor citado.

²³ Pronúncia: “guéslaitin”. De acordo com Cristina Pereira de Souza (2014, p. 10) esse nome deriva da peça teatral Gas Light de 1938, traduzida como “meia luz. A peça tratava da manipulação psicológica sistemática utilizada pelo personagem contra sua companheira. O nome “meia luz”, faz referência a um tipo de iluminação da época, em que a intensidade da luz era alterada por meio do gás. Era parte do jogo de manipulação do homem que atormentava a companheira, diminuindo e aumentando o gás e quando ela percebia a diferença de intensidade da luz, ele negava a mudança.

realidade, porque ela o idealiza e busca sua aprovação. Gaslighters e gaslighttes podem ser de ambos os gêneros, e o gaslighting pode acontecer em qualquer tipo de relacionamento. Mas eu vou me referir a Gaslighters como “ele” e a Gaslightees como “ela”, pois é o que mais tenho visto em minha prática. Eu vou explorar uma variedade de relacionamentos – com amigos, família, chefes, e colegas – mas o relacionamento romântico entre homem-mulher será meu maior foco (Stern, 2007, p.12, tradução livre de Souza, 2017, p. 12).

A ideias sobre a sujeição das mulheres conforme proposto por Harriet Taylor e publicado, postumamente, por seu esposo, John Stuart Mill (2006) e o conceito de dominação masculina (Bourdieu, 2017) apontam para o fato de que a vulnerabilidade, enquanto sujeição, é imposta ao gênero feminino, uma vez que os homens (ricos, brancos, cis e heteronormativos) ocupam o topo da cadeia dos privilégios e a palavra proferida por eles, na lógica patriarcal capitalista (Souza, 2016), facilmente se faz lei. Sendo assim, o *gaslighting* é uma violência praticada predominantemente por homens e contra mulheres, embora as crianças inseridas nessas relações também estejam sujeitas a serem violentadas deste modo.

Por fim, a indução exercida pelo narcisista perverso refere-se ao movimento fundamentado na identificação projetiva que suscita o apaixonamento do outro por meio daquilo que lhe falta, ou que supostamente lhe falta (Eiguer, 2014). Para a teoria lacaniana o amor e desejo são respostas distintas para a mesma questão existencial – a falta (Kuss, 2014).

Na função perversa-narcísica tocar a falta do outro é essencial, não apenas porque reforça o narcisismo do sujeito abusador, mas também porque mobiliza o amor ou o desejo desse outro. O narcisista perverso alimenta no outro, e em si, a fantasia de que detém e guarda aquilo que falta para a outra pessoa (Lacan, 1960/61/1992), ou seja, encena até onde pode, a possibilidade de oferecer uma completude inexistente para aquele que se apaixonou.

A convergência teórica mais consistente entre psicanalistas (Martins, 2009; Eiguer, 2014; Racamier, 1996/2022) sobre a perversão narcísica, é que essa constituição personalística necessita de uma relação para sua manutenção, para que a partir do outro seja retirada uma espécie de essência vital psíquica que sustenta o narcisista perverso.

Entretanto, nem toda função narcísica-perversa deriva de uma estrutura perversa. Mas toda perversidade decorre de um funcionamento perverso. Toda estrutura clínica contém subdivisões, a neurose, por exemplo, é dividida em histérica, fóbica e obsessiva, mas toda

pessoa neurótica independentemente do tipo de neurose estrutural, apresenta funcionamentos e comportamentos relacionados à todas essas ramificações.

Nesse sentido, a psicanalista contemporânea Nancy McWilliams (2014) diferencia estrutura de função, para esclarecer que a diversidade humana e multifatorial de comportamentos é também psíquica. Admite-se então que é possível que uma pessoa de estrutura neurótica apresente uma função psicótica, sem que isso signifique um surto ou o desencadeamento de um processo psicótico, como mencionado anteriormente no caso das superstições.

Essa correlação deve ser explicitada para que seja possível descrever a problemática da masculinidade hegemônica como constituição que se dá, e se mantém, por muitos aspectos narcisistas e perversos, mas que não necessariamente faz dos homens personalidades estruturalmente perversas e narcisistas. Há que se diferenciar a perversidade da lógica patriarcal da perversão enquanto estrutura clínica, e a fundamentação narcísica do falocentrismo do narcisismo patológico estrutural de um sujeito.

Embora o diagnóstico psicanalítico não se faça fora da clínica, e sem relação transferencial, o estudo psicanalítico de elementos culturais evidenciados pelo comportamento e pelo discurso da masculinidade hegemônica são absolutamente passíveis de serem lidos a partir das funções perversas e narcísicas. Contudo nessa via, a estrutura que produz o funcionamento em questão não é a de um único sujeito e sim do patriarcado. O sujeito, por sua vez, introjeta a função predominante designada aos seus iguais pela sociedade patriarcal independentemente de sua estrutura psíquica ser neurótica, psicótica ou perversa.

3.5 Subjetividades e trocas sintomáticas no relacionamento abusivo: algumas considerações

O sujeito faz do outro sua vítima restituindo o objeto que falta para desmentir que o Outro seja castrado, restituindo o gozo do Outro.
(Martinho, 2011, p. 139)

Toda relação heteronormativa protagonizada por um homem se estrutura a partir de um encadeamento significativo cultural que insere, inconscientemente, o comportamento abusivo na relação. Suas formas são percebidas, num olhar atento, pelas expressões de poder sobre as mulheres em comandos cotidianos, tais como, “minha mulher”, “a mulher de fulano”, “por que

você precisa se arrumar tanto pra ir trabalhar?”, “não tinha uma médica pra você ir?”, “você sabe que só faço isso porque quero seu bem, né?”, “pra que você precisa estudar tanto?”, dentre outras, tão recorrentes e espontâneas na sociedade. Afinal, mesmo na contemporaneidade, a mulher permanece sendo um “signo de poder e honra” que tem seu valor ajustado conforme a adequação estética da figura feminina (Zanello, 2018, p. 205).

Não existem dados quantitativos que possam medir com precisão o alcance e os resultados deletérios da violência silenciosa (Martins, 2009) que é, geralmente, o ponto de partida dos outros modos de violência em um relacionamento abusivo. Entretanto, a teoria psicanalítica possui um vasto conjunto de produções freudianas sobre a estruturação do ego (Freud, 1923/1976), do narcisismo (Freud, 1914/2010), da compulsão sintomática a repetição (Freud, 1914/2010); kleinianas sobre as relações objetais primárias e o desenvolvimento humano (Klein, 1921); winnicottianas acerca da relação entre a privação nos estágios primários e o comportamento delinquente na vida adulta (Winnicott, 2012); lacanianos sobre a agressividade (1948/1998); além das proposições teóricas sobre as configurações vinculares reformulada e apresentada por Zimmerman (2010) e do estudo de Martins (2009) sobre a violência silenciosa, dentre outras que contribuem para a compreensão da estrutura e funcionalidade dos afetos destrutivos que mobilizam e impulsionam o abuso nas relações românticas.

A violência imaterial, silenciosa e psicológica será trabalhada a partir das perspectivas fenomênicas e metapsicológicas, com composições de viés clínico. Neste estudo compreende-se como violência silenciosa toda e qualquer forma de domínio e poder exercido por um homem sobre uma mulher ou criança, que culmine em sofrimento psíquico e que estão além das marcas e/ou expressões físicas (Martins, 2009).

Tendo em vista que em toda relação, ambos parceiros estão implicados em tudo que nela é produzido, é possível admitir que aí surja o vínculo abusivo, afinal mais do que características psíquicas, existem dispositivos que estruturam isso: o amoroso e o materno para as mulheres (tudo em nome do amor e a dignidade pelo autossacrifício) e o da eficácia para os homens (virilidade, domínio e performance de poder, tanto no espaço privado, quanto público) (Zanello, 2018). Seria ingênuo, entretanto, supor ou acreditar que apenas inconscientes mobilizam os homens a manterem seu lugar de privilégio e dominação. A dominação masculina é conscientemente lucrativa em termos simbólicos, imaginários e concretos.

Do que pode ser apreendido das distintas produções teóricas sobre a temática é que existe uma figura dominante, um homem²⁴, na relação de abuso que exerce suas imposições de modo ativo e uma figura passiva, uma mulher²⁵, que sofre, mas não se percebe como subjugada e se mantém refém, de distintos modos (sedução, indução, imposição), nas práticas abusivas.

Segundo Martins (2009) a violência silenciosa (diferentemente da física) é velada porque não é assumida pelo seu autor. Ela é negada e denegada, de forma que, sutilmente, aquele que agride consegue inverter a relação culpabilizando sua vítima pela situação, ou por aquilo que fale ou faça. O autor refere-se a essa estrutura manipuladora como uma espécie de perversão.

[...] reconhecer a existência de um quadro sintomático em que nem a agressão nem a vitimização se dão, propriamente, ou prioritariamente, por prazer ou por gozo, como veremos. Ou ainda, pelo fato de que nesse caso de perversão não é cabível atribuir uma responsabilidade à vítima pela agressão por vias indiretas e complexas. (Martins, 2009, p.39)

O levantamento bibliográfico apontou para a existência de algumas funções psíquicas que podem ser identificadas como presentes no comportamento violento de homens, inclusive daqueles que compõem a masculinidade hegemônica brasileira. A origem dessas funções se localizaria nas vivências precoces destes homens e estariam associadas à

experiências primárias pouco empáticas, de cuidado inadequado e, até mesmo, associadas às vivências de violência com as figuras cuidadoras, gerando representações patológicas de si e dos demais (Zosky, 1999). (Nardi & Benetti, 2012, p.54)

Na mesma direção Winnicott (1971/2012) afirmou que o comportamento agressivo e o desrespeito/desprezo, pelas normas sociais, as quais possibilitam uma convivência saudável, podem ser uma expressão das faltas a que o indivíduo foi submetido em estágios iniciais de seu desenvolvimento e a tentativa de suprir ou evitar o contato com essas carências pode produzir uma conduta permeada por problemas e disfunções.

Em complemento, a teoria winnicottiana, segundo Martins (2009) propõe que a dinâmica do relacionamento abusivo se formularia por meio do ódio do agressor ao objeto original faltante (a mãe) e pelo sentimento de que este falhou. Quando adulto, a marca desta

²⁴ Grifo da autora deste trabalho.

²⁵ Grifo da autora deste trabalho.

falta/falha é atualizada nas manifestações afetivas de impossibilidade de sobreviveria sem seu (atual) objeto amado, a companheira, o qual passa a ser odiado de modo que seu ego não seja aniquilado.

A partir da Psicanálise kleiniana, a experiência do agressor, na dinâmica relacional, pode ser compreendida como regredida, ou seja, o homem manifesta uma necessidade de “monopolizar/sugar” a vitalidade da parceira – “você me serve”, “você é minha”, “você é tudo pra mim” - à semelhança do bebê na fase sádico-oral, na qual ele tem o desejo de devorar o seio, ou a própria presença materna (Klein, 1948).

Nesta direção, é possível admitir que comportamentos intrusivos que visam ordenar, intimidar e controlar a companheira, mencionados até em piadas cotidianas que os homens fazem com/sobre “suas mulheres,” refiram-se, não só aos desejos sádicos de destruição do objeto amoroso – a mãe – e à necessidade de fusão e domínio sobre este objeto, mas também ao temor do abandono, decorrente de suas fantasias inconscientes e persecutórias. Essa concepção é reforçada pelas palavras de Martins (2009)

[...] Algo sentido, na mente do agressor, como uma luta pela vida, pela sobrevivência psíquica, devido à dificuldade de separação de um objeto primário que fora vivido como particularmente intrusivo. O agressor quer se separar desse objeto que lhe fez mal, mas teme não sobreviver caso consiga efetivar essa separação. (p.40)

A partir dos estudos de Waddell (2017) é possível compreender que toda pessoa adulta é capaz de remontar, inconscientemente, ecos de experiências primárias traumáticas e responder a sentimentos infantis mesmo já não sendo uma criança. Ou seja, a vingança, os ciúmes, o sadismo, a experiência masoquista, o ódio e a ansiedade tomam proporções maiores ou menores de acordo com a possibilidade individual de resposta aos eventos psíquicos.

Se de uma perspectiva subjetiva é possível perceber que muitos aspectos que conformam o comportamento do abusador se localizam em momentos precoces de seu desenvolvimento, de uma perspectiva sociocultural, a conformação da masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013) não se distancia das experiências remotas. O ressentimento de renunciar ao poder de exercer controle e de (man)ter privilégios, apontam para uma recusa narcísica de reconhecer o Outro – principalmente as mulheres – como alguém que detém a própria individualidade e que não existe com a função de servi-lo e de suprir suas demandas.

Se podemos admitir que nas primeiras experiências dos bebês, na maioria das sociedades humanas, a leitura parental de suas genitálias produz um engessamento em padrões binários de gênero é também uma realidade que, dada a condição de absoluto desamparo, as crianças sejam cuidadas e acolhidas. No entanto, neste continuum de cuidados, algumas nuances se estabelecem. Meninos constroem imagens e simbolizam relações nas quais a mulher (figura materna) existe para servi-lo e amá-lo e o homem (imagem paterna) para ensiná-lo a ser viril. De outro modo, as meninas são conduzidas na construção de seu universo relacional a partir de um olhar admirado para o masculino (do pai protetor e guardião da honra, ao marido que ocupará o mesmo papel) e da “missão de servir” suas possíveis demandas. Seria ilógico imaginar que estes papéis de gênero, construídos por meio da experiência social e cultural reeditada em cada família, escapariam da repetição freudiana (Freud, 2014).

As vítimas, expostas aos contínuos assédios e às intermináveis demandas de seus abusadores, também buscam nessa forma sintomática de relacionamento, retomar e/ou reproduzir os modelos vinculares que internalizaram nas relações primárias com seus cuidadores.

De forma antagônica ao pensamento do senso comum, que suspeita que a vítima, num movimento masoquista “goste de apanhar”, a teoria psicanalítica contemporânea de Martins (2009) apontou que não há prazer ou necessidade no sofrimento da pessoa abusada, mas há a sensação de um engrandecimento egóico daquele que parece tudo suportar (agressões físicas, verbais, desmoralização e violência). Em resumo, torna-se vítima quem foi ensinado sobre a suposta nobreza de ser mártir das causas sem salvação.

Esta perspectiva psicanalítica vai de encontro à pedagogia de gênero proposta por Valeska Zanello (2018) que entende ser a complacência das mulheres estimulada pelo dispositivo amoroso, e mantida por meio do enaltecimento de seus esforços, para sobreviver aos abusos e sobrecargas impostos na relação imediata com seu parceiro. Quando o chamado à complacência falha, a culpa é mobilizada e o senso identitário se fragiliza, ou seja, se uma mulher falha em ser cuidadora, mãe, ou boa esposa para o marido, o que resta? Por fim, se nada funcionar, existe ainda o recurso do ódio endereçado a essas mulheres por toda a sociedade como forma de constrangimento e punição social pela recusa em corresponder ao papel de gênero designado ao feminino.

Assim como o homem autor de violência busca reviver e/ou tomar um amor primário para si, a abusada também busca ser amada. Além das construções sociais dos papéis de gênero, existem aspectos particulares na construção das subjetividades, vividos nas experiências precoces, que também estão presentes na vida das meninas/mulheres, os quais podem intensificar as articulações dessa engrenagem relacional. Admite-se que crianças que são ou se sentem rejeitadas pelos pais, de modo consistente, ou mesmo vivenciam maus tratos sob uma suposta expressão de amor, e internalizam essa aprendizagem afetiva, se tornam adultos sedentos de afeto. Não é incomum que mulher envolvidas em relacionamentos abusivos revivam, no distanciamento afetivo do abusador, a manipulação sofrida na infância pela ameaça implícita de perder o amor de suas figuras parentais, ou ainda, que possam experimentar a sedução na relação com seus parceiros agressores, e atuarem como vítimas seduzidas, num jogo que remonta a dinâmica afetiva de pais sedutores (Zimerman, 2010).

Diante da angústia de um casal envolvido numa relação psicopatológica e sintomática, têm-se pessoas adultas num movimento relacional cíclico de produção de angústias, mas o que deve ser percebido psicanaliticamente para a composição de conteúdos científicos e clínicos, é o local de fala que a demanda do sujeito contém, de modo não manifesto. Por vezes, o sintoma do relacionamento abusivo se estrutura a partir de duas crianças interiores que, entre si, respondem às figuras parentais internalizadas e projetadas no parceiro/parceira atual e aos traumas e afetos destrutivos experimentados no início do desenvolvimento. Entende-se que a perspectiva de gênero é indissociável desta experiência relacional.

Deste modo, admite-se que as experiências infantis, tanto as subjetivas quanto as socioculturais, reeditadas na vida adulta na dinâmica relacional do homem abusador com sua parceira, podem ser potencializadas pelas funções perverso-narcísicas da masculinidade hegemônica podem engendrar. Seja na manifestação de um comportamento presunçoso, no qual o homem se coloca como sendo tudo que a mulher precisa, seja na explicação complacente e redundante²⁶ que a humilha ou na interrupção repetitiva do discurso de uma mulher²⁷ produzindo seu silenciamento, os homens não supõem o próprio saber, eles o incorporam com a arrogância de quem “já está convencido de saber a verdade sobre o gozo” (Coutinho *et. al.* 2004, p.20).

²⁶ Mansplaining (Barros & Busanello, 2019).

²⁷ Maninterrupted (Barros & Busanello, 2019).

Capítulo 4: Psicanálise e Crimes Violentos: gozo, fantasma e o Caso Henry Borel

4.1 Criminologia psicanalítica e sua relação com o Gozo

Nem o crime nem o criminoso são objetos que se possam conceber fora de sua referência sociológica (Lacan, 1998, p. 128).

Para tratar de questões relacionais, e o crime é sempre uma via relacional, Lacan (1998) aponta o Estádio do Espelho como componente fundante da consolidação da agressividade manifesta, uma vez que é este o momento especular, anterior à fala em que:

A criança bate e diz que bateram nela, a que vê cair, chora. Do mesmo modo, é numa identificação com o outro que ela vive toda a gama das reações de imponência e ostentação, cuja ambivalência estrutural suas condutas revelam com evidência, escravo identificado com déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor (p.116).

Esse é o aspecto estrutural do qual decorre a agressividade e a conformação de sua manifestação em relação ao eu e aos objetos. Trata-se de uma vinculação pela via do erotismo em que o sujeito é inclinado a uma espécie de fixação escopofílica primária que o “aliena em si mesmo” (Lacan, 1998, p. 116).

Nesse sentido, é possível observar que não só o desenvolvimento o contorno que dá sustentação e contenção à agressividade inscrita no psiquismo do sujeito. Sua origem refere-se à qualidade das experiências primitivas com as figuras parentais, mas também a um corpo que é parte de um todo social e que assim como as mães e pais, responde a esse ambiente.

Distintamente de Freud, Lacan (1948) postulou que a pulsão de morte não deriva de aspectos instintivos ou biológicos, e não é inerente à agressividade, mas se articula com a própria linguagem: “É a linguagem que faz do homem um animal desnaturado capaz de crueldade.” (Guillot, 2014, p. 2).

Para a teoria lacaniana todo sujeito é constituído também por agressividade, entretanto, o caráter mortífero da violência tem relação íntima não com a pulsão, mas com o real, com o que escapa ao simbólico, e a isso Lacan designou gozo, “o gozo está na coisa, enquanto que o desejo está do lado do Outro. O gozo não passa pelo Outro, não passa pela linguagem” (Queiroz, 2012, p. 858). Em síntese, o gozo é toda repetição não nomeada, que esteriliza a linguagem, e

que escapa na manifestação do ato. É aquilo que afasta o sujeito do próprio desejo (que é sempre inconsciente).

Enquanto para Freud (1914) o desejo é o anseio inconsciente de retorno a experiência original, para Lacan (1975-76/2007) é o movimento que nasce de uma perda irreparável e mobiliza o sujeito no sentido da busca pela reparação da falta estrutural. O objeto do desejo (objeto a), é um objeto perdido. Mas é possível encontrar significantes (articulações) que representam fluições metonímicas desse desejo objetal. Desejar é ser vivo e potente.

Nessa dinâmica o gozo é um obstáculo entre sujeito e desejo porque é uma espécie de desejo desviado, que saturou uma mesma posição, por meio do excesso, e perdeu a medida do apetite, ou seja, deixou de ser potência e tornou-se desespero.

Gozar, no sentido lacaniano, não é sentir prazer, mas escoar no real o que escapa a linguagem, significa buscar descontroladamente, pelos mesmos meios, a partir do mesmo lugar, uma forma de tamponar a falta humana.

Por que o sujeito goza com o crime ou com a violência? Porque trata-se de uma passagem ao ato – trata-se do conteúdo latente não simbolizado que se manifesta no real. O real lacaniano é tudo que excede a capacidade humana de simbolização, como por exemplo a morte. Rituais simbólicos são construídos sobre a morte e o morrer, para que esse momento pareça menos traumático, mas nada, nem ninguém ultrapassa esse limite porque a morte, assim como o real, é o impossível (Lacan, 1975-1976/2006).

Para tratar do gozo no ato de violentar e até matar Catarim e Molina (2015, s/p.) explicaram que

é o próprio gozo que o sujeito não conseguiu apalavrar que se põe em cena como a irrupção de algo que não se registra no simbólico e que ainda não foi elaborado. Precisamos dizer que a violência é a falta de palavra por excelência e que quem deve se responsabilizar por seu gozo é o próprio sujeito. Aí está a ética da psicanálise.

A teoria lacaniana admite como possível a leitura da compulsão à repetição como própria à pulsão de morte, entretanto, é crítica à ideia de embasamento darwinista de que há um caráter biológico que produz esse movimento. (Guillot, 2014).

O gozo traz em si ramificações que se fundem de modo inconsciente à cultura masculina hegemônica, são elas: a função desobjetalizante e o apoderamento. Brühlhart-Donoso (2011) explicitou a função desobjetalizante a partir da teoria de André Green, como um modo do

sujeito tomar o outro como um objeto, desconsiderando sua integridade. Para a masculinidade hegemônica a mulher é um objeto destituído de integridade, tido como uma extensão ou um adendo de um homem, um papel de gênero a ser desempenhado em função da servilidade aos homens, ou ainda como fragmentos ameaçadores e ofensivos às masculinidades.

Segundo Badinter (1992), Welze-rlang (2001, 2008) e Kimmel (1998, 2009, 2016), importantes teóricos desse campo, a masculinidade se constrói no negativo e no imperativo: “Seja Homem!” é entendido como “Não seja uma mulherzinha!”. É comum entre os homens que se considere como pior xingamento a ser dado ou recebido o “viadinho!” (ZANELLO; GOMES, 2010). Trata-se, como já tive a chance de apontar em outra pesquisa (ZANELLO, 2018), de uma aparente homofobia, mas que esconde em seu fulcro uma misoginia. Ou seja, há uma verdadeira pedagogia afetiva que ensina aos meninos que, para ser homem, há que se repudiar as mulheres e as características femininas. (Zanello, 2020, p. 81).

Sendo o masculino o gênero neutro (Bourdieu, 2017) existem os homens e os não-homens. A segunda categoria comporta mulheres, travestis, pessoas não binárias, crianças e homens pretos e/ou não heteronormativos. Deste modo, é necessário ressaltar que a função desobjetalizante pode ser direcionada a qualquer pessoa desses grupos, seja por misoginia, homofobia, transfobia ou racismo. Um objeto não reconhecido (tido como não masculino), aos olhos da masculinidade hegemônica, é facilmente passível de apoderamento.

Para Brülhart-Donoso (2011) a pulsão de apoderamento decorre da crueldade que em seu estado original não se dá, propriamente, pela intenção de produzir sofrimento, mas é o resultado de uma equação entre a intenção narcísica (inconsciente) – mobilizadora do anseio de predação objetal – e a vivência de um outro sujeito que possa aparecer em meio à esta demanda destrutiva.

É interessante que essa dinâmica seja vista frequentemente em relações heteronormativas com homens predando e subjugando mulheres e suas crianças. O cálculo é lógico e evidenciado pela literatura científica “trata-se de um *script* (assim como há um roteiro a ser encenado no teatro) construído histórica e socialmente, que aponta, sobretudo em sociedades sexistas, como performar/agir enquanto homem ou mulher.” (Zanello, 2020, p. 81)

Entretanto a lógica do crime não é, necessariamente, derivada de uma estrutura psicológica, embora possa ser profundamente mobilizada e agravada por aspectos estruturais e reeditada, e nem sempre vinculada à estrutura, por aspectos funcionais. O crime sob a autoria de uma masculinidade hegemônica não deriva de outra grande engrenagem, senão da própria

ordem patriarcal. Na Casa dos Homens (Welzer-Lang, 2001), tudo que for dirigido ao não-homem, para reforçar o apagamento desta pessoa assujeitada, ou para gozar sobre ela, não só é permitido como é incentivado. Não é possível atribuir a uma estrutura psíquica apenas a causa compensatória de um crime quando ele é legitimado enquanto função numa sociedade feita de homens para homens.

4.2 O assassinato do objeto dá vida ao fantasma

É certo que se a destrutividade não fosse inerente ao desejo humano, não haveria necessidade de limitar, interditar, proibir ou sequer convocar o amor ao próximo por meio de leis universais ou derivações mitológicas de uma entidade superior punitiva (Arantes, 2013; Barbieri, 2019). Mas, no enlace entre desejo e ato, o que escapa à linguagem e se inscreve no assassinato é o gozo – desmedido, impetuoso e impactante – que desarticulado do discurso fura o real e embaraça o criminoso em sua passagem ao ato.

A ferocidade do homem em relação a seu semelhante ultrapassa tudo o que podem fazer os animais [...] Mas essa própria crueldade implica a humanidade. É um semelhante que ela visa, mesmo num ser de outra espécie. Nenhuma experiência sondou mais que a do analista, na vivência, a equivalência de que nos adverte o patético apelo do Amor — é a ti mesmo que atinges — e a gélida dedução do Espírito: é na luta mortal de puro prestígio que o homem se faz reconhecer pelo homem. (Lacan, 1998, p.148-149).

No presente contexto, da masculinidade hegemônica em ambiente intrafamiliar, a passagem ao ato pode incorrer em manifestações diversas, entretanto, não decorre senão do primeiro direito dado ao homem, e à representação paterna, da legitimação de sua impulsividade e agressividade como um exercício de poder possível frente às mulheres e crianças – que, por extensão, são tomadas como objetos de sua propriedade privada.

A passagem ao ato não é restrita às personalidades psicóticas como pode parecer pela quantidade de estudos de caso acerca dessa associação e consiste na identificação inconsciente do sujeito com o objeto de gozo (Stähelin, 2007).

É possível pensar a passagem ao ato como uma derivação funcional – de função – independentemente da estrutura psíquica de quem atua, e compreendê-la enquanto uma ordem do mandatário mais perigoso do Supereu: o Id. Na impossibilidade de consumir a si, o homicida busca dominar o que tem de seu no Outro, no objeto com o qual estabelece a identificação e

sobre o qual exerce a inveja potente e primitiva do Outro primordial, e se defende da aniquilação temida-desejada.

Nas palavras de Gerez-Albertín (2003, p. 258) pode-se dizer que

O real do pai retorna em sua dimensão de gozo tanto na neurose como na perversão. Mas, ao passo que em seu fantasma o neurótico transforma o objeto em demanda ao Outro, em demanda de amor, e alude a um gozo impossível - salvo na dessubjetivação da passagem ao ato - o perverso, em seu fantasma, apela ao objeto procurando impor o gozo ao Outro por meio da vontade de gozo, mesmo quando este último encontra seus limites. Desse modo, no que concerne ao fantasma, o perverso explora os limites do prazer para além do neurótico, mas sem chegar a perder tais limites. Apenas o fantasma perverso do neurótico consegue obter um amais-de-gozo daquele suposto extravio, imaginando um gozo ilimitado do lado do perverso. Esse cenário que se apóia no fetiche pode, entretanto, se desvanecer e abrir a possibilidade de uma passagem ao ato, verdadeira queda para além do Outro, onde é factível o suicídio de um perverso.

No caso do homicídio é possível pensá-lo como um negativo do suicídio, ou uma espécie de suicídio às avessas: assassinar o outro e no Outro, o insuportável em si. Se para a psicopatia enquanto categoria psiquiátrica, o assassinato pode ser, eventualmente, um fim pensado, trabalhado ou até imposto selvagememente pelo sadismo, na função perversa e narcísica o homicídio não é um fim desejado conscientemente, uma vez que para matar o objeto, o narcisista perverso, ou o sujeito com esse modo de funcionamento, precisaria se deparar com a morte e por consequência, com o que mais evita e recusa: um limite.

A finitude da vida remeteria a pessoa de funcionamento perverso-narcísico à castração do Outro e, portanto, à própria. Matar seria para esse tipo de assassino a demarcação da separação entre o próprio eu e o objeto consumido. Matar não arranca a falta do assassino – mas a evidencia e exacerba. Na hipótese de um assassinato ser cometido por uma pessoa de funcionamento perverso narcísico poder-se-ia admitir, não propriamente uma passagem ao ato, mas um deslize ao ato, ou seja, perder a medida do desejo transformá-lo em gozo. Se não há limite simbólico para gozar porque a interdição é recusada perversamente (e temida narcisisticamente), recusa-se também o fato de que o objeto dominado pode acabar. Tomar o objeto de identificação como destituído de sua integridade é fazê-lo, imaginariamente, inanimado, mas quando a morte aparece – o objeto retoma a vida como uma espécie de fantasma.

Deste modo, é evidente a distinção entre um sujeito que mata perversamente e um sujeito que mata em decorrência de uma função perversa e narcísica porque quando esses homens precisam enfrentar diante da sociedade seus crimes, agem de formas explicitamente divergentes. O narcisista perverso vive um empobrecimento e um vazio psicológico conforme postulado por Brülhart-Donoso (2011)

Essa colocação vai ao encontro de Racamier e Ferraz, que também pensaram a incompletude emocional do perverso em seus vínculos. O aborrecimento, a monotonia desorganizam-no internamente, porque ele não pode entrar em contato com sua tristeza. No psicopata, o sentimento de marginalidade remete-o à ideia de dívida: a sociedade, a mãe, seja quem for, devem-lhe. Há, portanto, segundo esse autor, uma grande quantidade de agressão e reivindicação, pouco verbais e por meio de ameaças e chantagens. (p. 64)

Não se trata primária e simploriamente de uma encenação para convencer o outro de seu sofrimento, mas sim de evidenciar de modo intensificado o sofrimento real de sentir-se esvaziado de si. Se o crime é atuado e continuado a partir da ideia “tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (Lacan, 1988. p.780).

É diante da morte não intencional para a consciência, que essa ideia se traspõe e desloca o sujeito ao lugar de uma outra cena: o teu corpo morto me limita a mim e me esvazia da onipotência inflada pelo imaginário de que posso triunfar sobre os limites da vida.

O componente perverso enquanto função “é algo totalmente diferente de uma entidade clínica: ela é um certo modo de pensar. Um pensamento cuja essência demonstrativa decorre das relações do perverso com a fantasia e com a Lei. (André, 1995, p.311-312)”. Nesse sentido, matar o objeto que intermedia a manutenção da onipotência e do gozo é cair: a queda no real.

4.3 Caso Henry Borel

A descrição do Caso Borel aqui relatada deriva do material publicado por Paolla Serra (2021) que acompanhou a investigação desde a madrugada da morte de Henry até os tribunais.

“A professora Monique Medeiros da Costa e Silva entrou apressada na emergência pediátrica do Hospital Barra D’Or na madrugada de 08 de março de 2021. Carregava nos braços o filho, Henry Borel Medeiros de 4 anos e 10 meses.” (Serra, 2021, p.11)

Henry, de 1,15m de altura e 20 quilos, vestia pijama com camisa branca de manga comprida e calça azul-marinho com desenhos de cubos mágicos. Estava enrolado numa manta de microfibra lilás do quarto de hóspedes do apartamento 203, do bloco 1, do condomínio Majestic, no Cidade Jardim, também na Barra da Tijuca, onde morava com a mãe e Jairinho havia cerca de 60 dias. (Serra, 2021, p. 12)

Após estacionar o carro Jairo Souza Santos Júnior (padrasto) chegou ao saguão do hospital, se apresentou como médico e foi levado à sala em que Henry recebia atendimento de oito profissionais (Serra, 2021).

A médica plantonista Viviane dos Santos Rosa especializada em pediatria há 12 anos recebeu a notícia da entrada de uma criança em parada cardiorrespiratória e se juntou aos outros médicos que nesse momento já prestavam socorros ao garoto. (Serra, 2021)

Maria Cristina (médica pediatra) ao examinar o corpo de Henry o percebeu com a pele muito clara e com a temperatura baixa:

Ela percebeu equimoses na região toracoabdominal supra pubiana (embaixo da barriga e acima do pênis). Viu lesões com as mesmas características – circunferências roxas de cerca de um centímetro cada – no antebraço esquerdo, próximas ao punho, e nas duas coxas, na parte anterior e superior. Também chamou a atenção uma escoriação no rosto, na altura do nariz. (Serra, 2021, p.13)

Jairo e Monique relataram que encontraram a criança no quarto em que dormia, com as mãos e pés gelados e sem respirar, após escutarem um barulho vindo do dormitório. (Serra, 2021).

Viviane também observou a palidez azulada evidenciada em decorrência da oxigenação sanguínea insuficiente e auxiliadas pela equipe médica, de enfermeiros e de técnicos, as duas médicas iniciaram manobras de ressuscitação no peito de Henry:

As extremidades estavam muito frias e as pupilas, dilatadas. Henry não respirava e seu coração não batia; a médica sequer conseguiu contar seu pulso periférico, procedimento padrão nesse tipo de atendimento. Mesmo diante de uma morte tecnicamente confirmada, a equipe insistia no processo de reanimação, capaz de recuperar alguns pacientes em situação semelhante. Henry recebeu oxigênio. Os médicos usaram também o ambu, uma bola de ventilação manual. (Serra, 2021, p.13)

Sem obter respostas Maria Cristina ligou para Fabiana Barreto Goulart Déléage, médica pediatra há quase duas décadas, que estava de sobreaviso naquele dia. Em menos de dez minutos

Fabiana chegou ao local onde a equipe médica apostava na administração de seis ampolas de adrenalina. (Serra, 2021)

Durante esse período Monique ligou para Leniel Borel de Almeida Júnior, pai de Henry, e para sua mãe Rosângela Medeiros Costa e Silva para contar o que estava acontecendo. Jairo, por sua vez ligou para sua mãe Maria Manuela Fernandes Santos e sua irmã, Thalita Fernandes Santos. Em pouco tempo, o coronel reformado da Polícia Militar e ex-deputado estadual do Rio de Janeiro, Jairo Souza Santos, pai de Jairinho, chegou ao hospital. (Serra, 2021)

Henry foi submetido à primeira tentativa intubação por volta de 4h30 da manhã. Entretanto, neste momento as médicas perceberam:

Que o menino estava com a mandíbula rígida, característica do chamado trismo (dificuldade de abrir a boca devido à contração dos músculos da face). Embora não seja médica legista, Fabiana acreditava tratar-se de rigidez cadavérica, sinal reconhecível de morte causado por uma mudança bioquímica, que resulta no endurecimento dos músculos. (Serra, 2021, p. 15)

Jairinho questionou a equipe médica se não haveria um “procedimento cirúrgico que pudesse reverter aquela situação” e a médica ressaltou que a prioridade era ressuscitar a criança. (Serra, 2021, p. 15)

A criança não apresentava histórico de doenças e, de acordo com Monique e Jairo, não havia a possibilidade de Henry ter ingerido nenhuma substância mesmo que acidentalmente. Após esse diálogo com a equipe médica Jairo enviou uma mensagem via WhatsApp às 4h57 para Pablo dos Santos Meneses, vice-presidente de operações e relacionamento da Qualicorp e conselheiro do Instituto D’Or de Gestão de Saúde: “Amigo, assim que puder me liga” (Serra, 2021, p. 16).

Após inúmeras tentativas incessantes de reanimação da criança, o óbito foi declarado às 5h42 da manhã. A morte foi considerada suspeita, uma vez que não é comum que uma criança saudável chegue morta ao hospital e permaneça “sem resposta” (como consta no boletim de atendimento médico 0812800) sem qualquer causa plausível. A equipe médica decidiu que não liberariam o atestado de óbito e que o corpo deveria ser encaminhado ao Instituto Médico Legal (Serra, 2021, p. 16).

Após a notícia da morte de Henry, Jairo retomou as tentativas de contato com Pablo Meneses: com duas ligações feitas através do WhatsApp. Como o executivo não atendeu, o vereador escreveu às 6h57: “Amigo, me dê uma ligada”, “Coisa rápida” e “Preciso de um favor aqui no Barra D’Or” (Serra, 2021, p. 16)

Jairo realizou mais duas ligações sem sucesso para Pablo, mas obteve uma resposta às 7h17:

Pablo desculpou-se pela demora e perguntou do que ele precisava. “Aconteceu uma tragédia”, disse Jairinho, em tom calmo, sem demonstrar emoção. Relatou que seu enteado morrera e pediu que agilizassem a liberação do corpo e o atestado de óbito, sem a necessidade do encaminhamento ao IML. “A mãe dele está sofrendo muito”, justificou. (Serra, 2021, p. 17)

Pablo ligou ao hospital para obter mais informações sobre a situação e a solicitação de Jairo, mas teve por resposta o que constava no prontuário: “Criança hígida, apresentava algumas equimoses pelo corpo. Óbito sem causa definida. Pais separados. Pai deseja que leve o corpo ao IML. Padrasto é médico e quer que dê o atestado.” (Serra, 2021, p. 18)

Enquanto coletava essas informações Pablo recebeu novas mensagens de Jairo: “Agiliza ou agilizo o óbito? E a gente vira essa página hoje”, “Vê se alguém dá o atestado para a gente levar o corpinho. Virar essa página!”. Entretanto Pablo negou o pedido de Jairo, repassando a ele as informações que obtivera da equipe médica. Jairo insistiu “Tem certeza que não tem mesmo nenhum jeito? Se não tem jeito vamos fazer o que tiver que ser feito”, “Amigo, a mãe que pediu. Mas vamos fazer o que tiver que ser feito.” Posteriormente, Jairo ainda ligou quatro vezes para Pablo, sem ser atendido, conforme os registros telefônicos (Serra, 2021, p.19).

Após o aceite do pai de Henry para o encaminhamento do corpo ao IML, a assistente social do hospital orientou Leniel a registrar o caso na 16 Delegacia de Polícia da Barra da Tijuca. Enquanto isso, Jairo deixou o hospital sem que Leniel ou Monique percebessem. Quando Monique percebeu que o companheiro não estava lá escreveu para ele às 9h41 por WhatsApp “Onde você está?”, “Me liga”, escreveu a mãe de Henry. O namorado respondeu “Estava no posto aguardando você ir na DP”. (Serra, 2021, p. 19).

Na mesma manhã Jairo contatou o governador Cláudio Castro e explicou que junto com a namorada havia encontrado Henry desacordado em casa e que levaram o garoto ao hospital. Após relatar os acontecimentos, o ex-deputado perguntou a Castro o que seria feito pelas autoridades (Serra, 2021, p. 19).

No dia 8 de março às 11h06 Leniel, que havia sido o responsável pela documentação e pela parte burocrática dos cuidados com o corpo de Henry para a autópsia, deu seu depoimento na Delegacia. No decorrer de seu relato Leniel rememorou a fala do filho que havia reclamado a ele que Jairo o abraçava com muita força, de modo muito apertado. O pai do garoto contou que chegou a falar com o parlamentar e pediu que ele não fizesse mais esse movimento, Jairo

por sua vez, segundo o relato de Leniel, foi receptivo e não apresentou qualquer hostilidade em relação a essa solicitação. (Serra, 2021, p. 25)

O depoimento de Leniel terminou às 12h18 e 23 minutos depois, o delegado Henrique Damasceno encaminhou ao Instituto de Criminalística Carlos Éboli a requisição do chamado exame de local no apartamento de Jairinho e Monique. Entre os cinco pontos que os peritos deveriam responder estavam: “definir a natureza e as características do ambiente examinado”, identificar o número de pessoas que participaram do evento” e “descrever a dinâmica do mesmo”. Começava naquele momento a investigação sobre a morte do menino, cujo inquérito levaria 60 dias para ser concluído e enviado ao Ministério Público (Serra, 2021, p. 26).

No dia 12 de abril foram concluídos os laudos de perícia e Leonardo Tauil ficou responsável pelos exames de necropsia. O documento foi finalizado com 15 páginas e foi composto pelas respostas do perito às 16 questões sobre a causa e circunstância da morte de Henry Borel.

Os achados indicaram que o:

Laudo de Exame de Necropsia - do qual se extrai a MATERIALIDADE DELITIVA, uma vez que apontou que houve morte, decorrente de AÇÃO CONTUNDENTE, que causou HEMORRAGIA INTERNA e LACERAÇÃO HEPÁTICA. No mesmo Laudo também constam outras lesões extremamente significativas, a saber: “o abdome, que é plano, com múltiplas equimoses violáceas, assim como em dorso”; “infiltração parietal direita e occipital” (lesões na cabeça, portanto); “o encéfalo encontra-se edemaciado, com alargamento das circunvoluções e apagamento dos sulcos, ausência de infiltrações hemorrágicas”; “presença de grande quantidade de sangue em abdômen, de contusão renal à direita”; “presença de trauma com contusão pulmonar, principalmente à direita; os pulmões exibem páreas de contusão que, aos cortes, dão saída a líquido avermelhado espumoso”; “presença de hematoma retro aórtico”; “cavidade peritoneal contém sangue, presença de laceração hepática à direita e hemorragia retroperitoneal” (Relatório da Secretaria de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, 2021, p. 43)

O Instituto de Criminalística Carlos Éboli apontou que Henry foi vítima de homicídio:

Diante do fulcro dos exames realizados no local, através da reprodução simulada, das considerações médico-legais, análises dos artigos científicos, [...] os Peritos Criminais e Peritos Legistas constituíram elementos técnicos de convicção que descartam a possibilidade de um acidente doméstico (queda), visto que todas as lesões citadas anteriormente apresentavam características condizentes com aquelas produzidas mediante ação contundente violenta (homicídio). (Serra, 2021, 162-163)

A princípio o perito não encontrou sinais de maus-tratos crônicos e acreditou que os hematomas no corpo de Henry pudessem ser decorrentes da dinâmica de uma criança ativa. Descartou desnutrição, cicatrizes ou marcas e fraturas antigas pois não eram elementos

presentes. Nada tóxico, ou que pudesse ter sido ingerido e causado o óbito, foi encontrado no sangue de Henry. O perito relatou isso em seu laudo. Entretanto, assustou-se com o que encontrou ao abrir o cadáver: a laceração hepática era o ponto de concentração da violência à qual a criança havia sido submetida. (Serra, 2021)

No decorrer das investigações Jairo Santos Souza foi indiciado como autor principal do assassinato de Henry Borel e acusado por tortura e homicídio triplamente qualificado, além de outras denúncias. Jairo foi preso preventivamente no dia oito de abril, também sob suspeita de atrapalhar as investigações e ser o responsável, por ameaças às pessoas e testemunhas que mudaram seus depoimentos em favor do ex-parlamentar.

Entretanto, mesmo com a mudança no depoimento, algumas evidências não puderam ser apagadas, como as mensagens²⁸ trocadas entre a babá de Henry e Monique, nas quais Thayna relatou à mãe do garoto que o menino reclamou de dor no joelho e estava mancando. O garoto também reclamou à babá de dor na cabeça após passar meia hora no quarto com Jairo enquanto a porta estava fechada. A babá de Henry também escreve para Monique para dizer que: “Então, me contou que deu uma banda e chutou ele e que toda vez faz isso. Que fala que ele não pode contar. Que ele perturba a mãe dele. Que tem que obedecer a ele. Senão vai pegar ele.” (Serra, 2021, p. 145).

Após a grande repercussão do caso outras denúncias de violência intrafamiliar surgiram contra Jairo. Dentre elas a denúncia de Debora que manteve um relacionamento amoroso com Jairo, a qual relatou episódios de violência sofridos durante a união. Entretanto, Debora não foi a única, seu filho mais novo em 2015, alegou ter sido torturado por Jairo enquanto ela dormia e esse suposto crime foi descrito da seguinte forma:

O vereador colocou na boca do menino um papel, um pano e disse que ele não poderia engolir. Jairinho teria deitado o menino no sofá da sala e ficado em pé sobre ele, com o peso do seu corpo. A criança conseguiu escapar e tentou acordar a mãe no quarto, mas Debora acredita que estava dopada e ela disse ter visto um pó branco na taça em que havia bebido água e refrigerante na noite anterior. Jairinho foi atrás do menino e o levou ao estacionamento. Botou um saco plástico em sua cabeça e ficou dando voltas com o carro dentro do condomínio... (Serra, 2021, p. 94)

Posteriormente, o garoto chegou a passar por uma avaliação psicológica, porque não queria andar no carro do padrasto e, assim como Henry, vomitava sem causas orgânicas

²⁸ A troca de mensagens ocorreu no dia 12 de fevereiro de 2021, exatamente, 24 dias antes da morte de Henry Borel.

explicáveis diante de episódios que envolviam o Jairo. Nessa época a babá do filho de Débora relatou ter sabido de pelo menos quatro agressões, além de ter presenciado a criança mancar e apresentar roxos pelo corpo, além de choro, vômito, pesadelos e um comportamento introvertido que não era comum ao garoto (Serra, 2021). O filho de Débora foi ouvido pela polícia e relatou “sufocamento com sacos na cabeça, pisões na barriga e até fratura no fêmur.” (Serra, 2021, p. 95).

Natasha de Oliveira, também ex-companheira de Jairo, ao saber do caso decidiu prestar depoimento na noite de 23 de março e relatou as agressões que ela e a filha sofreram nas mãos do ex-vereador à época do relacionamento.

Depois dos depoimentos de mulheres que se relacionaram com Jairo, de crianças que também relataram ser acometidas pelas violências do ex-vereador, e que à época sentiam medo de denunciar, ou que até denunciaram, mas retiraram a queixa, muitos pontos semelhantes nas histórias relacionados à Jairo vieram à tona, como o hábito de mentir, manipular, ameaçar, trair, colocar medicações indutoras de sono nas bebidas das companheiras enquanto, supostamente, torturava e agredia os filhos delas (Serra, 2021).

Após um ano se recusando a prestar depoimento diante do Júri Jairo decidiu falar e fazer sua autodefesa diante das acusações do Caso Henry Borel. **Deste modo**, os dados utilizados para análise do presente trabalho derivam da transcrição integral do discurso de autodefesa do ex-vereador Jairo Souza Santos Junior, durante seu interrogatório ocorrido no dia 13 de junho de 2022 sobre o processo que tramita no II Tribunal do Júri do Estado do Rio de Janeiro. O processo nº 006XXXX-75.2021.8.19.0001 iniciado em 23 de março de 2021 aponta que:

o denunciado JAIRO SOUZA SANTOS JÚNIOR, com vontade livre e consciente, assumindo o risco de produzir o resultado morte, mediante ação contundente exercida contra a vítima Henry Borel Medeiros, então com 4 anos de idade, causou-lhe as lesões corporais descritas no laudo de exame de necropsia e Laudo de Exame Complementar, que, por sua natureza e sede, foram a causa única e eficiente de sua morte. Em relação ao acusado JAIRO SOUZA, o crime foi cometido por motivo torpe, eis que o denunciado, não se importando com a vida ou morte da vítima, para satisfazer seu sadismo, alegrava-se com a dor e desespero de uma criança de apenas 4 anos de idade. (p.58)

É diante desta principal acusação que Jairo Souza Santos Junior se defende com o discurso aqui tratado. A aplicação psicanalítica a essa apresentação discursiva (Rosa, 2004)

possui como característica fundamental, mais do que a concentração exclusiva no tema da masculinidade hegemônica ou da violência, mas remete à formulação de questões que possam colaborar na compreensão, especialmente no campo jurídico, das interações entre sujeito e sociedade, ou seja, como e se as trocas entre o meio social e o sujeito podem afetar e mobilizar a subjetividade de autores de crimes. Essa dinâmica entre social e individual, entende-se, é parcialmente explicitada na função discursiva daquele que fala.

Capítulo 5. Método

Toda pergunta ou proposta de pesquisa nasce de um desejo, e de uma consciência parcial que estrutura a linguagem proveniente de algum furo e como propõe Santos (2004) “o não sabido, o *Unbewusst*, o saber que falta constitui tanto o ponto de partida, o princípio motor, quanto o ponto de chegada. É desconfortável e arriscado” (p.10). Nesse sentido, a presente pesquisa é uma aposta no desconforto, no risco não do desconhecido, mas de que o conhecimento, ao se fazer presente, aumente o furo.

A formulação de hipóteses acerca de um tema específico, leva o pesquisador a buscar compreensão sobre uma determinada realidade, problematizando questões referentes a uma pergunta de pesquisa. Assim, o problema a ser solucionado torna-se o norteador do estudo, conduzindo a busca por respostas das questões relativas às demandas formuladas. Segundo Farias Filho *et. al.* (2019) citando Vergara (2013), o Problema de Pesquisa “trata-se de uma lacuna no conhecimento, uma questão pendente que será respondida por meio da pesquisa científica”, e o seu estudo deve ser baseado em dados analisados e interpretados que produzam rupturas e/ou ultrapassem as compreensões calcadas no senso comum.

Sendo assim, a pergunta norteadora da presente pesquisa se estabelece da seguinte forma: qual é a relação entre o comportamento masculino, na violência intrafamiliar, e a perversão-narcísica? A hipótese é de que a violência intrafamiliar e o homicídio infantil, praticados por um homem, no contexto da masculinidade hegemônica, são sintomas de uma função perversa e narcísica.

Nesse sentido, deve-se observar o recorte do objeto a ser pesquisado, as fases que compreendem a pesquisa, conforme aponta Goldenberg (2004, p. 72), a organização do tempo de trabalho, a análise da literatura disponível entre outros fatores, para que favoreçam o desenvolvimento da pesquisa, com o objetivo de responder ao questionamento apresentado.

Para Braga (2005, p. 288)

Só pesquisamos porque temos dúvidas a respeito de alguma questão do mundo. É lógico portanto que as dúvidas que temos (e que serão expressas no problema da pesquisa a realizar) devem comandar todo o trabalho de investigação – desde a busca das teorias e conceitos relevantes até a observação da realidade (coleta de dados), o tratamento desses dados e as conclusões ou inferências –, que correspondem ao conhecimento desenvolvido a partir do problema que nos moveu a investigar.

Assim sendo, verifica-se que a metodologia empregada segue de acordo com o tipo de pesquisa proposta pelo pesquisador, a mesma deve compreender os aspectos necessários para responder as formulações do Problema de Pesquisa. No presente trabalho a escolha da metodologia qualitativa se dá pela possibilidade dinâmica de identificação e análise da divisão de processos mínimos, por meio da compreensão de ações individuais e sociais e porque o esquadramento proposto por esta metodologia é uma espécie de desafio integrativo, criativo e intuitivo para o pesquisador, haja vista que, trata as unidades sob investigação como um todo (Martins, 2004).

Para Farias Filho *et. al.* (2018, p. 93),

a pesquisa pode ser caracterizada como metodológica e intervencionista, pois trata-se da construção de um instrumento de captura e manipulação da realidade, propondo um caminho procedimental a ser seguido pelo pesquisador, mediante interação ativa, com o objetivo de se identificar um Problema de Pesquisa.

Dessa forma, o Estudo de Caso foi designado como método elucidativo que possibilita a apreensão das particularidades e comportamentos de forma minuciosa em diferentes situações. Advindo das ciências médicas o Estudo de Caso permite conhecer, em profundidade, um único caso, uma análise intensa desse objeto, seja um indivíduo, uma família, uma instituição. Para Goldenberg (2004, p. 34-35) por meio de um “mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística.”

O estudo de caso é um método eficaz na apreensão das singularidades que podem responder ao problema de pesquisa. Nesta direção utiliza-se, para o desenvolvimento do método, a “análise incorporada” (Yin, 2009, cit. por Creswell, 2014) que consiste no estudo de um aspecto específico do caso – no presente estudo, o comportamento masculino violento no meio intrafamiliar.

Por se tratar se um estudo exploratório, os critérios de análise derivam de uma perspectiva interdisciplinar das Ciências Humanas com predomínio e enfoque da Teoria Psicanalítica pioneira e contemporânea.

5.1. Objetivos

Geral

- Analisar a existência de elementos de função perverso-narcísica, no discurso de um homem, decorrentes da constituição das masculinidades no Brasil, a partir de um recorte do caso público Henry Borel.

Específicos:

- Estabelecer conexões entre violência, masculinidade hegemônica e crime, a partir da teoria Psicanalítica.
- Oferecer recursos reflexivos a profissionais investidos na atuação clínica e/ou preventiva de comportamentos violentos no campo da Psicologia Jurídica.

5.2 Amostra

- Origem dos dados

O levantamento dos dados nesta pesquisa passou por diferentes etapas, a maioria delas durante a Pandemia da COVID 19, até que pudessem ser selecionados e organizados na amostra. Inicialmente foi realizada uma pesquisa em muitos sites de dados jornalístico-midiáticos relativos ao caso Henry Borell. Neste período foi utilizado o Crivo de Metanálise, proposto por Grijó et al. (2008) que avalia a confiabilidade das informações jornalístico midiáticas. No entanto, ao longo desses levantamentos, foram poucos os jornais que atingiram índices considerados medianos. Ao longo do levantamento foi possível descobrir a publicação do livro *Caso Henry – Morte anunciada* (2021) da advogada e jornalista Paolla Serra que acompanhou o caso desde o momento da internação até setembro de 2021. Optou-se então pela utilização do livro como fonte de referência dos dados sobre o crime tendo em vista que a autora tem não apenas a profissão de jornalista, como também de advogada e, após a leitura do livro, os dados, que são apresentados de forma criteriosa e convergem de modo consistente com o discurso apresentado pelo réu.

Em complementação, e como dados de extrema relevância para os objetivos da pesquisa, foram utilizados os achados do depoimento de autodefesa da sessão de instrução e julgamento de Jairo de Souza Santos Junior, transmitida ao vivo pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro em 13/06/2022.

- Organização da Amostra

- 1) Do livro consultado sobre o *Caso Henry Borel* foram utilizados os dados relacionados à descrição do crime propriamente dito, e que serviram de base para a construção do texto descritivo sobre os fatos no capítulo 4.
- 2) Da transmissão do depoimento de autodefesa Jairo de Souza Santos Junior, foram consultadas as oito horas de depoimento. A gravação foi transcrita na íntegra para seleção dos dados relacionados aos objetivos da pesquisa, os quais foram organizados em categorias de análise. O material completo da transcrição do depoimento é apresentado no Apêndice.

5.3 Critérios Éticos

A pesquisa documental aqui apresentada dispensa não só a apreciação do Comitê de Ética como a elaboração do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). De acordo com a Resolução 510/2016 da CONEP que trata de pesquisas na área de Ciências Humanas, em seu Artigo 1º, Parágrafo único, Inciso III dispõe que “Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: [...] III – pesquisa que utilize informações de domínio público” (Resolução 510/2016, p.2).

5.4 Procedimento

- Critério de apresentação dos dados

Após sucessivas leituras do material do depoimento do réu e livro as entrevistas, os dados foram organizados em categorias de análise. Tendo em vista o volume de informações obtidas, o critério estabelecido na elaboração das categorias e agrupamento dos dados foi sua estreita relação com os objetivos. Tendo em vista que

se trata de um caso público, os nomes das pessoas envolvidas aparecem tal qual apresentados no livro e nos depoimentos.

- Critério de análise dos dados

A análise foi conduzida considerando os seguintes critérios:

- 1- Masculinidade Hegemônica – abarca os aspectos implicados na constituição da masculinidade hegemônica como os Complexos Familiares, a dominação intrafamiliar sobre os não-homens, a virilidade e o verniz social.
- 2- Função Perverso Narcísica – trata do narcisismo e dos critérios psicanalíticos que indicam a manifestação discursiva e relacional da perversão narcísica.
- 3- Crime e Psicanálise – Este critério abrange os aspectos dinâmicos que, para a teoria psicanalítica, explicam a relação humana inconsciente com o crime. Os atos falhos e os lapsos diante do tema da violência e do crime são manifestações inconscientes que se apresentam no discurso analisado.

5.5 Categorias de análise;

- 1- Masculinidade hegemônica e virilidade: os homens podem ficar sem casa.*
- 2- A lógica do impossível: o crime não existe, e Deus sabe disso!*
- 3- Entre ditos e contraditos: minha (in)consciência fala por mim?*

Capítulo 6. Apresentação dos resultados²⁹

1. Masculinidade hegemônica e virilidade: os homens podem ficar sem casa.

Esta categoria apresenta o agrupamento das características, derivadas do discurso de Jairo, que compõem o verniz social da masculinidade hegemônica como a urbanidade, o lugar do saber e da verdade, a dominação, a eficácia laborativa e a relação com a Lei – explicitada no discurso religioso – entretanto, são esses mesmos pontos que explicitam a excessiva autorreferência, o machismo, o racismo, o capacitismo, a presunção e o lugar de reivindicação masculina de manutenção dos privilégios. A categoria é apresentada em quatro subcategorias, a saber: 1.1 Urbanidade hegemônica: sou um homem de família; 1.2 O sujeito que supõe o saber; 1.3 A casa do homem: O pátrio poder os discursos hierárquicos sobre os não-homens; 1.4 Deus é pai, mas pai é Deus?

Urbanidade hegemônica: sou um homem de família

A urbanidade, entendida como a capacidade de ser cortês, afável e civilizado, apareceu como ponto de referência no discurso de Jairo que mencionou, algumas vezes, em seu discurso, as diferenças que marcam sua história, ou seja, ter sido criado para ser um homem de família, trabalhador, solidário e que se empenha em fazer com que estas qualidades estejam presentes em seus atos. Uma pessoa que tem verniz social.

[...] eu sempre fui um cara que trabalha de domingo a domingo... (Jairo).

[...] e quando eu presto solidariedade, eu presto solidariedade a todo mundo tá? É a minha vida pessoal, Doutora, a minha vida particular, e por onde eu trabalhei, é... eu sempre fui marcado por muita urbanidade. Sempre fui marcado por muita conversa, com muito

²⁹ Ressalta-se que todas as falas apresentadas neste capítulo foram reproduzidas literalmente, como foram expressas, por Jairo de Souza Santos Junior, durante seu depoimento. Em algumas passagens nas quais algumas repetições foram feitas de modo demasiado num mesmo trecho, optou-se por uma supressão para favorecer a leitura.

diálogo, para que as pessoas pudessem é... é... entrar em conciliação. É isso que eu desejo. E se eu, durante quase 20 anos da minha vida, pratiquei lideranças de... do... de governo, diversas inclusive, diversas de governos antagônicos, no sentido de convergir para que as pessoas... é... é... produ... pudessem produzir o seu trabalho com maior urbanidade possível... (Jairo).

[...] eu não sou uma pessoa afeita a brigas, uma pessoa afeita a afrontas, uma pessoa afeita a alguma coisa que não seja voltado pra me defender e que seja da maior urbanidade possível, só isso (Jairo).

[...] Então a minha família sempre foi uma família pautada em cima de amor, de urbanidade, de... eu não lembro nunca na vida de... de ver o meu pai entrando em casa brigando com alguém, brigando com a minha mãe, não lembro do meu pai entrando em casa, sequer brigando... (Jairo).

[...] A minha família é uma família é... pautada em cima do amor em cima da... da... do entendimento, eu nunca apanhei do meu pai, da minha mãe. Nunca dei motivo também, mas eu nunca apanhei do meu pai, da minha mãe. Eu sempre procurei fazer aquilo que era certo, correto (Jairo).

[...] Porque assim, a minha mãe sempre foi a minha... a minha mãe é muito sábia, minha mãe é muito sábia. Apesar do meu pai ocupar muito espaço dentro da nossa casa [...], mas a minha relação é muito próxima da minha mãe (Jairo).

Jairo também relatou que, em sua urbanidade, desconhecia o ambiente de uma delegacia e que se sentiu perdido por isso:

[...] É... eu... quando você, quando você cai dentro de um lugar daquele você fica muito perdido, né? Porque eu... eu nunca coloquei meus pés dentro de uma delegacia, Doutora, eu não sei, não sei, não... não... eu não sabia nem como é uma delegacia. Não sabia nem como era uma delegacia, eu nunca vi uma delegacia, eu nunca tinha, apesar de ter amigos policiais

e até delegado, detetive, PM, enfim, eu nunca coloquei o meu pé dentro da delegacia. Nunca fui numa delegacia, nunca tinha nem entrado na delegacia (Jairo).

Na confirmação de sua urbanidade, em sua defesa, Jairo fez referência à aceitação político-social expressa em seu eleitorado e ao seu altruísmo:

[...] Doutora, é... eu tive cinco mandatos consecutivos, porque eu sempre tentei me colocar no lugar das pessoas. Entendeu? Eu sempre tentei, eu sempre tentei me colocar no lugar das pessoas. Eu tentei... é... fazer com que... que a pessoa que... que... que eu fosse me relacionar, eu fosse falar, tivesse... tivesse... fosse tratada da maneira que eu gostaria de ser tratado. Eu sei que é difícil de acreditar (Jairo).

O sujeito que supõe o saber

Jairo, em sua defesa, relatou que em sua vida, fez sacrifícios para conquistar seus desejos e chegar aonde chegou. Chegar a ocupar o lugar que ocupa, e conhecer o que conhece, se deu numa trajetória, na qual ele soube lidar com as dificuldades. Segundo ele, teve a vida de dificuldades de quem residia num subúrbio, mas que soube transformar uma oportunidade em possibilidade de ascensão social:

[...] Eu fiquei dois anos dentro de casa, eu não saía nem final de semana, pra poder fazer o vestibular pra medicina, porque nós que moramos no subúrbio, a gente tem muita dificuldade de ascender (Jairo).

[...] e eu tinha na cabeça que se eu não focasse a minha vida nos estudos, apesar de ter estudado no colégio que é um colégio do subúrbio, colégio Pentágono, eu fiquei nos primeiros lugares da... do... do... do colégio e isso me permitiu ir pra turma especial do colégio e nessa turma especial do colégio nós estudávamos de segunda a sábado e domingo era simulado. Eu passei pro vestibular de medicina em segundo lugar. É... então as coisas na minha vida sempre foi... sempre foram feitas com muito sacrifício (Jairo).

Na continuidade de sua defesa, Jairo decidiu pontuar de que lugar ele fala e retomou várias vezes o fato de ser um médico, mesmo sem exercer a profissão. Um lugar que é socialmente legitimado como um lugar de poder e que costuma reforçar a credibilidade de cidadãos que a possuem certamente pela vinculação dessa profissão à proteção da vida.

[...] eu sou um cientista, todo médico é um cientista... [...] eu sou médico, apesar de muitos anos sem exercer... [...] Eu curei o meu filho de uma doença cognitiva neurológica e que ele dormia comigo colado comigo... (Jairo).

[...] Então, quem que seria capaz de fazer mal a uma criança? Quem é o ser humano capaz de fazer mal a uma criança? Existe? Existe. Eu sou médico e já vi acontecer diversas, diversas vezes. Mas esse não é o meu perfil, isso não cabe, essa roupa não me cabe (Jairo).

[...] E aconteceu tudo na minha vida e quando eu dei por mim, apesar de não, da minha vivência médica ter sido, já trabalhei inclusive no Quinta Dor, já no hospital Adão Pereira Nunes, que é o hospital de Saracuruna, aqui na... na beira da na Washington Luiz, minha experiência ser pouca, eu sou médico de formação (Jairo).

[...] E sou muito chato, chego no hospital, como sou médico, fico perturbando os médicos pra poderem fazer o atendimento da forma adequada (Jairo).

[...] E aí, quando aconteceu isso, eu tô indo de carro dentro do túnel, túnel Santa Bárbara, quando o trânsito fechou me deu síndrome do pânico. A minha vontade era de soltar do carro e sair correndo. Aí eu, como médico, falei assim: Jairinho, você tá com síndrome do pânico, calma que isso vai passar (Jairo).

[...] a gente, socorrendo o filho, eu ali e como médico, na responsabilidade. E como é... é... padraсто para poder socorrer também (Jairo).

[...] Eu fui acusado como médico de não prestação de socorro. Quando você vê uma criança passando mal e você tem um hospital a cinco minutos da sua porta, eu acho que é

muito mais viável você levar essa criança ao hospital, do que você socorrer ela dentro de casa. E ainda mais uma criança que na minha opinião naquele momento havia engolido alguma coisa e que eu não ia conseguir naquela hora ali é... a socorrer de maneira adequada, haja visto que passava bastante tempo que eu não exerço a medicina, né? (Jairo).

[...]Não tô culpando ninguém, porque sobretudo como médico, eu sei que o plantão de domingo pra segunda é um plantão extremamente, vazio (Jairo).

[...] porque eu fiquei na beira do leito, eu falei pra elas na hora, eu sou médico... [...] eu preciso... eu... eu... eu... preciso me... me ajudar porque eu sou médico, eu sei o que que é (Jairo).

[...] Então por isso que eu pedi pelo amor de Deus à senhora pelo que... que... eu devia estar fazendo minha defesa. Eu como médico, solto, eu com certeza eu esclareceria muita coisa. Muita coisa (Jairo).

Em seu discurso Jairo enfatizou sua perspectiva de que sua acusação é equivocada e que ela decorreu da ausência de um olhar médico sobre os fatos. Sugeriu que existiria neste sentido, uma parcialidade ou impossibilidade de advogados poderem encontrar mais evidências do que um médico. Para ele:

[...] Meu problema é um problema médico. Eu tinha isso, mas eu... eu tinha essa convicção no meu coração. E foi quando eu falei pro... foi quando eu falei pra... pra Dra. Flávia, acho que foi a Dra. Flávia que foi me visitar essa vez. Quando ela foi me visitar eu falei isso pra ela, eu falei: olha, eu quero pagar um médico. Que eu falei pro Dr. Luiz também. Quero pagar um advogado de 10.000 reais 5.000 reais e contratar médico. Só quem vai me tirar disso é médico. Só quem vai saber resolver esse problema é médico. Isso é um problema técnico, é médico (Jairo).

No entanto, em seu longo discurso é possível localizar contradições quanto a que, ou quem, poderia apresentar uma compreensão mais clara de sua inocência já que, para ele, ela

não decorreria de médicos, pois se trata de uma situação de lógica. Uma lógica que está em seu discurso. Nos trechos seguintes ele convocou a juíza Elizabeth a se imaginar no interior da situação que ele alegou ter vivido:

[...] Então eu preciso fazer aqui com a senhora [a juíza] um exercício de lógica, um exercício que...que... que não precisa ser formado em direito, eu não preciso de advogado, eu não preciso de médico, eu não preciso ser jornalista. Eu preciso só fazer um exercício de lógica. Nós entramos é... coloca a senhora no meu lugar, e no lugar da Monique. Colocar o doutor Fábio no meu lugar e colocar a senhora no lugar da Monique. Vocês entram no hospital com uma criança passando mal. Dr. Fábio entra com uma criança passando mal no hospital, do porte do Barra D'Or. Dra. Elizabeth entra com uma criança passando mal no hospital do porte do Barra D'Or, com uma criança passando mal. Caso essa criança tivesse algum sinal de agressão, algum sinal de violência, isso não seria visto prontamente? Óbvio que sim. Há um protocolo disso desde 2005, que a criança chega com um risquinho na... no... no... supercílio o médico começa a fazer pergunta pra você que não acaba mais (Jairo).

Posteriormente, porém, Jairo retomou a lógica anterior, relativa à necessidade de apoio de profissionais da Medicina para retirá-lo da posição de acusado:

[...] Porque, Excelência, eu não vou falar aqui com a Senhora de medicina, eu vou falar de lógica, eu falo desde o primeiro dia que eu fui preso, eu falei para Dr Fábio, paga um advogado de dez mil reais e contrata médico. Quem vai me tirar daqui é médico (Jairo).

A casa do homem: O pátrio poder os discursos hierárquicos sobre os não-homens

Em seu discurso, Jairo deu destaque à forma como conduziu o que, para ele, se constituía numa espécie de dever, como pai e, talvez, como padrasto. Ressalta-se, no entanto, que em suas afirmações sobre a condução sobre seu pátrio poder³⁰, pareceu desconhecer o fato do termo

³⁰ O termo atualizado é Poder Familiar, conforme o Código Civil (Diniz, 2012)

estar em desuso desde 2002, pelo seu cunho sexista e que faz referência a um poder paterno, exclusivo, sobre a casa e a família³¹:

[...] Eu tive sobre o meu pátrio poder, excelência, centenas de crianças, já dormiram na minha casa dezenas e dezenas de crianças, doutor Fábio, dezenas e dezenas de crianças. E nunca, nunca tive nenhum problema! (Jairo).

O acusado fez referência ainda, ao seu sentimento de indignação, e de seu incômodo, pela seletividade da busca e da investigação judicial empreendida contra ele. Ele fez indicações de que as crianças que estiveram sob sua *batuta*, até mesmo algumas que podem ser apontadas como mais vulneráveis, deveriam ter sido ouvidas no processo:

[...] Mas a minha indignação, é ter colocado e posto ao delegado que estava conduzindo aquela investigação, diversos outros episódios de crianças que tiveram comigo durante muito mais, durante o meu pátrio poder, que não tinha nenhuma, sequer nenhum motivo para dizer qualquer coisa que eu pudesse ter feito. E eu... e essa busca e essa seletividade me incomodou (Jairo).

[...] Pedi pro delegado, Dr. Damasceno, entrevistar pessoas que estiveram sob o meu pátrio poder, que estiveram sob a minha batuta. Crianças menores que o Henry criança que, tipo que conviveram comigo (Jairo).

[...] e o que eu queria com a doutora Elizabeth é, por Vossa Excelência, que diversas outras pessoas que eu pedi pra ser ouvidas, que eu tive crianças sobre o meu pátrio poder, crianças inclusive, crianças, crianças mais vulneráveis é... absolutamente não foram ouvidas (Jairo).

³¹ De acordo com Rodrigues (2015) o "pátrio poder" caiu em desuso pela sua explícita inserção machista, uma vez que fazia referência ao poder do pai, o poder paterno, e assegurava a figura masculina, pai, marido que, em eventual conflito ou divergência de opiniões entre homem e mulher, quanto a esse exercício, prevaleceria a vontade paterna (art. 380, CC/1916).

Para ilustrar o que entende como sendo uma conduta adequada diante de crianças, Jairo ilustrou um exemplo de sua convivência com uma criança com Síndrome de Down que recebia em sua casa. Mencionou inclusive o fato de a menina afirmar que ele era seu “pai,” e dos ciúmes de sua filha nas ocasiões:

[...] Crianças que tiveram comigo e conviveram comigo, crianças com síndrome de... síndrome de Down, amiguinha da Maria Luiza, amiguinha da minha filha, a Ivy, a... a minha irmã, a minha esposa é amiga da ex-mulher do... do Romário. A Ivy tem Down, a Ivy dormia na minha casa pequena, e brincava com a minha filha falando assim: ele que é o meu pai! E a minha filha boba, mesmo não tendo Down, ficava com ciúme (Jairo).

Jairo enfatizou discursivamente, e mais de uma vez, como se percebe nas e pensa as suas relações diante da diversidade humana, como julga as pessoas distintas dele e sua resposta diante de quem necessita:

[...] Meu filho teve um problema de ordem cognitiva e nós identificamos isso quando ele tinha dois anos e meio de idade, dois anos de idade. [...] Esse meu segundo filho, com a ajuda da ciência, com a ajuda de Deus, ele hoje é uma criança perfeita. Meu jogador de futebol titular, com 9 anos de idade, do Paris Saint Germain, joga lá na escolinha de futebol. Ele grita pra poder tá perto de mim (Jairo).

[...] Essa minha secretária que infelizmente aos 42 anos teve um AVC e eu a qual eu ajudo até hoje. [...] ela tá inutilizada porque ela perdeu a função do lado direito todo, ela não fala direito, ela não anda direito, ela tá com 45 anos de idade desde que teve seu AVC, com 46 anos de idade completamente incapaz e sou eu que ajudo ela até hoje, né? (Jairo).

[...] eu tenho uma babá, eu tenho uma mãe, eu tenho uma mãe, eu tenho uma segunda mãe, eu tenho uma mãe, uma mãe com a pele mais escura. Por que que eu falo que eu tenho uma mãe com a pele mais escura? A Leda foi pra minha casa quando eu tinha dois, com dois meses de idade. Eu tô com... eu tô com 44. Ela foi que eu tinha dois meses de idade, a minha

irmã não era nascida. Dormia, Excelência, eu aqui nessa cama, minha irmã nessa cama, o guarda roupa, metade do guarda roupa meu, outra metade do guarda roupa da minha irmã e o guarda roupa do meio, era o guarda roupa da Leda. A Leda tá com a gente até hoje (Jairo).

Jairo pontuou ainda que Leda é a pessoa que mais o conhece e que acredita que ele sairá da prisão, no entanto, ela seria também, segundo ele, uma pessoa ingênua.

[...] A Leda não é... é... a minha babá. É minha segunda mãe. A Leda vai à igreja todo dia eu, a Leda vai à igreja todo dia. Ela falou assim: meu filho, você vai sair daí. Ela me conhece como ninguém, ela é minha segunda mãe, ela é a mãe que Deus me deu (Jairo).

[...] Eu tenho a sorte de ter duas mães. Eu tenho a mãe, que é minha genitora e tem uma mãe que me ajudou a me criar, e ela é uma pessoa desprovida de maldade. [...] a Leda não acredita na maldade, ela acredita em quem fala mentira, acredita em qualquer coisa (Jairo).

Jairo também falou de suas vivências intrafamiliares com duas de suas companheiras, e contou, especificamente como se deu sua relação com Monique Medeiros (mãe de Henry Borel). Verbalizou que acreditava que este relacionamento com Monique seria distinto dos demais, um relacionamento saudável, que ambos sentiriam ciúmes, um do outro, mas que isso seria natural:

[...] tive a oportunidade de conhecer Monique através do Instagram e me comuniquéi com ela, eu senti que eu podia ali começar do zero um relacionamento saudável. Começar do zero um relacionamento sem nenhuma intercorrência que... que... que... que eu tinha tido durante toda a minha vida, o qual aqui eu já falei pra Senhora, que não me orgulho de ter, de ter feito [fazendo referências a traições em outros relacionamentos], mas no momento que eu conheci a Monique, e teve até um dia que essa minha ex-namorada que eu ficava de 15 em 15 dias, chegou uma hora que concomitantemente eu estava com ela e junto com a Monique também. E a Monique descobriu ou a menina descobriu, eu liguei pra ela e falei assim: Ó, a partir de hoje eu estou num relacionamento e eu quero muito que dê certo (Jairo).

[...]E foi um momento de muita felicidade na minha vida, em que eu pude, em que eu me senti é... apaixonado por... por... Começamos um relacionamento apaixonado (Jairo).

[...] com a Monique, fazendo tudo um pelo outro é... é... ela disse aqui que, eu não sei se foi ela ou se foi o Leniel, que se separaram em outubro, mas enfim a Monique me disse quando me conheceu em agosto, que estava separada desde março e eu comecei um relacionamento com ela e todos os meus momentos com ela, com ela, foram muito felizes eu não tenho uma vírgula para falar da Monique como mãe e como mulher. Nada. Não tenho, não tenho se não pra falar com ela (Jairo).

[...] Tínhamos ciúmes um do outro? Sim! Aconteceu episódios de ciúme? Lógico que aconteceu. Inclusive eu vi a... a... a Monique aqui falando que pôs um, trocou... é... botou um localizador no, no meu telefone ou botei um localizador no telefone dela, ela, num determinado dia, pegou meu telefone que nós estávamos namorando e botou a localização dela no meu telefone. Eu não sei mexer muito bem em telefone, é... é... mexo no WhatsApp, mexo no... no... Instagram um pouquinho, mas é, basicamente, eu mexo WhatsApp. Ela colocou em determinado momento, ela colocou no meu e no dela pra nós sabermos onde que nós estávamos (Jairo).

Os ciúmes eram mútuos, porém o dele era algo esperado e óbvio uma vez que se tratava da mulher que ele entendia como sendo dele e pela qual poderia ter atitudes diferentes, inclusive indicar a ela comportamentos que preferia, ela tivesse:

[...] Eu tinha ciúme da Monique assim como ela tinha ciúme de mim e eu tinha localizador no telefone dela assim como ela tinha no meu. [...] Algo completamente normal, completamente natural. Se ela... se houve alguma forçação aqui de que tinha algum relacionamento abusivo isso daí não condiz com a realidade. [...] nós vivemos o... esses 6 meses de namoro, momentos muito felizes. Momento de ciúme, Excelência? com certeza. Eu era uma pessoa pública, o qual milhares e milhares de pessoas ligavam pra mim, milhares e milhares

de pessoas falavam comigo. Ela tinha ciúme disso, ela demonstrava o ciúme. Ela era uma pessoa muito firme (Jairo).

[...] Eu tinha ciúme dela, obviamente. A mulher que eu estava apaixonado, a mulher que... que... que eu resolvi é... é... assumir como minha mulher, como a minha namorada. [...] eu tinha ciúme dela [Monique] com... com algum homem que podia se aproximar, que era natural, tinha ciúme, claro, tentava demonstrar isso da melhor maneira possível [...] eu sempre respeitei a Monique, sempre tive Monique em alta consideração, [...] eu tinha tanto ciúme da Monique quanto ela tinha meu. Se eu reclamava que ela tinha algum é... personal trainer não reclamei, não [...] se eu conversei com ela de alguma vez de algum episódio de ciúme de alguma coisa? Com certeza. Que algum rapaz ligou pra ela e tudo mais [...] porque quando nós fomos morar junto, ela já não tinha mais esse personal trainer. Aí eu vou te dizer, porque de repente ela se confundiu. [Ele faz referência à fala dela no depoimento de que ele era ciumento e abusivo] [...] eu pedi a ela, eu não tenho vergonha nenhuma de falar isso[...] é o seguinte, Monique, se você puder, por que que cê não contrata uma personal mulher? Isso eu pedi. Isso é verdade (Jairo).

No entanto, Jairo em seu depoimento fez referência ao fato de ter sido alertado por outras pessoas sobre Monique. Ele relatou que na fala dos outros ela [Monique] é afirmada como uma menina, mas que para ele ela é uma supermulher, exemplar, e a dona da casa:

[...]Diversas e diversas pessoas que vieram, quando eu comecei a namorar Monique, falar comigo assim: ó, Jairinho, a Monique não é uma menina para ficar com você, cara, a menina que tá sendo muito assediada na academia, ela é a menina que vai fazer isso mesmo, vai fazer aquilo, coisa e tal. [...] E a Monique, comigo [...] com o Jairinho, foi uma mulher exemplar [...] tomava conta de tudo porque ela é assim [...] uma pessoa que [...] dá conta de casa, dá conta do filho dá conta de mim, dava conta de tudo pro lado positivo, não estou falando pejorativamente, não. Eu estou falando no caso de que ela é uma supermulher. De vez em quando quem trazia os remédios e dava na minha mão era ela. Eu pedia: amor, remédio. Quando ela já não trazia os remédios. Ela trazia. [...] Ela que comandava a casa, comandava as empregadas, comandava babá. Comandava tudo. Ela que era a dona da casa, pô! (Jairo).

Ao tratar da dinâmica familiar, Jairo mencionou seu respeito pelo enteado Henry e sua postura diante do menino, pois não queria que o pai de Henry pensasse qualquer coisa que ele não tivesse feito. Ao contrário, segundo ele suas ações tinham a finalidade de agradar o menino mesmo que pelo exagero, e também de ser carinhoso:

[...] Eu sou meio exagerado pra tudo e tudo que eu podia fazer ali pra poder... pro bom andamento daquela família, eu fazia. Ao ponto de querer agradar o Henry de todas as formas. Até no exagero [...] o meu relacionamento com o Henry não era de agressão, era relacionamento de carinho. Ele nunca se referiu a mim como uma pessoa agressiva [...] minha relação com Henry e ninguém conseguiu, conseguiu descrever qualquer tipo de conduta, é... duvidosa (Jairo).

Deus é pai, mas pai é Deus?

Continuando seu depoimento de defesa no âmbito das suas relações familiares, Jairo relatou aspectos de seu relacionamento com as antigas companheiras e suas vivências como pai. Contou sobre a chegada do seu primeiro filho, e sugeriu que ele teria vindo de uma relação passageira, não por isso menos amorosa e falou sobre as semelhanças atuais entre eles.

[...] Então, eu tive com a Fernanda meu primeiro filho, Luiz Fernando, e tive com a Ana Carolina meus dois filhos, o Jairo Neto e a Maria Luíza [...] e não tem nenhum episódio da minha vida que eu possa ensejar qualquer tipo de violência. Eu, Excelência, conheci a... é... a mãe do meu primeiro filho há mais de 30 anos atrás. Ela foi minha primeira namorada. E eu tive o Luiz Fernando por acidente, eu tive o Luiz Fernando por acidente, o Luiz Fernando tem de 24 anos de idade, advogado formado, tá fazendo a prova dele pra OAB. Se não fosse esse acidente do destino na minha vida, não sei nem se eu estaria aqui hoje, porque dentro daquele lugar [penitenciária] você tem a vontade, todo dia, de não estar mais ali, aquele lugar que não socializa ninguém [...] e mesmo tendo um filho aos 19 anos de idade eu nunca deixei de dar carinho e amor pra ele. Excelência, o meu filho até 24 anos de idade... não posso falar 24 anos

de idade... porque eu tô preso há um ano, mas até 23 anos de idade, sentava no meu colo, barbudo, sentava no meu colo! (Jairo).

[...] O meu filho foi criado junto de mim. O meu filho não bebe, não fuma, o meu filho não é de... de... de fazer bagunça. Meu filho foi uma pessoa criada dentro do... do... de laço de amor. Mesmo eu com 19 anos de idade eu não faltava num conselho de classe, não faltava numa festa de caipira, numa festa de Dia dos Pais e é por isso que quase todos os dias eu recebo pelo menos uma horinha da visita dele. Esse é meu respiro, essa é minha vida! Hoje eu sei por que que ele...o Luiz Fernando veio ao mundo. Ele veio ao mundo pra nesse momento ser o meu pai, ele poder me dar a mão. Excelência, eu... eu tive muitos defeitos. Eu... eu... eu... eu... eu cometi muitos erros durante a minha vida, eu não sou perfeito (Jairo).

Também relatou seu segundo relacionamento, que descreveu com palavras mais afetivas e expressou ser de seu interesse que pudesse ter durado. Abordou questões sobre as experiências mais recentes com a filha e filho que nasceram desta relação. A filha teria deposto a seu favor na delegacia, segundo ele, alegando o fato dele não ser violento. Seu filho mais novo, com quem sugeriu ter uma relação de amorosidade, grita de saudades do pai:

[...] Conheci a mãe dos meus outros dois filhos, e no dia 27/12/98, ainda muito jovem [...] quando você é muito jovem você, você comete muitos erros e infelizmente eu cometi muitos erros. Houve brigas, houve traições, houve alguns problemas. Houveram? Houveram. Mas nós tivemos dois filhos que são a razão da nossa vida. Se me dói tanto, isso que aconteceu com meu filho [ter um problema cognitivo], imagina a dor da Monique (Jairo).

[...] e eu gostaria de ter vivido com a Ana até o resto da minha vida. Infelizmente, por culpa minha, eu não vou falar que por culpa dela, enfim, porque mais por culpa minha, nós nesses 20 anos de relacionamento, é... eu realmente deixei a desejar em algum momento, eu deixei algumas... abri algumas portas para que alguns outros relacionamentos paralelos pudessem vir. E eu repito, eu não tenho nenhum orgulho de falar isso aqui, mas no ano de 2019, quando os meus filhos estavam um pouquinho mais velhos... E, assim, é a minha vontade era estar com a Ana até o fim da minha vida, porque eu já tinha tido um relacionamento que

não tinha dado certo, mas é a pessoa que eu falei aqui que é a minha melhor amiga [Fernanda]. E eu tive um segundo relacionamento, falei: esse tem que tá certo, eu tenho, eu tive um filho, tive meu segundo filho (Jairo).

Ela me perdoou em todos eles e no ano de 2019 nós resolvemos nos separar. Essa pessoa o qual é... de alguma forma, desorganizou a minha vida com a vida da Ana nos últimos seis anos que nós tivemos é... é... casados, assim que eu me separo da... da mãe dos meus filhos é que eu resolvi ficar com ela [Débora], resolvo ficar com ela... (Jairo).

[...] a minha filha chegou na Delegacia da Infância e da Juventude, da adolescência e falou assim pro delegado, que eu soube depois, e o delegado disse: seu pai já bateu em você? Meu pai nunca nem brigou comigo! Porque... que os meus filhos... eu nunca nem briguei, eu nunca nem briguei com meu filho, nunca, nunca! Nem briguei com a minha filha, eu nunca briguei com meu filho menor! (Jairo).

[...] meu filho dormia agarrado comigo, em cima de mim. E quando eu falo em cima de mim, Excelência, a senhora não entenda que ele está aqui do meu lado, não, em cima de mim, em cima de mim, em cima! Eu deitado, ele deitado em cima de mim, com a cabeça aqui e o corpinho aqui, durante três anos. Meu filho grita, grita de saudade de mim, grita de saudade de mim, cadê o meu pai, cadê o meu pai? Isso dói mais do que tudo (Jairo).

Jairo admitiu em seu discurso ter percebido uma grande mudança em sua vida ao deixar de ser apenas filho, para se tornar também pai, e contou como essa experiência teria mudado a perspectiva dele sobre si:

[...] Você antes de ter um filho o centro do universo é você. Quando você deixa de... quando... quando você passa a ter um filho, tudo o que você faz na vida [...], é pra aquela, são pra aquelas pessoas, são pra aquelas crianças. Você deixa de existir para poder fazer todo o trabalho, [...] tudo que você imagina que você possa produzir, você produz para que seus filhos possam ter um melhor, ter aquilo de melhor (Jairo).

Por fim, ainda enquanto falava de sua relação com os filhos, fez menção ao fato de considerar Henry um menino bonito e relatou os sentimentos verbalizados pelos seus filhos em relação ao enteado:

[...] O Henry era a criança mais linda desse mundo. Henry era mais bonito que meus filhos. Amo e amava meus filhos mais que ele. Uma vez meu filho me perguntou, papai ele é bonito? É, meu filho. “Você vai gostar mais dele do que de mim?” Não, meu filho! Você, você é meu príncipe, eu amo você mais que tudo na minha vida (Jairo).

2.0 A lógica do impossível: o crime não existe, e Deus sabe disso

Esta categoria apresenta o discurso referente a ênfase do acusado nos termos “lógica/lógico” e “impossível” para articulação de sua autodefesa a partir da negativa de qualquer atuação violenta. Esse discurso se apresenta por meio da negação da cientificidade nas avaliações realizadas, nos mais diferentes níveis. Desde a negação da prática de violência antes da morte de Henry como também acerca de qualquer participação em sua morte. Para ele a lógica está ausente em sua acusação. Como recurso defensivo, apela para a confiança que tem em Deus. As subcategorias que organizam o seu discurso são: 2.1 Se não é possível ver marcas, não há violência. Isto é lógico; Câmeras em manutenção? Provas impossibilitadas; 2.3 Boletim Médico e Laudos de Necrópsia: o impossível discurso dos pares; 2.4 A lógica do cuidado e a negação da barbárie; 2.5 Se a lógica existe, não está nos autos e Se Deus está comigo, eu estou com a verdade: não acredite em outra versão.

Se não é possível ver marcas, não há violência. Isto é lógico.

Jairo apresentou uma ênfase importante, em sua autodefesa, na ideia de que a resolução do caso Henry Borel era uma questão lógica. Na lógica que ele apresentou, a violência é passível de ser detectada pelas marcas e registros explícitos e visíveis. Segundo ele, não havia este tipo de prova evidente no corpo de Henry, portanto, ele convocou a juíza e o promotor a fazerem um exercício lógico com ele:

[...]É humanamente impossível, é logicamente impossível, Dr. Fábio entrar na emergência do Barra D'Or, Dra. Elizabeth entrar na emergência do Barra D'Or, com uma criança branca do jeito que Henry era, com olhinho claro do jeito que ele é, passando mal, se tivesse qualquer resquício, qualquer, qualquer mancha, qualquer arranhão, qualquer coisa de violência, isso é ocular, isso é básico. Isso não precisa ser médico, não precisa ser doutor, não precisa ser jornalista não precisa ser nada, precisa de você ter bom senso (Jairo).

[...], mas o que eu trago a senhora, de novo, no exercício de lógica, é impossível Dra. Elizabeth, aí eu rogo à senhora, pra que a senhora faça esse exercício comigo, a Senhora pegar, entrar com uma criança no hospital do porte do Barra D'Or, Dr. Fábio como pai, como... como padrasto, entrar no hospital Barra D'Or com uma criança... (Jairo).

Jairo, em suas falas, busca convencer a juíza que a morte de Henry foi acidental, que caso alguma violência tivesse acontecido ela seria imediatamente visualizada, mas ninguém falou nada. Que a acusação de violência, só veio depois e que isso seria impossível.

[...] Caso o Henry tivesse algum machucado nós seríamos atendidos de outra maneira. Isso é básico, isso é lógico, isso tá claro. Isso é impossível é... é... não ser previsto isso é impossível não ser... não ser levado em consideração. É lógico que nós iríamos ser recepcionados de outra forma. É lógico que a polícia iria nos atender. É lógico que ele... que o Conselho Tutelar estaria lá e não trâmite se daria como uma morte acidental. Tudo aconteceu como uma morte acidental. Todos os movimentos, desde o apartamento até o dia do velório, se deu de forma acidental. Ninguém falou em morte violenta. Isso veio depois (Jairo).

[...] uma questão fática e lógica e inclusive falei pra perguntar pra qualquer policial se o Henry tivesse chegado no hospital com qualquer sinal de violência eu não estaria recebendo os pêsames até o dia do velório né? (Jairo).

Câmeras em manutenção? Provas impossibilitadas.

Jairo insistiu que seria importante objeto de prova para ele, as imagens das câmeras de segurança do hospital no qual Henry foi atendido no dia de sua morte. No dia dos fatos as câmaras estariam em manutenção, algo que, em seu discurso, aparece como surpreendente, dada a categoria da instituição. Para ele, a forma como foi atendido na recepção, assim que chegaram, sem nenhum tipo de desconfiança, era uma prova importante, porém inexistente e impossível de ser produzida, porém, Jairo insistiu na construção de uma lógica particular:

[...] É impossível, não cabe na cabeça do senhor, experiente como o senhor é, com a experiência do senhor tem, que o hospital Barra D'Or ficou completamente às escuras, exatamente no dia do falecimento do meu enteado. Será que o Barra D'Or só ficou às escuras no momento da... da... da... Inclusive é proibido o hospital ficar... às escuras. E o... e o... Dr. Damasceno, ele se contenta com o ofício do hospital dizendo que o hospital estava com as câmeras em... em... manutenção. E quando nós olhamos a ordem de serviço, a ordem de serviço completamente inversa, a ordem de serviço não condizia com uma ordem cronológica lógica (Jairo).

Jairo insistiu na solicitação das imagens, e lançou dúvidas sobre a impossibilidade delas serem enviadas para comprovarem que ele não foi considerado um suspeito quando chegou ao hospital.

[...]Dra. Flávia, que é impossível eu chegar com Henry no hospital, ser bem recepcionado pelo pai, ser bem recepcionada pelos pelas médicas, ser bem recepcionado pelo corpo médico, pela assistente social que está ali pra isso, pra verificar se tem algum problema de ordem de violência (Jairo).

[...]por isso que eu pedi tantas imagens e assim acho que contextualizei bem pro senhor o que... que eu... o que que eu acho a respeito da... da captura dessa imagem é impossível um hospital da qualidade do Barra D'Or não ter é... essas imagens salvas né? (Jairo).

Boletim Médico e Laudos de Necrópsia: o impossível discurso dos pares

Jairo, durante seu discurso de defesa, fez críticas ao Boletim Médico do Hospital e aos laudos de necrópsia de Henry. A totalidade de suas afirmações – mesmo a pedido da juíza que ele falasse, também, dos achados relacionados à laceração hepática apontada como causa da morte da criança –, se concentraram nas críticas aos documentos produzidos pelos médicos do hospital e por um dos oito laudos realizados. Em seu discurso, manteve-se na análise da impossível incompetência profissional de seus colegas de profissão:

[...] eu não estou eu não estou dizendo que o que o Henry não estava grave, mas aí você através da ciência afirmar categoricamente que ele estava morto é impossível. Eles não podem. Medicina você pode falar o que não pode? De jeito nenhum (Jairo).

[...] É impossível. Quando a gente pega a necrópsia feita [...] tira pedaço do pulmão, pedaço do coração, pedaço do cérebro, pedaço de todas as vísceras. Faz o trabalho bonito (Jairo).

[...] Não, doutora, mas que assim se ele não se ateuve, por ele... por ele, assim, impossível ele não se ater, ele não ter... porque ele dá de cara com o pulmão [...] Doutora então é o seguinte, é... é impossível um perito da qualidade do doutor Tauil não vê o pneumotórax isso é um ponto. E assim ...é impossível por que que ele mentiu? (Jairo).

[...] Porque não tem como ele fazer uma coisa tão errada dessa maneira. Não dá. É impossível. não tem como como eu estou tentando aqui salvar alguma coisa de um laudo que ele fez completamente uma perícia completamente falsa e mentirosa (Jairo).

[...] Agora eu vou dizer pra senhora [a juíza] o que que é impossível. É impossível confundir um pulmão colapsado com pulmão contundido. É impossível o médico não ter esse achado necroscópico. É incontestado é... é... matemática é... é... um mais um igual a dois que ele não viu o corpo do Henrique (Jairo).

Embora tenha admitido que uma parada cardiorrespiratória pudesse produzir a morte, foi impossível para ele admitir as conclusões sobre os laudos da maioria dos peritos. Suas contestações se voltam sobremaneira para um dos laudos que apresentou inconsistências.

[...] a... possível PCR que pode levar a morte... Isso é uma possibilidade. Enfim, a gente tem diversas possibilidades. A gente tem ... o impossível. E o impossível foi o que o doutor Tauil escreveu (Jairo).

[...] Inclusive essa é uma dos... dos sinais vitais porque é impossível uma hemorragia maciça dentro do apartamento é... [...] se... se... tivesse feito um, por exemplo, e isso aí de fala muito contra a denúncia e aí a denúncia fala em hemorragia maciça, hemorragia maciça dentro do apartamento e a lesão que o perito descreve, a lesão grau dois, impossível de acontecer uma, é impossível, lesão grau dois, impossível de ter hemorragia maciça no fígado e o perito descreve lesão grau dois, um a dois centímetros, isso é impossível (Jairo).

A lógica do cuidado e a negação da barbárie

Jairo afirmou em sua defesa suas preocupações, e as da Monique, no atendimento às necessidades de Henry, que o menino era bem tratado, que correspondia ao carinho, não tinha marcas de violência ou maus tratos e que sempre falava o que acontecia com ele. No entanto, o cuidado, antes devotado, illogicamente, virou acusação:

[...] Monique tratava o Henry como um bebê, apesar dele ser muito inteligente. Henry verbalizava tudo, tudo, não tinha nada que você fizesse que ele não falava. Verbalizava tudo com muita facilidade, ele contava tudo. Henry sempre foi de falar, não era de ficar quieto. (Jairo).

[...] [Ele dizia à companheira quanto ao futuro de Henry] coloque ele no colégio que vai ser bom pro futuro dele, pro relacionamento dele, network. Pra ele ter bons amigos, pra ele conseguir é... é... passar por uma boa faculdade. A Monique sonhava que ele... queria que ele fosse médico... (Jairo).

[...] O Henry nunca teve nada, esse negócio de maldade com... Isso nunca aconteceu. O Henry não era uma criança maltratada, Henry era criança bem tratada. Eu nunca vi uma criança toda branca que quase não tinha roxo. (Jairo).

[...] Agora, para pra imaginar assim, vamos sair um pouquinho da ciência e vamos pra lógica, é factível alguém que agride alguém, você abrir a porta da casa, do apartamento, a criança quando olha você, tio Jairinho, tio Jairinho, vem correndo, pula no seu colo, te dá um beijo? Isso é característica de uma criança que é agredida? (Jairo).

[...] Então eu não sei, no dia dois, por que motivo me atribuíram um ato bárbaro desse, num contexto completamente avesso e com provas irrefutáveis que isso não aconteceu. Depois do dia 12, o nível de ataque é tamanho, que eu agrido o Henry durante seis minutos.

Se a lógica existe, não está nos autos

Num dado momento de seu discurso, Jairo se dispôs a produzir na juíza o convencimento acerca da lógica de seu discurso, e de dos fatos, que se antagonizava com tudo que foi apresentado de ilógico por peritos, nos mais distintos aspectos:

[...] eu queria fazer com a senhora, desde já, não a partir, não neste momento, mas mais pra frente um pouquinho, um exercício de lógica... (Jairo).

[...] Vamos fazer um exercício de lógica, aqui. Alguma coisa assim, que... lógico... lógico que teve audiência de perito aqui, que foi discutido questões médico legais. [...], mas eu eu vou deixar isso um pouquinho de lado e vou me atentar aqui a uma questão é... a respeito da lógica dos eventos dos acontecimentos... (Jairo).

[...] Excelência, é uma questão de lógica, por mais louco que seja tudo o que aconteceu, isso virar uma tortura, isso nem, nem é, isso nem é científico, isso... isso... foge à lógica

de qualquer ser humano normal. Isso não tem, não tem, isso não tem aderência, não tem aderência. (Jairo).

Para Jairo, todos os que atenderam Henry no hospital, assim como os peritos subverteram a lógica dos fatos. Uma lógica que ele afirmou existir, mas que sozinho, não está conseguindo sustentar.

[...]Pegaram a lógica, Excelência, e a subverteram. Subverteram a lógica. Fizeram uma retórica absolutamente contra a lógica (Jairo).

[...] E aí, porque eu faço esse negócio de lógica com a senhora, Doutora, e faço nesse momento uma interrupção? Porque que eu preciso muito, eu clamo à senhora, eu rogo à senhora, e assim, nesse momento eu não tenho força eu não consigo, eu não consigo sozinho, eu só consigo com a ajuda de Vossa Excelência... (Jairo).

[...]Doutora, não acredite em outra versão, a verdade é o que eu tô falando com a Senhora... [...] eu, eu juro pra senhora (Jairo).

[...] eu tenho muito mais a oferecer do lado contrário do que desse lado que o senhor vê [Jairo afirma à juíza que faria mais para prover sua inocência se estivesse solto], mas o senhor tenta fazer um exercício de lógica pra poder traçar realmente ser uma pessoa capaz de fazer isso ou não. O exercício de voz que tem que ser feito lá do contrário (Jairo.)

Se Deus está comigo, eu estou com a verdade: não acredite em outra versão

Além da busca de fragilização da lógica, pela argumentação da ilogicidade de sua acusação, Jairo buscou recursos na sua proximidade e confiança em Deus. Para ele existe a certeza de que a justiça divina não falha:

[...] Eu frequentei igreja até meus 14 anos de idade [...] Quando eu falo que diante de Deus, porque é o seguinte, a lei dos homens é falha, mas a lei de Deus não falha. E se eu falo

aqui em nome do Henry, se eu falo aqui em nome do seu Fernando, que não estão mais aqui presente, e eu uma pessoa que copia a bíblia por duas vezes, frequentei igreja, tem uma segunda mãe que frequenta a igreja até hoje, tenho meu pai que é dono do último banco da igreja, da primeira igreja Batista de Bangu (Jairo).

[...] Eu tenho provas de que Deus opera na minha vida [...] eu digo que Deus está sempre presente na nossa vida [...] eu tenho muita paz com Deus. Então, Dra, eu tenho paz no meu coração em relação ao Henry. [...] Então, quando eu falo isso eu tô falando da minha liberdade eu falo da minha inocência, eu falo daquilo que eu não cometi, eu falo daquilo que é meu compromisso com Deus [...] Dói muito, Dra. por Deus, dói muito. [...] eu não aguento mais, eu sou inocente, eu não fiz isso com o Henry, eu não fiz nada com o Henry, eu não sou culpado disso que estão me acusando. Pelo amor de Deus, por favor, por Deus, eu não fiz isso, isso não é verdade, não aconteceu isso (Jairo).

Ao buscar sua defesa, Jairo invocou a Deus para dar legitimidade ao que alegava. Por amor a Deus – sem afirmar que o temia – jura, também por seu Deus que, embora acredite na justiça dos homens, acredita mais na de Deus.

[...] E aí que eu preciso muito, diante de Deus, da ajuda da senhora, da ajuda do doutor Fábio, da ajuda da doutora Bianca, sobretudo da ajuda de Vossa Excelência [...] Pelo amor de Deus, só preciso de vocês. Eu não tenho força pra brigar contra o Barra D'Or. Eu não tenho força pra brigar contra o que tão falando contra mim [...] eu juro por Deus, eu não sei assim... eu acredito muito na justiça dos homens, me desculpe, eu acredito muito em vocês, mas eu acredito, sobretudo, na justiça de Deus. Eu acredito muito na justiça de Deus (Jairo).

[...]Eu juro por Deus, Dr. Fábio, eu tô falando, eu tô falando aqui pela minha alma, pelos meus filhos, pelo meu filho de nove anos, que é o amor da minha vida, pelo meu filho que tá aqui, que é o amor da minha vida, por tudo que é mais sagrado nesse mundo, aqui dentro desse palácio de justiça, eu não fiz nada com o Henry. Tá errado o que tá acontecendo comigo. Eu tô sendo injustiçado. Pelo amor de Deus, o que que tá acontecendo? Presta atenção, o que que tá acontecendo? Isso é lógico. O que que aconteceu? Como é que eu ia dar entrada com

uma criança machucada no... no... no hospital...e isso... e as pessoas não reconhecer isso, Dr. Fábio? Pelo amor de Deus, socorro! O que que tá acontecendo? (Jairo)

Jairo, apesar da fé em Deus e sua confiança em sua justiça divina afirmou, paradoxalmente, que se sentia vivendo um processo inquisitório, no qual a subversão não seria a falta na crença em Deus, mas na lei

[...] É doutora é... eu... eu... eu... passo por um processo como eu disse pra senhora de inquisição. E os meios de comunicação não foram é... é... é informados é... ipsi litteris do que aconteceu. Houve uma subversão da verdade né? E assim eu... eu precisava vir dá luz a isso que está acontecendo. Eu não tenho força pra poder fazer isso sozinho. Eu não consigo. Diante de Deus que eu não consigo. Eu não consigo ser ajuda da senhora, sem ajuda do promotor, fazer com que a gente dê luz a esse processo. Né? (Jairo).

[...] De repente eu viro a pessoa que agrediu meu enteado. Pelo amor de Deus, isso foge qualquer raciocínio lógico [...] doutora tá provado, doutora por isso que eu peço a senhora, por favor, pelo amor de Deus, tá provado que ele [o perito] não viu isso [...] Vamos falar das implicações médicas, de todos e tudo aquilo que é duvidoso, mas eu chamo os senhores a um momento de reflexão junto comigo, é... por Deus [...] Isso aí é absolutamente fantasioso, isso não existe. Eles não param de fazer isso [...] por favor isso aí não aconteceu. É assim é... isso está claro como isso é transparente. Pelo menos isso (Jairo).

3.0 Entre ditos e contraditos: a minha (in)consciência fala por mim?

Em todo discurso, principalmente em falas mais extensas, é comum que existam lapsos, atos falhos e até contradições. Entretanto, quando essas manifestações inconscientes aparecem sucessivamente e apontam para a mesma direção, é importante que exista um olhar atento para o que escapa ao discurso e do discurso. Esta categoria abarca os pontos e contrapontos de possíveis furos discursivos presentes na autodefesa de Jairo. Em 3.1 apresenta-se os Atos Falhos e em 3.2 As Contradições.

Atos Falhos.

Henry não escapa à falha. Ao fazer uma referência ao atendimento recebido pela criança no Pronto Socorro, Jairo faz uma afirmação, cujo sentido se desloca do passado para o presente, e uma condição [estar mal] se transforma em uma característica.

[...]Obviamente que com criança mesmo ele tendo muito mal, é muito mais é descrito na literatura que você tenta além, um pouquinho além do limite [procedimentos médicos de ressuscitação], isso é verdade, mas não da maneira que foi feita, né? (Jairo).

Jairo entende que seu salvo-conduto é confiança que os filhos têm nele, e em suas atitudes, mas ao final, novamente, seu discurso promove o ato-falho:

[...] Excelência, enfim, eu só quis dizer pra Senhora o seguinte: eu tenho três filhos e não quero que eles tenham o pai dele como sendo uma pessoa que fez, que praticou algum mal a uma criança porque é o seguinte, deles eu tenho a... a... a confiança, deles eu tenho o sentimento de que eu fiz o correto, deles eu tenho um sentimento de que jamais eu poderia ter feito aquilo que eu fiz (Jairo).

Jairo relatou que nunca tocou em uma criança, entretanto, continuou seu raciocínio contraditoriamente:

[...]Eu definitivamente, Excelência, eu juro por Deus que eu nunca encostei em nenhuma criança, eu nunca fiz isso na minha vida. O meu histórico não permite dizer isso (Jairo).

Em outro momento, ao tratar da justiça divina que o réu acredita possa se abater sobre o perito (que na perspectiva do acusado, fraudou o laudo de necrópsia), a dança do sintoma no contrapasso, se anuncia, também para si:

[...]Não sei que ... meu Deus do céu não sei como tem... como não tem medo... não tenho medo da justiça divina, não tem medo... eu não sei como é que pode acontecer isso, eu não sei, de repente eu posso estar falando aqui pra ateu, eu não sei me perdoa tá insistindo nesse assunto, mas eu não sei como bota a cabeça no travesseiro e consegue dormir como que... não pode... não pode é... é... desonestidade intelectual (Jairo).

A sutileza aparece no discurso de Jairo e revela as idas e vindas daquilo que a censura não pode reter. Ao descrever a entrada de Henry no Hospital, sua defesa da ausência de marcas de violência afirmada inicialmente, é subvertida ao final do trecho.

[...]O Henry não chegou lá com marca de violência nenhuma, o Henry não chegou lá... não tinha nenhum machucado (Jairo).

A chegada ao hospital é um dos pontos de insistência de Jairo em sua inocência. No trecho seguinte é interessante notar que ele troca de lugar com Henry no discurso, que revela, talvez, sua ausência de marcas no evento.

[...] pergunta qualquer policial que trabalha com a com a senhora aqui dentro desse tribunal que normalmente policiais trabalham em hospitais públicos. Chegou uma criança com um arranhãozinho no hospital público é um escândalo, chega a polícia, chega conselho tutelar, chega tudo na hora. Então é por isso que eu pedi essa análise impossível, e não cheguei no hospital machucado (Jairo).

A descrição de Jairo sobre o que aconteceu em sua casa com Henry, carrega algo revelador na forma de um ato. Um ato, que pode se referir a um movimento sobre algo aparece em seu discurso, um aparente ato falho, que ele reformulou na sequência:

[...] O fato é que, assim que aconteceu o ato, assim que aconteceu, assim que vimos o Henry passando mal, nós é... socorremos ele. O Henry teve um pronto atendimento, o Henry teve atendimento assim que aconteceu (Jairo).

Jairo afirmou algumas vezes sua boa relação e carinho por Monique, mas cometeu um ato falho que revela a intervenção divina na situação atual da ex-companheira:

[...] graças a Deus Monique não está numa situação confortável, mas é... é... é... e está numa situação é... é... realmente está frio. É... é... o... o... o... o... o... o... não está numa situação confortável, mas está numa situação menos desconfortável e... e... e... e... mas pô! (Jairo).

Um último exemplo de ato falho apareceu quando Jairo falou de sua relação com Monique, ao dizer que ambos eram dois casais:

[...] nós tínhamos ciúmes mútuos um do outro, nós éramos apaixonados um pelo outro. Nós vivemos uma história até o dia que nós fomos morar juntos, uma história de dois casais apaixonados, de... de... de... de duas pessoas, um casal apaixonado, o qual um fazia bem para o outro. Monique fazia tudo que eu pedia, eu fazia tudo que ela pedia... (Jairo).

As Contradições.

Para Jairo, paradoxalmente, o fato mais importante foi Henry ter sido socorrido:

[...] Enfim, o mais importante disso tudo é que nós socorremos, é que houve o primeiro socorro. É que houve o pronto atendimento é que assim que nós vimos que o Henry estava passando mal, nós dois socorremos o Henry. Pronto socorro e isso é o fato mais importante. [...] nós fomos pro... correndo pro hospital com a máxima velocidade que eu podia imprimir no carro, dentro do limite (Jairo).

Jairo, aparentemente, não percebeu a implicação de sua fala, mas, espontaneamente, admitiu que apesar da morte de Henry, não havia uma nuvem negra em cima dele e da Monique, somente ficou ruim depois:

[...] Tudo estava muito bem, de repente quatro, cinco dias depois começou a ficar muito ruim. Ficou muito ruim, de verdade, foi no dia 18 de março. Eu me lembro, porque, do dia 8

ao dia 18, as coisas não estavam ruins. Não tinha uma nuvem negra é... em cima de mim, da Monique. Começou a ficar é... pesado no dia 18 de... do dia 18 de março (Jairo).

Para Jairo, as acusações que pesam sobre ele derivam de omissões que aconteceram durante a investigação, mas não disse quais são esses pontos omitidos. Tratou a si de forma infantilizada e sugeriu que o escolheram como culpado em vez de considerarem outras possibilidades:

[...] Eu estou sendo acusado por diversas omissões que aconteceram durante a investigação. [...] É... escolheram o culpado e falaram assim esse rapazinho aqui vai ser o culpado. Vai ser ele pronto é melhor ao invés de abrir o leque de... de... possibilidades... (Jairo).

Jairo defendeu de sua inocência argumentando sobre a boa relação que tinha com Henry, mas produziu uma contradição à ideia de uma relação familiar perfeita e harmoniosa, quando admitiu que a adaptação do enteado não estava acontecendo da melhor forma:

[...] Eu sempre falava pra ele [Henry], você é o príncipe que mora nessa casa, quem manda aqui nessa casa é você. Porque eu tava vendo que a adaptação dele não tava boa, então eu disse pra ele, Henry, quem manda aqui nessa casa é você (Jairo).

Jairo também se contradisse em relação à convivência com Monique:

[...] Consegui, relativamente, me dar bem com ela [Monique]. Tínhamos ciúmes um do outro? Claro que sim! Ciúmes mútuos. Teve algum desentendimento ou outro? Claro que sim. Houve é... é... momentos em que a gente discordava? Claro que sim, mas eu posso afirmar para a Senhora que 99% do tempo foi maravilhoso, maravilhoso (Jairo).

Capítulo 7. Análise de dados

A análise será desenvolvida a partir das categorias estabelecidas e será fundamentada nos elementos teóricos apresentados nos capítulos iniciais. Tem-se a convicção de que o material coletado possibilitaria um mais amplo trabalho analítico, entretanto, dado o fato de que o julgamento de Jairo Souza Santos Junior ainda não havia sido concluído à época da finalização deste trabalho, as análises aqui apresentadas restringem-se ao possível.

As análises realizadas da autodefesa de Jairo apontam que a mesma apresenta três grandes pilares da masculinidade hegemônica: trabalho, família e Deus. Cada um desses elementos parece desempenhar uma importante função em seu discurso que é mais voltado para provar sua inocência por meio de um encadeamento sedutor e paradoxal do que para defesa diante das provas que o acusam. Esses aspectos são analisados a seguir.

7.1 Masculinidade hegemônica e virilidade: os homens podem ficar sem casa.

Quando há a confirmação de que houve um crime de homicídio contra uma criança e o suspeito pelo assassinato é um homem muito próximo do ideal hegemônico, a Casa dos Homens (Daniel Welzer-Lang, 2001) não pode mais ser contundente na legitimação de seu integrante, o que faz com que muitos homens feridos em seu narcisismo e, sob o anseio de se diferenciarem do suposto autor do crime, o repudiem em feroz e violenta oposição, seja ela explicitada, ou não. Mas, nada impede que esses mesmos homens sejam convocados por códigos masculinos que encadeiam o funcionamento inconsciente do patriarcado. Deste modo, a evocação dos grandes signos de poder e honra da masculinidade hegemônica, é uma possibilidade de tentar se deslocar da posição de acusado para aquele que retoma o poder.

O homem que anseia se aproximar da hegemonia masculina é sempre viril e esse comportamento é um significante que articula o seu poder, mas como usar a virilidade a favor de si diante da acusação de homicídio infantil triplamente qualificado? A violência ou a agressividade não seriam meios adequados.

Valeska Zanello (2018) ao remontar as raízes e as transformações da virilidade masculina, apontou a expressão viril da Modernidade como uma espécie de “duelo de esgrima” um tipo de confronto que demanda habilidade e raciocínio em vez de ânimos exaltados e

impulsos furiosos. A autora também ressaltou que dentre os homens mais privilegiados era comum que essa civilidade fosse modulada por “boas maneiras e gostos requintados” (p.184).

Essa virilidade posta por meio de comportamentos civilizados é frequentemente apresentada no discurso de Jairo que fez referências ao termo sinônimo “urbanidade” que é verbalizado explicitamente mais de uma vez. Embora essa não seja a única expressão de seus bons modos e sim parte de uma composição de boas maneiras que incluem “solidariedade”, “liderança” e “conciliação”, como mencionado no exemplo em que o ex-parlamentar afirmou ter intermediado relações entre “governos antagônicos”.

O trabalho como político diz de uma atividade social exercida por meio da palavra. Para filósofos como Platão e Aristóteles é nesta atividade que se apoia a dignidade humana (Basile, 2009). Parecer viril e digno é, portanto, um meio de se mostrar um homem confiável.

A virilidade laborativa também é apontada como um dispositivo de gênero por Valeska Zanello (2018) e implica a ideia de alta produtividade e sua associação com a riqueza o que confere poder à identidade masculina hegemônica. Jairo referencia o trabalho “[...] eu sempre fui um cara que trabalha de *domingo a domingo...*”.

A autora apontou ainda que o valor do trabalho, na história da virilidade brasileira, diferenciou a classe social de homens negros e brancos, uma vez que o acesso às funções laborativas era um privilégio decorrente da hegemonia masculina (Zanello, 2018). A situação não é tão diferente no Brasil de hoje, afinal os cargos trabalhistas de prestígio e alta remuneração são predominantemente designados aos homens brancos e heteronormativos.

Esse posicionamento discursivo de Jairo pode evocar familiaridade ao interlocutor não só por dizerem de um lugar identificação (uma pessoa que trabalha muito, como boa parte dos brasileiros) de respeitabilidade, mas porque produzem distanciamento do que supostamente seria o homem violento, bárbaro, agressivo, selvagem, incapaz de diálogos e primitivo, como frequentemente são imaginados os criminosos ou os assassinos de crianças.

Jairo sugeriu ainda que seus bons aprendizados relacionais decorreram das experiências familiares “*amorosas*” e mesmo tendo seu pai Coronel Jairo sido apontado, inúmeras vezes em mídias jornalísticas e até mesmo por testemunhas, durante o processo do Caso Henry Borel, como um grande nome da milícia do Rio de Janeiro, o acusado enfatizou que sua família “*é... pautada em cima do amor em cima da... da... da... do entendimento, eu nunca apanhei do meu pai, da minha mãe. Nunca dei motivo também...*”. Ou seja, de modo pouco consciente, Jairo revela em suas palavras que

podem existir motivos para uma criança ser castigada, com violência, caso dê motivos. Pode-se ainda pensar, a partir de suas palavras, que uma família pautada em cima do amor pode sugerir o sentido de uma família acima do amor.

Jairo descreveu, com pesar, o “muito espaço” ocupado pelo pai dentro de casa, mas relatou que ainda assim sua relação com sua mãe era de proximidade. O que está acima do amor o limita? Seria esse pai um interdito na relação entre mãe e filho? “Apesar do meu pai ocupar muito espaço dentro da nossa casa” – de quem era a casa em que o pai ocupava espaço? - talvez esta seja uma expressão de ressentimento da perda primária de um espaço “próximo da mãe”.

Na sequência discursiva ele afirmou: “mas a minha relação é muito próxima da minha mãe.” a construção desta fala é interessante porque remete a uma relação “próxima da mãe” e não com a mãe, há aproximação, mas não necessariamente parceria ou envolvimento. Para existir envolvimento precisa existir capacidade de renunciar ao objeto de amor. Jairo referiu-se a mãe, com admiração, como uma “pessoa muito sábia”, portanto idealizada como todo objeto de identificação.

É esperado que pessoas adultas produzam relações atualizadas de suas vivências primárias (Zimmerman, 2010; Waddell, 2017), entretanto, em alguns funcionamentos discursivos, principalmente nos mais sedutores, é comum que a pessoa sedutora coloque a si no lugar do objeto passível de admiração e amor. Para isso o sujeito articula, inconscientemente, seu movimento às reminiscências do objeto original ao qual admirou e a quem amou por que supôs o saber sobre si (o Outro que era capaz de cuidá-lo e protege-lo em sua vulnerabilidade no início da vida).

Como apontou Santos (1994) “transferir é uma capacidade humana por excelência, presente não somente na relação analítica, mas em inúmeras outras situações de interação social.” Do mesmo modo que apontou a relação com a figura materna, Jairo se colocou como uma figura, uma imagem, para qual as pessoas foram chamadas. E o fez pela via narcísica, pela evocação do signo de poder do lugar social de um médico: aquele que protege a vida e a quem frequentemente, supõe-se o saber.

Supor o saber para a Psicanálise, a partir do imaginário, representa confiar, acreditar, admirar e supor conscientemente que a psicanalista detém o saber sobre o que diz e sobre o problema apresentado a ela (Pisetta, 2011). Essa relação transferencial não é exclusiva das

relações analíticas e pode ser suscitada diante de qualquer relação entre pessoas que carecem de amparo e uma pessoa profissional da saúde que possa tranquilizá-las.

Jairo, embora nunca tenha atuado profissionalmente como médico, retomou sua formação, inúmeras vezes, em seu discurso e sugeriu ser detentor de um tipo de conhecimento sobre o seu julgamento que não estava ao alcance das pessoas não médicas que o acompanhavam: “eu sou um cientista, todo médico é um cientista...”, “eu sou médico... eu sei o que que é.”.

Trata-se de um deslocamento que, gradativamente, foi encadeado do distanciamento da imagem de quem pode cometer um crime, para a aproximação da figura de um comum que se mescla aos outros e, na sequência, ao lugar de quem fala do suposto saber, buscando convocar a confiabilidade daqueles que o escutam.

Mas não só médico e não qualquer médico, Jairo falou sobre um de seus feitos “eu curei o meu filho de uma doença cognitiva neurológica...”. Para Eiguer (2014) a persuasão e a sedução narcísica são características do discurso perverso-narcísico e são evidenciadas pelas falas de auto engrandecimento, deste modo, quem escuta pode se sentir inclinado a associar-se ao o autor das grandes proezas.

Outro aspecto relevante para a identificação de um discurso perverso-narcísico é a “paradoxalidade” (Eiguer, 2014, p. 96) que “trata-se da utilização de mensagens opostas e insustentáveis do ponto de vista lógico (mensagens contraditórias)” como as verbalizadas por Jairo: “quem que seria capaz de fazer mal a uma criança? Quem é o ser humano capaz de fazer mal a uma criança? Existe? Existe. Eu sou médico e já vi acontecer diversas, diversas vezes. Mas esse não é o meu perfil, isso não cabe, essa roupa não me cabe.”

Neste trecho existem algumas possíveis mensagens a serem lidas a partir dos significantes apresentados. Questionar quem seria capaz de fazer mal a uma criança produz identificação com todas as pessoas que podem estar estarecidas ou indignadas com a morte por homicídio de Henry Borel. Reformular a questão inserindo o termo “ser humano” produz a ideia de que fazer mal a uma criança é um ato inumano e que ele – Jairo – enxerga e concorda com isso. Perguntar se isso existe é para ele, mais uma vez, enfatizar a incredulidade na possibilidade de alguém cometer uma violência contra uma criança.

O contraponto é que a mesma pessoa que pergunta e convoca a identificação do interlocutor é a que responde “existe”. E na sequência relembra “eu sou médico”, ou seja, aquele

que protege, que cuida, que salva às vidas. Posteriormente, o ex-parlamentar explicou o porquê não poderia estar do outro lado, senão daquele que salva vidas: “*essa roupa não me cabe*”, uma roupa que não cabe, não é impossível de ser usada, mas, possivelmente, não será bem vista socialmente, principalmente a alguém que dá muita importância à própria imagem social.

Essa paradoxalidade surgiu em outros momentos também, a exemplo de quando Jairo, após discursar sobre a importância do trabalho médico para ser inocentado, afirmou que não precisaria nem de advogado e nem de médico, mas que “eu como médico, solto, eu com certeza eu esclareceria muita coisa. Muita coisa.”. O paradoxo desse discurso não é exclusivamente a contradição entre precisar de médicos, ou não precisar deles. Mas consiste no desmentido da posição que acredita ocupar diante da Lei.

Jairo não disse que não deveria estar preso, mas se comportou como alguém injustiçado e que tem mais a oferecer “lá fora” e que está sofrendo o impedimento de contribuir com o caso com o seu saber superior. Seria como dizer à juíza “você não tem a verdade, mas eu posso te dar uma verdade, se você me der a minha liberdade”.

A função perversa aparece no sentido de que o sujeito cria para si uma própria ética inflexível que responde a todas as questões, mesmo que não esclareça nenhuma e assim mantém-se dentro da adequação da lei. Essa exclamação característica da fala perversa oferece recursos para tamponar as falhas do recalque diante do terror da castração: nada falta, porque quando a falta surge, existe uma certeza que a sobrepõe. Se o discurso neurótico é de dúvida o perverso é de certeza (Barreto & Adeodato, 2012).

Jairo também relatou que a seletividade da investigação produziu a ele, um “*incômodo*”. Verbalizar seu incômodo é dizer do desejo de reivindicar um lugar mais cômodo – o de não ser investigado, talvez – e afirmar a existência de uma seletividade no desenvolvimento desta investigação, é desacreditar as provas que o apontam como principal suspeito e autor da morte de Henry. Mesmo na posição de acusado, Jairo apresentou falas que mostram o (re)sentimento reivindicativo de quem está sendo injustiçado por ser colocado em tal posição. E esse ressentimento é explicitado por funções discursivas perverso-narcísicas decorrentes da constituição da masculinidade hegemônica.

Sua demanda narcísica é explicitada pelo ato discursivo de chamar para si a onipotência de ser aquele que sabe, afinal é de si, e do próprio saber, que Jairo precisa para provar que todas as acusações contra ele são falsas. A questão narcísica apareceu em muitas falas, inclusive no

sentimento de superioridade em relação às outras pessoas, o que é característico da hegemonia masculina. O modo como o ex-parlamentar fala de si, diz sobre como ele se vê. Mas a forma como ele se refere às outras pessoas, mostra de que lugar ele fala.

Outra forma de expressão da masculinidade hegemônica em seu discurso, apareceu quando, ao relatar um episódio no qual sua filha sentiu ciúmes de uma outra criança, Jairo produziu uma fala carregada de capacitismo: “e a minha filha boba, mesmo não tendo Down, ficava com ciúme.”. Esta fala deixou claro que o ex-parlamentar difere, qualitativamente, suas preferências e juízos sobre as pessoas com base na ausência de deficiências, do mesmo modo que designou seu filho como “perfeito” após a “cura da doença neurológica”.

O capacitismo é estrutural e pode ser identificado em diversas manifestações humanas. Quanto ao discurso capacitista é possível percebê-lo com:

o tratamento compassivo ou a indiferença são formas capacitistas que inviabilizam o pertencimento das pessoas com deficiência e ou sofrimento psíquico como integrantes da sociedade como sujeitos de direitos. No entanto, na perspectiva dos direitos humanos, os estudos contemporâneos sobre a “deficiência” nos induzem a concluir que é o seu corpo “defeituoso”/ “anormal” que lhe limita a existência, desresponsabilizando a sociedade e o capacitismo estrutural societário. [...] as experiências capacitistas modulam os indivíduos e ampliam a dissonância diante a normatividade dos corpos, causando fissuras nas expectativas das interações pessoais, reafirmando de forma não silenciosa as diferenças. (Amorim AC, et. al., 2022, p. 50-51)

Em outro exemplo, ao se referir à mulher que prestou serviços como sua secretária, Jairo a expôs como “*inutilizada*” e “*completamente incapaz*” em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Este discurso apresentou outro aspecto do discurso perverso-narcísico: a função desobjetalizante (Brühlhart-Donoso, 2011), uma vez que Jairo não a descreve como uma pessoa, mas usa termos que remetem a um objeto em desuso. Além do cunho capacitista é explícito o caráter misógino desta fala pois indica que uma mulher que não pode mais servi-lo é lida por ele como inútil.

Entretanto, discursivamente, esse objeto destituído de sua integridade humana apresenta uma função: indicar o altruísmo de Jairo que fez questão de dizer que é ele que a ajuda financeiramente. Na sequência, o réu se corrigiu e disse que a ajudou até ser preso, fazendo novamente uma sutil referência ao fato de que a prisão o impede de dar às pessoas, tudo o que ele tem a oferecer.

Mas o discurso hegemônico não se restringe à misoginia, ao capacitismo e às questões de classe. Ele também é racista. E isso se deve ao fato de que “os homens brancos de classe média quando se olham no espelho se vêem como um ser humano universalmente generalizável. Eles não estão capacitados a enxergar como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências.” (Kimmel & Messner cit. por Oliveira, 1998 p. 91).

Jairo relatou que tem uma segunda mãe “*de pele mais escura*” que está com a família dele até hoje, foi a babá do ex-político e ainda serve a casa aos 44 anos de idade. Jairo a descreveu como uma pessoa, destituída de maldade e que acredita na inocência dele, entretanto apontou que: “*ela acredita em quem fala mentira, acredita em qualquer coisa.*”

Essa história já foi narrada na literatura brasileira inúmeras vezes, com distintas personagens como, por exemplo, a Tia Anastácia a “negra de estimação” descrita nos enredos de Monteiro Lobato (1931, s.p.). Sendo assim, esse tipo de prática discursiva racista não é uma novidade e corrobora a ideia de família perfeita no imaginário brasileiro, tão perfeita, que desenvolveu até uma relação humanizada com uma pessoa “*de pele mais escura*” que serve a casa.

Mas ainda que ocupem lugares distintos, na perspectiva do homem, não há mulher que escape de sua tentativa de dominação, ainda que esta ocupe uma posição hierarquicamente superior.

Além das falas de subjugação às mulheres do convívio pessoal de Jairo, foram identificados também exemplos de sua posição de superioridade, pautados na masculinidade, em falas direcionadas à juíza Elizabeth, nas quais foram utilizadas falas explicativas repetitivas e condescendentes ou até com a colocação indireta de que perceber sua inocência era uma questão basal de lógica que talvez a juíza não estivesse conseguindo alcançar: “*então eu preciso fazer aqui com a senhora [a juíza] um exercício de lógica, um exercício que...que... que não precisa ser formado em direito... [...] Eu preciso só fazer um exercício de lógica.*”

Não era necessário ter formação em Direito para entender o que ele explicaria na sequência, mas o contraditório, é que ele não tem formação em direito e Elizabeth Loureiro não só é formada em Direito como ocupa a função de juíza da 2ª Vara Criminal do Rio de Janeiro.

Para Barros e Busanello (2019) o machismo discursivo é um modo de perpetuação da dominação masculina pela via da linguagem. Nesse sentido, as pessoas autoras apontam que existem machismos mais diretos, violentos e os mais brandos, comuns ao dia-a-dia. Ao segundo

tipo, designaram “micromachismos” (p. 3). Deste modo, os micromachismos são violências discursivas empregadas por homens que atacam o feminino a partir da subestimação, desvalorização, descrédito e indiferença diante de falas e posições de mulheres, como por exemplo, a arrogância de um homem que explica algo que não é da sua área de formação a uma mulher especializada no tema.

E Jairo seguiu sua explicação garantindo que seu discurso seria de fácil entendimento para aquela que o escutava: “*excelência, eu não vou falar aqui com a senhora de medicina, eu vou falar de lógica...*”, afinal o conhecimento da medicina não estava ao alcance da juíza, talvez na concepção de Jairo ela fosse incapaz de entender explicações médicas, mas a lógica é um tipo de raciocínio que todo ser humano desenvolve em maior ou menor grau.

Entretanto, a lógica convocada por Jairo, se dá por uma via identificatória, afetiva e sedutora: “[...] *coloca a senhora no meu lugar, e no lugar da Monique. Colocar o doutor Fábio no meu lugar e colocar a senhora no lugar da Monique. Vocês entram no hospital com uma criança passando mal. [...] Dra. Elizabeth entra com uma criança passando mal no hospital do porte do Barra D’Or, com uma criança passando mal...*”

Convocar o interlocutor a ocupar o lugar daquele que fala, é um convite à aproximação e à identificação. É um modo sutil de mostrar que talvez não exista tantas diferenças entre aquele que diz, e quem o escuta. E isso aparece sob o cenário da boa intenção de se fazer entender.

Esse movimento discurso de Jairo, que após a sutil fragilização do conhecimento e da posição da juíza, se oferece como alguém que pode esclarecer os fatos, se ela o acompanha-lo num raciocínio específico, foi descrito por Eiguer (2014, p. 96) como um aspecto comum no discurso perverso-narcísico denominado “indução”:

Como ele se organiza para fazer sua vítima experimentar sentimentos pouco habituais para ela? Dispomos de um conceito clínico apropriado para explicar esses movimentos: a identificação projetiva. O mesmo atrai o mesmo. O outro deve reproduzir o que o sujeito sente ou quer. Delegamos ou depositamos ativamente no outro, afetos e ideias de que desejamos nos livrar. O outro é catalogado de um certo modo, muitas vezes de maneira negativa. Na indução narcísica, o perverso chega até a fazer a vítima sentir o que ele vive ou deseja, e a faz agir, ou seja, não se trata apenas de uma vivência transmitida, de uma influência psicológica, mas de uma impulsão à distância.

Na sequência da busca por identificação, Jairo retomou a ideia de que se Henry apresentasse alguma marca ele seria tratado de modo diferente no hospital. Inúmeras vezes as

falas de Jairo giram em torno do que não aconteceu para refutar as acusações contra ele. Como solicitar, por conseguinte, que outras pessoas e mesmo crianças que estiveram sob seu “*pátrio poder*” pudessem ser ouvidas: “[...] e o que eu queria com a doutora Elizabeth é, por Vossa Excelência, que diversas outras pessoas que eu pedi pra ser ouvidas... [...] dezenas e dezenas de crianças. E nunca, nunca tive nenhum problema!”

Será discutido mais adiante o enfoque do réu em provas sobre o inexistente, mas por ora, faz-se importante ressaltar que esta fala apresentou uma demanda masculina de reivindicação e perversa-narcísica, uma vez que Jairo sabe o que quer, com quem quer, e não só verbaliza isso, porque se sente no direito de solicitar algo, mas pontua ter demandado e não ter sido atendido.

Para Martins (2009), o narcisismo articulado na função perverso-narcísica, não é o mesmo proposto pelos estudos freudianos, mas trata-se de um “narcisismo intersubjetivo” (p. 39), que distintamente da demanda narcísica de autopreservação e defesa egóica, aponta para uma falha do narcisismo nos primeiros momentos de sua formação. Em resposta a essa lacuna o sujeito tende a buscar sustentação psíquica a partir do exercício de domínio sobre o outro.

No caso da masculinidade hegemônica, esse aspecto é evidenciado na seguinte dinâmica: quando um homem é ou se sente parcialmente privado de seu poder/privilégio masculino, isso produz um furo, uma falha narcísica que precisa ser suprida. Um modo eficaz de suprir essa falha, e garantir a manutenção de sua dominação e lugar de poder, é o investimento afetivo no dispositivo de gênero da eficácia por meio da virilidade laborativa e sexual (Zanello, 2018).

É nesse ponto que a masculinidade hegemônica, e a função perverso-narcísica se encontram. Não é necessário ser estruturalmente um narcisista perverso para ser um homem, mas ao ser constituído um ideal hegemônico de masculinidade, é necessário que sejam incorporadas funções narcísicas e perversas. Este tipo de funcionamento se dá pelo “uso do outro como um objeto para si” a partir do domínio e do poder (Martins, 2009, p. 40).

Nas estruturas perversas e narcísicas os sujeitos se defendem da desintegração do eu e do temor à psicose e sofrem a falta do estado fusional inicial com a figura primária (Martins, 2009). Já na masculinidade hegemônica o que se teme, inconscientemente, é a perda do lugar de poder patriarcal, e o ressentimento diante da castração simbólica é tamponado pelo estado

fusional de inconsciente coletivo masculino explicitado na Casa dos Homens (Daniel Welzer-Lang, 2001) e mantido pela *broderagem* (Zanello, 2020).

A virilidade sexual diz respeito a um comportamento heterossexual ativo (Zanello et. al., 2015) o qual Jairo expressou, implícita e civilizadamente, ao fazer menção aos seus inúmeros casos amorosos e traições às suas parceiras. Às relações paralelas Jairo designou de “*intercorrência*” e ressaltou que isso aconteceu “[...] *durante toda a minha vida*”. Um discurso pautado na “*urbanidade*” para expressar que sua potência sexual era tamanha que ele não conseguia manter-se num relacionamento monogâmico ainda que esse fosse o acordo.

Entretanto, Jairo disse também não ser orgulhar das traições “*não me orgulho de ter, de ter feito*”. É esperado ainda que em uma função narcísico-perversa a pessoa que discursa seja capaz de demonstrar (não necessariamente de sentir) culpa por pequenas faltas se acreditar que isso pode aproximar seus interlocutores dela (Eiguer, 2014).

A Psicanálise apresentou como mecanismos defensivos a negação e a denegação, recursos empregados, inconscientemente, em momentos que o Eu não pode admitir uma conciliação com o desejo do Id e, portanto, faz a apresentação do que deseja exatamente às avessas: “o que pareceria à primeira vista tratar-se de uma negativa, trata-se na realidade de uma afirmação.” (Furtado, 2011, p. 29). Diante da memória das traições a palavra à qual Jairo se remeteu, foi “orgulho” e sob o crivo de um Supereu ajustado pôde inserir a negativa antes do sentimento.

Jairo relatou ainda que esteve com Monique (Mãe de Henry Borel) e com outra namorada ao mesmo tempo, entretanto, uma das duas descobriu sobre a existência da outra, o ex-parlamentar afirmou não se lembrar qual delas teria dito, e o relacionamento com a amante precisou de um ponto final. Ou seja, se não houvesse essa descoberta, possivelmente a traição seria mantida.

Esse fragmento discursivo aponta para um fenômeno descrito no capítulo 1, item 1.3 deste trabalho em que é explicado que violentar o outro é um recurso familiar à masculinidade hegemônica, uma vez que, o homem, por vezes, tende a responder a partir de uma função perversa e narcísica que é decorrente da resistência, e não da censura.

No discurso de Jairo isso é elucidado da seguinte forma: se ele não fosse descoberto em sua traição talvez continuasse o relacionamento paralelo, o que implica a ausência de censura que conforme proposto por Godoi e Noe (2018) é uma lei simbolizada e portanto internalizada,

mas ao ter que responder ao conhecimento das mulheres traídas, e ao correr o risco de perder seu objeto principal de interesse, Jairo renunciou à traição e agiu, portanto, a partir da resistência que corresponde a contenção de um impulso em decorrência da presença de uma lei externa ou de um representante dela.

Outro ponto interessante desse momento discursivo foi a fala em que Jairo apontou que: “[...] *a Monique me disse quando me conheceu em agosto, que estava separada desde março e eu comecei um relacionamento com ela...*”. Nesta sentença Monique apareceu como um objeto que, destituído da companhia de um outro proprietário, estava disponível e foi tomada por Jairo que começou um relacionamento com ela, em vez de ambos começarem a se relacionar.

Jairo seguiu sua fala e explicou que: “[...] *todos os meus momentos com ela, com ela, foram muito felizes*”, neste trecho do discurso ficou evidente, mais uma vez, a grande consideração que Jairo apresentou pela própria experiência em sua vivência relacional. Outro aspecto relevante e comum à função discursiva perverso-narcísica é fixação na parcialização da vivência objetal. Ao dizer que todos os momentos foram felizes, o ex-parlamentar, toma uma parte da experiência pelo todo, porque na dinâmica perversa e narcísica a tendência primeira é não admitir a falta, mas evitar o contato com a castração simbólica. Entretanto, as relações são constituídas por experiências prazerosas e desprazerosas, e negar as faltas relacionais, não as extingue.

Talvez, Jairo soubesse de algum modo que falar de alguém com quem se relacionou era falar da relação, e o único modo de garantir a integridade de uma relação não atravessada por faltas era matar a possibilidade de as faltas aparecerem: “[...] *eu não tenho uma vírgula para falar da Monique como mãe e como mulher. Nada. Não tenho...*”

Jairo descreveu a relação amorosa com Monique como saudável e explicou que o ciúmes que existiu entre eles era natural e provindo dos sentimentos de um pelo outro: “*Eu tinha ciúme da Monique, assim como ela tinha ciúme de mim e eu tinha localizador no telefone dela, assim como ela tinha no meu. [...] Algo completamente normal, completamente natural*”. Todavia, Jairo fez distinções entre o tipo de ciúmes apresentados. Ele declarou os ciúmes dele como “*óbvio*”, afinal aquela era a mulher que ele decidiu “[...] *assumir como minha mulher, como a minha namorada. [...] eu tinha ciúme dela [Monique] com... com algum homem que podia se aproximar, que era natural, tinha ciúme, claro...*”.

Embasado em um pensamento heteronormativo e que destitui a mulher do poder de escolha de se interessar, ou não, por outra pessoa e de escolher, ou não, se relacionar com ela, Jairo ressaltou ainda que preferia, em atividades esportivas, que ela fosse acompanhada por uma mulher, em vez de um homem: e ressaltou: “[...] *é o seguinte, Monique, se você puder, por que que cê não contrata uma personal mulher?*”

No entanto, os ciúmes sentido por Monique foi descrito como sendo decorrente do fato dele, Jairo, ser uma pessoa pública e ser muito requisitada. Ou seja, os ciúmes de Jairo eram decorrentes de um desejo de proteger seu objeto, que poderia ser tomado por um outro homem, enquanto os ciúmes de Monique era uma constatação do fato de que ele era demandado por muitas pessoas, possivelmente, pelo seu grau de importância para as mesmas.

Jairo apresentou um jogo indutivo ao relatar como Monique era vista pelas pessoas ao seu redor: “[...] *diversas e diversas pessoas que vieram, quando eu comecei a namorar Monique, falar comigo assim: ó, Jairinho, a Monique não é uma menina para ficar com você, cara, a menina que tá sendo muito assediada na academia...*” e posteriormente, de modo sedutor, indicou um modo de elogiar a si: “[...] *Ja Monique, comigo [...] com o Jairinho, foi uma mulher exemplar [...] tomava conta de tudo porque ela é assim [...] dá conta de casa, dá conta do filho dá conta de mim, dava conta de tudo pro lado positivo, não estou falando pejorativamente, não. Eu estou falando no caso de que ela é uma supermulher. De vez em quando quem trazia os remédios e dava na minha mão era ela. Eu pedia: amor, remédio. Quando ela já não trazia os remédios. Ela trazia. [...] Ela que comandava a casa, comandava as empregadas, comandava babá. Comandava tudo. Ela que era a dona da casa, pô!*”

Ao relatar uma Monique distinta do que as pessoas viam, Jairo apresentou, mais uma vez, sua potência e virilidade. Manter a família em ordem e sob controle, domesticar a mulher e sua sexualidade diz de um homem dominador que deve ser admirado e respeitado (Gomes, 2016). Jairo exibiu como de uma mulher “*assediada*” (como se isso fosse uma escolha de Monique, ou desejado por ela), ela passou a uma fêmea domesticada dedicada à ele e aos cuidados do lar: é isso que um homem, de verdade, faz.

Mas, porque Jairo sentia ciúmes se ele mesmo admitiu as inúmeras traições ao longo da vida, inclusive na relação com Monique? Este é um exemplo de: “virilidade sexual, exercida, de forma livre (para os homens brancos) e, de forma moralista, com as [...] futuras mães de seus filhos” (Zanello, 2018, p.197).

Ainda no tema de suas relações intrafamiliares, Jairo falou sobre relacionamentos anteriores e relatou sua vivência como pai. Enquanto explicava que “[...] não tem nenhum episódio da minha vida que eu possa ensejar qualquer tipo de violência.” afinal, ele é um pai de família, e a roupa do homem violento “não lhe cabe”, Jairo relembrou o nascimento de seu primeiro filho Luiz Fernando o qual descreveu como um “acidente”, mais de uma vez. Após dizer que nunca desejou qualquer violência na vida, Jairo afirmou que se tornar pai foi um acidente, geralmente eventos envolvem danos e perdas. É possível que Jairo tenha sentido a chegada do filho como algo violento, um destronamento de si, que talvez ele nunca tenha desejado, afinal os acidentes são sempre eventos indesejados.

Esse pesar da perda de algo de si escapou em um momento posterior: “*Você antes de ter um filho, o centro do universo é você. Quando você deixa de... quando... quando você passa a ter um filho, tudo o que você faz na vida [...], é pra aquela, são pra aquelas pessoas, são pra aquelas crianças. Você deixa de existir.*”

Mas a experiência de se tornar pai, e renunciar a um lugar para se dar a um outro que depende disso, apareceu como uma experiência tão difícil no discurso de Jairo que ele, identificado com o papel de filho – aquele que recebe os cuidados e o amor – verbalmente recusou o próprio lugar de pai em determinado momento: “[...] hoje eu sei por que que ele...o Luiz Fernando veio ao mundo. Ele veio ao mundo pra nesse momento ser o meu pai, ele poder me dar a mão.”

Ainda assim, Jairo descreveu seu filho como um rapaz de bons costumes que não bebe, não fuma, não faz bagunça, ou seja, moldado pela urbanidade, à exemplo do pai. Além disso, Luiz é advogado formado, o que Jairo fez questão de ressaltar. Esta apresentação de seu filho evidencia também um modo de elogiar a si, a própria paternidade e novamente a virilidade, uma vez que: “a paternidade é vivenciada numa relação direta com o ideal de virilidade laborativa, de modo que cuidar dos filhos é ressentido como prover e o sucesso e conquista dos filhos atesta que seu investimento foi bem sucedido e coroa seu sucesso como pai.” (Zanello, et. al., 2015, p. 244). Jairo também falou sobre o quanto é um pai presente, afetivo e carinhoso e relatou que seu filho mais novo, a quem ele “curou” de uma “doença neurológica”: “*Meu filho grita, grita de saudade de mim, grita de saudade de mim, cadê o meu pai, cadê o meu pai? Isso dói mais do que tudo*”.

Embora Jairo não tenha mencionado em nenhum momento sentir saudade deste filho, é possível entender que exista uma dor que “dói mais que tudo”. Uma criança que chora e reclama uma falta, evidencia a castração, diz do limite que enxerga e da sua impotência diante dele e por isso grita e chora. Do outro lado, existe um pai que, em seu discurso, também está impossibilitado de ser objeto de gozo dessa criança – e essa posição de limitação – independentemente da relação em que aparece, “dói mais que tudo” em um funcionamento perverso-narcísico que se preenche narcisicamente a partir do outro (Martins, 2009).

Mas uma figura parental não deveria ser objeto de desejo para uma criança? Sim, entretanto, o desejo está relacionado ao amor e o amor suporta a falta (Kuss, 2014) e suporta faltar. Mas no gozo, esse desejo que perde a medida e torna-se mortífero, o que aparece diante da falta é o desespero e a agressividade, a ansiedade de separação e a angústia.

Nas relações próximas, pessoas que apresentam funcionamento perverso-narcísico tendem a suscitar no outro, de modo projetivo, que são essenciais para a sobrevivência deste sujeito (Martins, 2009), mas deixam rastros fantasmáticos de que podem ir embora se não for mais conveniente estar na relação. Isso tudo é produzido de modo inconsciente. A paradoxalidade (Eiguer, 2014) aponta para esse risco subjetivo que o discurso perverso-narcísico insere.

Jairo ao falar de seus filhos, paradoxalmente, declarou: “[...] *O Henry era a criança mais linda desse mundo. Henry era mais bonito que meus filhos. Amo e amava meus filhos mais que ele.*”. Esse foi um dos raros momentos que Jairo deixou escapar algum sentimento por Henry. Um potente mobilizador das funções perversas e narcísicas é a inveja narcísica que associada ao ressentimento (Khel, 2020), pode produzir sentimentos bastante destrutivos e confusos.

Admitir que Henry era mais bonito que os próprios filhos talvez tenha sido um modo sublimado de Jairo admitir a inveja suscitada pelo enteado e, na sequência, ao verbalizar seu amor pelos filhos, denegou o que sentia por Henry (Klein, 1948). Entretanto, o adjetivo bonito é um significante que pode articular inúmeras significações particulares àquele que fala e que possivelmente não se refere, exclusivamente, às características físicas de Henry percebidas por Jairo, e os desdobramentos desse conteúdo escapam a quem lê, e a quem o escuta no presente contexto.

1- A lógica do impossível: o crime não existe, e Deus sabe disso

Esta categoria apresenta três significantes muito enfatizados por Jairo a lógica, o impossível e Deus. A lógica articula o encadeamento que, para Jairo, dá sentido ao seu raciocínio e, talvez, fosse o desejo dele, que pudesse se tornar uma lógica unânime entre seus interlocutores. O impossível é tudo que falta, que excede a simbolização e se insere no real. O crime inexistente é a alegação do ex-parlamentar diante das acusações contra ele, ainda que os laudos comprovem que a morte de Henry Borel decorre de um homicídio. E Deus é a testemunha que o réu elegeu em sua defesa.

Jairo baseou seu discurso de autodefesa predominantemente na ausência de provas, que ele elegeu como basais, para identificar um crime, provas “*oculares*”, como por exemplo: “*se tivesse qualquer resquício, qualquer, qualquer mancha, qualquer arranhão, qualquer coisa de violência, isso é ocular, isso é básico*”, “[...] *caso o Henry tivesse algum machucado nós seríamos atendidos de outra maneira.*”.

Entretanto, tomar esta versão, pelo todo dos achados, ou seja, recusar as faltas, as lacunas e os contrapontos dos fatos afirmados pelos peritos, como pode sugerir um discurso perverso-narcísico, seria improvável às indagações neuróticas. Henry Borel, filho de Monique e Leniel foi morto no dia oito de março de 2021 em decorrência de uma laceração hepática por ação violenta contundente. Os laudos periciais excluíram a possibilidade de queda e indicaram que não havia, no apartamento, ninguém além de Jairo e Monique.

Ao afirmar que a violência é ocular, e tratar do que não foi visto, Jairo na realidade, produz um discurso de indução para que os olhares se detenham no que foi visto: a ausência de cicatrizes ou marcas na pele de Henry que pudessem confirmar abuso ou maus tratos, a imagem dele (Jairo) sendo bem recepcionado no hospital (tanto que ele aponta como prova da inocência dele as filmagens dele chegando ao hospital) e pela família de Henry, além do primeiro apontamento de morte acidental.

Independentemente do que causou a morte de Henry, e de como ele morreu, conforme o discurso de Jairo, ali, como na chegada se seu primeiro filho existe a marca do acidente: “[...] *uma morte acidental. Todos os movimentos, desde o apartamento até o dia do velório, se deu de forma acidental. Ninguém falou em morte violenta. Isso veio depois.*” Mais uma vez, um

acontecimento desagradável e infeliz, aparece no discurso de Jairo, como algo dissociado da violência.

Em um momento anterior, Jairo falou que se não fosse “*esse acidente do destino*” referindo-se ao nascimento do filho, ele “*não estaria aqui hoje*”, e esse é outro ponto em comum com o acidente do Caso Henry Borel. Se não fosse a “*morte acidental*” do Henry, Jairo não estaria nessa situação, preso há mais de 430 dias.

Além destas conexões, existe a associação feita por Jairo de que a paternidade exigiu dele “*deixar de existir*”, será que àquela época ele poderia ter desejado que o filho tivesse deixado de existir, em vez dele? Se este, ou outros sentimentos hostis existiram ou não são humanamente admissíveis, assim como, é também característico do humano civilizado, a interdição e o recalco dos desejos assassinos (Muszkat, 2011).

Mas, essa questão surgiu numa fala de Jairo durante seu discurso de autodefesa, indica que ela ainda é presente em sua vida, de modo relativamente recalco, uma vez que ele conseguiu falar da sua alegria em relação ao filho, mas com falhas pontuais no jogo sublimatório, afinal não é comum que pessoas que se posicionam de modo tão esclarecido sobre a própria vida, apontem o próprio filho como um “*acidente*”, nesse sentido, esse significante pareceu um escape discursivo.

Para a teoria lacaniana, trauma é aquilo que produz um hiato no encadeamento psíquico, o que excede a capacidade de elaboração (Medeiros, 2020) e é também o que inscreve o sujeito na dimensão simbólica (Favero, 2009). Nesse sentido o modo como uma pessoa aprende a reagir, no início da vida, ao evento traumático da castração simbólica, se desloca, se aprimora, mas sem uma psicanálise, que favoreça a possibilidade elaborativa, tende a se repetir. Se o trauma do nascimento do filho ainda ecoa na vida de Jairo, para onde é deslocada a angústia não simbolizada?

Essa perspectiva é ilustrada pelo pensamento freudiano (Freud, 1914) de que a atualização de um trauma original consiste no anseio do sujeito de revivê-lo para dominá-lo e, portanto, ao sobreviver a ele, o indivíduo “*não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente saber o que está repetindo*” (p.196).

Ainda não é possível afirmar quem matou Henry Borel, mas é certo que sua morte decorre da ação repetida e violenta que dilacerou seu fígado. O discurso de Jairo, por sua vez, é uma repetição constante de “lógica”, “impossível” e evitação do tema homicídio.

Quando o recalçamento falha o que retorna no discurso é o Real. O Real é o gozo, é o impossível, é o que não se articula pela linguagem (Queiroz, 2012), como a morte, por exemplo, apesar dos inúmeros rituais criados ao redor dela para oferecer amparo às indagações neuróticas, ninguém é de fato capaz de explicar, subjetivamente, o fenômeno da morte. O Real é tudo o que arranca a palavra. Mas, com a linguagem também se sustenta o gozo, e este processo se dá pela palavra ou discurso que tem por função evitar o núcleo de angústia (de castração).

Jairo apresentou uma contradição, e uma importante função evitativa, com a constatação da morte de Henry: “[...] *eu não estou eu não estou dizendo que o que o Henry não estava grave, mas aí você através da ciência afirmar categoricamente que ele estava morto é impossível. Eles não podem. Medicina você pode falar o que não pode? De jeito nenhum.*” Senão a Ciência, o que poderia afirmar, ou não, a morte de Henry? Senão os médicos quem poderia atestar o óbito?

O desmentido do discurso médico veio acompanhado do desmentido dos laudos periciais, tanto da avaliação do médico legista, quanto da perícia realizada no local em que foi constatado o crime. Mas, a crítica contundente aos profissionais que forneceram as provas que embasaram as acusações contra Jairo, apresentou mais do que a finalidade de desviar a atenção de sua possível culpa, trata-se de desviar a própria atenção da angústia de uma possível castração simbólica que poderia ser imputada pela Lei.

Eiguer (2014) apontou que o discurso crítico no funcionamento perverso-narcísico deriva de um Supereu introjetado, a partir das figuras parentais, e convocado a funcionar, em determinados momentos, como um captador de pessoas identificadas com esse sujeito que é porta-voz de indignação da maioria. É assim que a função perversa e narcísica torna o sujeito a própria lei na cena que ele comanda.

Dentre muitos exemplos das falas de Jairo, pode ser citado: “[...] *porque não tem como ele fazer uma coisa tão errada dessa maneira. Não dá. É impossível. não tem como como eu estou tentando aqui salvar alguma coisa de um laudo que ele fez, completamente uma perícia, completamente falsa e mentirosa*”.

Outra fala, que também apareceu um tanto destituída de recursos sublimatórios, foi a que surge em referência a como deveria ser feito o trabalho da necrópsia: “[...] *tira pedaço do pulmão, pedaço do coração, pedaço do cérebro, pedaço de todas as vísceras. Faz o trabalho bonito.*” O adjetivo bonito, traduz uma escolha inusual diante da perspectiva de reduzir a pedaços os órgãos humanos de um cadáver, especificamente, se o cadáver referido é o de uma pessoa conhecida.

Na continuidade de seu discurso Jairo descreveu: “[...] *a... possível PCR que pode levar a morte... Isso é uma possibilidade. Enfim, a gente tem diversas possibilidades. A gente tem ... o impossível. E o impossível foi o que o doutor Tauil escreveu.*”

De acordo com o discurso do ex-parlamentar existia a possibilidade de morte e o impossível descrito pelo perito: um homicídio. Se o homicídio é afirmado por Jairo como o impossível, ele não poderia estar, psicanaliticamente, mais correto e alinhado com a teoria lacaniana. Talvez as inúmeras vezes que ele disse “*é impossível*” em seu discurso, ele estivesse tentando dizer, numa lógica inconsciente, “*é homicídio*”, palavra que ele não mencionou uma única vez em sua autodefesa.

Para Lacan (2006), a morte tal como o Real, é o impossível porque é análoga a um gozo impossível, um gozo que excede o Simbólico, que escoa o Imaginário e quando a posição de um gozo muito mortífero é saturada, retorna no Real. Nesta experiência o sujeito é lançado para longe do gozo: ou porque morreu, ou porque matou.

Lacan lembra, no seminário 4 que “em francês, e em algumas outras línguas, entre as quais o alemão, tuer, matar, vem do latim tutare, que quer dizer conservar”. Ou seja, conservam o pai perpetuando a proibição que ele impunha, por isso o pai morto adquire estatuto de pai simbólico. [...] Esse impossível também remete ao gozo que era facultado ao pai tirano da horda primitiva: o gozo de todas as mulheres, o gozo absoluto, sem obstáculos, ou seja, o gozo impossível. (Stahelin, 2007, p. 32-33)

A repetição do termo “impossível” no discurso de Jairo apontou para um aspecto relevante: há uma questão de gozo que por meio do discurso o ex-parlamentar busca sustentar, ainda que precariamente, desconexamente e com desespero como mostra o trecho a seguir: “*Inclusive essa é uma dos... dos sinais vitais porque é impossível uma hemorragia maciça dentro do apartamento é... [...] se... se... tivesse feito um, por exemplo, e isso aí de fala muito contra a denúncia e aí a denúncia fala em hemorragia maciça, hemorragia maciça dentro do apartamento e a lesão que o perito descreve, a lesão grau dois, impossível de acontecer uma,*

é impossível, lesão grau dois, impossível de ter hemorragia maciça no fígado e o perito descreve lesão grau dois, um a dois centímetros, isso é impossível.”

De fato, existem pontos coerentes com os apontamentos médicos, fragmentados no discurso de Jairo, não é possível que uma criança saudável que não apresentou nenhum problema de saúde antecedente, que não caiu, não se machucou e não ingeriu nenhum tipo de produto tóxico, dentro do apartamento (e aqui existe um deslocamento não é mais “da minha casa e do meu pátrio poder” é “do apartamento”) presente “hemorragia interna” que juntamente com a “laceração hepática, em decorrência de ação contundente violenta”, foi a “causa da morte” de Henry (Relatório da Secretaria de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, 2021, p. 43).

Em outro momento, ao falar sobre sua inocência, Jairo apresentou um excesso de denegações na mesma fala: “[...] *eu não fiz isso com o Henry, eu não fiz nada com o Henry, eu não sou culpado disso que estão me acusando. [...] eu não fiz isso, isso não é verdade, não aconteceu isso.*”

Para a teoria freudiana os objetos de prazer, são egoicamente introjetados, e os que produzem desprazer, tendem a ser expelidos, entretanto, a negação diz respeito ao retorno do recalçado (Freud, 1915). Mas, existe um modo de colocar para fora o objeto de desprazer em associação aos ajustes perceptuais do Supereu: a denegação que se encadeia em pequenas parcelas de catexias a fim de permitir seu escoamento pulsional (Furtado, 2011), ou em termos lacanianos, possibilita a articulação da linguagem a partir de um significante universal de proibição do crime “*eu não fiz isso*”.

Jairo não apresentou um discurso delirante, ou traçou confabulações de como tudo aconteceu. Pelo contrário, se manteve na lógica da mesma posição e a excedeu: evitou o núcleo de angústia – não falou da laceração hepática – mesmo quando a juíza o confrontou e reclamou que ele estava dando voltas, e não chegava ao discurso sobre a laceração. Ele se manteve saturando a posição do impossível: não foi ele, foram os outros que erraram. Os médicos erraram nos relatórios, os peritos erraram nos laudos, os promotores e juízes, talvez por um raciocínio ofuscado, estavam impossibilitados de perceber a lógica dos fatos. Jairo repetiu, contundentemente, o desmentido do trabalho técnico e científico dos profissionais designados para o caso.

Conforme proposto por Martins (2009) essa mobilização discursiva de Jairo revelou um aspecto comum à função perverso-narcísica: o imperativo de gozo sobre o Outro. Nesse sentido, diz-se do grande Outro, porque trata-se de uma relação narcísica com a própria demanda, na qual, qualquer pessoa que se interponha entre o falante e seu gozo não é considerada. Não importa quantas provas foram apresentadas, Jairo manteve o mesmo posicionamento: “*é ilógico*”, “*é impossível*”, “*isso nem, nem é, isso nem é científico*”, “*foge à lógica de qualquer ser humano normal. Isso não tem, não tem, isso não tem aderência, não tem aderência*”, “*pegaram a lógica, Excelência, e a subverteram. Subverteram a lógica. Fizeram uma retórica absolutamente contra a lógica*”.

Jairo mencionou que existiam provas de que “*isso*” (um crime) não aconteceu e, embora, não seja possível, juridicamente, provar o que não aconteceu, ele expressou: “[...] *Então eu não sei, no dia dois, por que motivo me atribuíram um ato bárbaro desse, num contexto completamente avesso e com provas irrefutáveis que isso não aconteceu. Depois do dia 12, o nível de ataque é tamanho, que eu agrido o Henry durante seis minutos.*” Mesmo falando de uma criança morta que de acordo com os laudos, foi assassinada, Jairo conseguiu moldar seu relato de tal modo que o “*ataque*” foi posto sobre ele.

O sentimento de injustiça apresentado por Jairo ficou mais explícito no seguinte trecho: “*Tá errado o que tá acontecendo comigo. Eu tô sendo injustiçado. Pelo amor de Deus, o que que tá acontecendo? Presta atenção, o que que tá acontecendo? Isso é lógico. O que que aconteceu?*”

Eiguer (2014) apontou que o discurso perverso-narcísico usa do sentimento de ter sido uma pessoa injustiçada para ganhar espaço a ponto de poder “*posar de juiz*” sobre o que é dito, por meio de lições, entretanto, nesses ataques a agressividade é deslocada, uma vez que os sujeitos com esse modo de funcionamento “*não atacam frontalmente aqueles que estão diante deles; não os acusam necessariamente, mas se exprimem por meio de alusões ou fazendo críticas a terceiros que têm semelhanças com a pessoa a quem se dirigem*” (p. 95).

Mas a autodefesa de Jairo não foi pautada só no ataque, ele também apresentou suas demandas: “[...] *Doutora, não acredite em outra versão, a verdade é o que eu tô falando com a Senhora... [...] eu, eu juro pra senhora*”, e explicou que além de deter a verdade poderia mostrá-la sob determinadas condições: “[...] *eu tenho muito mais a oferecer do lado contrário do que desse lado que o senhor vê* [Jairo afirma à juíza que faria mais para prover sua inocência se

estivesse solto], *mas o senhor tenta fazer um exercício de lógica pra poder traçar realmente ser uma pessoa capaz de fazer isso ou não. O exercício de voz que tem que ser feito lá do contrário*”.

O que Jairo demanda da juíza é muito parecido com o que Eiguer (2014, p 101) descreveu como uma demanda transferencial do discurso perverso-narcísico:

não procura encontrar um cúmplice no analista, mas fazer dele uma “testemunha”, ou seja, alguém a ser desafiado, mostrando-lhe as insuficiências e as falhas da lei. Ele pensa que esta se impõe por meio da arbitrariedade. É possível evitar as consequências da lei, desde que se seja astucioso, acrescenta ele. Ante o escândalo do ultraje, a testemunha deveria ficar perplexa e impotente.

Jairo se apresentou à juíza como se fosse dono de um conhecimento que escapa à Lei, à Ciência e que decorre de uma lógica pura a qual só ele parece conseguir capturar. De acordo com Eiguer (2014, p. 97) a função discursiva perverso-narcísica

pode se referir a uma ordem não organizada pela lei e sim pelo puro; ele funcionaria como intermediário entre a pureza, a perfeição e o outro. A forte personalidade do p.n., na qual reina um narcisismo monolítico, vai progressivamente se impor sobre a vítima. A lógica do narcisismo patológico é: “O mundo e eu somos um”; “Tudo será uniforme, tudo estará a meu serviço”

Jairo convocou inúmeras vezes suas convicções religiosas, entretanto, ao clamar pela ajuda da juíza, em um momento específico usou uma expressão interessante: “[...] *é doutora é... eu... eu... eu... passo por um processo como eu disse pra senhora de inquisição.*” O furo desta articulação é que a Inquisição se voltava às pessoas não cristãs e consideradas desviantes, por que Jairo, que relatou ser tão próximo de Deus, se descreveu nesse lugar? Ele que afirmou que “*a lei de Deus não falha*” e pareceu se tranquilizar com isso.

Na sequência, o ex-parlamentar afirmou que precisava dar luz ao que estava acontecendo: “[...] *houve uma subversão da verdade né? E assim eu... eu precisava vir dá luz a isso que está acontecendo.*” Talvez esse seja um motivo que o tenha tornado alvo da inquisição, em sua fantasia, afinal, pode ser considerado uma espécie de heresia querer ocupar o lugar de Deus, que é “a verdade e a vida” (João, 14:6).

2- *Entre ditos e contraditos: minha (in)consciência fala por mim?*

De uma perspectiva psicanalítica do discurso, a atenção flutua por todo o encadeamento significativo discursivo e isso inclui, as pausas, os lapsos, as reformulações, os não-ditos, as breves supressões, os atos falhos, as entonações, as escolhas de palavras, as irrupções, as emoções que parecem acompanhá-las, entretanto, fora de um contexto de análise, sem a influência de uma relação transferencial, não é possível dar significados ou atribuir intencionalidade às falas daquele que discursa. A ninguém cabe a inferência dessas respostas, isso seria malversar o fazer psicanalítico.

Não cabe a nenhuma pessoa pesquisadora interpretar os lapsos de nenhum sujeito, senão a ele mesmo, deste modo, o que se tem neste estudo, já são as respostas – o discurso de Jairo – portanto, esta pesquisa, se mantém atrás das perguntas. Quais são as perguntas que podem ter produzido as respostas encontradas e transcritas? Para isso, são usados os recursos teóricos da Psicanálise.

Seria incomum que Jairo não cometesse nenhum ato falho em um discurso longo de mais de cinco horas, entretanto, é relevante observar a pontualidade da temática em que essa leitura inconsciente fura a barreira do recalque e emerge na fala.

No trecho a seguir é possível identificar um ato falho: “[...] *eu tenho três filhos e não quero que eles tenham o pai dele como sendo uma pessoa que fez, que praticou algum mal a uma criança porque é o seguinte, deles eu tenho a... a... a confiança, deles eu tenho o sentimento de que eu fiz o correto, deles eu tenho um sentimento de que jamais eu poderia ter feito aquilo que eu fiz.*”

O que Jairo sente que fez, e que jamais poderia ter feito, em relação à sua acusação, não é possível depreender, mas seria possível admitir que existe nele, alguma censura quanto aos fatos sobre a morte de Henry?

Em relação aos atos falhos:

A interpretação proposta por Freud pode ser entendida como esclarecimento de um ponto de sentido que fez enigma para o sujeito que produziu o ato falho; ou seja, o fim da perplexidade parece indicar uma intenção realizada, mas, ao mesmo tempo, pode ser apenas a aceitação de um dado modo de interpretação que acomoda o sentido. (Aires, 2017, p. 30)

Alguns atos falhos acontecem com a finalidade psíquica de que o terror seja colocado para fora, localizado na linguagem, à exemplo de quando alguém se assusta por dizer algo terrível com o que jamais concordaria. Todavia, esse ato falho parece, talvez, não ter causado perplexidade a Jairo, o que diminui a possibilidade de se tratar da expulsão de um objeto de repúdio (Aires, 2017).

Jairo não manifestou consciência do dito, nem o reformulou, pareceu não ter percebido o que escapou com ele, exatamente, como a sugestão de que ele fez algo que jamais poderia ter feito, um acidente discursivo, uma repetição inconsciente, como mencionado anteriormente em referência aos estudos freudianos. O gozo que escapa à linguagem, às vezes, escapa também pela linguagem.

Como o discurso de função perverso-narcísica é predominantemente embasado em uma lógica narcisística (Martins, 2009) não é incomum que não haja preocupação com o gozar diante do Outro. Essa dinâmica funcional favorece um afrouxamento do recalçamento que permite à linguagem perversa e narcísica uma outra relação com trânsito entre o prazer e o desprazer.

É interessante que, de todos os lapsos atos falhos que Jairo poderia cometer, foi esse tema, a morte de Henry que suscitou a maioria deles. Neste sentido, outro ato falho foi apresentado no seguinte trecho sobre a chegada de Henry ao hospital: “[...] *não chegou lá com marca de violência nenhuma, o Henry não chegou lá.*” O corpo de Henry chegou ao hospital. Mas, conforme apontado pelo boletim médico e pelo laudo de necrópsia, a criança chegou sem vida, distintamente do que foi apontado por Jairo durante sua autodefesa.

Considerando, a partir do discurso do acusado, que houve uma morte acidental, é possível admitir que, para Jairo, ter percebido a criança morta no hospital, pode ter sido um evento traumático de contato com a falta, com o Real, com a castração. Na dinâmica das funções perverso-narcísicas, em associação ao lugar de poder por ser um homem branco e rico, imaginar Henry morto, sendo ele o possível suspeito, poderia produzir um nível consistente de recusa do fato, que poderia levá-lo ao movimento oposto: “Henry não chegou morto, ainda que todos os profissionais digam o contrário”. Mas a recusa recalcada, pode sempre retornar.

Mas, por que falar da morte de Henry produz tantas dissonâncias discursivas? Isso não pode ser um sinal de Jairo sofre com esse fato por estar abalado com a morte do enteado?

Vasconcelos e Pena (2019) explicitaram a partir da obra lacaniana que a angústia e o desamparo, distintamente do proposto pelos postulados freudianos, não decorrem da falta ou da

perda, mas sim da presença do objeto de desejo. Isso pode se intensificar quando o desejado é culturalmente interdito e o desejo consumado, ou não, vem à tona.

Ainda sobre tema da violência intrafamiliar infantil, Jairo produziu uma contradição: “[...] *Eu definitivamente, Excelência, eu juro por Deus, que eu nunca encostei em nenhuma criança, eu nunca fiz isso na minha vida. O meu histórico não permite dizer isso*”.

Em seus estudos sobre as inconsistências no dizer Rabelo (2020, p. 47) pontuou que: “Seguindo os preceitos aristotélicos, diante de duas proposições contraditoriamente opostas, ambas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, ou simultaneamente falsas. Sendo uma delas verdadeira, a outra é automaticamente falsa.” Portanto, pergunta-se: É possível haver falsidade, ainda que inconsciente, no discurso de Jairo?

Outra contradição identificada na fala de Jairo, que afirmou com veemência que a morte de Henry foi um acidente e não um homicídio, pôde ser identificada no seguinte trecho: “[...] *O fato é que, assim que aconteceu o ato, assim que aconteceu...*” A partir dela, seria possível afirmar que a morte de Henry se deu por um ato acidental? Mas, distintamente de outros exemplos, nesse ato falho, Jairo reformulou a frase: “[...] *assim que vimos o Henry passando mal...*”.

Ainda na descrição do mesmo evento Jairo apresentou mais um ato falho, do qual pareceu não tomar consciência e, em vez de dizer que Henry estava muito mal, afirmou que: “[...] *com criança mesmo ele tendo muito mal, é muito mais é descrito na literatura que você tenta além, um pouquinho além do limite [procedimentos médicos de ressuscitação], isso é verdade, mas não da maneira que foi feita, né?*” Que tipo de mal Jairo, inconscientemente, atribuiu a Henry? Qual o, e quanto do limite os médicos ultrapassaram?

Martins (2009) descreveu como um mecanismo recorrente nas funções perverso-narcísicas o uso da identificação projetiva, e Eiguer (2014) reforçou como comum à esta dinâmica discursiva o recurso de apontar nos outros os excessos de si. Jairo sugeriu que a morte de Henry pode ter sido causada pelas tentativas de ressuscitação, o que é contraditório, porque não se ressuscita uma pessoa viva, e que a laceração, a hemorragia e as contusões dos órgãos internos decorrem disso: do fato da equipe médica ter passado dos limites.

Um outro ato falho de Jairo, também, apontou para a possibilidade de uma identificação narcísica com o lugar da vítima. Ao falar da chegada de Henry ao hospital o acusado disse: “[...] *não cheguei no hospital machucado*”, em vez de Henry não chegou ao hospital

machucado. Jairo esteve vivo e inteiro diante da morte de Henry. A que morte Jairo se refere? A morte da criança? Ou a morte de algo em si? Ou as duas?

No capítulo três deste trabalho, ressalta-se que, diante da hipótese de um homicídio atuado por um funcionamento perverso-narcísico, que uma passagem ao ato, não seria o esperado, mas sim uma espécie de deslize ao ato. Uma via acidental para a falha no ato, portanto é possível existirem mortes acidentais, ou não conscientemente, planejadas.

Em momento posterior, ao discorrer sobre o laudo de necropsia do corpo de Henry, que para Jairo é um laudo “*mentiroso*”, outros dois atos falhos foram produzidos em sequência: “[...] *meu Deus do céu não sei como tem... como não tem medo... não tenho medo da justiça divina, não tem medo... eu não sei como é que pode acontecer isso [...]mas eu não sei como bota a cabeça no travesseiro e consegue dormir como que... não pode... não pode é... é... desonestidade intelectual...*”. Jairo disse duas vezes, não temer a justiça divina, se colocando novamente no lugar da pessoa não temente – a mesma que se sente numa Inquisição – ao falar da desonestidade intelectual do perito. Seria porque a honestidade está associada ao representante simbólico da lei (Deus), que os médicos apresentaram desonestidade intelectual?

Jairo afirmou também que as acusações contra ele decorrem de omissões, mas não disse se o que está omitido o inocentaria, ou o tornaria condenado, muito menos quem é o responsável por elas: “[...] *eu estou sendo acusado por diversas omissões que aconteceram durante a investigação.*”

O acusado revelou que o processo de acusação contra ele foi injusto: “[...] *É... escolheram o culpado e falaram assim esse rapazinho aqui vai ser o culpado. Vai ser ele, pronto, é melhor ao invés de abrir o leque de... de... possibilidades...*”. Embora, em quase oito horas de audiência ele mesmo não tenha conseguido mencionar uma outra possibilidade, além da ideia de que os médicos talvez tenham matado Henry, que foi levado ao hospital após passar mal subitamente em casa, a promotoria, de fato, restringiu a acusação às provas apresentadas. Outro aspecto que vale ser ressaltado, neste trecho, relaciona-se ao fato de como o homem viril do “*pátrio poder*” se tornou a figura infantilizada de um “*rapazinho*” que remete a alguém ingênuo, capturado por um ardil de funcionários públicos que precisavam de um culpado para um crime que não existiu.

Jairo enfatizou ainda, que dos fatos, o mais importante para ele era que Henry havia sido socorrido por ele e Monique: “[...] *o mais importante disso tudo é que nós socorremos, é que*

houve o primeiro socorro.” O movimento discursivo, numa expressão narcísica, revelou que, para ele, mais importante que a criança viver ou morrer é o fato de como ele reagiu a isso: da maneira esperada socialmente, socorrendo-a.

E sua fala permaneceu em torno de uma questão narcísica demonstrando, deste modo, uma dificuldade de Jairo em se implicar na percepção que seus interlocutores poderiam ter dele, ou seja, “[...] *tudo estava muito bem, de repente quatro, cinco dias [depois da morte de Henry] começou a ficar muito ruim. Ficou muito ruim, de verdade, foi no dia 18 de março [quando Jairo se tornou o principal suspeito]. Eu me lembro, porque, do dia 8 ao dia 18, as coisas não estavam ruins. Não tinha uma nuvem negra é... em cima de mim, da Monique. Começou a ficar é... pesado no dia 18 de... do dia 18 de março*”.

Essa fala não decorre exclusivamente de uma função discursiva perversa e narcísica no nível psíquico, mas também de um engendramento social que a legitima. Quem, senão um homem muito privilegiado, poderia dizer em público sem pudores, durante sua audiência de acusação, que sua vida estava boa depois da morte do enteado, mas começou a ficar ruim quando ele se tornou a principal suspeita de ser o autor do homicídio?

8. Conclusões

A morte que traz a vida é aquela perpetrada pelo significante, que 'mata' a coisa ao fazê-la existir no significante, para dotá-la de existência simbólica, que é a única do falante (Tenório, 2016)

Esta pesquisa chega ao fim, mas seria ridícula a ideia de que ela acaba para quem a escreveu. Como disse Rosa Montero em sua obra “A ridícula ideia de nunca mais te ver” (2021), a ideia de nunca mais ver o que morre, o que finda, ou o que acaba é, no mínimo, ridícula, uma vez que é o acabado que se revisita constantemente, e dele que surgem novos inúmeros furos para o que há de nascer.

Entende-se que esta pesquisa confirmou a hipótese inicial de que o discurso masculino brasileiro é fundamentado em uma lógica funcional perverso-narcísica. O perverso-narcísico é aquele que toma o que quer porque acredita tudo poder, o homem é o que tudo tem, e ao menor rastro de falta não hesita frente ao sequestro da subjetividade alheia. Este homem também é legitimado pela perversidade do patriarcado e do capitalismo (Souza, 2016).

De acordo com os achados de Valeska Zanello et. al., (2015, p. 243)

o ideal hegemônico de masculinidade em nossa cultura é marcado pela virilidade sexual e laborativa (WELZER-LANG, 2004; ZANELLO; GOMES, 2010), que se firma e é validada mediante a fabricação/demonstração de uma excelência de desempenho (BADINTER, 1992; AZIZE; ARAÚJO, 2003). Nesse sentido, a perda desse lugar privilegiado na socialização masculina é tida como fonte de sofrimento não só porque o homem “louco” se encontra impossibilitado de exercer sua função no meio social (SANTOS, 2009), mas principalmente porque se trata de uma perda enquanto aspecto identitário, constituinte de sua subjetividade e do seu modo de ser no mundo.

Concluiu-se a partir desta perspectiva, que o funcionamento perverso-narcísico é essencial para que os homens mantenham em dia a manutenção de seu exercício de poder, seja no âmbito social, seja na vida íntima, uma vez que essa função é entranhada em seus discursos. A sedução, o apoderamento, o domínio, a violência, todos esses aspectos, e seus desdobramentos, passam também pela via da palavra, portanto é pela linguagem que se depreende parte de um funcionamento psíquico presente no comportamento masculino e hegemônico.

Nesta pesquisa o objetivo principal era estabelecer conexões possíveis entre a masculinidade hegemônica e o discurso perverso-narcísico, expresso pelo acusado, em sua

versão do Caso público Henry Borel. Apesar do caminho tortuoso, da quantidade profusa de material, do tempo escasso para a realização de uma pesquisa como esta e, das polêmicas que, eventualmente, podem atravessar um caso de homicídio infantil, foi possível atingir esse objetivo e traçar um escopo possível para o presente trabalho.

Os objetivos foram atingidos por meio das categorias de análise estruturadas com os dados coletados e do embasamento teórico nos capítulos construídos. Deste modo, foi possível estabelecer uma relação inicial entre a violência seja ela física, ou não, visível, ou não, e o comportamento do homem, a partir da teoria psicanalítica.

Concluiu-se que ao se tornarem parte da Casa dos Homens (Daniel Welzer-Lang, 2001) é crucial aos homens a introjeção de um modo de funcionamento perverso-narcísico (Eiguer, 2014), em algum nível, mais ou menos intenso, e o ideal de masculinidade hegemônica demanda isso. É necessário saber impor ao Outro seu imperativo de gozo (Martins, 2009) e garantir o baixo investimento afetivo nas relações amorosas, exceto quando se trata das relações da *broderagem*, que garantem a manutenção do poder (Zanello, 2018).

Foi possível concluir ainda que há uma pronunciada falta de estudos e recursos socioeducativos pautados na associação entre a naturalização da violência infantil e os rituais de masculinização, os quais começam pela linguagem (Daniel Welzer-Lang, 2001) e que são produzidos por homens, direcionados aos meninos e, por vezes, permitidos pelas mulheres que desconhecem a potência destrutiva e deletéria de seus efeitos.

Ademais, concluiu-se que os grupos reflexivos de homens (Nascimento, 2001; Muszkat, 2011; Urra & Pechttol, 2016), não só em contextos reparativos, mas preventivos e com ênfase no trabalho com masculinidades faz-se um recurso imprescindível para a percepção e conscientização do lugar que cada homem pode ocupar na produção, promoção e manutenção dos diversos modos de violência.

O impacto da presença, da luta e dos estudos feministas é indiscutível, no meio acadêmico e muito além dele. Entretanto, a destituição do poder e dos privilégios masculinos e demanda a convocação, a implicação e a sustentação do próprio desejo desses homens diante do compromisso com caminhos disruptivos e dissidentes da proposta patriarcal capitalista.

Concluiu-se ainda que assim como a vida passa pela palavra (Montero, 2021), a morte não fica guardada em suas sombras, são as palavras não devem ser ditas esperando um furo para emergir.

A topologia da perversão-narcísica enquanto função não é ainda, muito difundida no meio psicanalítico, produz silêncio aos psicanalistas e tende a ser confundida com uma estrutura:

A perversão narcísica, este tema com contornos imprecisos, suscitou poucas reações na literatura [psicanalítica], e isto malgrado o interesse crescente pelas relações intra-familiares, [...] pela sedimentação dos conhecimentos sobre o narcisismo com todos os seus desenvolvimentos, pelo estudo já antigo da personalidade autoritária e do poder. Um estranho pudor parece ter se instalado nos espíritos mais críticos e os impediu de tentar penetrar nos segredos da relação entre dois indivíduos caracterizada pela dominação de um sobre o outro; surpreendente omissão, e tanto mais pelo fato de que o narcisismo foi considerado por Freud, na origem, como uma perversão. (Eiguer, 1996, cit. por Martins, 2009, p. 38)

Desta forma, é ainda menos recorrente materiais teóricos que abordem aspectos do discurso perverso-narcísico associados às questões e os atravessamentos de gênero. Sendo assim, este trabalho contribuiu para que profissionais da Psicologia, do Direito, Psicanalistas, e outros interessados em questões complexas como as abordadas neste estudo pudessem ampliar seus conhecimentos sobre crimes violentos e atingir um conhecimento introdutório sobre gênero. Questões que envolvem o matar e o não morrer e revelam os fantasmas que se escondem por trás de discursos nos becos sombrios de uma urbanidade prenhe de ressentimento masculino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abranches, Cecy Dunshee de & Assis, Simone Gonçalves de. (2011). A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cadernos de Saúde Pública [online]* v. 27, n. 5 pp. 843-854. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500003> . Epub 09 Jun 2011. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500003>.

Aires, Suely. (2017). Atos falhos: interpretação e significação. *Natureza humana* , 19(1), 24-37. Recuperado em 22 de junho de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000100003&lng=pt&tlng=pt.

Almeida, Patrick, & Almeida, Patrick. (2008). Criminalidade e psicanálise: entrevista com Serge Cottet. *Estudos de Psicanálise*, (31), 09-16. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372008000100002&lng=pt&tlng=pt.

Alves, José Eustáquio. Cavenaghi, Suzana., Barros, Luiz Felipe., Carvalho, & Angelita A. de. (2017). Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. Este artigo é resultado de pesquisa que contou com o apoio recebido do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (cnpq), Brasil, Edital Universal. *Tempo Social [online]* v. 29, n. 2 [Acessado 17 Agosto 2022] , pp. 215-242. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.112180> . ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.112180>.

Andrade, Aline, Ricelli, Gonçalves & Souza, Thalita Grazielle Pereira de Souza. (2021). O impacto da violência doméstica na vida da mulher que exerce o trabalho remoto em tempos de pandemia de covid-19. *Repositório Anima Educação*. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/13938/1/Artigo%20Cient%20C3%ADfco%20-%20Aline%20Ricelli%20e%20Thalita%20Grazielle%20-%202021.pdf>

Arantes, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha. (2013). Tortura: testemunhos de um crime demasiadamente humano. *Casa do Psicólogo*.

Ayouch, Thamy. (2014). A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. Gender dierence in psychoanalytical theory: aporiae and deconstructions. La diferencia entre los sexos en la teorización psicoanalítica: aporias y deconstrucciones. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 58-70. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400006&lng=pt&tlng=pt.

Baére, Felipe de., Zanello, Valeska. (2020). Suicídio e Masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF, Brasil. *Psicol. estud.*, v. 25, e44147. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/LzMM7YDThptPXckJkpKnWkn/?format=pdf&lang=pt>

Barbieri, Cibele Prado. (2019). A violência da palavra: política, lei e verdade. *Estudos de Psicanálise*, (52), 45-50. Recuperado em 21 de agosto de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000200005&lng=pt&tlng=pt.

Barbosa, Leandro, Corrêa. (2021). Violência doméstica e punibilidade: Reflexões a partir das contribuições da psicopatologia, psicanálise e criminologia clínica. *Spessotto*.

Barbosa, Livia. (2011). Afinal, o que querem as mulheres? *Psicologia Clínica*, 23(1), 33-46. Recuperado em 25 de fevereiro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000100003&lng=pt&tlng=pt.

Barreto, Clarissa Maia Esmeraldo., & Adeodato, Tereza Raquel Tomé. (2012). O perverso e a lei. *Revista de Psicologia*, v. 3 n. 2, p. 93-98, jul./dez

Basile, César Reinaldo Offa. (2009). A dignidade da pessoa humana e o valor social do trabalho na interpretação e aplicação das normas trabalhistas. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Direito da USP.

Bejarano, Bruna & Souza, Bruna Viviane Carvalho. (2005). Estudos de gênero [livro eletrônico]: mudanças e permanências nas relações de poder: vol. II / E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva [online]* v. 10, n. 1 [Acessado 14 janeiro 2022], pp. 59-70. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100012> . Epub 11 Jun 2007. ISSN 1678-4561.

Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público* (Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php>

Bento, Victor. Eduardo. Silca. (2007). Totem e Tabu: Uma “semiologia psicanalítica” em Freud? *Estudos de Psicologia I Campinas I* 24(3) I 397-406. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/cpByrH6RkCXfGrDTrcqjgS/?format=pdf&lang=pt>

Betts, Mariana, Kraemer, Weinmann, Amadeu de Oliveira, & Palombini, Analice de Lima (2014). O pai em psicanálise: Interrogações acerca das instâncias real, simbólica e imaginária da função paterna. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 26, n.1, p. 215-233, 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/wtCBgmkMcNy48DDJzwwCmP/?lang=pt&format=pdf>

Boonen, Carolina, & Calazans, Roberto. (2017). A noção de sujeito do inconsciente como situação imanejada. *Tempo psicanalitico*, 49(1), 98-122. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000100006&lng=pt&tlng=pt.

Bordieu, Pierre. (2017). A dominação masculina. Rio de Janeiro: *BestBolso*.

Borges, Iara. Farias. (2021, 9 de julho). Lei que combate violência doméstica durante a pandemia já está em vigor. Radio Senado. <https://www12.senado.leg.br/radio>. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2020/07/09/lei-que-combate-violencia-domestica-durante-a-pandemia-ja-esta-em-vigor#:~:text=J%C3%A1%20est%C3%A1%20em%20vigor%20a,%C3%B3rg%C3%A3os%20de%20prote%C3%A7%C3%A3o%20a%20v%C3%ADtimas>

Bowlby, John. (2015). Formação e rompimento dos laços afetivos. (5a.ed). São Paulo, SP: *Martins Fontes*.

Braga, J. L. (2005). Para começar um projeto de pesquisa. *Comunicação & Educação*, 10(3), 288-296. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v10i3p288-296>

Brasco, Priscila Jandrey & De Antoni, Clarissa. (2020). Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]* v. 40 [Acessado 28 Novembro 2021], e218119. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218119> . Epub 09 Dez 2020. ISSN 1982-3703. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YJwQFmgtd7vL3CD7xLCgD8c/?format=html>

Brasil, agencia. (2019). Brasil registra diariamente 233 agressões a crianças e adolescentes: dados da SBP indicam que parte dos casos ocorre no ambiente doméstico. Publicado em 16/12/2019. Por Nádia Franco - Editora da Agencia Brasil. Brasília. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-12/brasil-registra-diariamente-233-agressoes-criancas-e-adolescentes>

Brasil, Agência. (2020). Violência contra crianças pode crescer 32% durante pandemia. Publicado em 20/05/2020 - Por Pedro Rafael Vilela - Repórter da Agência Brasil – Brasília. Acesso: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/violencia-contracriancas-pode-crescer-32-durante-pandemia>

Brasil, Cristina. Índio do. (2022, 09 de fevereiro). Caso Henry Borel: mãe e padrasto vão a audiência TJRJ. *Agencia Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2022-02/caso-henry-borel-mae-e-padrasto-vao-audiencia-no-tjrj>

Brilhante, Aline., Mendes, Corina., & Deslandes, Suely. (2020). Principais questões sobre a violência contra a mulher na pandemia e após. *Instituto Nacional Fernandes Figueira de saúde da Mulher e do Adolescente-(IFF)*. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/principais-questoes-sobre-violencia-contraa-mulher-na-pandemia-e-pos-pandemia/>

Brulhart-Donoso, Marie Danielle. (2011). Estudo psicanalítico sobre a gramática da maldade gratuita. *Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo*.

Butler, Judith P. (2017). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. *Civilização Brasileira*. 13ª ed.

Calazans, Roberto., & Bastos, Angélica. (2010). Passagem ao ato e acting-out: Duas respostas subjetivas. *Fractal: Revista de Psicologia [online]*, v. 22, n. 2, pp. 245-256. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800002> Epub 14 Fev 2011. ISSN 1984-0292. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800002>.

Câmara dos deputados. (2018). Mapa da Violência contra a Mulher. Brasília/Distrito Federal, p. 79. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf>

Cardoso, Marta Rezende. (2005). A servidão ao “outro” nos estados limites. *Psychê*, 9(16), 65-75. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200005&lng=pt&tlng=pt

Cardoso, Marta Rezende. (2007). A impossível "perda" do outro nos estados limites: explorando as noções de limite e alteridade. *Psicologia em Revista*, 13(2), 325-338. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000200008&lng=pt&tlng=pt.

Catarim, Angelo Willian de Lima & Molina, Artur. (2015). A pulsão e sua relação com a violência: as condições psíquicas que levam ao ato de matar. *Centro de ciências Humanas Letras e Artes*. Universidade Estadual de Maringá.

Chagnon, Jean Yves. (2009). Os estados-limite nos trabalhos psicanalíticos franceses. *Psicologia USP [online]* v. 20, n. 2 pp. 173-192. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000200003> . Epub 23 Set 2010. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000200003>.

Chaves, Messias Eustáquio. (2018). Estruturas clínicas em psicanálise: um recorte. *Reverso*, 40(76), 55-62. Recuperado em 27 de outubro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000200007&lng=pt&tlng=pt.

Connell, Robert., W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt&format=pdf>

Costa, Gley. P. e colaboradores. (2015). A clínica psicanalítica das psicopatologias contemporâneas. (2 ed). *Artmed*.

Coutinho, Alberto Henrique Azeredo, Salles, Ana Cristina Teixeira da Costa, Silva, Berenicy Raelmy, Delfino, Eliana Maria, Silva, Eliane Mussel da, Moraes, Geraldo de, Moraes, Marília Brandão Lemos, & Drummond, Suzanne Beaudette. (2004). Perversão: uma clínica possível. *Reverso*, 26(51), 19-27. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100003&lng=pt&tlng=pt.

Couto, Daniela. Paula do. (2017). Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. *Psicologia em Pesquisa*, 11(1), 1-2. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.24879/201700110010094>

Couto, Luiza Vieira e Chaves, & Wilson Camilo. (2009). O trauma sexual e a angústia de castração: percurso freudiano à luz das contribuições de Lacan. *Psicologia Clínica [online]* v. 21, n. 1, pp. 59-72. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000100005> Epub 30 Jul 2009. ISSN 1980-5438. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000100005>.

Creswell, John W. (2014). Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. Porto Alegre: *Artmed*.

Cruz, Monique. Araujo da., Gomes, Nadirlene, Pereira., Assis da Silva, Keile, Kemyly., Whitaker, Maria, Carolina, Ortiz., Magalhães, Julia, Renata, Fernandes., Santos, Joana, D'arc Ferreira. Lopes., & Gomes, Nadjane, Rebouças. (2021). Crianças e adolescentes no contexto da pandemia: *A interface com a violência intrafamiliar*. *Saúde coletiva*, 11, n.65. Disponível em: <http://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1612/1869>

Dalgalarrondo, Paulo. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 2ed. *Artmed*

Darriba, Vinicius. (2005). A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 8, 63-76. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250988338_A_falta_conceituada_por_Lacan_da_coisa_ao_objeto_a

Delouya, Daniel. (2003). A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]* v. 6, n. 2 [Acessado 21 Agosto 2022] , pp. 205-214. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000200002> Epub 12 Dez 2005. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000200002>.

Departamento Penitenciário Nacional e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). Infopen - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Ministério da Justiça. Disponível em: <http://dados.mj.gov.br/dataset/f9ebf1f1-8d27-4937-b330-f29b820dca87/resource/225de757-416a-46ab-addf-2d6beff4479b/download/c>

Diniz, Normélia, Maria, Freire; Lopes, Regina Lúcia Mendonça; dos Anjos Gesteira, Solange, Maria; Alves, Sandra Lúcia Belo & Gomes, Nadirlene Pereira. (2003). Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(2), 81-88. DOI: <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i65p6270-6279>

Duarte, Luiz. Fernando. Dias. (2018). Ciências humanas e neurociências: Um confronto crítico a partir de um contexto educacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 33, n. 97. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/BzHHx7dgKrYpX5v3j53GYyz/?lang=pt&format=pdf>

Eccel, Claudia, Sirangelo., Saraiva, Luiz, Alex, Silva., Carrieri, Alexandre de Pádua. (2015). Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais. *Pensamento contemporâneo em Administração*, v. 9, n.1. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11200/7995>

Eiguer, Alberto, & Berliner, Claudia. (2014). A perversão narcísica, um conceito em evolução. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(3), 93-104. Recuperado em 17 de agosto de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000300009&lng=pt&tlng=pt.

Estatuto da Criança e do Adolescente. (2012). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados Centro de Documentação e Informação Coordenação de Biblioteca <http://bd.camara.gov.br>

Farias Filho, José Rodrigues., Marchisotti, Gustavo Guimarães., Maggesi, Karolina, Muniz., & de Miranda Junior, Hamilton, Lopez. (2019). Método de pesquisa misto para identificação do problema de pesquisa. *Conhecimento & Diversidade*, 10(22), 88-102. Disponível em: doi:<http://dx.doi.org/10.18316/rcd.v10i22.5155>

Favero, Ana Beatriz. (2009). A noção de trauma em psicanálise. *Psicologia Clínica [online]* v. 21, n. 2 [Acessado 21 Agosto 2022] pp. 486. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200017>>. Epub 22 Fev 2010. ISSN 1980-5438. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200017>.

Ferrari, Ilka. Franco. (2006). Agressividade e violência. *PSIC. CLIN.*, v.18, n. 2, 49 – 62.

Ferraz, Flávio Carvalho. (2017). Perversão. 7ª ed. *Pearson Clinical Brasil*.

Filho, Adauto Martins Soares, Souza, Maria de Fátima Marinho de, Gazal-Carvalho, Cynthia, Malta, Deborah Carvalho, Alencar, Airlane Pereira, Silva, Marta Maria Alves da, & Neto, Otaliba Libânio de Moraes. (2007). Análise da mortalidade por homicídios no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 16(1), 7-18. http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742007000100002

Fiorin, José Luiz. (2004). Teoria dos signos. In: fiorin, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística – I: Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, p. 55-74.

Fontes, Olivia de Almeida, Borelli, Fernanda Chagas & Casotti, Leticia Moreira. (2012). Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre) [online]* v. 18, n. 2 [Acessado 21 Agosto 2022] , pp. 400-432. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-23112012000200005> . Epub 27 Ago 2012. ISSN 1413-2311. <https://doi.org/10.1590/S1413-23112012000200005>.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). Atlas da violência. © Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea. <http://www.ipea.gov.br/portal/publicações>. Disponível em:

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020, 29 de maio). Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. Ed. 2. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>

Freitas, Adelina Lima, & Rudge, Ana Maria. (2011). O Supereu entre o amor e o gozo. *Tempo psicanalítico*, 43(2), 244-267. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000200001&lng=pt&tlng=pt.

Freud, Sigmund (1919). "Das Unheimliche". In: _____. *Gesammelte Werke*. London: Standard.

Freud, Sigmund. (1914). "Recordar, repetir e elaborar", v. XII, p.161-171.

Freud, Sigmund. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14, 129-62.

Freud, Sigmund. (1915). *A Repressão*. *SE*, 14: 141-158.

Freud, Sigmund. (1920). "Além do princípio do prazer", v. XVIII, p.13-75.

Freud, Sigmund. (1976). O eu e o Id. In: _____. *O eu e o Id, uma Neurose Demoníaca do século XVII e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, Sigmund. (1976). *Sobre as teorias sexuais das crianças. Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, Sigmund. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).

Freud, Sigmund. (1996a). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira/Sigmund Freud com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud, assistido por Alix Strachey e Alan Tyson*. Traduzido por Jayme Salomão. Imago.

Freud, Sigmund. (1996b). Psicologia de grupo e a análise do ego. In J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 91-182). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921).

Freud, Sigmund. (2016). *Neurose, Psicose e Perversão*. Traduzido por Maria Rita Salzano Moraes. Autêntica.

Freud, Sigmund. (2018). Neurose, psicose, perversão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 52, n. 1, 201-206 Disponível em: <http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/RBP-52-1-16.pdf>

Gindri, Eduarda. Toscani. (2018). Privilégios de gênero e acesso ao discurso acadêmico no campo das ciências criminais. *Rev. Direito Práx*, vol 9, n. 4, 2041-2070. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/4WVVK6mHMQSFGVn6dz7T9Pc/?lang=pt&format=pdf>

Godoi, Bernardo Sollar, & Noé, Sidnei Vilmar. (2018). A morte de Deus, o pai da horda primeva e o interdito. *Reverso*, 40(75), 73-81. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000100010&lng=pt&tlng=pt..

Goldenberg, Mirian. (2004). A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. *Record*, 8' ed.

Goldfarb, Delia Catullo. (2010). Pensando nas origens da violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(6):2669-2676. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2010.v15n6/2673-2676/>

Gomes, Geisiane Anatólia. (2018). Decolonialismo e crítica à história única: possibilidades para a historiografia sobre os povos originários do Brasil. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto Instituto de Ciências Humanas e Sociais Programa de Pós-Graduação em História. 154f. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10489/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_DecolonialismoCr%C3%ADticaHist%C3%B3ria.pdf

Gomes, Gilberto. (2001). Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb. *Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]*, v. 17, n. 3, pp. 249-255. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300007> Epub 27 Maio 2002. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300007>.

Gomes. Carlos. Magno. (2016). Violência de gênero e a crise da masculinidade. *Revista Fórum Identidades*, ano 10, v. 21, mai-ago. <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/1958/1/ViolenciaGeneroCriseMasculinidade.pdf>

Gonçalves, Hebe Signorini e Ferreira, Ana Lúcia (2002). A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais de saúde. *Cadernos de Saúde Pública [online]* v. 18, n. 1 [Acessado 17 Agosto 2022] , pp. 315-319. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100032> . Epub 18 Mar 2002. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100032>.

Granville-Garcia, Ana Flávia; de Menezes, Valdenice Aparecida; Torres Filho, Blancard; Araújo, João Ricardo; & Rodrigues Silva, Paula Fernanda. (2006). Ocorrência de Maus-Tratos em Crianças e Adolescentes na Cidade de Caruaru-PE Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada, vol. 6, núm. 1, janeiro-abril, 2006, pp. 65- 70 Universidade Federal da Paraíba. [Acessado em 20 de Novembro de 2021]. ISSN: 1519-0501. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63760111>

Granville-Garcia, Ana Flávia; Silva, Maria. Jackeline. Freitas., & Menezes, Valdenice, Aparecida. (2008). Maus-Tratos a Crianças e Adolescentes: Um Estudo em São Bento do Una,

PE, Brasil. *Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada*, vol. 8, núm. 3, p. 301-307.

Guatimosim, Bárbara. (2004). Em torno do Cartel: A experiência na Escola de Psicanálise dos fóruns do Campo Lacaniano. *Associação Fóruns do Campo Lacaniano*.

Guerra, Martins Valeschka., Scarpati, Arielle Sagrillo., Brasil, Julia Alves., Livramento, André Mota do, & Silva, Cleidiane, Vitória da. (2015). Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. *Psicologia e Saber social*, v. 4(1), 72-88.

Guillot, Éric. (2014). Da agressividade à pulsão de morte. *Almanaque on-line*, 14(1), 1-20.

Gurgel, Telma. (2010). Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 9, 1-9.

Gutman, Gutman. (2010). Nem tanto e nem tão pouco: A relação entre homicídio e psicose. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]*, v. 13, n. 1, pp. 145-149. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142010000100013> . Epub ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142010000100013>.

Hauck Filho, Nelson., Teixeira, Marco, Antônio. P., & Dias, Ana, Cristina, Garcia. (2009). Psicopatia: o construto e sua avaliação. *Avaliação psicológica*, 8(3), 337-346.

Honneth, Axel. (2017). Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34.

Huss, Matthew T. (2011). Psicologia forense. *Artmed*, 1 ed.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), *Microdados dos censos demográficos*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021, 1 de fevereiro). Religião. *IBGE*. <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=religiao>

Izovich, Luis. (2019). A perversão e a psicanálise. Traduzido por Sérgio de Souza Junior. Aller Editora.

Jesus, Jaqueline Gomes de, (2013). O conceito de Heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência. *Psico-USF*, v. 18, n. 3, p. 363-372. Set-dez.

Junior, Jurandy Nascimento Silva., & Besset, Vera Lopes. (2010). Violência e Sintoma: o que a psicanálise tem a dizer? *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22 – n. 2, p. 323-336, Maio/Ago. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/3FRQR7hwYY3cqMMGX9NQ65H/?lang=pt#>

Kehl, Maria. Rita. (2020). Ressentimento. (3 ed). *Boitempo*.

Klein, Melanie. (1946/1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: Klein M. Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: *Imago*.

Klein, Melanie. (1991). Inveja e gratidão e outros Trabalhos: Sobre a teoria da ansiedade e da culpa (1948). Rio de Janeiro: Imago. Vol III das Obras Completas de Melanie Klein.

Kripka, Rosana Maria Luvezute., Scheller, Morgana & Bonotto, Danusa de Lara. (2015). Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *Atas CIAIQ. Investigação Qualitativa em Educação*, v. 2.

Kuss, Ana Suy Sesarino. (2014). Amor e desejo: um estudo Psicanalítico. *Universidade Federal do Paraná*.

Lacan, Jacques. (1948/1998). “A agressividade em psicanálise”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, p.104-126.

Lacan, Jacques. (1950/1998). “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, p.127-151.

Lacan, Jacques. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Zahar.

Lacan, Jacques. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: J.

Lacan, Jacques. (1998). Para além do “Princípio de realidade”. Em Escritos (R. Vera, Trad., pp.77-95). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 1936).

Lacan, Jacques. (2008). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: Ensaio de análise de uma função em psicologia*. (2 ed). Traduzido por Marco Antônio Coutinho Jorge, Potiguar Mendes da Silveira Junior. Zahar.

Lacan, *Escritos* (1998) (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).

Laender, Nadja Ribeiro. (2005). A construção do conceito de superego em Freud. *Reverso*, 27(52), 63-68. Recuperado em 21 de agosto de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100009&lng=pt&tlng=pt.

Landin, Lanker Vinicius Borges Silva. (2015). A impunidade e a seletividade dos crimes do colarinho branco. *Pontifícia Universidade Católica de Goiás*. Programa de Pós-Graduação em Direito, Relações Internacionais e Desenvolvimento.

Laplanche, Jean. (1991). Vocabulário da psicanálise. Laplanche e Pontalis. Tradução: Pedro Tamen. *Martins Fontes*.

Lei n. 11.340 de 7 de Agosto de 2006. (2006). Dispõe sobre a Lei Maria da Penha. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.html

Lewkovitch, Andréa Di Pietro, & Grimberg, Angélica Bastos de Freitas Rachid. (2016). A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e Supereu. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(spe), 1189-1198. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000400008&lng=pt&tlng=pt.

Lima, Vanessa Aparecida Alves de. (2004). De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia um caminho para o estudo das virtudes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(3), 12-23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000300003>

Lopes, Rosalice. Ávila, Giovanna Loubet. (2021). Feminilidades trans e cárcere: a história de Um projeto. Estudos de Gênero: Mudanças e Permanências nas Relações de Poder. Vol II Cap. 3. Curitiba, PR. *Artemis*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353904836_FEMINILIDADES_TRANS_E_CARCIERE_A_HISTORIA_DE_UM_PROJETO#pf8

Lustoza, Rosane Zétola. (2018). A formação do conceito de Nome do pai (1938-1958). *Ágora* 21 (3). Sep-Dec 2018. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003004>

Luz, Iza Rodrigues. (2008). A agressividade na concepção de Winnicott e suas implicações para a Educação Infantil. *Aprender - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação*, ano VI, v..2 n. 11 p. 109-137

Manita, Celina (2008). Programas de intervenção em agressores de violência conjugal: intervenção psicológica e prevenção da violência doméstica. *Ousar integrar – revista de reinserção social e prova*. Porto, Portugal. Disponível em: https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=87954

Martinho, Maria Helena Coelho. (2011). Perversão: um fazer gozar. Tese (Doutorado em Psicanálise). *Instituto de Psicologia*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Martins, André. (2009). Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. *Cad. Psicanál.-CPRJ*, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 37-56.

Martins, Heloisa Helena T. de Souza. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 289-300. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>

Martins, José de Souza (2009) Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: *Contexto*.

Martins, Thays. (2021). Violência invisível: 11 crianças são agredidas ou negligenciadas por hora no Brasil. (2021, 20 de maio). *Correio Brasiliense*. Distrito Federal, Brasília. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2021/05/4925518-violencia-invisivel-criancas-sofrem-dentro-de-casa-e-pandemia-ajuda-a-encobrir-casos.html>

McWilliams, Nancy. (2014). *Diagnóstico Psicanalítico: entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico*. Trad. por Gabriela Wondracek Linck; Revisão Inúbia Duarte. - 2. ed. Porto Alegre: *Artmed*.

Medeiros Clarice, Fortes Isabel. (2020). Trauma e lesão: algumas articulações em psicanálise. *Tempo psicanal. [Internet]* Jun [citado 2022 Ago 21]; 52(1): 133-154. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100006&lng=pt.

Medeiros, Mariana Pedrosa de, & Zanello, Valeska. (2018). Relação entre a violência e a saúde mental das mulheres no Brasil: análise das políticas públicas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 384-403. Recuperado em 21 de agosto de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100021&lng=pt&tlng=pt.

Méllo, Ricardo. Pimentel. (2012). Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. *Psicologia & Sociedade*; 24 (1), 197-207. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/9ywwLKWfFtzTmPJdhR5XTb/?format=pdf&lang=pt>

Mieli, Paola., & Mendes, Eliana. Rodrigues. Pereira. (2012). Uma nota sobre a diferenciação estrutural de Freud entre neurose e perversão. *Reverso*, 34(63), 91-102. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000200011&lng=pt&tlng=pt.

Miranda, Andrea., Alves, Andressa., Professor, Caroline., Vilar, Gabriela., Porto, Ingrid de Magalhães., & Gonçalves, Hortência de A. (2014). Crime passional: a mulher de vítima a criminosa. *Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais Unit*, v. 1, n.2, p. 101-109

Miura, Paula Orchiucci, Silva, Ana Caroline dos Santos, Pedrosa, Maria Marques Marinho Peronico, Costa, Marianne Lemos, & Nobre Filho, José Nilson. (2018). Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. *Psicologia & Sociedade*, 30, e179670. Epub December 13, <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30179670>

Monteiro, Dalva de Andrade (2001). A função paterna e a cultura. *XII Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792001000100006

Montero, Rosa. (2019/1951). A ridícula ideia de nunca mais te ver. Tradução: Mariana Sanchez. São Paulo: *Todavia*, 1ª ed.

Montenegro, Thereza. (2003). Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. *Revista Estudos Feministas [online]*, v. 11, n. 2, pp. 493-508. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200008>> Epub 30 Mar 2004. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200008>

Moore, Henrietta, L. (2000). Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*, (14), 13-44. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635341>

Moreira, Jacqueline, de Oliveira. (2004). Édipo em Freud: O movimento de uma teoria. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/9HW3v6rz3q6hxDnyx6QQ9JB/?format=pdf&lang=pt>

Moreira, Maria, Ignez, Cosa., & Sousa, Sônia, Margarida, Gomes. (2012). Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. *O social em Questão*, (28), 13-25. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/2artigo.pdf>

Muszkat, Susana. (2011). Violência e masculinidade. *Casa do Psicólogo*.

Nardi, Suzana Catanio dos Santos & Benetti, Silvia Pereira da Cruz. (2012). Violência conjugal: estudo das características das relações objetais em homens agressores. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 53-66. Recuperado em 02 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100006&lng=pt&tlng=pt.

Nascimento, Marcos Antonio Ferreira do. (2001). Desaprendendo o silêncio: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, *Instituto de Medicina Social*.

Nasio, Juan-David. (2007). *Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Traduzido por André Teles. 1 ed. Zahar.

Niskier Flanzer, S. (2006). Sobre o ódio. *Interações*, vol. XII, núm. 22, pp. 215-229. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35402210.pdf>

Nunes, Antônio, Jakeulmo., & Sales, Magda, Coeli, Vitorino. (2016). Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(3):871- 880. DOI: 10.1590/1413-81232015213.08182014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/hbQG5xjXFgD6qBLw4D95NNg/?format=pdf&lang=pt>

Oliveira, Pedro Paulo. (1998). Discursos Sobre a Masculinidade. Im Estudos Feministas. Instituto de Estudos de Gênero da Universidade de Santa Catarina.

Oltramari, Andrea, Poletto., Friderichs, Paula, Bibianade., & Grzybovski, Deniza, Carreira. (2014). Família e a dialógica do assujeitamento: O discurso vigente em uma revista popular de negócios. *Cadernos EBAPE.BR [online]*, v. 12, n. 1, pp. 112-130. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512014000100008> Epub 24 Abr 2014. ISSN 1679-3951

Organização Mundial da Saúde. (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde. *Organização Mundial da Saúde*. <https://www.who.int/pt> . Editado por Krug, Etienne, G., Dahlberg, Linda L., Mercy, James A. Zwi, Anthony B. & Rafael Lozano. World report on violence and health. Geneva, *World Health Organization*

Ortega, Maria, Camila, Rincón. (2021, 8 de março). Dia da Mulher: O que a pandemia da Covid-19 piorou para meninas e mulheres. CNN BRASIL. www.cnnbrasil.com.br. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/dia-da-mulher-o-que-a-pandemia-da-covid-19-piorou-para-meninas-e-mulheres/>

Paula, Carlos, Eduardi, Artiaga., Silva, Ana Paula., & Bittar, Cléria, Maria, Lôbo. (2017). Vulnerabilidade legislativa de grupos minoritários. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], v. 22, n. 12, pp. 3841-3848. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.24842017>>. <https://www.scielo.br/j/csc/a/QjTxmhdVTNvtN8YNGvx7d8N/?lang=pt>

Pinheiro, Carolina Soares. (2021). Atuação do Estado do Rio de Janeiro sobre as milícias: Uma análise pós Comissão Parlamentar de Inquérito (2008-2020). *Dissertação de Mestrado*. ISCSP Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade de Lisboa.

Piseta, Maria Angélica Augusto de Mello. (2011). O Sujeito Suposto Saber e Transferência. *Revista Digital AdVerbum*, 6 (1): Jan a Jul pp. 64-73

Pisetta, Maria, Angélica, Augusto, de Mello. (2008). Considerações sobre as teorias da angústia em Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online], v. 28, n. 2 [Acessado 14 Fevereiro 2022], pp. 404-417. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200014>>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/mgspzjFNV9MhPykRRstnFhz/?lang=pt>

Prado, Maria do Carmo Cintra de Almeida. (2022). Perversão narcísica: incesto, assassinato e seus equivalentes. *Artesã*.

Presidência da República. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Presidência da República. (1990). Lei nº 8.069, de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm

Rabelo, Amanda Mont'Alvão Veloso. (2020). Inconsistências no dizer: contradição e psicanálise. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP*.

Raine, Adrian. (2015). A anatomia da violência: as raízes biológicas da criminalidade. Trad. Maiza Ritomy Ite. Porto Alegre: *Artmed*.

Ribeiro, Uenderson, Wesley, Rodrigues., & Matos, Rosângela, da Luz. (2020). Heteronormatividade e produções de violências lgbtfóbicas: Análise a partir da teoria queer. *REVES - Revista Relações Sociais*, vol. 03 N. 04. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/ojs/reves> doi: 10.18540/revesv13iss4pp06001-06012 OPEN ACCESS – eISSN: 2595-4490

Rochel, Hang-Ly H. Ikegami. (2018). Neurose, psicose, perversão: obras incompletas de Sigmund Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(1), 201-206. Recuperado em 02 de fevereiro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000100016&lng=pt&tlng=pt.

Rodrigues, Johwyson da Silva. (2020). Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: intercontextualidade de significados verbais e imagéticos. *Linguagem em (Dis)curso [online]* v. 20, n. 03 [Acessado 17 Agosto 2022] , pp. 431-450. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-200302-3319> . Epub 21 Dez 2020. ISSN 1982-4017. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-200302-3319>.

Rosa, Antonio Gomes da, Boing, Antonio Fernando, Büchele, Fátima, Oliveira, Walter Ferreira de, & Coelho, Elza Berger Salema. (2008). A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saúde e Sociedade*, 17(3), 152-160. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000300015>

Rosa, Claudia Dias. (2017). O pai e a tendência antissocial: considerações a partir da psicanálise de Winnicott. *Natureza humana* , 19(2), 178-196. Recuperado em 21 de agosto de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000200011&lng=pt&tlng=pt.

Rosa, Débora Cristina Joaquina, Lima, Daiane Marcia de, Peres, Rodrigo Sanches, & Santos, Manoel Antônio dos. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 31(3), 577-595. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n03A09>

Roudinesco, Elisabeth. (1944). Dicionário de psicanálise. Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. *Zahar*, 1998

Sagim, Mirian, Botelho., Biasóli-Alves, Zélia, Maria, Mendes., Delfino, Vanessa & Venturini, Fabíola, Petri. (2005). A mulher como vítima de violência doméstica. *Fam. Saúde Desenv.* v.7, n.1, p.17-23, jan./abr. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/refased/article/view/8049>

Salvador, Julia, Macedo. (2016). A dor de crescer: Marcas da angústia de separação. *Rev. bras. psicoter*, 18(3), 69-79. Disponível em: http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=214

Santos, Manoel Antônio dos. (1994). A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana. *Temas psicol. [Internet]*. [21]; 2(2): 13-27. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200003&lng=pt.

Santos, Vívian Matias dos. (2018). Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicologia & Sociedade*, 30, e200112. Epub December 03, 2018. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>

Sathler, Conrado Neves. (2016). Formações subjetivas: o sujeito à luz da teoria dos discursos. *UFGD. Universidade Federal da Grande Dourados*.

Schucman, Lia, Vainer. (2014). Sim, nós somos racistas: Estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade [online]*, v. 26, n. 1, pp. 83-94. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010> Epub 06 Maio 2014. ISSN 1807-0310.

Schwartz, Suzana (2008). Aprendizagem: questão de ritmo? EM: ABRAHAO, Maria Helena M.B. (org.) Professores e alunos: aprendizagens em comunidades de prática educativa. Porto Alegre: EDIPUCRS. Disponível em: https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/pedagogia/files/2011/05/Suzana_Aprendizagem-questao-de-ritmo.pdf

Secretaria de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro Departamento Geral de Polícia da Capital 16ª Delegacia de Polícia. (2021). Relatório final de Inquérito policial. 2ª Vara da Comarca Criminal da Comarca da Capital do Estado do Rio de Janeiro

Serra, Paolla. (2021). Caso Henry: morte anunciada – investigação e os detalhes não revelados da história que chocou o País. *Máquina de Livros*.

Shine, Sidney Kiyoshi. (2000). Psicopatia. São Paulo: *Casa do Psicólogo*.

Silva, Erick. de Sousa., Marques, Jair, Junior., & Suchara, Eliane, Aparecida. (2018). Perfil de suicídios em município da Amazônia Legal. *Cadernos Saúde Coletiva*, 26, 84-91. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/9fdkh7j7KQq446jt4vWhkRc/abstract/?lang=pt>

Silva Júnior, Jurandyr Nascimento & Besset, Vera Lopes. (2010). Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?. *Fractal: Revista de Psicologia [online]* v. 22, n. 2 [Acessado 21 Agosto 2022] pp. 323-336. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800008>>. Epub 14 Fev 2011. ISSN 1984-0292. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800008>.

Silva, Luan Sampaio, & Ceccarelli, Paulo Roberto. (2016). Histeria e masculinidade em Freud e na contemporaneidade. *Estudos de Psicanálise*, (45), 101-109. Recuperado em 21 de agosto de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000100010&lng=pt&tlng=pt.

Silva, Sergio Gomes da. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]* v. 26, n. 1 [Acessado 21 Agosto 2022] , pp. 118-131. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S141498932006000100011> Epub 20 Ago 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>.

Silva, Sergio, Gomes da. (2000). Masculinidade na história: *A construção cultural da diferença entre os sexos*. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*, v. 20, n. 3, pp. 8-15. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414->

98932000000300003>. <https://www.scielo.br/j/pep/a/7ftQZzgJTGcvJmzWDv7gD5d/?lang=pt>

Silva, Yasmin Walter., & Tanaka, Elder Koei Itikawa. (2020). A influência do narcisismo em *The Picture Of Dorian Gray* (1890). *Inventário – Revista dos Estudantes de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia*, n. 26.

Sordi, José, Osvaldo., Meireles, Manuel.. & Grijo, Rogério, Nahas. (2008). Gestão da qualidade da informação no contexto das organizações: *Percepções a partir do experimento de análise da confiabilidade dos jornais eletrônicos*. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 13, n.2, p. 168-195. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/R8rM6c8WmwpG9QGSdLGyRTN/?format=pdf&lang=pt>

Souza, Cristina Pereira. (2017). *Gaslighting: “Você está ficando louca?” As Relações Afetivas e a Construção das Relações de Gênero*. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia*.

Souza, Edinilsa Ramos de. (2005). Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 1, n. 10, p. 59-70, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a06v10n1.pdf>.

Souza, T. M. dos S. (2016). Patriarcado e capitalismo: uma relação simbiótica. *Temporalis*, 15(30), 475-494. <https://doi.org/10.22422/2238-1856.2015v15n30p475-494>

Stähelin, Lucélia Santos. (2007). O homicídio a partir do conceito psicanalítico de Supereu. Dissertação de Mestrado. Centro de Filosofia e Ciências humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

Teixeira, Eduardo, Henrique., Pereira, Marcelo, Carlos., Rigacci, Renata., & Dalgarrondo, Paulo. (2007). Esquizofrenia, psicopatologia e crime violento: *Uma revisão das evidências empíricas*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* [online], v. 56, n. 2, pp. 127-133. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000200009> ISSN 1982-0208. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000200009>.

Tenório, Fernando Morte do sujeito: representação e limite real na clínica das psicoses. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2016, v. 19, n. 3 [Acessado 22 Maio 2022] , pp. 533-564. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003010>>. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003010>.

Timm, Flávia Bascuñán, Pereira, Ondina Pena, & Gontijo, Daniela Cabral. (2011). Psicologia, violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política. *Revista Psicologia Política*, 11(22), 247-259. Recuperado em 05 de outubro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200005&lng=pt&tlng=pt.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância Organização. (2018). Homicídios de crianças e adolescentes. Brasil. Acesso: <https://www.unicef.org/brazil/homicidios-de-criancas-e-adolescentes>

United Nations Office on Drugs and Crime. (2017). Relatório Mundial sobre drogas 2017. UNODC. Disponível em: <https://www.unodc.org/wdr2017/index.html>

Urna, Flávio & Pechtoll, Maria, Cristina, Pachte. (2016). Programa “e agora, José?” *Grupo socioeducativo com homens autores de violência doméstica contra as mulheres*. Nova Perspectiva Sistêmica, 25(54), 112–116. Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/168>

Vaisberg, Tânia., Maria José Aiello & Machado, Maria Christina Lousada. (2000). Diagnóstico estrutural de personalidade em psicopatologia psicanalítica. *Psicologia USP [online]* v. 11, n. 1 [Acessado 17 Agosto 2022] , pp. 29-48. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100003>>. Epub 15 Set 2000. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100003>.

Vasconcelos, Ana Carolina, Peck., & Pena, Breno, Ferreira. (2019). Angústia: O afeto que não engana. *Reverso*, vol. 41, jul-dez. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000200003#:~:text=A%20ang%C3%B3stia%20%C3%A9%20o%20afeto,na%20pr%C3%B3pria%20fala%20do%20paciente.

Veja, Revista. (2019). Datafolha: 27,4% das mulheres sofreram agressões; metade não denuncia. Brasil, Datafolha. Acesso: <https://veja.abril.com.br/brasil/datafolha-274-das-mulheres-relatam-agressoes-metade-nao-denuncia/>

Waddell, Margot. (2017). Vida interior: psicanálise e desenvolvimento da personalidade. Tradução por Patrícia F. Lago. – São Paulo: Blucher.

Welzer-Lang, Daniel. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas [online]*. 2001, v. 9, n. 2 [Acessado 17 Agosto 2022] pp. 460-482. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>>. Epub 20 Maio 2002. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>.

Wilde, O. (1890). *The Picture of Dorian Gray*. Global Grey ebooks. *This ebook of The Picture of Dorian Gray was published by Global Grey on the 6th May 2018.* disponível em: <https://www.globalgreybooks.com/picture-of-dorian-gray-ebook.html>

Willians, Kevin M., Paulhus, Delroy., & Hare, Robert D. (2007). Capturing the Four-Factor Structure of Psychopathy in College Students Via Self-Report. *Journal Of Personality Assessment*, 88(2), 205–219

Winnicott, Donald. Woods. (2012) *Privação e Delinquência*. Trad. Álvaro Cabral. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

World Health Organization. (2002). World report on violence and health: summary. In World report on violence and health: summary (pp. 44-44).

World Vision International. (2020). Relatório Anual Global 2020. World Vision International. Disponível em: <https://www.wvi.org/publications/annual-report/2020-global-annual-report-world-vision-international>

Zanello, Valeska, Fiuza, Gabriela e Costa, Humberto Soares Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia* [online]. 2015, v. 27, n. 3 [Acessado 21 Fevereiro 2022], pp. 238-246. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-0292/1483>>. ISSN 1984-0292. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1483>.

Zanello, Valeska. (2018). Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. *Aprris*. 1 ed. 301 p.

Zanello, Valeska. (2020). Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: *Um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil*. In L. Ferreira. (ed), *Gênero em perspectiva*. CRV, 194 p.

Zimerman, David, Epelbaum. (2010). Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Artmed Editora.

APÊNDICE

TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO DE AUTODEFESA DO RÉU JAIRO SOUZA SANTOS JUNIOR – CASO HENRY BOREL

Discussão geral (juíza e defesa)

Juíza: essa infeliz expressão não me atingiu até porque nós, mulheres, estamos acostumados com misoginia isso aí é claramente misógino e eu não vou nem comentar sobre isso, isso aí não merece, não merece nem um comentário eu achei isso aí tão pobre que não vou me manifestar sobre isso. É uma manifestação misógina aqui eu já estou mais do que acostumada e vamos seguir em frente. Pode, pode comer o que ele quiser. Vamo lá, primeiro a sua qualificação, Jairo Souza Santos Júnior não tem d não?

Jairo: não, não. Jairo Souza Santos Júnior.

Juíza: é... nasceu no Rio de Janeiro?

Jairo: Rio de Janeiro

Juíza: data do nascimento?

Jairo: 31/12 de 1977

Juíza: o senhor tem quantos anos completos hoje?

Jairo: 44 anos

Juíza: nome do pai?

Jairo: Jairo Souza Santos

Juíza: e da mãe?

Jairo: Maria Manuela Fernandes Santos

Juíza: endereço da residência?

Jairo: avenida ministro Ary Franco 583 de Bangu

Juíza:53?

Jairo: 583

Juíza: é... grau de instrução?

Jairo: superior completo

Juíza: o senhor tem filhos menores né tem aqui tem dois, tenho aqui a Luiza de quinze e o Jairo Neto de nove é isso?

Jairo: é sim senhora.

Juíza: o senhor já foi preso ou processado alguma outra vez além dessa?

Jairo: não Senhora

Juíza: ok, bem é... o senhor gostaria que eu lesse a denúncia novamente, ou o senhor conhece ela? o senhor tem até ela aí em mãos, uma cópia né?

Jairo: não precisa não, senhora.

Juíza: muito bem é... eu lhe pergunto: o senhor vai responder às minhas perguntas porque o senhor antes, eu vou fazer advertência de que é meu dever de ofício, o senhor não está obrigado a responder a nenhuma pergunta, seu direito constitucional se manter em silêncio e o seu silêncio em hipótese alguma, uma vez que é um direito fundamental, pode ser interpretado como confissão portanto o senhor responde às perguntas que quiser e as perguntas se quiser tá? O senhor é... não pode ser interpretado de outra maneira além de silêncio, silêncio é nada tá. O senhor pode inclusive escolher a quem o senhor vai responder tá? É... o senhor pretende responder às perguntas essa é uma escolha sua embora eu aconselho que o senhor siga a orientação dos seus advogados, mas é uma escolha exclusivamente sua.

Jairo: é... os advogados pediram pra escutar, eu gostaria de fazer a minha explanação, posteriormente é... responder.

Juíza: aí não, isso é um interrogatório não é uma explanação. Eu posso começar e fazer perguntas que incluam qualquer coisa a respeito da sua vida pessoal e tudo, mas o senhor começar a explanação não, porque aqui o interrogatório o senhor responde às perguntas.

Jairo: então eu gosto eu gostaria de falar.

Juíza: o senhor gostaria de falar.

Jairo: gostaria de falar.

Juíza: muito bem.

Jairo: é segundo orientação da defesa.

Juíza: seu Jairo, são verdadeiros esses fatos? da denúncia? São várias... várias condutas criminosas que estão descritas ali em relação ao senhor alguma é verdadeira? É... é parcialmente verdadeira? tudo mentiroso? qual que é a sua versão?

Jairo: é... é...

Defesa: ficou consignado que ele falou baixinho, ficou consignado que ele vai responder a gente ou se vai responder todo mundo, ele vai responder a defesa.

Juíza: ele vai responder ou não?

Jairo: não vou, orientação da defesa.

Defesa: da defesa, vai responder a defesa.

Juíza: só da defesa ok. É... o senhor não vai responder, não vai fazer... não vai responder aos do Ministério público nem da assistência de acusação? Não? Eu preciso ouvir o senhor falar?

Jairo: vou seguir orientação da defesa.

Juíza: tá, Ministério público pretende consignar alguma pergunta?

Ministério Público: não, excelência.

Juíza: a assistência de acusação pretende consignar as perguntas? ele não vai responder, ok com a palavra a defesa.

Defesa: É, Jairo, a gente gostaria que você explicasse sobre esses fatos, se eles são verdadeiros, o que pode trazer aqui colacionar pra gente em discurso livre, a gente... a gente pontua aquilo que for necessário.

Jairo: Excelência. É, eu tô encarcerado, eu tô encarcerado há 430 dias, eu prestei atenção aqui no início da... eu não tive oportunidade de vê o que aconteceu no plenário antes de eu adentrar o plenário, mas eu tô dentro de um complexo que nós não temos acesso ao mundo externo, a gente só consegue saber das coisas através da televisão e a televisão real é de canal aberto né? Então nossas informações são muito exíguas de repente a gente precisa ficar 2, três dias incomunicável, então nós não temos a informação que o mundo exterior tem, que a velocidade com que a internet que a e que os meios de comunicação chegam na mão das pessoas e tudo aquilo que tá acontecendo é dentro do meu processo isso me incomoda bastante eu gostaria muito de tá mais ativamente participando de tudo que tá acontecendo e tomando conjuntamente é algumas decisões que eu julgo importante então queria que a Senhora soubesse de minha parte Jairo Souza Santos Júnior que tá encarcerado no Bangu 8 há 430 dias, há mais de 430 dias eu não tenho contato com o mundo exterior, não consigo ter o contato com o exterior e não consigo saber tudo o que acontece. Eu fui acostumado é Excelência, a... a... a... ter o controle da minha vida diiii... tê aquilo que... que... aquilo que é pertinente à minha vida eu consegui de alguma forma a controlar e eu infelizmente no momento que... onde eu me encontro eu não consigo fazer isso na sua plenitude, então as coisas às vezes... acontece muitas coisas... acontecem é sem que eu tome conhecimento ou até mesmo que eu tenha autorizado é..

Juíza: seu Jairo eu não tô entendendo o contexto porque o senhor tá aqui é pra apresentar a sua versão para falar sobre os fatos e o senhor tá falando...

Defesa: Excelência, pela ordem!

Juíza: doutora, deixa eu falar.

Jairo: sim senhora.

Juíza: e o senhor está falando sobre consequências naturais da sua prisão, se o senhor está preso é de se esperar que o senhor esteja isolado né e só com a televisão.

Jairo: sim, senhora.

Juíza: agora isso não interessa ao processo, porque isso é uma consequência natural da sua prisão.

Jairo: tá bom.

Juíza: agora o que eu quero que fale, pra gente não estender muito tempo aqui, é sobre os fatos.

Jairo: eu não vou me estender muito, não vou me estender.

Juíza: porque não me interessa.

Jairo: não vou me estender.

Juíza: desde que o senhor não esteja sendo torturado lá dentro.

Jairo: tá bom.

Juíza: não é do meu interesse o que que o senhor esteja fazendo lá dentro.

Defesa: excelência, porque assim é um momento de auto defesa tudo o que ele considere importante, excelência, por favor.

Juíza: doutora, mas ele começou sobre uma consequência da prisão dele e o fato em si...

Defesa: sim. e isso faz parte, excelência ele pode falar absolutamente qualquer coisa em autodefesa que ele considere relevante dentro do julgamento judicializado.

Juíza: autodefesa sobre consequências naturais da prisão, doutora?

Defesa: qualquer consideração excelência em autodefesa que seja feita a ele, e me permita excelência, nós ficamos aqui por 12 horas ouvindo Monique e a gente... se nós vamos nos entender, estender ou não isso faz parte.

Juíza: isso faz parte doutora.

Defesa: da ampla defesa a Monique falou sobre medicina a Monique falou várias coisas que ela nem conhece e foi permitido que ela falasse amplamente sobre (inaudível) que nada tinha a ver com os fatos e ele está em auto defesa, há um julgamento moral e público e é no momento de

auto defesa que ele o fará, excelência. Eu queria que fosse garantido o direito dele aduzir toda a matéria que ele considere que é, porque é importante.

Juíza: o que que o senhor tá querendo?

Defesa: é auto defesa.

Juíza: vamo linca, vamo contextualiza?

Defesa: excelência, pela ordem!

Juíza: o que que tem o fato de o senhor estar isolado... pera aí doutor, estou fazendo a pergunta pera aí!

Defesa: em consideração a doutora Flavia

Juíza: o que o senhor está falando, qual... qual o fato do senhor estar isolado e tudo o que que isso tem a ver com a sua defesa é isso que eu não entendi.

Defesa: Excelência, pela ordem!

Juíza: eu preciso entender.

Defesa excelência pela ordem, pela ordem!

Defesa: a gente sabe que contexto ele tá falando.

Juíza: então faz a pergunta doutora tá aqui pra ser interrogado.

Defesa: pela ordem, excelência!

Jairo: eu vou responder.

Defesa: ao analisar o interrogatório de Monique Medeiros a qual teve...

Juíza: doutor, Monique não tá sendo interrogada aqui, doutor. Monique não tem nada a ver.

Monique não é da sua defesa não está autorizado a falar sobre a Monique.

Defesa: estou autorizado a falar qualquer coisa do processo absolutamente qualquer página qualquer menção, não, não, sou autorizado, sou obrigado sob pena...

Juíza: fala.... então fala doutor, fala o que o senhor quiser.

Defesa: sob pena de patrocínio infiel e/ou defesa deficitária.

Juíza: agora, eu preciso entender o interrogatório dele

Defesa: em sendo assim...

Juíza: senão não, ainda nada dele falar.

Defesa: em sendo assim, eu digo a Vossa Excelência pela ordem e sempre de forma respeitosa à sua autoridade que Monique ao sentar-se aqui, nesse... nessa sagrada cadeira, nesse sagrado

momento de auto defesa sua excelência deu toda a liberdade com ela, como não poderia deixar de ser...

Juíza: como quero dar pra ele.

Defesa: contextualizando de onde ela veio...

Juíza: isso.

Defesa: como se formou...

Juíza: contextualizando, essa é a palavra contextualizando.

Defesa: como ela se formou, quantos anos ela tinha, quantos filhos ela tinha,

Juíza: ele também pode falar tudo isso.

Defesa: da maneira como ela conheceu...

Juíza: agora consequência natural da prisão aí não dá!

Defesa: tá na lei, sua excelência não pode cercear a auto defesa dele.

Juíza: não estou cerceando a defesa de ninguém.

Defesa: nitidamente cercando.

Juíza: eu estou tentando entender. Esse interrogatório é pra mim.

Jairo: eu vou explicar doutora, eu vou explicar.

Juíza: eu preciso entender, eu já fui impedida de perguntar e de obter respostas, eu quero entender o que ele tá falando.

Jairo: eu vou, eu vou, eu vou explicar pra senhora.

Defesa: peço que ele tenha o mesmo direito que teve Monique e esse direito configura...

Juíza: e ele vai ter!

Jairo: doutora...

Juíza: mas eu preciso entender o que ele tá falando.

Defesa: pela presidência de Vossa Excelência....

Jairo: sim, sim, sim.

Juíza: afinal, o ato de interrogatório é o ato privativo do juízo.

Jairo: doutora, eu vou explicar à senhora.

Defesa: mas a opção da defesa foi que ele respondesse só as da defesa.

Juíza: é privativo sim, senhor.

Defesa: excelência!

Juíza: e eu tô tentando entender o que ele tá falando, afinal ele tá falando comigo eu preciso entender.

Jairo: eu vou responder a senhora.

Defesa: excelência, só por uma questão de ordem, a opção da defesa da Monique foi que ela respondesse as perguntas de Vossa Excelência e da defesa, a opção desta defesa, desta banca de advogados foi que ele respondesse as nossas perguntas, então a contextualização virá das perguntas feitas por nós.

Juíza: ainda não ouvi uma pergunta sua, mas tudo bem.

Defesa: eu disse que faria livre discurso e assim está sendo feito, como foi feito com Monique, ela teve livre discurso.

Juíza: se eu não entender o interrogatório dele fica prejudicado. Pois não, pode continuar por favor.

Defesa: obrigada.

Juíza: vamos lá contextualizar isso.

Jairo: eu quis contextualizar da seguinte forma, enquanto nós estamos lá dentro encarcerado eu não tenho notícia...

Juíza: sim, isso o senhor já falou, eu já entendi.

Jairo: eu vou explicar pra senhora, é... eu não... é... eu não tenho notícia de adjetivação de ninguém, então isso não passa por mim, foi isso que eu quis dizer pra senhora.

Juíza: aham.

Jairo: que eu não compactuo com nenhum tipo de agressão a ninguém e nenhum tipo de falácia a respeito de ninguém.

Juíza: ah o senhor, ah pera aí o senhor, é o da a rainha de copas, que o senhor está se referindo?

Jairo: não.

Juíza: não tô entendendo.

Jairo: toda e qualquer manifestação que houve, é... é... quando eu falo que o encarcerado fica incomunicável é... porque eu não tenho acesso online a tudo que tá acontecendo inclusive, quando eu vou falar com a defesa, eu vou falar com alguma pessoa, eu tenho um delay de uma pessoa que tá encarcerada há... há... no tempo que eu tô há quatrocentos e poucos dias, então eu quero dizer pra senhora, quando eu comecei a contextualizar que eu não sou uma pessoa afeita

a brigas, uma pessoa afeita a afrontas, uma pessoa afeita a alguma coisa que não seja voltado pra me defender e que seja da maior urbanidade possível, só isso.

Juíza: deixa eu só explicar uma coisa pro senhor, sr. Jairo, o senhor tá aqui numa posição vulnerável de réu.

Jairo: muito vulnerável, é isso que eu tô falando pra senhora.

Juíza: eu preciso falar com o senhor, nada do que se trata aqui com seus advogados se refere ao senhor.

Jairo: eu sei.

Juíza: o senhor em momento nenhum é confundido com qualquer atitude dos seus advogados, em nenhum momento.

Jairo: eu sei excelência, mas...

Juíza: nem o senhor será prejudicado por causa disso.

Jairo: me perdoa.

Juíza: de forma alguma.

Jairo: me perdoa, me perdoe.

Juíza: quero que o senhor tenha absoluta certeza disso.

Jairo: me perdoe, me perdoe se eu não me fiz entender, não foi isso que eu quis dizer.

Juíza: agora entendi a sua preocupação, agora sim, o senhor contextualizou eu entendi, quero que o senhor tenha esta certeza.

Jairo: sim senhora.

Juíza: que nenhuma das queixas que eu tenho contra a sua defesa se confunde com o senhor, nenhuma tá?

Jairo: muito obrigado.

Juíza: pode prosseguir então.

Jairo: excelência eu vou ser bastante breve, pra não ser, eu sei que o, a defesa levantou o discurso da... da Monique, enfim, eu não vou fazer esse discurso contando tudo.

Juíza: o senhor pode falar da sua vida pessoal isso não tem problema nenhum.

Jairo: Porque eu só quero dizer pra senhora que eu vou tentar ser o mais breve possível.

Juíza: fique à vontade.

Jairo: e quando eu presto solidariedade eu presto solidariedade a todo mundo tá. É a minha vida pessoal, Doutora, a minha vida particular e por onde eu trabalhei, é... eu sempre fui marcado

por muito urbanidade. Sempre fui marcado por muita conversa, com muito diálogo, para que as pessoas pudessem é... é... entrar em conciliação. É isso que eu desejo. E se eu, durante quase 20 anos da minha vida, pratiquei lideranças de... do... de governo, diversas inclusive, diversas de governos antagônicos, no sentido de convergir para que as pessoas... é... é... produ... pudessem produzir o seu trabalho com maior urbanidade possível, quando se trata da minha vida, e eu tô falando da minha vida, estou falando da vida dos meus filhos, tô falando da vida dos meus netos, tô falando da vida de pessoas que são importantes pra mim, da Monique, dos pais da Monique é... é... é... mais do que nunca eu queria que isso tivesse é da maior da... da melhor... da melhor maneira possível, com o melhor entendimento possível, para que as pessoas entendam, realmente, o que aconteceu sem é... é... é... questões que não sejam evidentemente o foco do assunto, possam divergir naquilo que a gente... naquilo que nós estamos aqui em busca, que é em busca da verdade e daquilo que aconteceu. Eu definitivamente, Excelência, eu juro por Deus que eu nunca encostei em nenhuma criança, eu nunca fiz isso na minha vida. O meu histórico não permite dizer isso. Eu sou nascido e criado em Bangu, meus pais são casados há 50 anos, eu moro na mesma casa, eu morei na mesma casa, voltei depois de separado é... é... na mesma casa que meu pai mora, que meus pais moram há 50 anos. A minha família é uma família é... pautada em cima do amor em cima da... da... da... do entendimento, eu nunca apanhei do meu pai, da minha mãe. Nunca dei motivo também, mas eu nunca apanhei do meu pai, da minha mãe. Eu sempre procurei fazer aquilo que era certo, correto. Eu morei numa casa em Bangu, essa mesma casa, depois nós fizemos obras, eu acho que foi em 2006/2007. Eu tenho junto com a minha irmã, eu tenho uma irmã que tem um ano de diferença de mim, eu dormi no mesmo quarto que ela até meus 15 anos de idade. Então a minha família sempre foi uma família pautada em cima de amor, de urbanidade, de... eu não lembro nunca na vida de... de ver o meu pai entrando em casa brigando com alguém, brigando com a minha mãe, não lembro do meu pai entrando em casa sequer brigando, sempre foi uma pessoa que sempre levantou o astral da nossa família. É... é... e naquele momento em que eu, em que nós começamos assim, é aí naquele momento que você começa a fazer escolhas para sua vida. A minha família é testemunha que quando eu tinha 15, 16 anos de idade, quando você tem 15, 16 anos de idade, você quer ir pra rua brincar e quer fazer travessuras. Eu fiquei 2 anos dentro de casa, eu não saía nem final de semana, pra poder fazer o vestibular pra medicina, porque nós que moramos no subúrbio, a gente tem muita dificuldade de ascender.

Jairo: e eu tinha na cabeça que se eu não focasse a minha vida nos estudos, apesar de ter estudado no colégio que é um colégio do subúrbio, colégio Pentágono, eu fiquei nos primeiros lugares da... do... do... do colégio e isso me permitiu ir pra turma especial do colégio e nessa turma especial do colégio nós estudávamos de segunda a sábado e domingo era simulado. Eu passei pro vestibular de medicina em segundo lugar. É... então as coisas na minha vida sempre foi... sempre foram feitas com muito sacrifício e não tem nenhum episódio da minha vida que eu possa ensejar qualquer tipo de violência. Eu, Excelência, conheci a... é... a mãe do meu primeiro filho há mais de 30 anos atrás. Ela foi minha primeira namorada. E eu tive o... eu tive o Luiz Fernando por acidente, eu tive o Luiz Fernando por acidente, o Luiz Fernando tem de 24 anos de idade, advogado formado, tá fazendo a prova dele pra OAB. Se não fosse esse acidente do destino na minha vida, não sei nem se eu estaria aqui hoje, porque dentro daquele lugar você tem a vontade, todo dia, de não estar mais ali, aquele lugar que não socializa ninguém. Aquilo ali não é um lugar bom pra ninguém e mesmo tendo um filho aos 19 anos de idade eu nunca deixei de dar carinho e amor pra ele. Excelência, o meu filho até 24 anos de idade... não posso falar 24 anos de idade...

Jairo: porque eu tô preso há um ano, mas até 23 anos de idade, sentava no meu colo, barbudo, sentava no meu colo! E duas coisas isso me chama muita, me faz é... é... a trazer aqui uma, uma reflexão. Excelência, 2 amigos do meu filho, qual... qual eu convivi quando pequeno e algumas amigas da minha filha, porque, até isso a minha filha foi, foi, nesse processo é... de apedrejamento, a minha filha foi vítima de um disk vingança, por conta de possíveis agressões, e a minha filha chegou na Delegacia da Infância e da Juventude, da adolescência e falou assim pro delegado, que eu soube depois, e o delegado disse: seu pai já bateu em você? Meu pai nunca nem brigou comigo! Porque... que os meus filhos... eu nunca nem briguei, eu nunca nem briguei com meu filho, nunca, nunca! Nem briguei com a minha filha, eu nunca briguei com meu filho menor! Mas só pra voltar, eu... eu recebi de 2 amigos do meu filho e de mais dez amiguinhas da minha filha, porque essas amigas da minha filha eu montava dentro do meu apartamento barracas de camping pra elas dormirem, com 2, três, quatro anos de idade, pra dormirem comigo, fala assim: ó tio, eu acredito no senhor. Isso pode ser muito pouco pra... para as milhares de pessoas que hoje de repente não acreditam em mim, mas isso é muito pra quem tá preso. É muito! Tio eu acredito no senhor. Eu indiquei para o delegado diversas pessoas que ele pudesse escutar, que pudesse fazer um paradigma diferente daquele, daqueles... daquelas

peessoas que foram escutadas, indiquei centenas de pessoas. Eu tenho mais de vinte sobrinhos. Meu pai tem cinco irmãos, a minha família é muito grande e a convivência são de muitas crianças. Eu tive sobre o meu pátrio poder, excelência, centenas de crianças, já dormiram na minha casa dezenas e dezenas de crianças, doutor Fábio, dezenas e dezenas de crianças. E nunca, nunca tive nenhum problema! Crianças que tiveram comigo e conviveram comigo, crianças com síndrome de... síndrome de Down, amiguinha da Maria Luiza, amiguinha da minha filha, a Ivy, a... a minha irmã, a minha esposa é amiga da ex-mulher do... do Romário. A Ivy tem Down, a Ivy dormia na minha casa pequena, e brincava com a minha filha falando assim: ele que é o meu pai! E a minha filha boba, mesmo não tendo Down, ficava com ciúme. Minha filha teve que ir pra delegacia e falar assim: meu pai sequer brigava comigo. O meu filho menor, Excelência, tudo que eu tô falando pra Senhora aqui, eu tenho prova. Meu filho menor, eu não quero entrar aqui no assunto do problema dele, mas ele teve um problema de ordem cognitiva, problema de saúde de ordem cognitiva e minha vó, ela é membro da primeira igreja Batista de Bangu.

Jairo: Cada tijolo que foi colocado naquela igreja tem o dedo da minha vó. Eu frequentei igreja até meus 14 anos de idade. Copiei a bíblia por duas vezes, à mão. A minha filha, Excelência... eu me perdi aqui. Vocês podem me ajudar onde eu estava? Não, não tava falando da minha filha, tava falando do meu filho. O meu filho, o meu filho... o meu filho que tinha um déficit co... cognitivo, eu rogo a Deus, quis falar isso porque é o seguinte, a minha avó é membro da primeira igreja Batista de Bangu, e minha avó faleceu desde 94, só que o último banco daquela igreja é destinado pra minha família, até hoje. E meu filho, graças a Deus, eu sou mé... eu sou um cientista, todo médico é um cientista e falam quanto mais você se aproxima da ciência, menos... mais você se afasta de Deus. Eu tenho provas de que Deus opera na minha vida. Meu filho teve um problema de ordem cognitiva e nós identificamos isso quando ele tinha 2 anos e meio de idade, 2 anos de idade. Eu sou médico, apesar de muitos anos sem exercer, nós conseguimos identificar e esse problema dele ele teve que conviver mais próximo de mim e da minha ex-mulher, porque ele tinha que fazer terapia ocupacional, fisioterapia, neurologista e meu filho dormia agarrado comigo, em cima de mim. E quando eu falo em cima de mim, Excelência, a senhora não entenda que ele está aqui do meu lado, não, em cima de mim, em cima de mim, em cima! Eu deitado, ele deitado em cima de mim, com a cabeça aqui e o corpinho aqui, durante 3 anos. Meu filho grita, grita de saudade de mim, grita de saudade de mim, cadê

o meu pai, cadê o meu pai? Isso dói mais do que tudo. Excelência, enfim, eu só quis dizer pra Senhora o seguinte: eu tenho 3 filhos e não quero que eles tenham o pai dele como sendo uma pessoa que fez, que praticou algum mal a uma criança porque é o seguinte, deles eu tenho a... a... a confiança, deles eu tenho o sentimento de que eu fiz o correto, deles eu tenho um sentimento de que jamais eu poderia ter feito aquilo que eu fiz. Mas a minha indignação, é ter colocado e posto ao delegado que estava conduzindo aquela investigação, diversos outros episódios de crianças que tiveram comigo durante muito mais, durante o meu pátrio poder, que não tinha nenhuma, sequer nenhum motivo para dizer qualquer coisa que eu pudesse ter feito. E eu... e essa busca e essa seletividade me incomodou.

Jairo: Então, eu tive com a Fernanda meu primeiro filho, Luiz Fernando, e tive com a Ana Carolina meus dois filhos, o Jairo Neto e a Maria Luiza. Como eu disse para a Senhora, já dormiu na minha casa diversas crianças, inclusive de pessoas públicas, como é o presidente da Câmara hoje dos vereadores, que tinha 2 filhas pequenas, de 2 anos de idade, três anos de idade, que dormiu na minha casa comigo com a minha esposa, que nós não somos... nós, nós não somos de sair. O meu filho foi criado junto de mim. O meu filho não bebe, não fuma, o meu filho não é de... de... de fazer bagunça. Meu filho foi uma pessoa criada dentro do... do... do... do... de laço de amor. Mesmo eu com 19 anos de idade eu não faltava um conselho de classe, não faltava uma festa de caipira, uma festa de Dia dos Pais e é por isso que quase todos os dias eu recebo pelo menos uma horinha da visita dele. Esse é meu respiro, essa é minha vida! Por isso que eu falo de Deus na minha vida. Foi que quando Deus colocou aquilo na minha vida, com 19 anos de idade, eu no meio da faculdade, ser pai, e aquilo ali foi um desafio na minha vida. Hoje eu sei porque que ele... hoje eu sei por que o Luiz Fernando veio ao mundo. Ele veio ao mundo pra nesse momento ser o meu pai, ele poder me dar a mão. Excelência, eu... eu tive muitos defeitos. Eu... eu... eu... eu... eu cometi muitos erros durante a minha vida, eu não sou perfeito. Conheci a mãe dos meus outros 2 filhos, e no dia 27/12/98, ainda muito jovem... Quando você é muito jovem você, você comete muitos erros e infelizmente eu cometi muitos erros. Houve brigas, houve traições, houve alguns problemas. Houveram? Houveram. Mas nós tivemos 2 filhos que são a razão da nossa vida. Se me dói tanto, isso que aconteceu com meu filho, imagina a dor da Monique. Você antes de ter um filho o centro do universo é você. Quando você deixa de... quando... quando você passa a ter um filho, tudo o que você faz na vida, tudo aquilo que você venha fazer na vida, é pra aquela,

são pra aquelas pessoas, são pra aquelas crianças. Você deixa de existir para poder fazer todo o trabalho, toda... toda... toda, tudo que você imagina que você possa produzir, você produz para que seus filhos possam ter um melhor, ter aquilo de melhor.

Jairo: E assim eu fiz durante a minha vida. Por que que eu vim falar aqui da... da... do... do meu segundo relacionamento? Eu fui morar com a minha, com a minha segunda mulher, Fernanda, hoje é minha amiga, Fernanda que é, que é meu... que é a minha amiga há 30 anos. Eu tenho 44 anos de idade. A Fernanda me conhece há 35 anos de idade.

Juíza: quem é Fernanda?

Jairo: Fernanda é mãe do Luiz Fernando... Fernanda me conhece há 35 anos, é minha melhor amiga, é a mãe do meu filho, é minha melhor amiga. A mãe do... do... do... da... da... da Maria Luiza e do Jairo, isso que eu expliquei pra Senhora, infelizmente foi muito novo e nós tivemos muitas brigas. Infelizmente, por imaturidade minha, algumas traições e eu, por ser muito novo, vivi isso e não tenho nenhum orgulho de ter... de... de estar falando isso aqui, mas elas aconteceram. Isso geraram algumas brigas, e essas brigas que aconteceram fizeram com que... Eu vou encurtar a história, fizeram que... que acontecesse é... é... de algumas pessoas ligarem, de outras mulheres ligarem, de outras, de outros relacionamentos também poder ligar e perturbar o bom andamento da vida da minha família. E em algum momento, eu trazia isso pro prumo e às vezes saía do meu controle. E eu repito, eu não tenho nenhum orgulho de falar isso aqui, mas no ano de 2019, quando os meus filhos estavam um pouquinho mais velhos... E, assim, é a minha vontade era estar com a Ana até o fim da minha vida, porque eu já tinha tido um relacionamento que não tinha dado certo, mas é a pessoa que eu falei aqui que é a minha melhor amiga. E eu tive um segundo relacionamento, falei: esse tem que tá certo, eu tenho, eu tive um filho, tive meu segundo filho. Esse meu segundo filho, com a ajuda da ciência, com a ajuda de Deus, ele hoje é uma criança perfeita. Meu jogador de futebol titular, com 9 anos de idade, do Paris Saint Germain, joga lá na escolinha de futebol. Ele grita pra poder tá perto de mim. E no ano de 2019, no final do ano de 2019, eu resolvi, nós resolvemos, eu e a Ana Carolina, nos separar de verdade, nos separar. É, eu falei que estava com ela desde 99 e no ano de 2019 nós resolvemos nos separar de vez. Vinte anos depois. A senhora imagina que durante 20 anos já aconteceu muita coisa é por isso que eu quis contextualizar das idas e vindas e brigas e traições, que eu não tenho orgulho nenhum de ter acontecido, e de intervenções que tiveram

na nossa vida o qual hoje a própria Ana já me perdoou das diversas traições que... que tiveram durante esse nosso relacionamento.

Jairo: E que nós, é... é... quando eu me afasto com 15, 14 anos de idade da igreja, eu vejo que eu me aproximo de... de alguma forma de algo de... de... de... de... de alguma coisa que não é o que, não é alguma coisa boa pra minha vida. E um dos livros que a gente lê dentro da a prisão é a bíblia e ali... é... a bíblia consagra a família e eu gostaria de ter vivido com a Ana até o resto da minha vida. Infelizmente, por culpa minha, eu não vou falar que por culpa dela, enfim, porque mais por culpa minha, nós nesses 20 anos de relacionamento, é... eu realmente deixei a desejar em algum momento, eu deixei algumas... abri algumas portas para que alguns outros relacionamentos paralelos pudessem vir. Ela me perdoou em todos eles e no ano de 2019 nós resolvemos nos separar. Essa pessoa o qual é... de alguma forma, desorganizou a minha vida com a vida da Ana nos últimos 6 anos que nós tivemos é... é... casados, assim que eu me separo da... da mãe dos meus filhos é que eu resolvi ficar com ela, resolvo ficar com ela,

Jairo: que foi os primeiros 6 meses de... de 2020. Mas eu converso com essa pessoa, falo o seguinte: ó, por quanto desse nosso relacionamento, eu tive muitas brigas, e brigas muito feias com a Ana. Quinze dias eu fico com meus filhos e quinze dias eu tenho outro meu... é... é o meu final de semana livre. E assim nós convencionamos, eu e a Ana, que eu ficaria de 15 em 15 dias com as crianças. Iria buscá-las, volta e meia, quando eu podia buscar, levar no colégio, no colégio. E eu fiquei com essa pessoa de 15 em 15 dias. Quando eu conheci a Monique, através do Instagram... e quando eu conheci a Monique através do Instagram e... tive a oportunidade de conhecer Monique através do Instagram, e me comuniquei com ela, eu senti que eu podia ali começar do zero um relacionamento saudável. Começar do zero um relacionamento sem nenhuma intercorrência que... que... que... que eu tinha tido durante toda a minha vida, o qual aqui eu já falei pra Senhora, que não me orgulho de ter, de ter feito, mas no momento que eu conheci a Monique, e teve até um dia que essa minha ex-namorada que eu ficava de 15 em 15 dias, chegou uma hora que concomitantemente eu estava com ela e junto com a Monique também. E a Monique descobriu ou a menina descobriu, eu liguei pra ela e falei assim: ó, a partir de hoje eu estou no relacionamento eu quero muito que dê certo. É... eu acho que esse relacionamento novo a Ana vai entender que não é uma traição, porque já estávamos separados há 6 meses. É uma pessoa que eu estou me dando muito bem, é uma pessoa que eu quero tentar fazer que dê certo. Eu não quero ficar escondendo meu telefone, eu não

quero ficar escondendo a minha vida, eu quero que tenha uma pessoa que tenha livre acesso à minha vida. Eu quero ter uma pessoa que possa compartilhar comigo os meus momentos e que siga a vida junto comigo. E foi assim que eu fiz com a Monique. Assim que eu comecei a namorar ela, é nesse momento, Excelência, eu conversei com a, com a menina aqui que eu, que eu tinha que, eu tinha tido esse relacionamento durante 6 anos

Jairo: e eu comecei

Juíza: o senhor pode falar o nome?

Jairo: Débora. E foi um momento de muita felicidade na minha vida, em que eu pude, em que eu me senti é... apaixonado por... por... Começamos um relacionamento apaixonado

Juíza: com quem?

Jairo: Com a Monique, fazendo tudo um pelo outro é... é... ela disse aqui que, eu não sei se foi ela ou se foi o Leniel, que se separaram em outubro, mas enfim a Monique me disse quando me conheceu em agosto, que estava separada desde março e eu comecei um relacionamento com ela e todos os meus momentos com ela, com ela, foram muito felizes eu não tenho uma vírgula para falar da Monique como mãe e como mulher. Nada. Não tenho, não tenho se não pra falar com ela. Tínhamos ciúmes um do outro? Sim! Aconteceu episódios de ciúme? Lógico que aconteceu. Inclusive eu vi a... a... a Monique aqui falando que pôs um, trocou... é... botou um localizador no, no meu telefone ou botei um localizador no telefone dela, ela, num determinado dia, pegou meu telefone que nós estávamos namorando e botou a localização dela no meu telefone. Eu não sei mexer muito bem em telefone, é... é... mexo no WhatsApp, mexo no... no... Instagram um pouquinho, mas é, basicamente, eu mexo WhatsApp. Ela colocou em determinado momento, ela colocou no meu e no dela pra nós sabermos onde que nós estávamos e nós tínhamos ciúmes mútuos um do outro, nós éramos apaixonados um pelo outro. Nós vivemos uma história até o dia que nós fomos morar juntos, uma história de 2 casais apaixonados, de... de... de... de 2 pessoas, um casal apaixonado, o qual um fazia bem para o outro. Monique fazia tudo que eu pedia, eu fazia tudo que ela pedia e

Jairo: Excelência, eu sou vasectomizado, quando veio meu terceiro filho é... é... eu falei: acho que tá bom, acho que dá pra fechar a fábrica. Eu fiz vasectomia e a Monique, no primeiro encontro, Dr. Fábio, ela falou o seguinte: eu tenho um filho de 4 anos de idade eu perguntei pra ela: Monique, você tem vontade de ser mãe de novo? Ela falou assim pra mim, assim, antes de eu falar pra ela que eu era vasectomizado, ela falou pra mim assim: não, não tenho vontade de

ter outro filho, não. Eu tenho Henry e me basta. Eu disse assim: graças a Deus temos uma família com 4 filhos, agora a nossa família eu disse, sua família cresceu de repente. Não sei se você vai conseguir dar conta disso, mas você acaba de... de ganhar de presente mais 3 filhos, inclusive um dos seus filhos tem a idade de seu irmão. Eu fui pai muito novo, um dos filhos da... da... dos seus filhos, Monique, tem a idade do seu irmão, do Brian. E ela recebeu aquilo de braços abertos e nós vivemos o... esses 6 meses de namoro, momentos muito felizes. Momento de ciúme, Excelência, com certeza. Eu era uma pessoa pública, o qual milhares e milhares de pessoas ligavam pra mim, milhares e milhares de pessoas falavam comigo. Ela tinha ciúme disso, ela demonstrava o ciúme. Ela era uma pessoa muito firme. Eu tinha ciúme dela, obviamente. A mulher que eu estava apaixonado, a mulher que... que... que eu resolvi é... é assumir como minha mulher, como a minha namorada. E pela primeira vez na minha vida, Dr. Fábio, uma mulher que eu fiz o seguinte: eu peguei todas as aaa... ooo... as pessoas que pudessem, de alguma forma, ter qualquer tipo de flerte comigo, coisa que eu jamais... Eu tô abrindo meu coração aqui pra Senhora, coisa que eu jamais poderia ter feito, falei assim: ó, eu tenho uma namorada, quero ficar com ela, não quero esconder mais meu telefone. Por favor não ligue mais pra mim. Eu falo muito de forma, eu tô resumindo aqui, mas de forma muito mais educada que isso. E nós vivemos um namoro em setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, maravilhoso. O que eu pude observar nesse momento, nesses... nesses, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, nesses 5 meses de namoro com Monique, o pai da Monique, seu Fernando, dona Rosângela é a mãe da Monique, Brian o irmão da Monique, Letícia, a... a cunhada que dormia na casa da Monique com o irmão dela, Henry e Monique, uma família unida e muito feliz. Uma família unida e muito feliz. Quem ensinou o Henry a cantar músicas católicas, foi a Monique. Quem ia comprar a roupinha do futebol do Henry, foi a Monique. Quem comprou a roupa do judô do Henry, foi a Monique. Quem ensinava o Henry a orar, era a Monique. Quem carregava o Henry no colo, como se fosse um bebê, mesmo ele com quase cinco anos de idade, era Monique. Quem cobrava a presença do pai, era Monique. Quem o Henry amava, era o avô Fernando e a avó Rosângela. Eu pude perceber naqueles 5 meses de relacionamento... Eu sou meio exagerado pra tudo e tudo que eu podia fazer ali pra poder... pro bom andamento daquela família, eu fazia. Ao ponto de querer agradar o Henry de todas as formas. Até no exagero, num episódio que a Monique contou aqui, que o Henry tá com desejo de comer coxinha. Eu não tinha ideia é... a coxinha... Nós estávamos morando em Bangu.

Se não me engano, acho que era 10 reais um cento, um negócio desse, negócio bem barato. Eu, com 50 reais, acho que comprei 500 salgados, não sei... Aí pedi pra entregar e acabou que foi até um motivo de... de... de brincadeira, isso. Tentava eu, mas eu tentava da minha maneira, fazer o melhor que eu podia. Sempre via naquela família é uma família muito unida e cercada de amor e de harmonia.

Jairo: Eu escutei, Excelência, é... de diversos amigos meus, diversos amigos meus, que eu conheço todo mundo em Bangu, eu tenho, eu tive, já tive quase 50000 votos em 2012. Diversas e diversas pessoas que vieram, quando eu comecei a namorar Monique, falar comigo assim: ó, Jairinho, a Monique não é uma menina para ficar com você, cara, a menina que tá sendo muito assediada na academia, ela é a menina que vai fazer isso mesmo, vai fazer aquilo, coisa e tal. Aí eu falei assim: ó, mais erro do que eu cometia não tem nessa vida, eu cometi todos os erros, não quero saber da vida da Monique dali pra trás, quero saber da vida da Monique daqui pra frente. E a Monique comigo, a Monique com o Jairinho, foi uma mulher exemplar. Tudo o que eu podia esperar de uma pessoa, de uma companheira, Monique estava presente pra... pra... pra poder compartilhar comigo... Pela primeira vez eu... eu pegava o carro e ia viajar pra... pro lugar, e deixava meu telefone aberto. Nós brincávamos, ela dormia na minha casa, nós fazíamos tudo que um casal feliz poderia fazer. Tanto que eu fui indagado pela minha mãe... Minha mãe não sai de casa desde o dia que eu fui preso. Eu fui indagado pela minha mãe, falou assim: Jairinho não tá muito cedo para você ir morar com a Monique? Será que você não precisa um pouquinho mais de tempo? Mas o nosso relacionamento durante 6 meses tava tão bacana, tava tão legal, que eu pedi, eu ponderei com a minha mãe... Porque assim, a minha mãe sempre foi a minha... a minha mãe é muito sábia, minha mãe é muito sábia. Apesar do meu pai ocupar muito espaço dentro da nossa casa, a relação da minha irmã é muito próxima do meu pai, mas a minha relação é muito próxima da minha mãe. A minha mãe é muito sábia. Se eu tivesse escutado a minha mãe de tudo que ela falou, de repente eu não estaria aqui neste momento. Eu devia, novamente, eu não escutei minha mãe. Não tô arrependido não, de ter ido morar com Monique, não, mas ela falou assim: filho pensa mais um pouquinho, dá mais um tempinho, não, não dá passo à frente, não, logo agora você teve tanta briga com a Ana, teve tanta coisa que aconteceu, tanta, tanto percalço na sua vida, agora que você tem uma pessoa, você teve, acabou a menina estava frequentando aqui em casa de 15 dias em 15 dias, e agora que você encontrou uma pessoa que você tá com o coração aberto, com a mente aberta, dá mas um tempinho. Você

tem três filhos, ela tem um filho, vê, vamos ver se vai dar certo, vamos ver se vai entrar no rumo. Mas, eu não escutei a minha mãe. Eu fui, aluguei um apartamento e a partir daí, acho que do dia 15 de fevereiro, esse apartamento tava disponível pra... para que... eu fiz uma pinturinha ou outra, porque é um apartamento alugado, esse apartamento estava disponível para que eu fosse morar junto com a Monique. É... resolvemos morar juntos, resolvemos morar na... no Majestic, que é em Jacarepaguá. E nesse momento, a família juntou, todas as famílias se juntaram, inclusive o Henry demorou, ele não veio no primeiro momento junto com a gente. É... a Monique, inclusive, fez um jantar lá em casa para os meus pais e para os pais dela. O pai da Monique era muito meu amigo, senhor Fernando. Isso eu tenho muita paz com Deus. Eu sei nem se devia tá falando isso aqui, eu não sou espírita eu não sou espírita, não, mas o... o pai da Monique falou na frente da Monique e na frente do... do... na frente da mãe da Monique, quando tudo aquilo começou a fervilhar, falou assim: ó, eu confio no Jairinho, num dia que eu cheguei na casa, na casa deles, estava uma confusão danada, imprensa querendo fazer balbúrdia, enfim, aquela confusão toda, ele tava, ele tinha um problema na coluna, mas era uma pessoa que naquele pouco tempo, eu tinha muita estima. Eu beijei a cabeça dele, ele falou assim pra mim: ó meu filho... Diferente da dona Rosângela e da Monique, ele era uma pessoa mais espiritualizada e quem falar isso aqui quem falar isso aqui, a Monique e a dona Rosângela falar que isso não é verdade, mas não tô comentando, eu tenho certeza que elas não vão fazer isso. Aquele momento era o coração dele que tava falando quando eu beijei a cabeça dele, ele falou assim pra mim, assim: ó, quem tá beijando a minha cabeça aqui agora é o Henry. Ele falou isso pra mim, seu Fernando, quem está beijando a minha cabeça aqui agora é o Henry. Falou na frente da Monique e da mãe dela. E seu Fernando é vítima disso tudo que aconteceu na nossa vida.

Jairo: Ele faleceu de Covid, mas eu tenho certeza que a imunidade dele, de ver uma filha presa deve ser uma coisa muito ruim, tira um pedaço da gente. Eu tenho certeza que o seu Fernando não aguentou, ele foi uma das vítimas dessa, desse engendramento que fizeram contra mim e contra Monique. Ele beijou minha cabeça e falou: meu filho, eu confio em você. Então, Dra, eu tenho paz no meu coração em relação ao Henry e ao seu Fernando que não tão nem mais aqui. Então, quando eu falo isso eu tô falando da minha liberdade eu falo da minha inocência, eu falo daquilo que eu não cometi, eu falo daquilo que é meu compromisso com Deus. De 2 pessoas que se foram, um anjo Henry e o seu Fernando, que foi narrado pela Monique como uma pessoa

que não tem maldade. Eu não sei se o doutor Hugo, doutor (incompreensível) tiveram oportunidade de conhecer o doutor, o seu Fernando, enquanto vivo. Se você tiver oportunidade, o seu Fernando era um ser humano que não tinha maldade. Tô falando mentira? O pai da Monique era desprovido de maldade.

Jairo: Existem alguns seres humano aqui... eu tenho uma babá, eu tenho uma mãe, eu tenho uma mãe, eu tenho uma segunda mãe, eu tenho uma mãe, uma mãe com a pele mais escura. Por que que eu falo que eu tenho uma mãe com a pele mais escura? A Leda foi pra minha casa quando eu tinha 2, com 2 meses de idade. Eu tô com... eu tô com 44. Ela foi que eu tinha 2 meses de idade, a minha irmã não era nascida. Dormia, Excelência, eu aqui nessa cama, minha irmã nessa cama, o guarda roupa, metade do guarda roupa meu, outra metade do guarda roupa da minha irmã e o guarda roupa do meio, era o guarda roupa da Leda. A Leda tá com a gente até hoje. Ela foi minha babá. Ela foi a... a babá da... do... da minha irmã e a babá do Theo, que é o filho da minha mãe, filho da minha irmã. Tá com a gente hoje. A Leda não é... é... a minha babá. é minha segunda mãe. A Leda vai à igreja todo dia eu, a Leda vai à igreja todo dia. Ela falou assim: meu filho, você vai sair daí. Ela me conhece como ninguém, ela é minha segunda mãe, ela é a mãe de Deus me deu. Eu tenho a sorte de ter duas mães. Eu tenho a mãe, que é minha genitora e tem uma mãe que me ajudou a me criar, e ela é uma pessoa desprovida de maldade. A Leda não acredita na maldade, ela acredita em quem fala mentira, acredita em qualquer coisa. A Leda é uma pessoa igual ao Luiz Fernando, ao... ao seu Fernando. Quando eu falo que diante de Deus, porque é o seguinte, a lei dos homens é falha, mas a lei de Deus não falha. E se eu falo aqui em nome do Henry, se eu falo aqui em nome do seu Fernando, que não estão mais aqui presentes, eu... e eu... uma pessoa que copia a bíblia por duas vezes, frequentei igreja, tem uma segunda mãe que frequenta a igreja até hoje, tenho meu pai que é dono do último banco da igreja, da primeira igreja Batista de Bangu, que está presente em todas as... os cultos, eu não brincaria jamais com... com... com isso. Eu tenho eles 2, que estão lá em cima junto do... do... de... de... junto de Deus, eles olham aqui pra baixo e sabem da minha inocência e acreditam na minha inocência. Isso eu tenho paz, tenho paz, com o pai da Monique e com o Henry. A coisa que eu mais queria que ele tivesse aqui, doutora. O Henry era a criança mais linda desse mundo. Henry era mais bonito que meus filhos. Amo e amava meus filhos mais que ele. Uma vez meu filho me perguntou, papai ele é bonito? É, meu filho. “Você vai gostar mais dele do que de mim?” Não, meu filho! Você, você é meu príncipe, eu amo você mais que tudo

na minha vida. Então quem que seria capaz de fazer mal a uma criança? Quem é o ser humano capaz de fazer mal a uma criança? Existe? Existe. Eu sou médico e já vi acontecer diversas, diversas vezes. Mas esse não é o meu perfil, isso não cabe, essa roupa não me cabe. Eu dei depoimento, dei depoimentos por diversas, diversas pessoas, Excelência. Pedi pro delegado, Dr. Damasceno, entrevistar pessoas que estiveram sobre o meu pátrio poder, que estiveram sobre a minha batuta. Crianças menores que o Henry criança que, tipo que conviveram comigo. Mesmo os meus filhos, eu nunca nem briguei, mas eu dei, apresentei pessoas e ex-namoradas que também... que conviveram, mas resolveram justamente fazer com que aquele, aquela espetacular, é o espetáculo da investigação criminal, buscasse o único culpado, buscasse um único, uma única direção. Porque, Excelência, eu não vou falar aqui com a Senhora de medicina, eu vou falar de lógica, eu falo desde o primeiro dia que eu fui preso, eu falei para Dr Fábio, paga um advogado de dez mil reais e contrata médico. Quem vai me tirar daqui é médico Juíza: quem é o doutor Fábio? Ah, o promotor

Jairo: desculpa, eu olhei pro Dr, Fábio, mas é a doutora, é a doutora Bianca e a doutora Dra. (Inaudível).

(Juíza pede uma pausa para ir ao toalete)

Juíza: podemos prosseguir? Você lembra onde parou? o senhor fique à vontade, se quiser parar para o almoço a gente para.

Jairo: a senhora que manda.

É... eu... quando você, quando você cai dentro de um lugar daquele você fica muito perdido, né? Porque eu... eu nunca coloquei meus pés dentro de uma delegacia, Doutora, eu não sei, não sei, não... não... eu não sabia nem como é uma delegacia. Não sabia nem como era uma delegacia, eu nunca vi uma delegacia, eu nunca tinha, apesar de ter amigos policiais e até delegado, detetive, PM, enfim, eu nunca coloquei o meu pé dentro da delegacia. Nunca fui numa delegacia, nunca tinha nem entrado na delegacia. Então quando você... o mundo caiu. É... e do jeito que foi, e do que eu estava sendo acusado, do que eu estou sendo acusado, é... você começa a pensar em muita coisa, sobretudo porque a Monique tá vivendo de luto, luto permanente. Eu digo que o único cárcere perpétuo é o da Monique. Aquela... aquela... que o sofrimento que ela tem não vai passar nunca. É...eu sempre, Doutora, é... eu tive 5 mandatos consecutivos, porque eu sempre tentei me colocar no lugar das pessoas. Entendeu? Eu sempre tentei, eu sempre tentei me colocar no lugar das pessoas. Eu tentei... é... fazer com que... que a

pessoa que... que... que eu fosse me relacionar, eu fosse falar, tivesse... tivesse... fosse tratada da maneira que eu gostaria de ser tratado. Eu sei que é difícil de acreditar. Eu vi aqui no começo da RJ, Dr. Fábio se espantou com a cassação da Câmara e tudo mais, as coisas que houberam que não era compatível com alguém que confiava, enfim, ele sim, muito inteligentemente, fazendo. É, mas, assim, é porque o tribunal não faz e também não é função do tribunal fazer pesquisa social, né? Não é. Vem informação, trabalho, imagino a quantidade de trabalho que vocês têm aqui pra poder dar conta de tudo isso que acontece na... no... no estado do Rio de Janeiro, como um todo.

Jairo: Mas é.. é... das ascensoristas, por Deus, Doutora, das ascensoristas da Câmara de vereadores, do porteiro do meu prédio ao prefeito da cidade, eu tratava absolutamente igual, eu trato absolutamente igual. Todas as pessoas que me conhecem sabem disso. Igual! Eu não faço essa distinção. Então é assim, o que tá acontecendo comigo, esse linchamento público, é... é... eu sou o meu único amparo. É Vossa Excelência, é onde que eu posso me agarrar. Eu não tenho outra maneira de... de... de me agarrar, que não seja nisso. Eu não tenho como lutar com tudo que tá acontecendo, eu não tenho braço pra isso. Quando eu dei por mim, quando eu tava na, quando eu comecei a entender o que tava acontecendo, porque tudo foi muito mudado repentinamente. Tudo estava muito bem, de repente quatro, cinco dias depois começou a ficar muito ruim.

Jairo: Ficou muito ruim, de verdade, foi no dia 18 de março. Eu me lembro, porque, do dia 8 ao dia 18, as coisas não estavam ruins. Não tinha uma nuvem negra é... em cima de mim, da Monique. Começou a ficar é... pesado, no dia 18, de... do dia 18 de março. E eu fui preso no dia 8, né? Em 20 dias. E sou muito chato, chego no hospital, como sou médico, fico perturbando os médicos pra poderem fazer o atendimento da forma adequada.

Eu comecei a analisar tudo que estava acontecendo de outra perspectiva e os advogados diziam: calma que não é assim, não fala, outro, não bota e não sei o que mais, eu e eu como eu tive que parar de pedir, pra... de... eu tive que parar. Eu pedi a administração do... do... no presídio, para parar de ver advogados que vinham me procurar para poder me auxiliar no... no problema que eu tava passando. Só que não tava aguentando mais, que eu... aquilo dentro de um problema e eu não tava mais aguentando escutar aquilo, porque eu sabia que meu problema não era problema de advogado.

Jairo: Meu problema é um problema médico. Eu tinha isso, mas eu... eu tinha essa convicção no meu coração. E foi quando eu falei pro... foi quando eu falei pra... pra Dra Flávia, acho que foi a Dra Flávia que foi me visitar essa vez. Quando ela foi me visitar eu falei isso pra ela, eu falei: olha eu quero pagar um médico. Que eu falei pro Dr. Luiz também. Quero pagar um advogado de 10.000 reais 5.000 reais e contratar médico. Só quem vai me tirar disso é médico. Só quem vai saber resolver esse problema é médico. Isso é um problema técnico, é médico. E foi aí que eu fui e foi aí que... e foi aí que eu comecei aaa... ficar... é ...indeciso. Em diversas, diversos momentos da... da minha... do meu cárcere em diversos momentos, em diversas decisões que eu poderia a... a vir a tomar, porque como contextualizei para a Senhora lá atrás, o nosso delay lá dentro é muito grande, a gente não sabe o que tá acontecendo aqui fora e a gente só vê enxurrada de informação. Eu confesso à Senhora que eu tenho pânico da televisão hoje, verdadeiro pânico, porque eu não sei de onde... Até hoje, pelo menos isso ficou provado, mais do que provado, que o Henry não teve 23 lesões. Isso não existiu. E a imprensa continua noticiando isso! Quando eu tava vindo pra cá, eu acordei às 6:00 da manhã pra poder tomar um banho e pra poder despertar. Não consegui dormir à noite, logicamente eu tô ansioso com e por conta do meu interrogatório, passei a noite em claro. Fui tomar um banho às 6:00 da manhã e quando eu vejo a televisão, 23 lesões e tá mais do que provado que essas 23 lesões não houveram. Eu não sei porque que continuam repetidamente passando isso na televisão. Isso machuca muito! Isso a Ana, minha ex-companheira, fala que o meu filho de 9 anos quando... quando... quando passa na televisão, ele vomita de nervoso.

Jairo: Pô, gente, pelo menos leiam os laudos, pelo menos o que que o que eu já tô sendo acusado, eu já estou sendo acusado de uma coisa terrível, ainda tem, ainda tem um monte de inverdade e muito inverdade. Pelo menos leiam o que tá acontecendo. Eu não aguento mais ver televisão, não tô aguentando, eu não aguento mais. O meu filho com a minha é... a minha ex-mulher fala que meu filho vomita quando vê televisão, quando aparece... aparece a minha imagem na televisão. A minha filha está com dificuldade na escola, que nunca teve. Os 2 tá no psicólogo, mas isso não entra mais na minha vida, eu não aguento mais, eu sou inocente eu não fiz isso com o Henry, eu não fiz nada com o Henry, eu não sou culpado disso que estão me acusando. Pelo amor de Deus, por favor, por Deus, eu não fiz isso, isso não é verdade, não aconteceu isso. Quando eu fui morar com a Monique na... na... no nosso apartamento, eu escolhi o melhor quarto pro Henry. Apesar do Henry não passar o tempo com a gente. O Henry passava mais

tempo com a vó, ele queria ficar com a vó, com o avô, com o cachorro e com a... tinha lá a babá dele, a Graciene, tinha... tinha a professora dele particular, tinha todo mundo. Ele não queria ir pra nossa casa, ele quer ficar na casa da avó. Pra ir pra casa do pai, também, era um problema danado. O Henry ficava, do pouco tempo que eu... que eu... que eu morei com Munique, Doutora, do dia 15 de 20 de, de janeiro até o dia 8 de março, o Henry ficava na... com os... com os avós paternos, maternos e com o tio, pelo menos de sexta até segunda. Durante a semana sobravam ali, mais ou menos, uns três dias. Nesses três dias, muita das vezes, o seu Fernando e a dona Rosângela dormiram na minha casa. Então essa adaptação do Henry foi algo que...

01:47:40 (pausa no depoimento e conversas inaudíveis)

Juíza: pode prosseguir.

Jairo: Doutora, é...

Juíza: o senhor perdeu o raciocínio?

Jairo: não, sim do dia 15, é importante que a... do dia 15 ao dia 20, que nós começamos a morar juntos, até o dia 8 de março, todo final de semana ele passava com os avós. E eu não sabia disso. Tinha final de semana que ele passava com o pai, mas tinha final de semana que ele passava com o pai, na casa dos pais da Monique. Desses, do dia 20/02 a 08/03, me ajuda aqui... nesses 50 dias, o Henry ficava na casa dos avós de sexta a segunda, terça, quarta e quinta comigo e com a Monique, só que nesta terça, quarta e quinta, muitas das vezes eu já fui buscar, várias vezes, o senhor Fernando pra dormir na nossa casa. E a dona Rosangela tinha um pouquinho mais de Independência, ela vinha com o carro dela. Mas eu já fui buscar o senhor Fernando em casa pra dormir na nossa casa, porque o Henry se sentia muito mais feliz se acomodado com a presença dos avós. E eu fui buscar o seu Fernando na casa em Bangu diversas vezes, pra dormir com a gente. Eu, Henry e Monique ficamos muito pouco tempo, do dia 20 de... de janeiro, até o dia 8 de março. E aí a gente fez questão, eu e Monique, de ter um quarto para todo mundo. O quarto que eu montei pro Henry, eu peguei o melhor quarto do apartamento eu montei pro Henry e pro meu filho mais novo.

Jairo: Doutora, não acredite em outra versão, a verdade é o que eu tô falando com a Senhora, quem fez questão de colocar o Henry no colégio Marista São José fui eu, eu juro pra senhora. É um colégio que era perto da nossa casa, a Monique falou que era caro, Leniel falou que era pra botar num colégio que era mais perto do Recreio eu falei assim: ó, vamos botar o Henry num colégio bom. O único legado que a gente pode deixar para os nossos filhos é educação. É

a única coisa que não tiram da gente. Pode tirar qualquer coisa da gente, mas não vão tirar o nosso conhecimento. Se tirarem tudo de mim e eu resolver estudar, eu vou, eu volto a clinicar, não vou morrer de fome. Então vamos colocar ele no colégio que seja... E eu sempre pensei assim, eu... eu nunca pensei em deixar herança para filhos. Eu tenho que deixar com meus filhos a educação. Tanto que hoje eu falo, agora é, meu filho, é mestrado e doutorado, é... se prepara. Enquanto, enquanto tava lá de fora, enquanto eu podia pagar, se prepara, porque a vida é de quem tá se preparando. É o único legado que a gente pode deixar pra... pra... pro... pros nossos filhos, é educação. A Monique falou assim: mas é caro, Jairinho, o colégio. Eu falei assim... ó, eu não paguei a mensalidade do colégio, nunca paguei, mas eu falei assim: caso você tenha dificuldade de pagar o colégio, Monique, eu ajudo, eu tô aqui pra ajudar. Estou aqui para ajudar. Todo o dinheiro que você ganhar você gasta com você e com o Henry, todo o resto comigo, mas se você precisar de qualquer ajuda pra ir e eu estou aqui para ajudar não coloque ele no colégio que você não se sinta confortável. Coloque ele no colégio que vai ser bom pro futuro dele, pro relacionamento dele, network. Pra ele ter bons amigos, pra ele conseguir é... é... passar por uma boa faculdade. A Monique sonhava que ele... queria que ele fosse medico, enfim, tudo isso nós compartilhamos juntos por isso que eu falo para a Senhora, quem colocou o Henry na natação, foi a Monique, quem foi comprar roupa na Centauro pra escolinha de futebol, foi a Monique, quem ensinou as cantorias evangélicas, católicas, de reza, foi a Monique. Monique tratava o Henry como um bebê, apesar dele ser muito inteligente. Henry verbalizava tudo, tudo, não tinha nada que você fizesse que ele não falava. Verbalizava tudo com muita facilidade, ele contava tudo. Henry sempre foi de falar, não era de ficar quieto.

Jairo: Inclusive, inclusive, quando começou a acontecer esse problema e aí é... é... eu vou me remeter ao... ao... nós estávamos no... no... no quarto do Henry, eu Monique e Henry e ele começou a... a... pedir abraço apertado: tio me abraça, e eu abraçava, tio me abraça, e eu abraçava, eu vou te abraçar também” “porque eu abracei e ele, “abraço mais forte, tio abraço, abraço mais forte”. E aí num belo dia de final de janeiro ou começo de fevereiro, eu não sei exatamente, o Leniel chega na nossa casa e desce pra falar com Monique e pede pra Monique pra que eu desça e pede pra que eu não dê mais abraço apertado no Henry.

Juíza: falou com o senhor direto?

Jairo: Falou pra mim, ele chegou e falou pra mim, queria te pedir, ele falou que eu não devo mais fazer isso. O próprio Leniel sabia que era ele que pedia isso, porque Monique falou que

ele teria pedido. Mas eu entendi, se eu fosse, se eu tivesse, eu já estava fora da minha casa e se alguém fosse na minha casa, um... um... outro relacionamento da Ana e o meu filho ficasse de abraço, eu teria ciúme, então eu entendi muito mais que seria um ciúme de pai do que o propriamente alguma coisa que tivesse incomodando ele, de verdade. Porque até mesmo aqui na linha do tempo ele e todo mundo viu que a gente nunca teve nenhum roxo, nunca teve uma marca, nunca teve nada disso. Foi dito aqui pelo, pela avó, pelo primo, pelo tio, pela babá, pelo irmão dela, o Henry nunca teve nada, esse negócio de maldade com... isso nunca aconteceu. O Henry não era uma criança maltratada, Henry era criança bem tratada. Eu nunca vi uma criança toda branca que quase não tinha roxo. Ao contrário, era uma criança clarinha, de olho azul e quase que não se machucava. É justamente ao contrário, diametralmente oposto. E naquele momento que o Henry começa e aí eu não tô aqui pra prejudicar e nem atacar ninguém, quem sou eu pra fazer isso, sou um homem de muitas falhas, é....

Jairo: depois que o Henry, o Henry começou e que o Leniel pediu pra não mais abraçar daquele jeito, a Monique me relatou 2 episódios que ele contou pra ela, porque eu como eu disse o Henry verbalizava tudo, ele falou o seguinte pra... pra Monique: Mamãe, o papai falou que a bunda da mãe era dele, o papai falou que o que a Senhora, que a mamãe roubou o carro da mãe, que o carro da mãe dele estava... alguma coisa nesse sentido. Eu... eu sugeri um psicólogo, eu sugeri um psicólogo, por conta dessa mudança de ambiente, naquela mudança de ambiente que o... que ele tava mudando, ele não queria nem ir pra casa do pai, nem ir pra casa... nem ir pra nossa casa, e toda vez que tinha que ir para a casa... da nossa casa para a casa do pai, muitas das vezes a dona Rosângela dormia na nossa casa. Vamos dizer que ele fosse pra casa do... do... do... do pai no sábado, vinha a dona Rosângela dormia na nossa casa porque com a vó ele ia mais fácil pra ir pra casa do pai. Isso acontecia, aconteceu uma, duas, três vezes, não sei. É... e quem sugeriu um psicólogo fui eu, o contato do psicólogo, aí a Monique contratou um psicólogo de escolha dela, ela contratou uma psicóloga, Érica Mamede. Foi a psicóloga que... que... que ela contratou pra acompanhar o Henry. Era uma psicóloga, segunda a Monique, especializada em criança. E segundo a Monique, na primeira entrevista do Henry com essa psicóloga, é... é... a psicóloga falou vai ser muito fácil a adaptação do Henry porque ele é uma criança que verbaliza muito bem, uma criança que fala muito bem tudo que aconteceu. E o mais curioso disso tudo, que o período em que eu sou acusado de ter praticado duas agressões, torturas que falam com o Henry, é.... ele estava acompanhado de uma profissional psicóloga e não relata

absolutamente nada pra essa psicóloga, que tá acontecendo, ele não relata nem pro pai, ele não relata pra mãe, não relata pra vó, não relata pro vô, não relata pra psicóloga, que seria uma profissional capaz de saber quem pratica agressão e quem não pratica agressão, então na vigência em que o Henry esteve comigo na minha casa, no meu apartamento, estava sendo acompanhado por uma psicóloga infantil, especializada, e ela deu um depoimento em sede policial, dizendo que ele nunca falou mal de mim. Ao contrário, na última sessão ele falou que: “tem um tio que mora comigo”. Eu sempre falava pra ele, você é o príncipe que mora nessa casa, quem manda aqui nessa casa é você. Porque eu tava vendo que a adaptação dele não tava boa, então eu disse pra ele, Henry, quem manda aqui nessa casa é você. Então ele falou pra psicóloga: “tem um tio que mora na minha casa, então o apartamento virou dele. Isso tá nas anotações da psicóloga, especializada. E o próprio perito, no mesmo dia, diante de todas as inconsistências do laudo dele, ele diz que não houve agressão, não houve tortura, não houve maus tratos. Toda criança maltratada ela carrega consigo marcas de agressão, ela carrega consigo marcas maltrato, todo é criança maltratada, sindrômico, toda criança maltratada, ela tem uma marquinha, ela tem uma marquinha antiga ela tem um...

Jairo: um... uma... é nós vemos por aí de cigarro, ou então tem um arranhão mais profundo ou ela tem um... um... roxo mais contundente. Então na parte psicológica, a Dra. Érica Mamede disse que ele nunca reclamou de nenhum maus-tratos de ninguém, nem de mim, nem da Monique, nem de ninguém. O legista com seus lados incongruentes, diz que não houve maus tratos, ele inclusive fala o seguinte não houve maus-tratos de jeito nenhum, saiu da boca do próprio Dr. Tauil, que nunca houve isso, e me imputaram esse crime? Dói muito, Dra. por Deus, dói muito. E dói muito mais saber que meu filho mais novo vomita quando vê isso na televisão, de nervoso. Eu curei o meu filho de uma doença cognitiva neurológica e que ele dormia comigo colado comigo. E ele hoje, com nove anos de idade, depois de ter se... se ressocializado, de ter, de ser um aluno brilhante na escola, meu filho é... a... a... de 15 anos está muito mal na escola, ela sempre foi bem, mas hoje tá muito mal por conta disso, ela não conseguiu absorver isso bem, ela tá muito mal. Mas o menino de 9 anos conseguiu, tá conseguindo tirar B e A. E ele sempre gostou muito de jogar bola e a gente incentivou muito e é isso eu falo isso muito de um pai bobo mesmo, e ele tá hoje, ele foi escolhido pra... na categoria até nove anos de idade, para representar o Paris Saint Germain inclusive em outros estados. Joga lá o meu zagueiro, Jairo. E quando eu vejo que ele está na televisão, vê televisão ele vomita, eu vejo que eu tô fazendo um

mal terrível a pessoa, às pessoas que eu mais amo na vida que é que a única razão da minha vida, é a única razão de me manter vivo naquele lugar é meus filhos, e eu vejo que eu tô fazendo mal a eles, aí... aí... meu chão cai. Aí eu não... não... tenho como resistir a isso. E eu quis dar pro Henry tudo aquilo que meus filhos tinham, e eu consegui. Consegui colocar ele na... na escola que a Monique estava insegura de colocar. Consegui, relativamente, me dar bem com ela. Tínhamos ciúmes um do outro? Claro que sim! Ciúmes mútuos. Teve algum desentendimento ou outro? Claro que sim. Houve é... é... momentos em que a gente discordava? Claro que sim, mas eu posso afirmar para a Senhora que 99% do tempo foi maravilhoso, maravilhoso. Jantava com a Monique. Os meus amigos falavam até pra mim: ele tá vindo trabalhar... porque eu sempre fui um cara que trabalha de domingo a domingo eu comecei a... a chegar na Câmara mais tarde, a chegar mais cedo. Eu sempre cheguei em casa seis horas da noite. Eu depois de algum tempo eu fui morar na Barra e eu fazia o seguinte: eu ia trabalhar às 10:00 da manhã saía de casa nove horas da manhã nove e meia da manhã para diminuir o rush e ficava no trabalho até 10 horas da noite, pra poder voltar no contrafluxo e eu combinei com a Monique o seguinte: que eu ia chegar em casa sempre seis horas da tarde, o horário que eu estabeleci com ela. Então o nosso relacionamento era ótimo, era maravilhoso não tinha não tinha porque ser diferente. Eu achei realmente que ela seria a mulher que iria ficar comigo até o final da minha vida obviamente com todos os contratempos que... que... sobrevieram.

Jairo: Foi quando, Doutora... foi quando é... aliás, eu vou... porque antes de chegar no dia oito que aconteceu os fatos, é absolutamente inconcebível, inconcebível, eu chegar em casa no dia, no dia dois o qual apesar da... da... dois de fevereiro, da psicóloga que acompanhava o Henry, que é a psicóloga especializada em criança não ter falado nada, e o Dr. Tauil também ter falado que não houve maus-tratos e que não tinha sinais de nada, no dia 2 foi o dia da primeira aula do Henry na escola, acompanhado pelo pai e pela mãe, eu não fui ele foi sete e trinta pro colégio ficou lá de sete e meia até 11 horas, eu não lembro até que horas ele ficou, foi o primeiro dia de aula dele, dia dois, esse é um dia que me atribuíram um dia que eu não sei por que que... que me atribuíram isso. Tem lá uma conversa que ele tava chorando e quando eu cheguei, ele parou de chorar, parece que isso foi pela manhã, mas eu não lembro disso porque eu fui tomar café da manhã. A própria Monique falou isso. E aí ele vai pro colégio, fica no colégio com as professoras, professores do Marista. Quem vai buscar o Henry nesse dia dois é o pai, porque é aniversário do pai no dia 2, é aniversário do pai, aniversário do Leniel, do pai. Ele fica com o

pai porque é aniversário dele. No dia 3 ele continua na casa do pai ou na casa da parente do pai ou na casa de algum parente do pai, que seja, e no dia 4 ele tem consulta com a psicóloga. Então eu não sei no dia dois porque motivo me atribuíram um ato bárbaro desse, num contexto completamente avesso e com provas irrefutáveis que isso não aconteceu. Depois do dia 12, o nível de ataque é tamanho, que eu agrido o Henry durante seis minutos. Agora, para pra imaginar assim, vamos sair um pouquinho da ciência e vamos pra lógica, é factível alguém que agride alguém, você abrir a porta da casa, do apartamento, a criança quando olha você, tio Jairinho, tio Jairinho, vem correndo, pula no seu colo, te dá um beijo. Isso é característica de uma criança que é agredida? Você abre a porta ele espontaneamente, foi dito pela babá... apesar do blá, blá, blá, que é estudante de psicologia de falar um monte de... de coisas desconexas, ela falou em todos os depoimentos no primeiro e segundo júízo, que eu nunca agredi o Henry, que ela achou, que ela achava, que eu não sei o que, que é o achismo, que ela perguntou, que ela fez isso, que ela fez aquilo, mas enfim, mas assim, vamos pela lógica: eu abri a porta do... do... do... do apartamento, uma criança que é agredida foi correndo, tio Jairinho, tio Jairinho, pulou no meu colo e me deu um beijo. Eu sinceramente eu lembro bem desse dia, eu nem esperava isso, eu fiquei tão sem ação do... do carinho recebido, do carinho que me foi atribuído, mas como eu cheguei em casa muito rápido, porque eu ia pro Banco sacar dinheiro porque nós íamos viajar no dia seguinte, dia 13, que era Carnaval, e eu tinha esquecido um documento no Barra Shopping e eu fui em casa somente pra poder trocar de roupa, porque eu vim da... da... da Câmara, passei na farmácia

Juíza: o senhor se lembra que dia era?

Jairo: e a Monique e a Monique sabe disso no dia 12, não lembro que dia da semana era. Eu tenho imagens minhas, eu pedi pra pegar imagens minhas no momento da conversa da Monique com a babá, eu tava no banco. Por isso que eu fiquei, realmente, menos de 10 minutos dentro de casa. É tão incrível isso, que... que como eu recepcionei esse... esse... beijo, esse abraço e pular no meu colo me abraçar e me beijar... que a Monique sabe que eu sou fanático em farmácia. Eu chego na... eu não gosto, não sou de comprar roupa, não sou de comprar coisa pra mim, não sou de comprar nada, mas eu entro na farmácia eu trago tudo que precisa e que não precisa. Tinha passado na farmácia, na Droga Raia, e tenho uma mala de mão, enchi a mala de produto de praia, produto de cabelo, produto de limpeza...

Jairo: dentre dessas coisas que tinha dentro da mala, tinha uma lampadazinha de LED, não sei se a senhora conhece, a senhora bota no vasinho, aperta ela, ela acende sozinha, ela ilumina a noite e a planta. Tava dentro da mala. E o Henry quando foi me abraçou, ele foi comigo até o quarto e quando ele vai comigo até o quarto, tio Jarinho, tio Jairinho, tio Jairinho, pula no meu colo me dá um beijo, me dá um abraço. Eu é... vem brincar com o tio, vem aqui com o tio. Eu não sabia nem que fazer. A porta do quarto, se... se vocês foram lá, até hoje, dentro do Majestic, a porta, ela é inclinada, se você abrir a porta, ela fecha sozinha, você abre a porta ela fecha sozinha. Tem que botar um chinelo, botar alguma coisa pra ela não fechar, ela abre, ela fecha sozinha. Eu só lembro o seguinte: eu abri aquela mala azul, a mala, uma mala dura minha, azul, abri a mala azul e falei: olha o que o tio comprou pra poder ir pro Carnaval e olha a lampadazinha de LED, segura aqui. Fui no banheiro, fiquei no banheiro, escovei o dente, pentei o cabelo porque eu tinha trocado de blusa, saí abri a porta do... do quarto, não sei se ele... se ele saiu antes de mim, ou se ele saiu na hora, na mesma hora que eu saí e fui embora. Fiquei menos de dez minutos em casa. Excelência, é uma questão de lógica, por mais louco que seja tudo o que aconteceu, isso virar uma tortura, isso nem, nem é, isso nem é científico, isso... isso, isso... foge à lógica de qualquer ser humano normal. Isso não tem, não tem, isso não tem aderência, não tem aderência. Dia 2 ficou com o pai. Dia 2, dia três... dia quatro foi pra psicóloga. Dia 12, 5 minutos comigo dentro do quarto, tenho imagem minha eu no Banco, logo depois. E aí o que a Monique e a babá conversaram vai pra defesa dela, porque o meu relacionamento com o Henry não era de agressão, era relacionamento de carinho. Ele nunca se referiu a mim como uma pessoa agressiva. Inclusive pro próprio pai que teve aqui e no e se a Senhora reler o depoimento do pai, ele tenta forçar a barra diferente do que falou em juízo e lá na... em sede policial, tenta forçar a barra de alguma coisa que possa ter vindo a acontecer, mas nem do depoimento do pai ele consegue descrever nesse pouco tempo de intervalo de tempo, minha relação com Henry e ninguém conseguiu, conseguiu descrever qualquer tipo de conduta, é... duvidosa. Absolutamente se olhar, assim, eu costumo dizer tem uma frase tem uma parábola do filho que foi viajar e mandou uma carta pro pai falando assim: pai manda dinheiro, pai me manda dinheiro (com entonação agressiva da voz). E o pai chegou revoltado pra mãe e falou assim: olha como é que é o seu filho, como é que ele fez, olha o que ele escreveu, ele quase não fala com a gente e mandou assim pra mim: pai me manda dinheiro, olha como ele fala com a gente! E a mãe pegou pra ler e disse não, não tá escrito isso aqui, não, e sim, pai, me manda

dinheiro (com entonação suave da voz). Pegaram a lógica, Excelência, e a subverteram. Subverteram a lógica. Fizeram uma retórica absolutamente contra a lógica e eu quero me remeter, eu quero remeter, Dr. Fábio, Dra. Bianca, Dra. Elisabete, ao dia 8. Vamos falar das implicações médicas, de todos e tudo aquilo que é duvidoso, mas eu chamo os senhores a um momento de reflexão junto comigo, é... por Deus.

(Pausa para o almoço 2:14:26).

(Retorno do almoço 3:32:08).

Jairo: Eu vou voltar no dia, no dia... quatro, porque no dia quatro, como eu disse, no dia quatro a minha sogra, a Dona Rosângela, ela... ela foi dormir lá em casa, dia quatro 4, não, minto, desculpa, dia cinco e dia seis. Ela foi dormir, porque como eu disse o Henry tava nessa coisa da psicóloga infantil e naquela coisa de não querer ir pra casa do pai. E a D. Rosângela ajudava muito, sempre quando ela tava acabava que ele ia com, com uma... uma maior facilidade. Então ela foi dormir na minha casa no dia 5 e no dia 6. Ela passou essas noites na minha casa pra que no dia 7, pela manhã, o meu enteado fosse entregue a... ao pai dele. Então ela passou na minha casa, dormiu na minha casa nesses 2 dias. E aí ele, se eu não me engano no sábado de manhã, minha sogra entrega o... a Dona Rosângela, entrega o Henry pro papai dele. Enfim, nesse momento ele diz, ele narrou que o que aconteceu durante o fim de semana que ele esteve na companhia do filho, tudo que fizeram juntos, tendo, é... foram brincaram, foram no parquinho, enfim, fizeram tudo que pai e filho fazem quando é o seu final de semana. É... fato que... uma coisa que me causa espécie, e assim, eu queria fazer com a senhora, desde já, não a partir, não neste momento, mas mais pra frente um pouquinho, um exercício de lógica. É... o... o Leniel entrega o Henry por volta de 7h30, 8h00 pra Monique, a Monique demora mais tempo que o usual, porque quando ele entregava o Henry, assim logo que eles chegavam é... a Monique subia com o Henry logo pro nosso apartamento. Especificamente nesse dia eles demoram bastante e eu acabei que fiquei vendo... eu tava vendo durante o final de semana a uma série com a Monique no... na televisão, mas só que essa... quem tem, quem tinha o controle da Net pra fazer, ela porque ela fazia na conta do irmão, do Brian e aí baixava, mas ela que pagava no cartão dela, tudo direitinho, mas ela que baixava, ela que... que... que baixava o... o programa. É... é... a senhora sabe como é que é... como é que esposa, ela tá vendo, a gente tá vendo a série, acaba que no meio da série ela não quer ver a série. Sai pra... pra fazer, enfim mas ela desceu e me causou estranhamento que demorou mais tempo do que o habitual, dela voltar. Eu desc

quando eu desci, encontro logo ela com o Henry no colo. Como eu disse à senhora, a Monique carregava o Henry no colo com fosse um bebê, mesmo com quase cinco anos de idade. A Monique é muito forte, ela era, fazia malhação e enfim ela era uma mulher forte e ela botou, botava o Henry no colo como se fosse um bebezinho e ele gostava, né? Quando eu encontro, logo na subida do elevador, ela vindo com ele e aí eu vejo depois, eu não vi na hora, né? Eu vejo depois que quando ele sobe no elevador, eu passo a mão no... na cabecinha dele, qualquer criança que tenha repulsa a qualquer adulto, a reação natural, qualquer psicanalista pode falar isso, a reação natural é você é... defender o carinho. Ele aceitou. Mas, o que me causou espécie, foi que quando a Monique entra no... no apartamento e o leva diretamente para tomar banho, e lá ela demora... não... acho que ela foi na... na... na cozinha e depois que saiu da cozinha o levou para tomar banho, né? E depois que ela volta, que bota pra dormir, demora bastante, porque ela vai leva... leva na cozinha pra poder dar comida é... e depois leva pra dormir, leva pra tomar banho, leva ele pra dormir, ele não quer dormir no quarto, ele quer dormir no nosso quarto, enfim ele sempre queria tá perto da Monique. Quando Monique volta pra sentar, pra... pra nós continuarmos é... a assistir televisão, conversar, tudo mais, acabar de fazer as coisas que nós estávamos fazendo, ela mesmo falou que foi um final de semana muito bom, muito tranquilo. Um final de semana que ela passou comigo, durante o sábado, durante o domingo, é... é... ela falou que o Leniel disse que o Henry vomitou, quando tava chegando, né? Eu não tô aqui pré-julgando nada, nem fazendo pré-julgamento de coisa alguma, mas se meu filho vomita, é... eu levo pro hospital ou ligo pro pediatra que seja de rotineiro, ou ligo pra alguém, porque o vômito é sempre sintoma de alguma coisa, né? A gente não pode atribuir sempre o vômito a nervosismo, a alguma coisa que seja, que... que venha da... que seria alguma coisa banal. O vômito é sempre sintoma de alguma coisa. Pode ser até que seja de nervosismo, mas caso fosse eu, meus filhos... As mães dos meus filhos sabem que eu sou muito chato, tenho TOC com esse negócio. Qualquer coisa eu tô levando pro... pro... pro hospital. Eu não... eu tenho por hábito fazer isso sempre. E sou muito chato, chego no hospital, como sou médico, fico perturbando os médicos pra poderem fazer o atendimento da forma adequada. Assim como faço com meu sobrinho, o Theo, com o Theo, que hoje tem três anos e meio. Tem tempo que eu não vejo, né? Mas é assim fiz com ele. É... e ele chega vomitando. Continuamos é... é... assistir a... a televisão, foi quando aí nesse momento o Henry se levanta por algumas vezes, ele levanta por algumas vezes pra vir até a... a sala é... onde que nós estávamos assistindo o programa. Eu acho que ele

acorda em torno de duas, três vezes, quatro vezes, não sei, ele acorda, ele, normalmente, quando ele estava dormindo, uma vez ou outra, ele acordava, mas ele acordou mais do que o habitual, né? Ele levantou mais do que o habitual.

Jairo: Uma certa vez até a Monique levou o telefone pra ligar, ela sempre quando ia levava o telefone, ela demorou tanto lá com ele que eu acho que de repente ela adormeceu lá junto com ele, alguma coisa nesse sentido, eu fiquei ligando pra ela, pra saber se ela iria voltar, porque já aconteceu também de algumas vezes eu dormir no quarto de hóspede e ela dormir sozinha com ele na nossa cama, porque de eles adormecerem antes de mim, eu tava até mais tarde, isso dias anteriores, outro dia, um dia qualquer, eu tá dentro de casa fazendo alguma coisa, eu dormir mais tarde e ela dormia com Henry lá na nossa cama enquanto eu dormia sozinho na... no quarto de hóspede. Que era bem confortável tinha uma cama boa, era um quarto tão bom usualmente como o que a gente usava. Foi aí que determinada hora, eu não vou lhe precisar é... saber exatamente a hora que foi, eu tomo meus remédios pra dormir, remédios esses, Excelência, que eu faço uso há mais de 15 anos. Eu faço uso desses remédios pelo seguinte: em 2005 o meu pai infartou quase que fatalmente. O primeiro infarto do meu pai, meu pai tem 11 stents... ele teve cinco infartos. É... e nesse primeiro infarto dele, em 2005, ele perdeu 14% da função cardíaca e naquela época, em 2005, a gente dava um antiagregante plaquetário pro paciente, assim que ele tem, tinha colocado o stent pra fazer a desobstrução, e deu um problema na válvula mitral dele. Aí vem o médico do... pró-cardíaco, que era meu amigo, Dr. Edson, Dr. João, e falou assim: Jairinho, vamos ter que operar seu pai e aí você sabe que é risco de vida, porque não tem um antídoto pra poder você... ou seja, tem que abrir o coração do meu pai para poder fazer uma cirurgia e o coração ia sangrar. Sem poder você fazer essa correção porque ele tinha tomado antiagregante por causa do stent. Quando vi o Dr. Luciano Baião e aí, isso que eu digo que Deus está sempre presente na nossa vida, e o Dr. Baião, que o melhor ultrassonografista e que... é... e que faz um dopler como ninguém, identificou que aquela lesão no coração do meu pai era uma lesão crônica, de uma válvula mitral que tinha uma, que tinha uma válvula que era um... um prolapso da válvula mitral crônico, que tinha desde a infância, e não ia ser mais preciso operar o meu pai. E aí, quando aconteceu isso, eu tô indo de carro dentro do túnel, túnel Santa Bárbara, quando o trânsito fechou me deu síndrome do pânico. A minha vontade era de soltar do carro e sair correndo. Aí eu, como médico, falei assim: Jairinho, você tá com ciúme do pânico, calma que isso vai passar, eu fui tentando ter autocontrole, autocontrole, autocontrole,

e aí procurei uma psiquiatra, depois disso, por conta disso, que não era normal, eu queria abrir a porta do carro e sair correndo do túnel, por conta do... da... me sentindo meio claustrofóbico, e aí ela me passou uma... uma medicação e eu faço uso dessa medicação desde então. E devido diversos problemas eu comecei a ter que tomar conta de tudo na minha casa, eu comecei a ter que ficar de frente com as coisas que eram nossas, comecei a ter que cuidar da minha mãe, porque meu pai começou a ficar doente. Graças a Deus ele tá forte e saudável, tá passando porque agora por esse problema gravíssimo que é... que é que tá abalando a nossa vida como um todo, mas é... ele enfartou durante outras cinco vezes e nós conseguimos socorrê-lo a tempo, diferente da primeira vez, que foi muito mais grave. Mas eu faço uso de medicação que realmente é em determinado momento eu desligo. Eu tô aqui deitado e daqui a pouco eu vou e apago, eu durmo. Eu não durmo naturalmente, eu vou e vou pegando... porque eu trabalho muito, a minha adrenalina é muito alta, falando toda hora no telefone, telefone falando repetidas vezes, e eu acabo por é... é... desligar.

Jairo: E eu falo, isso foi iniciativa minha, eu falo: Monique vamos pro... pro quarto de hóspede que lá a gente fica mais à vontade. O Henry vai correr, acorda aqui, e pega a gente namorando. Não sei o que... é porque eu tive é... como eu sou pai, tinha acabado de me separar, tinha uma filha mulher, tenho uma filha mulher, né? Uma menina que que naquela altura com 14 anos e um filho de... de oito anos de idade, isso a Monique é testemunha, eu jamais enquanto padrasto, jamais nem de cueca passava na frente do Henry. Eu achava assim, eu... eu fui criado assim um... ô doutora, o meu pai, a minha mãe, apesar de tudo eles são muito tradicionais, não deixava namorada minha dormir lá em casa, essas coisas então isso aí é... esse tipo de coisa eu levei. Como eu tenho um filho, um filho, uma filha, é... eu nunca passei nem de cueca na frente do Henry, entendeu? Por respeito, por ele poder contar pro pai, o pai é... acreditar em alguma coisa que pudesse perceber uma coisa diferente, isso aí é alguma coisa que eu não fazia. Eu falei, Monique vamos pro quarto de hóspedes que ali a gente fica mais à vontade. Vamos pro quarto de hóspede. Eu acho que nesse momento o Henry acordou novamente. Eu liguei na... na... TV, fiquei esperando a Monique é... retornar pro... pro quarto de... de hóspedes, porque ela que tinha a senha do Brian, pra poder colocar. Eu liguei na TV Globo, mas é... aí ela... ela que tinha a senha do Brian pra colocar na série que eu estava assistindo. Na verdade, eu estava assistindo, ela tava acompanhando eu assistir. E aí nesse momento eu acho que eu apago. A minha impressão, apago, eu dou um apagão nesse momento que eu tô deitado.

Juíza: O senhor sabe mais ou menos o horário?

Jairo: Isso aí deve ser por volta de duas da manhã, não sei, por aí. Eu devo ter tomado remédio uma e meia, eu não sei precisar o horário. Se eu falar que eu sei o horário exato, eu vou tá sendo... não posso faltar com a verdade.

Defesa: nesse momento que ela se dirige pra ver o filho você lembra de usar o telefone, você chegou a falar com alguém, ou fazer alguma chamada nesse momento?

Jairo: Aconteceu uma coisa... eu posso falar?

Juíza: o senhor pode falar o que o senhor quiser.

Jairo: Aconteceu o seguinte: nesse momento que aconteceu esse episódio, em que eu tava bem com Monique, estávamos muito bem, no final de janeiro, eu encontro com... com a Débora no shopping Metropolitano, que é aquela ex-namorada que eu desmanchei pra poder ficar com a Monique. Quando encontro com a Débora no shopping metropolitano, ela começa a... a fazer contato novamente comigo. Porque... e aí eu vou abrir um parêntesis que não tem nada a ver, nesses seis anos de relacionamento que eu tive extraconjugal, teve idas e vindas com ela. Teve época de eu ficar seis meses sem... sem vê-la. Uma dessas vezes, um dia a Débora me encontrou nessas nossas idas e vindas, não sei te dizer se foi o ano de 2016, 2017, ou 2018, ela falou pra mim assim ó... a minha avó não vai pagar mais o colégio das crianças. Dos filhos dela, ela tem 2 filhos. A minha vó não vai pagar mais colégio das crianças eu vou ter que botar as crianças num colégio público. Ela começou a chorar. Eu fui ontem pela... ela falou assim é 480, quase 500 reais, cada um. Era um colégio no Méier. Eu falei pra ela, não, eu te ajudo, ajudo você a fazer isso. E doutora, não me orgulho do que eu fiz pra minha esposa, não me orgulho disso que tá acontecendo nesse meio do caminho, dessa... dessa... dessa escorregada que eu dei nesses seis anos de... de convívio com a Débora.

Jairo: É... mesmo naqueles 6 meses de que eu tava longe dela, eu pedi pra minha secretária depositar na conta dela 1000 reais pro colégio das crianças, dos 2 filhos dela. Essa minha secretária que infelizmente aos 42 anos teve um AVC e eu a qual eu ajudo até hoje. A secretária que tava comigo há 16, a 17 anos, ela com 42 anos de idade teve um AVC, é a Sheila, que foi minha secretária depois veio Cristiane, mas eu tive uma secretária que estava quase 10, mais de 10 anos comigo e ela teve um AVC com 42 anos de idade. O marido tinha separado dela, tinha deixado... abandonado ela com as duas meninas, ela tinha... tinha ela e duas meninas, a Bia e a Danielle. E ela tá inutilizada porque ela perdeu a função do lado direito todo, ela não fala direito,

ela não anda direito, ela tá com 45 anos de idade desde que teve seu AVC, com 46 anos de idade completamente incapaz e sou eu que ajudo ela até hoje, né? Eu parei de ajudar ela tem um ano e dois meses, desde que eu fui preso, porque eu não tive mais condição financeira de... de promover essa ajuda. Peço ajuda pra meu pai ajudar, pra Fernanda ajudar, que a mãe do Luiz, pra um outro amigo meu que chama Claudio, pra ajudar, eu dei essa missão pra eles ter ajudar, porque eu não posso mais ajudar minha ex-secretária por conta que eu não, não tive mais condições financeiras de fazer, mas eu ajudava ela mas ela continua com esse AVC. Eu peço pra Sheila fazer esse depósito pra... pra Débora, mesmo quando não estávamos na vigência da... do nosso relacionamento. Eu encontro a Débora... Aí eu deixo de falar com a Débora é... em setembro, outubro, novembro e dezembro. Em janeiro encontro ela no Metropolitano. Em janeiro de 2021 encontro ela no Metropolitano.

Juíza: janeiro de 2021?

Jairo: é 2021. Quando encontro ela no Metropolitano, eu falo com ela. A gente fala, a gente conversa, e a gente fala um pouquinho do passado, como é que você tá, não sei o que, e coisa e tal, e eu acabo ali naquele momento restabelecendo um contato com ela. E nesse momento que eu reestabeleci ficou esses 3 meses sem eu ajudar ela. E ela acaba naquele momento me falando, pô Jairinho, ainda estou em dificuldade, pra mim é muito difícil, tô trabalhando aqui no salão, coisa e tal, alguma coisa nesse sentido, e você poderia tentar me ajudar aqui, eu tô com problema. Eu não me lembro qual era o problema que ela estava enfrentando com as crianças e eu disse, eu ajudo, sim. Eu fui efetuei uma ajuda pra ela, no mês de janeiro de 2021, eu não sei precisar a data. Nesse momento ela continua falando comigo no telefone. Doutora, eu me arrependo muito disso, porque aquilo que tinha ficado pra trás, no que pese que eu não, não tive o relacionamento mais carnal com ela, eu sabia que aquele momento a minha a minha... a minha... a minha oratória com ela pelo telefone, somente, bastaria para Monique ficar bastante chateada e de repente até ter um rompimento. Eu escondo esse... esse... esse reencontro e essa... e essa nova, essa nova troca de mensagens que eu tenho com a Débora e ela vem falando comigo repetidas vezes, janeiro, fevereiro, inclusive depois do falecimento do Henry, ela manda uma mensagem pra mim. Nessa noite ela me mandou uma mensagem, só que sempre quando ela mandava uma mensagem pra mim, eu apagava a mensagem inteira. Eu acho que eu escrevi um nome no meu telefone que não era o nome dela, justamente para Monique não ver. É porque... eu... a Monique também tinha a senha do meu telefone e já aconteceu isso mais de uma vez, e

eu dormindo, né? Como meu telefone, tinha acontecido isso com a Ana uma vez, também, ou duas ou três vezes com Ana, eu dormindo falando no telefone eu acabo é... desmaiando e o telefone cai no meu no meu peito e não precisa nem ter minha senha, é só pegar o telefone olhar. Eu já tive o dissabor da Monique uma vez pegar o meu telefone, e eu tava falando com a Ana, uma vez, com a Ana, minha ex-mulher, só que o assunto não era um assunto que dizia respeito a filhos. Mas ela, mesmo assim, a Monique se sentiu enciumada. Ela tinha ciúme de mim com Ana, eu tinha ciúme dela com... com algum homem que podia se aproximar, que era natural, tinha ciúme, claro, tentava demonstrar isso da melhor maneira possível, só que nesse dia Débora me ligou me pedindo alguma coisa, eu não lembro o que foi, e depois eu... eu... eu não me lembro que eu escrevi, mas eu escrevi pelo amor de Deus, mas digo pelo amor de Deus porque ela me passou uma série de mensagem e nesse momento ela chegou a me dizer, a Débora, se eu não a atendesse ela iria ligar pra Monique, porque ela tinha o telefone, porque lembra que lá em setembro as duas se encontraram pelo telefone e aí eu falei pra ela que não ia mais ficar com ela, que eu ia ter um relacionamento com a Monique sadio e tudo mais. Ela foi pra falar pra mim se você não... não me atender o meu telefone, eu vou ligar pra Monique e vou falar que nós estamos falando. E aí eu escondi isso da Monique. Eu falo pelo amor de Deus, né? E aí a última coisa que eu falo no telefone, não me lembro a hora que eu falei isso, mas eu falo com a Débora no telefone e... acabo por adormecer. Quando adormeço, eu não lembro exatamente o que... o que aconteceu, se a Monique gritou, se a Monique me chamou, se a Monique...

Juíza: antes do senhor dormir a Monique já tava dormindo?

Jairo: Ó, aí é que tá, eu não lembro. Não, não tá dormindo, não, ela estava fora do quarto, não sei se ela tinha deitado do meu lado e tinha dormido. Ela estava fora ela estava fora do quarto, atendendo o Henry, numa dessas vezes que ele acordou e eu fiquei no quarto esperando ela retornar pra que nós, para que ela colocasse...

Juíza: nesse ínterim o senhor adormeceu? Eu tô fazendo essas perguntas ao senhor pra eu ter coerência, mas se não quiser responder o senhor não está obrigado a responder.

Jairo: Eu sei, eu quero que a senhora pergunte, por favor. É... e acaba por Monique provavelmente voltou pra dormir do meu lado, né? E acaba que... que nesse ínterim que... que eu acabo por adormecer e ela me chama pra que é... eu não sei agora ao certo, vou dizer pra senhora que eu não lembro, porque eu não lembro, eu não lembro nem da descida do elevador na hora que... que a gente está socorrendo o Henry, por que a...a...senhora vai ter oportunidade

de um laudo médico que eu tô fazendo, da medicação que chama-se Silnox, ela causa uma certa amnésia, eu tinha procurado inclusive apagar todo o telefone pra que ela não pegasse o telefone e pudesse ver o que estava acontecendo. É por isso que eu não lembrei da... da descida do elevador, pela adrenalina do momento e porque, e por conta do medicamento. Mas eu sei que ela, desesperadamente, é nos chamou pra gente, que nós pudéssemos socorrer o Henry. Naquele momento o Henry estava no colo da Monique, respirando mal e com as mãozinhas geladas. Obviamente, ele estava no ar-condicionado. A Monique até falava por nisso, pelo menos, vocês vão, nisso... nisso.... nisso daí vocês vão se dar bem, porque você gosta do quarto gelado e Henry só dorme no quarto gelado, porque ele sua muito. Eu só dormia com o quarto gelado. É... pelo quarto tá gelado a mão dele tá gelada, mas eu tô vendo que ele respira mal, eu pensei naquele momento inclusive falei com a Monique, eu tô com medo dele ter engolido alguma coisa, porque ele está respirando mal, está soprando mal, estava soprando mal, saía ar do... do... do...

Juíza: antes do senhor sair do quarto, o senhor ouviu algum barulho quando ela acordou o senhor?

Jairo: Não.

Juíza: ela lhe acordou?

Jairo: Ela me acordou e eu não sei exatamente dizer pra Senhora, se foi com grito, se ela me chamou, ou se ela me sacudiu, de certo que eu não me lembro

Juíza: é certo que o senhor não ouviu barulho?

Jairo: De certo que eu não ouvi barulho nenhum. Quando eu encontro Monique socorrendo o Henry no quarto, no nosso quarto, eu prontamente falo pra ela assim: Monique vamos levar ele pro hospital. Eu boto a roupa que eu tinha usado, porque eu botei uma blusa, uma blusa e uma calça, estava de chinelo e de chinelo eu fiquei. Imediatamente nós levamos ele ao Barra D'or. Esse momento é importante, Doutora, porque é... é... eu fui acusado como médico de não prestação de socorro.

Jairo: Quando você vê uma criança passando mal e você tem um hospital a cinco minutos da sua porta, eu acho que é muito mais viável você levar essa criança ao hospital, do que você socorrer ela dentro de casa. E ainda mais uma criança que na minha opinião naquele momento havia engolido alguma coisa e que eu não ia conseguir naquela hora ali é... a socorrer de maneira adequada, haja visto que passava bastante tempo que eu não exerço a medicina, né? E aí ó...

assim, é... é... acaba que nós pegamos o elevador e aí mostra lá no elevador a hora 4h09. A gente desce o elevador e eu tento de maneira instintiva fazer a prestação de socorro... eu tento de maneira instintiva fazer a prestação de socorro, não de forma adequada, porque ali não é feita a massagem cardíaca, eu somente tenho ABC eu faço só a respiração, somente tento soprar dentro da boca do Henry, pra ver se ele consegue continuar respirando. Realmente foi uma situação de muita... de muito pânico pra gente para... aquele momento que a gente tava vivendo, de ver a... o filho da... meu enteado, a... a minha mulher, a gente, socorrendo o filho, eu ali e como médico, na responsabilidade. E como é... é... padrasto para poder socorrer também. O fato é que, assim que aconteceu o ato, assim que aconteceu, assim que vimos o Henry passando mal, nós é... socorremos ele. O Henry teve um pronto atendimento, o Henry teve atendimento assim que aconteceu.

Juíza: O...o...você lembra quanto tempo teve até chegar ao hospital, o elevador tava 4h09?

Jairo: Doutora eu vou chutar. O elevador 4h09, a pulseirinha dele tava... 4h20, tava... tava... tava 4h20.

Juíza: 4h29 consta no prontuário médico que elas começaram a fazer as manobras, 4h29,

Jairo: Não, 4h29 tá lá o Raio-X, tá lá escrito no prontuário. Deixa eu explicar a história como é que foi isso. Isso daí não vai pra dizer adequadamente, porque....

Juíza: porque o senhor disse que estava a cinco minutos do hospital...

Jairo: Aí eu vou dizer pra senhora, na pulseirinha tava 4h20 e no hospital tava 5h09. E assim, eu fui correndo bastante. É... eu... infelizmente nós pedimos diligências da câmera da CET-Rio não deu pra... acho que não tava disponível, ou naquele trecho não tinha câmera da CET-Rio. Enfim é... a... mas o fato é que eu peguei o carro... né? A Monique já estava com ele no colo, e... nós fomos pro... correndo pro hospital com a máxima velocidade que eu podia imprimir no carro, dentro do limite

Juíza: mas por que demorou 20 minutos, se o senhor disse que tava a cinco minutos do hospital?

Jairo: Vinte minutos, não, era 4hh09 no elevador e 4h20 na pulseirinha, dá 11 minutos. Eu descendo, pegando o carro, percorrendo o caminho, eu entro dentro do hospital tiro a etiquetinha do...

Juíza: que deu mais tarde do que elas começaram a fazer o atendimento no hospital

Jairo: Pode ser, então, que seria menos de 11 minutos

Juíza: é, eu vi no prontuário que elas começaram às 4h29,

Jairo: É, no prontuário tá 3h50. 4h29 tá o horário que fez o primeiro Raio X. Enfim, que que eu quero contextualizar a respeito disso, de repente o horário do hospital não está conectado com o horário do elevador do... do... do... do... não está conectado com o horário do... exatamente com o horário do Majestic. De repente tem alguma diferença de alguns minutos, pode ser que o horário do elevador do... do... prédio poderia estar com um horário antes ou depois do... do... do atendimento do hospital. Então, com precisão, a gente só saberia saber se tivesse algum horário dentro do próprio Majestic ou a entrada no... no... do... no hospital, ficaria alguma coisa mais factível. Era um era um estabelecimento. O Majestic é um prédio e o Barra D'or, um estabelecimento, poderia que os seus horários não podiam estar batendo exatamente com os minutos exatos minutos, né?

Jairo: Por isso que eu digo que assim, é... em relação aos procedimentos do hospital tem que ser levado em consideração os horários do hospital. Em relação ao horário do Majestic, tem que ser levado em consideração o horário que aparece ali. Ela saltou do carro eu pedi para que ela saltasse do carro rapidamente, né? Ela saltou do carro rapidamente antes de estacionar para ser o mais rápido possível, ela entrega o...o Henry nas mãos da... de uma enfermeira, de uma auxiliar de enfermagem, hoje nós sabemos que são auxiliares de enfermagem, não enfermeiras, e eu fui estacionar o carro e ela foi dar o primeiro depoimento dela, que inclusive tem o primeiro depoimento da... da Monique dentro do hospital, em que ela diz... eu não sei se a médica Viviane ou Maria Cristina ou a...a Fabiana, uma delas pega, é o relato da Monique, Monique falando relato da mãe do padrasto: mãe encontra é... o filho no chão do... do... do... apartamento.

Jairo: Eu não ouvi ela relatando na médica, eu só vi no prontuário depois que ela relata que encontra o filho... porque eu estava estacionando o carro. Eu não assisti ela fazendo esse relato à médica, mas está escrito no prontuário que ela encontrou o Henry no chão do quarto. Enfim, o mais importante disso tudo é que nós socorremos, é que houve o primeiro socorro. É que houve o pronto atendimento é que assim que nós vimos que o Henry estava passando mal, nós 2 socorremos o Henry. Pronto socorro e isso é o fato mais importante. Aí, doutora, eu queria fazer aquele exercício de lógica que eu pedi pra senhora fazer comigo. E aí que eu preciso muito, diante de Deus, da ajuda da senhora, da ajuda do doutor Fábio, da ajuda da doutora Bianca, sobretudo da ajuda de Vossa Excelência. Vamos fazer um exercício de lógica, aqui. Alguma coisa assim, que... lógico... lógico que teve audiência de perito aqui, que foi discutido questões médico legais. É eu podia tá falando aqui de idoneidade de prova, podia tá falando

aqui que o telefone foi apreendido de forma irregular, eu podia tá falando aqui que a prova do telefone, a prova que não existe, eu podia tá falando aqui que eu... que o telefone foi adulterado, eu podia tá falando aqui que o laudo é falso, é... mas eu eu vou deixar isso um pouquinho de lado e vou me atentar aqui a uma questão é... a respeito da lógica dos eventos dos acontecimentos, porque nós estamos aqui, sobretudo, pra poder... esse caso virou um caso midiático e a sociedade hoje passa isso e aí a mídia passa isso, que a grande mídia passa isso na televisão, constantemente, isso me faz um mal tremendo, isso tá adoecendo a minha família, isso está adoecendo o meu filho mais novo, isso está adoecendo a Monique, isso deve tá adoecendo a mãe da Monique, isso deve tá adoecendo o irmão da Monique, e as nossas futuras gerações. Como se não bastasse a prisão perpétua da Monique com a perda do próprio filho. Então eu preciso fazer aqui com a senhora um exercício de lógica, um exercício que...que... que não precisa ser formado em direito, eu não preciso de advogado, eu não preciso de médico, eu não preciso ser jornalista. Eu preciso só fazer um exercício de lógica. Nós entramos é... coloca a senhora no meu lugar, e no lugar da Monique. Colocar o doutor Fábio no meu lugar e colocar a senhora no lugar da Monique. Vocês entram no hospital com uma criança passando mal. Dr. Fábio entra com uma criança passando mal no hospital, do porte do Barra D'Or.

Jairo: Dra. Elizabeth entra com uma criança passando mal no hospital do porte do Barra D'Or, com uma criança passando mal. Caso essa criança tivesse algum sinal de agressão, algum sinal de violência, isso não seria visto prontamente? Óbvio que sim. Há um protocolo disso desde 2005, que a criança chega com um risquinho na... no... no... supercílio o médico começa a fazer pergunta pra você que não acaba mais. É humanamente impossível, é logicamente impossível o doutor Fábio entrar na emergência do Barra D'Or, Dra. Elizabeth entrar na emergência do Barra D'Or, com uma criança branca do jeito que Henry era, com olhinho claro do jeito que ele é, passando mal, se tivesse qualquer resquício, qualquer, qualquer mancha, qualquer arranhão, qualquer coisa de violência, isso é ocular, isso é básico. Isso não precisa ser médico, não precisa ser doutor, não precisa ser jornalista não precisa ser nada, precisa de você ter bom senso. Se você entra com uma criança machucada da maneira que que o laudo é feito a partir do quarto laudo, eu não seria atendido pelas médicas eu seria atendido pela polícia. Eu não seria recepcionado pela assistente social do hospital, eu não seria recepcionado pelas enfermeiras, a Monique não seria recepcionada pelo... pelo... Leniel. Eu peço pro Leniel, aí eu falo assim, eu vou colocar a doutora Bianca que era, que é... vamos dizer que ela seja a...a... mãe do... desse

menino que tá passando mal. Dra. Bianca é... eu peço pro... pro doutor Fábio, Dr. Fábio liga pra doutora Bianca que é a sua ex-esposa e peça pra ela vim aqui porque o filho de vocês tá passando mal, e eu tô, eu tô vendo que que tá ficando grave e é preciso a presença do pai, que também acho importante a presença do pai. E aí o Dr. Fábio liga pra Dra. Bianca. Quando Dra. Bianca chega ela olha pro filho eu não vê nenhum sinal de violência. A reação dela, a reação dela é: pelo amor de Deus o que que está acontecendo com meu filho? Por que ele tá assim, por que que ele tá passando mal, o que que houve? O que que aconteceu? Nesse momento ele tá completamente nu, completamente nu na... na... na maca. Acesso venoso pra tudo quanto é lado, acesso venoso no... nos punhos, acesso venoso no outro punho, acesso venoso no... no braço, acesso venoso na jugular, acesso venoso na outra profunda, na outra jugular, acesso venoso pubiano, acesso venoso no calcanhar, desesperadamente sendo atendido pelas médicas. Em meia hora de atendimento eu chego a perguntar a uma das médicas, eu não sei bem qual, é uma delas, eu presto depoimento na delegacia em juízo, me pergunta que eu não sei por que que o doutor Jairo falou isso. Eu pergunto, aqui não tem uma equipe multidisciplinar? Não tem uma equipe cirúrgica? Porque normalmente os hospitais de grande porte, se eu der entrada, por exemplo, no Souza Aguiar, uma criança completamente rígida, sem marca nenhuma, eles não iriam fazer duas horas de massagem de ressuscitação, pode ter certeza. Ia ali ter a presença de um cirurgião de trauma, ia ter a presença ali de um neurocirurgião. A intervenção seria completamente diferente. Não tô culpando ninguém, porque sobretudo como médico, eu sei que o plantão de domingo pra segunda é um plantão extremamente, vazio. É um plantão extremamente que... que dá pouco problema pro hospital. Então, normalmente, a equipe de domingo pra segunda é uma equipe menos preparada, pra pronto atendimento. Duvido até, e aí não é culpa de médico, não é culpa de ninguém, se preparo tinha pra receber uma criança grave. Mas o que eu trago a senhora, de novo, no exercício de lógica, é impossível Dra. Elizabeth, aí eu rogo à senhora, pra que a senhora faça esse exercício comigo, a Senhora pegar, entrar com uma criança no hospital do porte do Barra D'Or, Dr. Fábio como pai, como... como padrasto, entrar no hospital Barra D'Or com uma criança, Dra. Bianca com uma... para uma... como... como madrasta com uma criança no hospital como o Barra D'Or, ver uma criança machucada e não tomar nenhuma atitude...

Jairo: Ter aquilo ali como absolutamente normal. Normal que eu digo do ponto de vista de violência. Nunca houve violência, violência não é algo que... que a gente possa... é algo ocular,

é realidade estampada na nossa cara. E a realidade estampada na nossa cara ali, é a criança, era uma equipe médica desesperada em atender, atendendo desesperadamente. É honesto o Leniel vir aqui responder que ele presenciou isso. Ele presenciou, eu presenciei, não só as médicas atenderem assim como o corpo de enfermagem fazendo as massagens cardiorrespiratórias na criança, assim como o enfermeiro que foi que foi é... colocado aqui no dia que foi chamado de Bill, depois George, que é o enfermeiro do adulto, fazendo as massagens respiratórias na tentativa de salvar a vida de uma criança. Mas o fato é, que fizeram duas horas de massagem cardíaca numa criança. Uma criança que a intervenção, segundo depois do laudo, e aí vamos pra parte da medicina legal depois, mas naquele momento, a intervenção correta, caso o laudo seja idôneo, a conduta seria uma conduta cirúrgica. Mas o fato é que, quando acaba o atendimento médico, a médica que eu não sei dizer se a doutora Viviane, se a doutora Maria Cristina, ou se a doutora Bianca, ela vai até a mim, ao Leniel e à Monique, e presta solidariedade: “Vocês têm que ser fortes, porque aconteceu o pior, infelizmente, o Henry veio a óbito, infelizmente, ele veio a óbito.” Então a senhora acha, no exercício de lógica aqui comigo, que uma criança que dá entrada no hospital do porte do Barra D’Or, com sinais de violência, ela é atendida fazendo duas horas de massagem cardiorrespiratória, eu assisto, a Monique, assiste as médicas assistem, as enfermeiras assistem, a menina que é da recepção do hospital que faz o primeiro atendimento, assiste. E depois a médica vem e dá o... e presta solidariedade e pêsames pra gente, “vocês têm que ser forte nesse momento”. O Leniel vai me dar um abraço, o Leniel vai, dá um abraço no meu pai. Eu tinha ligado pro meu pai: pai, tá acontecendo o pior, eu tô desesperado, eu acho que o Henry tá passando mal e eu acho que tá muito grave. Vem para cá por favor. A transolímpica fica meia hora de casa. Ele chegou lá em pouco tempo, ele e meu cunhado. Assim como eu ligo pra toda a família e a Monique liga pra toda a família dela. E várias pessoas da família da Monique e da família do Leniel presenciaram o Henry ainda no... naquela maca do hospital após o pronto socorro e ninguém falou em sinais de violência. Depois, se você pegar o hospital Barra D’Or, a emergência fica aqui atrás e o... e o hospital grande, a parte maior do hospital, fica na parte da frente. O hospital enorme na frente, a pediatria foi feita no anexo, atrás. O corpo passa pela... por fora e vai lá pra assistente social, pra poder fazer análise do corpo. Leniel chega no hospital, eu não tinha visto até o momento, acompanhado do policial Sigmar, pra poder ter... pensei se ele chega junto ou pede pra chegar, era pra poder ajudar. O fato é que chega. E fato concreto esse, Excelência, que o... assistente

social do hospital presta toda a solidariedade ao Leniel, ao Sigmar, à Monique e à minha secretária, que naquele momento, minha secretária acompanha Monique, porque o Leniel e o...o... Sigmar foram pra parte da frente do hospital, pra poder fazer os trâmites que... que eram necessários pra... poder dar encaminhamento do que era necessário acontecer que era encaminhar o corpo pro IML. Nesse momento, doutora, eu sou acusado de ter ligado pro diretor do hospital que chama-se Pablo. Quando a médica me dá... pra Monique, pro Leniel e pra mim, os pêsames, que Henry tinha vindo a óbito, eu ligo pra... pro Pablo, porque eu conheci ele do Richet, Laboratório Richet, assim como eu fazia porque como político que... que fui é... tá na cacoete da gente a todo momento pegar o telefone e tentar resolver as coisas da melhor maneira possível e de forma mais célere.

Jairo: E naquele momento que tava vó do... do... da... do Henry, a dona Rosangela, pelo amor de Deus, me tira dessa cena, vamos acabar com isso. E eu ligo pro Pablo pra ver se ele pode me ajudar a agilizar o óbito. Foi isso que aconteceu, eu liguei pra ele pra ajudar a agilizar o óbito. E isso foi visto como algo criminoso. Eu não vi isso como criminoso. O próprio Pablo veio aqui e falou que não se sentiu coagido. Eu simplesmente pedi para agilizar o óbito. E o que que tava escrito? O que que a Dra. Fabiana escreveu? “Encaminha-se o corpo por não haver hipótese diagnóstica”. Ou seja, ela não sabia do que era, do que tinha acontecido a causa morte. Ela não viu o que... o que o Henry havia falecido. E assim ela escreveu no atestado de óbito dele. Era esse atestado que eu queria que acontecesse, que eu queria que fosse pro IML, pra poder o mais rapidamente fosse feito o exame de necrópsia porque a gente fosse... enterrar, que a gente pudesse fazer o sepultamento. O Leniel junto com o Sigmar, fala pra... pra... Monique... Eu não estava perto nesse momento, eu tava meio baratinado. Ele fala pra Monique: vocês cuidam da parte do velório, que eu vou cuidar da parte da delegacia e do IML, eu vou cuidar da delegacia e do IML e vocês cuidam da parte do velório. Aí eu falei, tudo bem, mas antes disso, voltando, eu fiquei sabendo que nós teríamos que ir pra delegacia fazer a ocorrência. Quando eu soube que nós teríamos que ir pra delegacia fazer a ocorrência, eu pedi pra minha secretária, Cristiane, fazer companhia pra... pra... Monique, pra ir até a frente lá do Barra D’Or, junto com o Leniel e o Sigmar, pra ver o que que tava acontecendo, com esse trâmite de delegacia. Como Monique já estava vestida e eu estava de chinelo, eu peguei meu e o Barra D’Or é muito próximo de casa, eu fui em casa colocar o sapato. Entrei em casa coloquei o sapato, dei de cara com a minha... com a minha empregada, com a moça que trabalhava lá em casa, com a Rosangela, não tinha

tempo naquele momento ali de explicar pra ela que houve o óbito do meu enteado, eu não tinha cabeça pra falar aquilo. Se pegar qualquer imagem do Barra D'Or, do... do... do Majestic, ele viu que eu entrei 2 minutos para o apartamento. É... se a senhora entra no meu apartamento, já com essa mania que eu tenho com TOC de limpeza, ficavam o chinelo e os sapatos ali na frente. Então eu largo o chinelo, boto o sapato, visto, visto o sapato e volto. Quando volto, eu recebo telefonema da minha secretária, dizendo que o Sigmar e o... e o... Leniel iriam à... à... à polícia, fazer a... a... comunicação do... do... falecimento com o atestado, com o prontuário médico, pra levar pro IML, e nós seríamos responsáveis pelo... pelo velório. E nesse momento, a própria delegacia pediu que nós fôssemos pra casa porque eles iam chegar lá por volta de meio-dia, uma hora, porque eles iam fazer a perícia do local. Eles iam lá fotografar o local. E aí, porque eu faço esse negócio de lógica com a senhora, Doutora, e faço nesse momento uma interrupção? Porque que eu preciso muito, eu clamo à senhora, eu rogo à senhora, e assim, nesse momento eu não tenho força eu não consigo, eu não consigo sozinho, eu só consigo com a ajuda de Vossa Excelência, com a ajuda do Dr. Fábio é... é... esse esclarecimento. Eu preciso das câmeras do Barra D'Or, porque é o seguinte, as câmeras do Barra D'Or mostram tudo pra gente, Dr. Fábio. As câmeras do Barra D'Or vão mostrar tudo pra gente. É impossível, não cabe na cabeça do senhor, experiente como o senhor é, com a experiência do senhor tem, que o hospital Barra D'Or ficou completamente às escuras, exatamente no dia do falecimento do meu enteado. Será que o Barra D'Or só ficou às escuras no momento da... da... da... Inclusive é proibido o hospital ficar... às escuras. E o... e o... Dr. Damasceno, ele se contenta com o ofício do hospital dizendo que o hospital estava com as câmeras em... em... manutenção. E quando nós olhamos a ordem de serviço, a ordem de serviço completamente inversa, a ordem de serviço não condizia com uma ordem cronológica lógica. Manutenção no painel de madeira e manutenção do mouse. E deixa o hospital Barra D'Or um hospital que tem CTI que tem CTI pediátrica, que tem laboratório, que tem emergência, que tem todos os aparelhos de ponta completamente às cegas. Nem a, nem a câmera da do sistema de... de... de catraca, de... de ver imagem do carro entrar, ele disponibilizar pra gente. Ele se contenta com isso. Essa... essa... essa... essa... imagem pra mim, Dra. Elizabeth, é de suma importância, porque essa imagem demonstra a minha inocência. Essa imagem demonstra que eu chego com o Henry... porque é o seguinte, qual é imagem que eu tenho do Henry? O que é que não pode subverter a realidade? Eu tenho imagem dele descendo o elevador comigo, Dr. Fábio, e ali eu tenho a metade do abdome do Henry livre, a

outra a metade estava coberto com pijaminha dele, eu tenho o rosto do Henry sem nenhuma marca, eu tenho registro, de vídeo disso. Ele com a metade do... o hemitórax dele e a metade do abdome completamente livre, sem machucado, e o rosto sem machucado, o rosto sem machucado. Isso é demonstrado no vídeo, quando nós descemos o elevador. Todo o restante nós teríamos é... a possibilidade de ver, caso fosse disponibilizado pra gente, eu rogo à Vossa Excelência, que peça busca apreensão, não um simples despacho do advogado do Barra D'Or, dizendo que o hospital estava às escuras. A gente tá no momento que a gente tá em 20:21, 20:29, um hospital como esse ele tá com essa... com essa imagem na nuvem, tá com essa imagem em um software, ele não tá com essa imagem dentro de um HD. Essa imagem, essa imagem a gente tem certeza, essa imagem existe, com certeza! Pelo amor de Deus, só precisa de vocês. Eu não tenho força pra brigar contra o Barra D'Or. Eu não tenho força pra brigar contra o que tão falando contra mim.

Juíza: só pra entender, o senhor quer provar o que com essas imagens?

Jairo: Que o Henry chegou no hospital sem nenhum arranhão, que ele foi atendido durante duas horas com massagens, exaustivas, cardíacas. Que a médica me deu é... é... um... os pêames pela morte do meu enteado, que o Leniel me abraçou e abraçou meu pai, porque é... a... tem uma emoção...

Juíza: mas isso está provado pela prova testemunhal, a prova testemunhal ouvida, que fala isso tudo.

Jairo: Doutora, mas isso combina com uma criança que chegou agredida ao hospital?

Juíza: eu sei, mas eu tenho a prova, a prova testemunhal supre essas imagens que o Barra D'Or diz que não tem.

Jairo: Eu sei, mas olha só...não

Defesa: (Dra. Flávia): Jairo, só para esclarecimento aqui, você entende que nessas... nessas imagens vai ser possível detectar que tipo de atendimento foi feito? Porque você entende que essas provas, que essas imagens seriam capazes de provar sua inocência, ou seja, aquelas lesões que depois aparecem nos laudos, que foram complementados e esclarecidos aqui diante do juízo... é... pelo... pelo especialista, que essas imagens seriam capazes de trazer a lume a prova pra constituir a... o... fato de que aquelas lesões hoje apontadas pelas mídias, teriam sido causadas no hospital? E ainda dentro dessa pergunta, se isso é possível, é... se o senhor entende também, é... como prova da sua inocência, análise radiológica, já que o doutor Tauil explicou

que não seria capaz de prestar esse esclarecimento? Queria que o senhor respondesse as duas coisas, na sequência.

Jairo: Eu vou chegar lá, doutora. Eu não entendi a resposta que a senhora falou do Dr. Tauil. Eu queria buscar aqui junto com a Dra. Elizabeth, com o Dr. Fábio, com a Dra. Bianca, fazer um exercício de lógica e a doutora não entendeu direito, eu queria que ela chegasse junto com o entendimento. É... doutora, agressão é algo que salta aos olhos. Se eu chegasse com o menino Henry, se eu chegasse com meu enteado, se eu chegasse com o Henry no hospital Barra D'Or com um arranhão, eu seria recepcionado pela delegacia de homicídios, pelo conselho tutelar e não receberia abraço do Leniel e meus pêsames das médicas. E não poderia ver o atendimento da forma que ele foi feito, com todas as pessoas atendendo e fazendo as massagens respiratórias. Duas horas de massagem cardíaca numa criança... Eu vou aqui falar que o atendimento foi errado? Eu não tô aqui pra julgar os médicos, mas doze mil compressões e todas as... essas 12.000 compressões, cada uma delas, são necessariamente zona sul contundente, obviamente. Isso daí, inclusive, Dra. Elizabeth, não precisa ser de médico legista no caso, é matéria básica no currículo da medicina, que... matéria básica.

04:30:00

Jairo: Lesões causadas por massagem cárdio respiratórias são comuns e lesionam pulmão, coração, estômago, baço, fígado. Isso é literatura médica, você não precisa ser especialista em medicina médico legal. Toda massagem cardiorrespiratória pode causar esse tipo de lesão, inclusive a tá escrito isso, inclusive, no laudo do Dr. Tauil. Mas eu quero trazer a lume, Dra. Flávia, que é impossível eu chegar com Henry no hospital, ser bem recepcionado pelo pai, ser bem recepcionada pelos pelas médicas, ser bem recepcionado pelo corpo médico, pela assistente social que está ali pra isso, pra verificar se tem algum problema de ordem de violência. E Leniel chega na delegacia, horas depois, dá entrada no boletim de ocorrência achando que o filho teve um ataque do coração, ou seja, Leniel não viu essa criança machucada. Dá entrevista dizendo que o filho pode ter tido um ataque do coração, diz depois que vem a parte da violência. A violência não veio naquele momento. Por que que eu rogo à senhora que essas imagens têm que vir? Tem que vir por 2 motivos: porque o comportamento das médicas, ela fala por si só. O comportamento da equipe de enfermagem, fala por si só. O comportamento da assistente social, fala por si só. O comportamento de todos aqueles que atenderam, falam por si só. O Henry não chegou lá com marca de violência nenhuma, o Henry não chegou lá... não

tinha nenhum machucado. Caso o Henry tivesse algum machucado nós seríamos atendidos de outra maneira. Isso é básico, isso é lógico, isso tá claro. Isso é impossível é... é... não ser previsto isso é impossível não ser... não ser levado em consideração. É lógico que nós iríamos ser recepcionados de outra forma. É lógico que a polícia iria nos atender. É lógico que ele... que o Conselho Tutelar estaria lá e não trêmite se daria como uma morte acidental. Tudo aconteceu como uma morte acidental. Todos os movimentos, desde o apartamento até o dia do velório, se deu de forma acidental. Ninguém falou em morte violenta. Isso veio depois. Inclusive, no dia 12 de março, eu quero fazer menção aqui, aí eu falo que sim, por questão de respeito ao Henry, pela memória do Henry e pela memória do senhor Fernando, sair... sair aqui numa saída judicial e ao... dos laudos, que eu vou entrar aqui rapidamente, falando isso por si só, é... seria uma saída de quem tá preso há tanto tempo, que tem tanta vontade de falar como eu tenho vontade de falar, é... que não seria uma saída honrosa. Eu quero que todos entendam, aqueles produtores da... de... de... além de principalmente sobretudo Vossas Excelências, mas os produtores de TV, aqueles produtores de rádio, de mídia, que façam exercício de lógica, até o dia do velório foi tratado como morte acidental. Tanto pelas médicas, tanto pelos enfermeiros, tanto pela assistente social do hospital, tanto pela recepcionista do hospital, tanto pelo pai, pelo Leniel, pelo Sigmar, que é policial, pelo delegado, o Dr. Antenor Lopes sentou aqui. Dr. Antenor Lopes, que é diretor de polícia de polícia da capital inteira, ele falou que ligou pro Dr. Damasceno, e Dr. Damasceno falou assim: vou manter a investigação aqui comigo, pois trata-se de um acidente doméstico. Caso tivesse qualquer sinal de violência, eu posso trazer para a senhora aqui, não preciso trazer pra senhora que a Senhora é titular do tribunal de júri e o Dr. Fábio é titular do tribunal de júri do estado do Rio de Janeiro, e a gente vive num estado extremamente violento. Esse corpo, essa ocorrência seria feita pela delegacia de homicídios e não pela delegacia da 16ª, o qual o próprio Dr. Antenor Lopes e o Dr. Damasceno falaram pelo telefone que iam manter a investigação na delegacia, porque tratava-se de um acidente doméstico. Se o Henry naquele momento, se o meu enteado tivesse qualquer arranhãozinho, aquele... aquele processo iria pra delegacia de homicídios. Desde o hospital, eu só estou fazendo um exercício de lógica. Eu não seria é... é... no velório... é... eu que paguei o velório do Henry, quem pediu pra fazer em outro lugar... O cemitério, Dra. Bianca que é enterrado o Henry, que é onde que a gente mora, onde eu fui nascido e criado... eu sou de origem muito humilde e tenho muito orgulho disso. O cemitério lá onde que a gente mora, não é um cemitério bonito. É... o cemitério

com cara de cemitério. E aí nós resolvemos fazer a... o... velório do Henry, na Capela de... de... de Moça Bonita, que é uma Capela mais arrumadinha, que dá mais dignidade. Porque tava na Covid e o cemitério tava um pandemônio. E, cuidadosamente, atendendo a vontade do Leniel, porque a Monique não queria velório. A Monique queria apagar aquilo do pensamento dela, a Monique pediu que o corpo não fosse velado. Eu pedi pra Cristiane entrar em contato com Leniel, ele mentiu aqui falando que a Cristiane a longa manus meu, eu tenho ata notarial dizendo que o seguinte: o Leniel dizendo pra pra... pra minha secretária, você é um anjo que Deus botou na minha vida, porque ela tava o tempo todo atendendo a ele. E eu aluguei uma Capela no estádio de Moça Bonita, uma capela aqui arrumada, que é feita pra fazer velório, pra poder fazer a vontade dele, de ver o corpo do filho. Tem todo o direito de fazer isso. Excelência, isso é muito triste, história muito triste, é muito triste porque envolve uma criança. A gente tá falando aqui de algo que tá sendo um ano e 2 meses massacrando na cabeça minha cabeça, na cabeça da minha família, na cabeça de Vossa Excelência. A senhora como ser humano, eu vi o comportamento de Vossa Excelência. Não tem como ficar passível e... e... se manter é... é... de maneira fria, diante de um acontecimento desse. É óbvio que isso é triste demais. Ainda mais para quem conheceu o Henry, ainda mais para quem olha como é que é mostrado, uma criança feliz, alegre cheia de presente, isso é triste demais. E aí a gente passa por isso tudo, e eu sou acusado de ter sido o participante da morte do meu próprio enteado. Quando que numa percepção lógica, eu não entrei ainda na parte médico legal, numa percepção lógica, absolutamente estamos fazendo aqui um exercício de lógica, não tem contexto nenhum de violência, contexto nenhum, Vossa Excelência. Doutora, por Deus, para a senhora, eu... eu juro por Deus, eu não sei assim... eu acredito muito na justiça dos homens, me desculpe, eu acredito muito em vocês, mas eu acredito, sobretudo, na justiça de Deus. Eu acredito muito na justiça de Deus. Eu não sei como o doutor Leonardo Tauil e o Dr. Damasceno bota a cabeça no travesseiro e dorme, bota a cabeça no travesseiro e dorme. Eu juro por Deus, Dr. Fábio, eu tô falando, eu tô falando aqui pela minha alma, pelos meus filhos, pelo meu filho de nove anos, que é o amor da minha vida, pelo meu filho que tá aqui, que é o amor da minha vida, por tudo que é mais sagrado nesse mundo, aqui dentro desse palácio de justiça, eu não fiz nada com o Henry. Tá errado o que tá acontecendo comigo. Eu tô sendo injustiçado. Pelo amor de Deus, o que que tá acontecendo? Presta atenção, o que que tá acontecendo? Isso é lógico. O que que aconteceu? Como é que eu ia dar entrada com uma criança machucada no... no... no hospital...e

isso... e as pessoas não reconhecer isso, Dr. Fábio? Pelo amor de Deus, socorro! O que que tá acontecendo? Por que que não tá... por que... por que por que que isso não... tem luz nesse caso, por que que só tá vendo um lado, por que que a gente só tá vendo um lado, por que as pessoas só conseguem enxergar o lado que... que... que foi retratado, que foi revisto. Porque o lado... o lado posto, o lado visto doutora Bianca, é o lado diametralmente oposto àquele que está sendo passado maciçamente na televisão.

04:40:00

Jairo: Tem uma frase de Ruy Barbosa, que eu aprendi, Dr. Fábio, eu aprendo com o senhor, de vez em quando, o senhor botando, falando algumas frases aqui e, assim, a vida é um aprendizado, uma frase que fala assim: eu não tenho compromisso com erro, eu não tenho compromisso com erro. Então a partir do momento que os investigadores veem o seguinte, poxa tá tendo uma pressão aqui pra dizer, pra refazer os laudos. Os laudos foram feitos absolutamente sem ordem judicial. Sete laudos, seis laudos feitos sem a senhora permitir. Esse laudo, esse laudo tá subvertendo uma realidade, ele tá, ele tá pegando um ponto e tá sendo contraditório em relação a ele mesmo. Vamos tentar ver aqui pela... pela lógica, pô, se a criança deu entrada no hospital, pô, se as médicas viram, as enfermeiras viram, a assistente social viu, auxiliar de enfermagem viu, o...o... o pessoal da recepção viu, o cara do restaurante do hospital viu, o... o... o menino que toma conta do necrotério viu, o Leniel viu, o Leniel abraçou Jairinho, o Leniel foi na delegacia, o delegado recepcionou, o...o bombeiro colocou o...o...o meu enteado dentro do rabeção, o meu enteado foi pro Instituto Médico Legal, chegando no Instituto Médico Legal, a primeira necropsia do Dr. Tauil diz que não teve maus tratos, eu enterro o meu enteado três dias depois, sem contexto de violência. De repente eu viro a pessoa que agrediu meu enteado. Pelo amor de Deus, isso foge qualquer raciocínio lógico. Aí eu vou aí... aí... eu vou pedir pra aparecer as imagens do hospital, que vai dizer muita coisa. Vai dizer o Leniel me abraçando, vai dizer o Leniel abraçando meu pai. Porque eu tudo isso e é importante? Porque o Leniel não viu violência, ele não viu que o filho tava machucado, ele viu o menino nu, ele ajoelhou pra poder é...na beira do leito, pedindo pro menino voltar, uma cena que não desejo a ninguém. Eu não quero o Leniel com raiva de mim. Eu quero justiça.

Juíza: Qual é o interesse que o hospital teria em subtrair ao juízo, esses filmes, essa filmagens? O senhor responde se quiser.

Jairo: Eu vou responder. Vou dizer à senhora o seguinte: o atendimento médico foi feito de maneira equivocada. Não se faz manobra cardiorrespiratória numa criança, insistentemente, durante duas horas. Absolutamente, se fosse um hospital público, com certeza teria ali uma equipe multidisciplinar. A massagem cardiorrespiratória, obrigatoriamente, tem que ser feita por mãos treinadas, médicos. Em recém-nascido a gente faz com um dedinho só, na criança a gente pode fazer com a palma da mão, na criança maior com a mão, com adulto você faz com o peso de todo seu corpo. Assim como fez o enfermeiro Bill. Eu vi... eu vi, com esses olhos aqui. Eu vi... Eu não vou ser leviano em dizer que vi todo mundo fazendo massagem cardíaca errada. Eu não vi isso, mas eu não... eu vi, com certeza o Leniel viu com certeza a Monique viu, com certeza, outros profissionais de saúde, que não as médicas, fazendo a massagem cardíaca no Henry. E eu vi o... o... que me chamou atenção, porque eu fiquei na beira do leito, eu falei pra elas na hora, eu sou médico, o enfermeiro grande, que depois veio o nome de George, colocando o ambu no... no rostinho do Henry, e fazendo o vento, a ventilação, antes de... de... da... da... intubação euro traqueal. E eu vi, o Bill viu e não posso falar aqui que as auxiliares de enfermagem fizeram. Eu não vi. As médicas falaram aqui que foi feita somente pelas médicas. Mas eu vi o enfermeiro fazendo a massagem. E essa mensagem, obrigatoriamente, tem que ser feita por mãos treinadas, porque se caso essa massagem não seja feita por mãos treinadas, pode levar a... se feita, quando feita por mãos treinadas, por duas horas, já causa lesão intracavitária, a senhora imagina por mãos não treinadas. E mais, é... e aí isso daí me salta os olhos. Dr. Fábio, e eu queria que o senhor me ajudasse, prestasse atenção nisso aqui junto comigo, é... 4:29...

Jairo: Dra. Elizabeth, aparece um raio X no qual a senhora pede busca apreensão dele e eu agradeço muito à senhora por isso. Só que o doutor do hospital Barra D'Or, ele fala assim: ó, esse Raio X não está aqui. Eles não obedeceram a busca e a apreensão da senhora, eles disseram que o Raio X não tava lá. Deixa eu explicar porque esse Raio X é importante: no prontuário médico, no prontuário médico, quando nós vimos o prontuário médico, o prontuário médico fala em 2 Raio X, e agora o Barra D'Or fala que só tem o Raio-X, aquele que nós vimos aqui. No prontuário médico tá escrito o seguinte: passagem de... descrita pela enfermeira, primeiro, pela enfermeira Eliane Schneider, ela escreve assim: passagem de sonda nasogástrica sem sucesso. Quando ela fala sem sucesso é o seguinte: ela tentou passar a sonda nasogástrica pelo narizinho do Henry, quando essa sonda nasogástrica encontrou algum objeto, ou ela encontrou a bifurcação do... pulmão, ou ela furou o esôfago, o esôfago é logo aqui, ou ela furou o esôfago.

Por isso essa imagem de 4:29 é importante pra gente, porque essa imagem de 4:29 explica muito a imagem que o Barra D'Or nos forneceu em 5:55, feito pós morte do Henry. Henry falece 5:42. E 5:55, aí a senhora me permite, me perdoe por estar falando isso novamente. E aí são as minhas orações naquele chão horrível daquele presídio. Toda noite eu combino com a minha família, toda noite eu combino com minha família, às 21 horas, meus filhos, todos eles, as crianças, Jairo, Malu, Luiz Fernando, fazer uma oração, fazer uma oração pra que as coisas, pra que a verdade apareça, fazer uma oração pra que demonstre que eu sou inocente. E quando eu vi aquele Raio-X, pra quem não entende pode significar pouca coisa, mas pra quem entende, significa muita coisa. Aquele Raio-X que significava que a gente tinha desesperadamente, eu vi meu pai aqui falando que o laudo era falso. Eu vi meu pai falando que o laudo era falso, baseado naquilo que a gente tava enxergando nas contradições dos laudos. Que os laudos eram contraditórios entre si, e são contraditórias entre si. Ele falou que a perícia era falsa, mas a gente não tinha prova material disso. A gente tinha a lógica do nosso lado, a gente tinha a ciência do nosso lado. Por que que ele aparece 5:55, pós morte, Dra. Elizabeth, o pulmão com um baita pneumotórax. Se a senhora entrar no site do (inaudível) e ver assim, trauma em criança, pneumotórax, a senhora vai ver coisas muito menos grave do que aquilo que nós presenciamos naquele Raio-X de 5:55. O pneumotórax, o coração do lado direito. O pneumotórax era tamanho no peito do Henry, que ele deslocou o coração do lado esquerda pro lado direito. Ele deslocou. O pulmão ele preenche a cavidade toda aqui desse hemitórax, o pulmão direito do lado direito e o pulmão esquerdo, do lado esquerdo. Ele colapsou. Jogou todo pro lado direito, o pulmão ficou colado na direita e ainda empurrou o coração pro lado direito. O pulmão do lado direito também deu uma colapsada. E aí, que é que vem escrito no laudo médico legal do Dr. Leonardo Tauil? Presença de contusão pulmonar. Se tivesse contusão pulmonar, o pulmão tava íntegro. Ele só teria pancada. Ele fala, ele escreve, aos cortes líquido espumoso. Ele fala pra gente e aí em todos os laudos, foram nos sete laudos, ele explicou pra gente nos sete laudos, que o pulmão estava contundido, quando o pulmão não tava nem aparecendo. É impossível. Quando a gente pega a necrópsia feita na... na... na paciente do doutor (incompreensível), ele descreve de forma categórica pede boletim médico, pede tudo.

Jairo: Tira pedaço do pulmão, pedaço do coração, pedaço do cérebro, pedaço de todas as vísceras. Faz o trabalho bonito. E médico da qualidade do doutor Tauil, quando fizesse a abertura mento pubiana do meu enteado, que ele fosse olhar a primeira coisa que ele bate o

rosto, quando ele... abaixo do peritônio, são os pulmões. E assim, graças a Deus, pela boca dele mesmo, aqui, doutor, mesmo depois de morto, um pulmão colapsado e um pulmão contundido eles podem ser confundidos um com outro? De jeito nenhum, um pulmão colapsado tá coladinho, um pulmão contundido ele tá grande, tá completo, ele expande em todo... todo o lado direito e tá tudo completo, o pulmão estaria contundido

(04:51:22 a juíza pede um instante para ir ao toailete)

(05:08:00 Retorno da juíza)

Juíza: Porque eu fico tremendo de frio.

Jairo: Tá frio, sim.

Juíza: Pode.

Juíza: Seu Jairo, deixa, deixa eu lhe fazer uma pergunta. Admitimos que esse pneumotórax não foi relatado no perito oficial tenha ocorrido, vamos admitir, ele tá lá no médico, é um documento não oficial pra gente, porque veio do hospital, admitamos.

Jairo: Não oficial... não entendi desculpe.

Juíza: Como médico? É você, pergunto como médico, isso aí desautoriza a causa mortis como a laceração hepática?

Jairo: Desautoriza sim senhora. Porque?

Juíza: por quê?

Jairo: Porque, o pulmão jogado pro lado direito dessa forma inclusive pode comprimir vasos do coração que pode levar a uma parada cardiorrespiratória. Você jogando o pulmão.

Juíza: pode levar?

Jairo: Pode, pode ser.

Juíza: agora laceração hepática segundo período oficial matou o menino.

Jairo: só que a laceração hepática que ele descreve é... vamos falar da... da laceração.

Juíza: Sim.

Jairo: É doutora eu estou nesse processo isso é minha vida e se não são meus... e eu, eu não aguento mais passar por isso, eu não estou aguentando mais eu estou dentro de um presídio eu não consigo tomar conta, eu não consigo saber eu não sei o que acontece com o lado de fora com a defesa, eu não sei os movimentos que acontecem. Eu não sei nada. Eu preciso eu preciso me defender.

Juíza: eu compreendo.

Jairo: eu preciso e eu e eu e eu me sinto de mãos e pés atados. Eu quero ir eu eu queria estar do lado de fora pra poder ajudar.

Juíza: uhum.

Jairo: pra poder dar opinião. Pra poder dar a minha opinião. Eu não tenho nem eu tenho opinião.

Juíza: Não, o senhor está livre pra falar

Jairo: que nem eu tenho opinião é do jeito que é. Um presídio de segurança máxima que você tem um delay pra falar com as pessoas. E as vezes de dias e às vezes as decisões são tomadas é... é... por procuração eu... eu preciso... eu... eu... eu... eu... preciso me... me ajudar porque eu sou médico eu sei o que que é. Doutora assim, eu... eu... queria que a senhora pegasse, se a senhora pudesse é... é, me perdoa por estar é... é... falando assim desse jeito com a senhora. É... mas qualquer é... é... radiologista de sua confiança que analisasse que a senhora pudesse nomear um... um perito radiologista do júízo e iria falar pra senhora o que é aquela imagem. Que aquela imagem é... seguramente demonstra que a perícia é uma perícia falsa que a que o doutor Leonardo não fez a perícia naquele no corpo do enteado. Porque caso ele tivesse feito a perícia lá no enteado não estaria escrito pulmão contundido e sim pulmão colapsado. Isso e isso... isso é claro como o sol. Não tem, não dá pra ser as duas coisas juntas. Bom, é uma coisa ou é outra. Ou é banana ou é laranja. Se a senhora pegar um... um... perito radiologista e mostrar pra ele, vem cá, olha só, um necropsista abriu um corpo e ele falou que aqui tipo pulmão contundido. O radiologista da confiança da senhora vai falar assim pra senhora, esse perito não viu esse corpo. O Barra D'Or mentiu e... e... mandou o... o... raio X de outra criança. Porque não pode ser as duas coisas juntas... juntas... entendeu? Uma coisa, uma coisa obrigatoriamente, não pode estar conectada a outra.

Juíza: Entendi.

Jairo: É obrigado. em relação...

Juíza: então uma coisa ou outra, só pode ser uma ou outra então como causa da morte.

Jairo: Não, não, causa da morte não, como é achado necroscópico e causa da morte consequentemente.

Juíza: Hum.

Defesa: Jairo, só pra complementar, só pra gente não perder essa linha pra não fugir esse ponto é o doutor Leonardo Tauil disse aqui é quando foi indagado pela sua defesa por mim

especialmente que quando foi aberto o... o... menino Henry pra... pra exame interno ele não se ateu a isso ele não reparou isso

Jairo: impossível doutora, deixa... deixa eu falar doutora Flávia é impossível, por quê?

Defesa: Ele falou que não afastava ter ou não ter, mas falou que ele não se ateu.

Juíza: porque a causa mortis era laceração hepática na visão dele.

Jairo: Não, doutora, mas que assim se ele não se ateu, por ele... por ele, assim, impossível ele não se ater, ele não ter... porque ele dá de cara com o pulmão. Mas se ele não se ateu, ele entrava naquela que ele estava falando aqui, lapso de digitação, então eu esqueci. Toda hora ele fala que o laudo deu negligente ou omissivo, que ele esqueceu ele fala um monte de coisa e depois assim escrever não viu o pulmão aí nós poderíamos achar, poderíamos fazer um exercício aqui de achar que ele que o doutor Leonardo Tauil um necropsista experiente abriu o corpo do... do... do... Henry e não viu o pulmão.

Juíza: tá. Deixa eu vê se eu entendi, novamente. O senhor como médico, mas não perito, o senhor afirma que se houve pneumotórax ele necessariamente morreu do pneumotórax?

Jairo: Não.

Juíza: O que afastaria laceração hepática.

Jairo: Não senhora. Não senhora. Não senhora.

Juíza: Não estou entendendo.

Jairo: eu digo que necessariamente quando tem um pneumotórax e o pulmão está encostado lá do lado direito necessariamente quando o perito descreve que tem o que o pulmão está contundido ele está mentindo.

Juíza: sim mas ele, ele pode ter visto isso pode ter achado que é contundido o que eu queria saber é com relação a laceração hepática porque a gente está sempre passando ao redor dessa laceração hepática e eu tenho que trabalhar com o perito oficial. Por quê? Porque ao contrário do cível eu não posso nomear um perito radiologista pra vir me ajudar. Eu estou adstrita a uma perícia oficial. Então se a perícia oficial me diz foi a laceração hepática eu preciso relacionar a sua a sua o seu argumento defensivo com a laceração hepática. Eu não posso pegar a laceração hepática e botar lá não é laceração hepática eu tenho que correlacionar o meu objetivo é relacionar. O pneumotórax.

Jairo: Tá.

Juíza: com a laceração hepática e isso ainda não consegui.

Defesa: Jairo só pra... pra ficar mais claro assim. É que eu acho que a gente pula várias partes porque a gente aí eu quero dizer que é. É o pneumotórax. Primeira pergunta como médico. Pneumotórax mata. Por quê? Porque se a gente está alegando que o laudo é falso e um pneumotórax também é uma das causas de morte. Eu acho que isso é importante se colocar nesse lugar. Que há uma há uma alegação de que se há... o perito comete uma omissão desse tamanho ele não esqueceu de ver um arranhão. Ele esqueceu de ver um pneumotórax gigantesco que tem prova material disso. Se ele pratica isso pode ser que a criança não tenha morrido da laceração hepática e do pneumotórax. Pneumotórax pode ser causa de morte? Pode. E aí você correlaciona?

Jairo: pode. Doutora então é o seguinte, é... é impossível um perito da qualidade do doutor Tauil não vê o pneumotórax isso é um ponto. E assim e é impossível por que que ele mentiu? Porque ele descreveu pulmão, se ele não tivesse descrito o pulmão, se ele não tivesse feito a descrição, porque ele descreve o pulmão, então na verdade ele mente, se ele mentiu que ele, que ele não via o corpo. Como é que nós vamos acreditar que ele viu a laceração hepática? Se a gente tem prova inconteste.

Juíza: Agora eu entendi o que o senhor quer dizer.

Jairo: Como é que nós vamos acreditar isso? Que ele viu a laceração hepática se a gente tem uma prova.

Juíza: já vi qual é a relação que o senhor quer fazer

Jairo: incontestável de que ele não viu o corpo.

Defesa: É Jairo só pra complementar ainda no... no pneumotórax é... ele... saiu ele tanto tá no laudo do Barra D'Or as duas médicas não é o Tauil, não sou eu, não é o laudo radiológico, está descrito no prontuário e no encaminhamento que chega pro legista. Ele foi indagado disso aqui. Porque quando ele recebe a ficha da do hospital consta. Isso foi preenchido pelas médicas do Barra D'Or pneumotórax. Não é uma invenção da defesa, depois que o raio X chegou. Isso está tanto no Laudo do Barra D'Or, correto? No... no laudo hospitalar, que foi feito pelas médicas que aqui prestaram depoimento. Quanto elas correlacionaram isso no documento que encaminharam pra ele, ou seja, quando encaminharam pra ele, legista, tem um pneumotórax aqui. Ele abre, não checa se esse documento essa informação hospitalar é verdadeira ou não.

Jairo: pior de que... pior do que não checar... pior do que não checar, ele descreve uma contusão pulmonar pior do que não checar e... ou seja, a médica avisa que tem e ele diz que checou e ele

descreve o... a... a... a... o colapso como a contusão então, doutora tá provado, doutora por isso que eu peço a senhora, por favor, pelo amor de Deus, tá provado que ele não viu isso é um control C control V. Ele pegou alguma coisa que já estava pronta. E de repente foi anexando. Mas eu estou falando que de repente não tem uma laceração. De repente foi o técnico de necropsia dele que fez pra ele. Porque ele diz aqui que não viu quem tirou as fotos. é um absurdo, né? O documento no... no.... Porque é o seguinte, quando ele fecha o primeiro laudo, quando ele fecha isso é um ato jurídico, ele fechou o primeiro laudo, deu um atestado de óbito, cabou, ele deu ali a causa mortis. Aí depois, todas as complementações teriam que ser autorizados por Vossa Excelência. Porque ele vai refazendo. E do quarto pro quinto laudo ele diz que em cima dessas fotos apócrifas que nós não sabemos da onde veio, brotou dentro do processo. É ali que junto com a perita doutora Gabriela Graça e é por isso que nós pedimos pra ela é... inquerida que ele faz o contraditório é... é... é... ela ele reverte u... u... u... u... exame necroscópico. Ele começa a falar e começa a dar lesões que que antes não tinha vindo a... à tona e começa a subverter onde tinha infiltrado inflamatório que é sinal de vida, ou seja, o perito diz que viu um sinal infiltrado inflamatório. Aí depois ele fala a partir do quarto laudo quando a doutora é a Gabriela Graça começa a fazer o... o... o... aparecer junto com ele. ele fala que essas lesões esses infiltrados inflamatórios já não existem mais. Então ele se contradita porque se lesão inflamatória obrigatoriamente requer vida. Quando ele faz inclusive a punção aqui isso aí é notório porque nós vimos pela foto a punção que não deu certo do da jugular do lado esquerdo pra poder testar vazamento de sangue ali teria que ter pelo menos um débito de... de... de sangue de oitenta a noventa por cento que é diferente de uma hemorragia maciça que ele descreveu o que uma hemorragia maciça jamais teria sangue periférico. Né? Então quando voltar as crises voltar senão o assunto vai ficar é embolado. Então é o seguinte, o que eu estou querendo dizer pra senhora aqui e que saltem os olhos é importantíssimo e nós colocamos em voga eu peço a Vossa Excelência peço o doutor Fábio peço a vocês por que que pelo amor de Deus isso é o futuro de várias famílias inclusive da família do Daniel eu acredito que o Daniel queira saber a verdade e tem que ter o senso de justiça. Eu quero o melhor pra senhora, eu quero o melhor pro doutor Fábio, quero o melhor para o doutora Bianca, quero o melhor pra todos aqui. Pergunta Vossa Excelência pergunta qualquer policial que trabalha com a com a senhora aqui dentro desse tribunal que normalmente policiais trabalham em hospitais públicos. Chegou uma criança com um arranhãozinho no hospital público é um escândalo, chega a polícia, chega conselho

tutelar, chega tudo na hora. Então é por isso que eu pedi essa análise, impossível e não cheguei no hospital machucado. É só a senhora perguntar, qualquer policial, qualquer pessoa, qualquer um qualquer um isso aí é claro como o sol. E assim, quando eu falo que Deus mandou esse... esse... esse raio X, esse raio X... esse raio X é prova inconteste, é prova irrefutável do que o perito não viu o... o... o... e assim, me falaram aqui pra mim falar de achismo, mas se a senhora me perguntar o que que eu acho, eu acho que no máximo é... como é... é veio errado lá na... veio errado lá na frente, não estou falando com o doutor Tauil escreveu errado, de repente veio errado do Hospital Lourenço Jorge. Ele deu um control C control V num... num laudo o laudo apareceu na frente veio do Lourenço Jorge ele pediu pra algum auxiliar de necropsia fazer. O exame não foi feito e foi registrado. Porque não tem como ele fazer uma coisa tão errada dessa maneira. Não dá. É impossível. não tem como como eu estou tentando aqui salvar alguma coisa de um laudo que ele fez completamente uma perícia completamente falsa e mentirosa. e que a gente hoje tem prova, prova científica, a gente tem o raio X. Aquela fotografia que tanto a gente quer das imagens do Barra D'Or essa fotografia vem pra nossa mão através do raio X. Não foi uma fotografia do corpo do meu enteado, mas foi uma fotografia dum... dum... dum... raio-x e o raio X mostra de forma incontestável que o doutor Tauil faltou com a verdade quando ele falou que viu o pulmão contundido.

Juíza: então nesse caso o hospital acertou né? Porque o hospital também diz que o menino chegou morto. Isso está no prontuário que o menino chegou morto.

05:22:56

Jairo: não. Deixa eu falar, por favor, deixa eu falar, por favor. Doutora, deixa eu falar uma coisa pra senhora. Por isso que eu que gostaria da... das imagens. E a gente pede pra falar com as médicas. Obviamente o Hospital da Magnitude do Barra D'Or não quer errar. E as médicas não querem errar. as médicas não fizeram procedimento é... uma massagem de ressuscitação pra poder matar o Henry. Realmente isso aí é alguma queda do avião, isso é uma associação de erros. Que levaram a uma um resultado fatal. E quando nós pedimos pra poder escutar elas de novo é porque empurraram a batata quente na mão de outra pessoa. E que infelizmente veio parar na minha mão. E que isso leva algumas pessoas inclusive tem... tem... é tem gente recebendo moção, promoção de... de... de... de... cargo público de delegado, enfim, em cima dum caso de morte que eu estou sendo acusado e que (inaudível) por conta disso... e obviamente essas médicas não querem errar, mas a prova inconteste que me desculpa, duas horas de

massagem cardíaca em alguém que faleceu? É algo bem difícil de acreditar. Que... que... que a criança chegou morta e eles continuaram fazendo é... é... se pegar a hora do hospital e pegar a hora do primeiro do primeiro raio X vamos contar com a hora do hospital. O hospital diz que... o... que... que... que enteadou chegou lá é... três horas e cinquenta minutos. O primeiro registro doutor Fábio diz que três horas e cinquenta minutos. Primeiro raio X é quatro e vinte e nove. Ou seja, eles além de... de... de... fazer duas horas de massagem cardiorrespiratória numa criança que diz chegar a morta, PCR não quer não quer dizer morte, eles fazem uma intubação quarenta minutos depois porque dizem assim porque esse raio X que aí que a senhora pediu busca e apreensão e que... e que nós que queremos aqui porque eu acho que houve um perfuração de esôfago e é... a causa do pneumotórax e por isso que ele não veio, eu penso que esse raio X não veio. É... muito provavelmente é... é... esse... esse... esse... raio X ele... ele... ia mostrar pra gente muita coisa, ele vai mostrar pra gente que de repente a sonda nasogástrica que a que a que a enfermeira diz que passou e não progrediu furou o esôfago imputou no pneumotórax e empurrou o... o... o... a... as cavidades pro lado direito. A senhora me entende? Defesa: É... Jairo só me tira uma... uma dúvida só pra não pegar essa linha dentro do que você tá falando uma coisa aí. Mas dentro que você tá falando aí.

Jairo: Ah não, eu ia falar do da linha de saúde e vida então ninguém me tira da cabeça ela falar a respeito do... da... das duas horas. Ninguém fez duas horas de massagem cardíaca em cadáver. E mais quarenta minutos depois entubaram, fizeram intubação. Qual é que antes depois? Só que não deram pra gente o raio X de controle. Cadê? A senhora pediu busca e apreensão e eles deram pra gente um papel dizendo que não tem o não tem busca apreensão, busca e apreensão é ir lá buscar. Ela tem que dar. Vocês botaram no prontuário. Dá aqui eu quero ver. Eles fizeram isso com as câmeras do hospital e fizeram isso com raio X. A senhora determinou busca e apreensão e eles entregaram um documento dizendo que não tinha. Isso não é busca e apreensão doutora. Busca e apreensão.

Juíza: O que seria então?

Jairo: acesso ao computador vê se o raio X está lá e não o... o... o... advogado do hospital falar que não existe um raio X, que não existe as câmeras, a empresa que é responsável pelas câmeras.

Juíza: a sua defesa acompanhou a diligência do oficial de justiça.

Jairo: Se não acompanhou deveria acompanhar.

Juíza: É, porque aí a gente não sabe porque quando é a busca e apreensão o oficial de justiça faz tudo que precisa fazer.

Jairo: Então por isso que eu pedi pelo amor de Deus à senhora pelo que eu devia estar fazendo minha defesa. Eu como médico, solto, eu com certeza eu esclareceria muita coisa. Muita coisa.

Defesa: Jairo

Jairo: eu estou de mãos e pés atados. Pra todos pra todas as decisões que são tomadas. Absolutamente todas, doutora. Absolutamente todas. E... e... com a fala... o seguinte, e as médicas se contradizem. Deixa eu só dizer onde que elas se contradizem. Porque elas falam o seguinte (incompreensível) oxigenação setenta e seis por cento e temperatura trinta e quatro graus. Me desculpa, mas isso não é sinal que o meu enteado chegou morto no hospital. É assim que está escrito. Eu li que tá no computador do hospital. Foi impresso e... e... nós tivemos acesso aqui. Nós falamos de infiltrado inflamatório, infiltrado inflamatório requer vida, quer dizer vida. No elevador isso... isso... e isso é ocular. No elevador no elevador eu tô embaçado. No... no... elevador o rosto do Henry está completamente livre. Depois ele tem arranhões. Esses arranhões foram ditas pelo perito como, vamos dizer pelo menos do lado de fora o perito olhou o corpo, né? Pelo menos do lado de fora é determinado. Ele diz que tem um infiltrado inflamatório, inflamatório é vida. Intubação quarenta minutos depois não se estava em outro. Duas horas de massagem cardíaca muito menos. Gasglow três. Temperatura de... de... de... trinta e quatro graus. Eu já vi pessoas com temperatura de trinta graus vivas. Eu já vi pessoas saturando sessenta por cento que sobreviveu. Sessenta por cento.

Juíza: Estava cianótico acistólito e hipotônico.

Jairo: isso.

Juíza: três características todas juntas.

Jairo: eu não estou eu não estou dizendo que o que o Henry não estava grave, mas aí você através da ciência afirmar categoricamente que ele estava morto é impossível. Eles não podem. Medicina você pode falar o que não pode? De jeito nenhum. Agora o que pode, inclusive no laudo de reprodução simulada e isso me causa muita espécie porque o seguinte: o laudo de reprodução simulada deveria contar com a simulação do Henry no parquinho, com o Leniel, deveria contar com a simulação da ida dele pra minha casa no carro deveria contar com a simulação no... no... no... apartamento quem falaram lá de queda, que falaram que foi assim que

foi assado, mas quem disse como foi... foi... o doutor Damasceno, não foi o nem eu nem a Monique e deveria contar sobre tudo com o laudo de reprodução simulada do hospital excelência. Uma investigação bem feita teria que ter essa análise de reprodução simulada no hospital. Porque parece que essas duas horas que... que o Henry ficou dentro do hospital sumiu. Desapareceu, não fizeram laudo de reprodução simulada no hospital. Parece que ele não passou pelo hospital. Quando o laudo de reprodução simulada teria que ser feito obrigatoriamente dentro do hospital. Eu estou sendo acusado por diversas omissões que aconteceram durante a investigação. É... escolheram os culpado e falaram assim esse rapazinho: aqui vai ser o culpado. Vai ser ele pronto é melhor ao invés de abrir o leque de... de... possibilidades como o doutor Fábio aqui que é... é... várias vezes é... é... exercita pra fazer o inclusive é... é... cita casos anteriores e começa a falar eu tenho provas de... de... que é... é... eu tenho muito mais a oferecer do lado contrário do que desse lado que o senhor vê, mas o senhor tenta fazer um exercício de lógica pra poder traçar realmente ser uma pessoa capaz de fazer isso ou não. O exercício de voz que tem que ser feito lá do contrário. Pô, eu não posso eleger o culpado e criar um... um... uma... uma... uma... sistemática de... de... de... colocar a culpa numa pessoa. Eu tenho que abrir o leque e a partir desse leque é... é... é.. diante de todas as possibilidades e colocar aquilo que é o mais provável. Eu não posso pegar um e criar todas as possibilidades pra provável ser aquele que ele quer que seja. Foi isso que eu passei, eu passei por um processo inquisitorial. Não foi inquisitorial daquele que... que é pra ser feito numa investigação policial. É um inquisitorial do tempo da... da... fogueira. Pelo amor de Deus cara esse é isso que eu falei eu não sei que o doutor... doutor teve aqui eu não sei que o... meu Deus do céu não sei como tem... como não tem medo... não tenho medo da justiça divina... não tem medo...eu não sei como é que pode acontecer isso, eu não sei de repente eu posso estar falando aqui pra ateu, eu não sei me perdoa tá insistindo nesse assunto, mas eu não sei como bota a cabeça no travesseiro e consegue dormir como que... não pode... não pode é... é... desonestidade intelectual. desonestidade intelectual falar pra gente que um pulmão colapsado é igual um pulmão contundido. Ele tinha que é... é... é... ele tinha que falar assim: “me desculpa que eu quero pedir desculpa eu não vi é o corpo eu realmente negligenciei eu pedi pro meu auxiliar de necropsia fazer isso deu Control C Control V e aí... e... a... e aí a... a... a... acabou aparecendo um pulmão contundido. Eu descrevi como um pulmão contundido. Mas na verdade esse é um pulmão colapsado.” Eu hein? Me desculpa, mas eu não tenho que é... é dar aqui a minha mão à palmatória. Eu tenho uma imagem na minha

frente. E aí fica muito mais fácil de botar a cara no travesseiro e dormir porque eu não sei como que dorme, cara. Eu dentro lá da tumba eu acordo todo dia dentro da cova. Todo dia eu... eu... acordo pensando na minha família, nos meus filhos pensando na Monique...

Jairo: graças a Deus Monique não está numa situação confortável, mas é... é... é... e está numa situação é... é... realmente está frio. É... é... o... o... o... o... o... o... não está numa situação confortável, mas está numa situação menos desconfortável e... e... e... e... mas pô é... é... é por algo absolutamente que eu não fiz, doutora. Doutora, eu não fiz isso doutora. Pelo amor de Deus. Doutor Fábio, eu não fiz isso. Eu não fiz isso. Eu não sou uma pessoa capaz de fazer isso. Eu sou capaz de (incompreensível). Nunca gritei com meus filhos, cara. Eu nunca gritei com meus filhos.

Promotora: Posso fazer uma pergunta seu Jairo?

Jairo: A senhora pode?

Promotora: Posso? Porque na verdade a orientação da defesa do senhor responder de novo.

Jairo: a senhora pode.

Promotora: Tá. É o senhor disse que ah a gente tem que trabalhar com probabilidade e com lógica né?

Jairo: Sim senhora.

Promotora: E no depoimento do doutor Sami ele mesmo falou que a probabilidade da laceração hepática ser causada pela massagem é entre um a no máximo quatro por cento.

Jairo: Uhum.

Promotora: Acho que estaria nessa porcentagem.

Jairo: Uhum.

Promotora: Correto?

Jairo: Correto.

Promotora: Então se eu for trabalhar com a lógica a lógica é aquela laceração não foi da massagem.

Jairo: É, não.

Promotora: a maior probabilidade o senhor disse que a gente trabalha com probabilidade. Então se eu for trabalhar com probabilidade.

Jairo: eu não estou falando de probabilidade. Eu estou falando

Promotora: o senhor disse há pouco tempo.

Jairo: tá, pois não, objetivamente qual é a pergunta

Promotoria: Tá, a minha pergunta não, primeiro, isso já seria uma pergunta. Agora, mas tudo bem. A segunda pergunta é a seguinte. É, o doutor Sami, ele falou que a causa da morte foi a laceração hepática. Assim como o perito doutor Tauil. E a... a defesa do senhor já apresentou agora no pedido de... de... de... revogação de prisão e também na... na... no... pedido lá pra ouvir as testemunhas. Essa tese de que poderia ser é... o pneumotórax. eu só não consegui entender. Então a tese o... o... o... que o doutor Sami, o próprio perito da defesa disse que a causa da morte foi a laceração hepática e eu até perguntei pra ele de novo aqui também e pode não ter sido isso. A defesa técnica do direito também não necessariamente concorda com a defesa do médico do senhor?

Defesa: não, não é verdade doutora, não é verdade.

Promotoria: a ta, então ta bom.

Jairo: Deixa eu explicar pra senhora.

Defesa: a gente segue a orientação integralmente do doutor é... Sami pra tudo que...(vozerio).

Promotoria: é que ele respondeu pra mim que a causa da morte foi laceração hepática eu indaguei uma vez, depois eu indaguei de novo. Tá gravado.

Defesa: se ela depois vai precisar...

Juíza: é o senhor Jairo ali que tem que responder, vamo lá seu Jairo.

Defesa: só mais esclarecimento de fato além disso que o doutor Sami falou na audiência ele também disse que a o colapso pulmonar também pode ser uma causa morte, mas o perito Tauil se quer visualizou o colapso pulmonar em absoluta contradição com o raio X do hospital Barra D'Or.

Defesa: Doutor Jairinho também já respondeu pra magistrada dizendo que a probabilidade maior que o perito Leonardo Tauil não viu o corpo, como ele não viu o colapso, ele também não viu a laceração.

Jairo: Deixa eu falar.

Defesa: deu control C control V.

Jairo: Deixa eu ver o seguinte a única coisa, doutora Bianca a única coisa, que é assim a gente tá falando das coisas possíveis e as coisas que são impossíveis. E o que eu disse aqui é o seguinte, na medicina você as coisas possíveis você trabalha na probabilidade. As coisas impossíveis são inconteste. Concorda até aí, concordamos? Se a gente trabalhar no campo da

probabilidade inclusive no laudo de reprodução simulada ele diz que tem um ponto quatro por cento de ter acontecido tudo dentro de ter tudo aquilo que aconteceu com o Henry mesmo sendo aquele grande absurdo pode ter acontecido. Então a única resposta pra isso é sim. Inclusive no campo da probabilidade. Agora eu vou dizer pra senhora o que que é impossível. É impossível confundir um pulmão colapsado com pulmão contundido. É impossível o médico não ter esse achado necroscópico. É incontestável é... é... matemática é... é... um mais um igual a dois que ele não viu o corpo do Henrique. E aí por respeito a honestidade a perícia, perícia por respeito a esse juízo, por respeito a... a... promotoria obviamente os médicos legistas e assistentes técnicos começam a elaborar teses a partir daquilo que vem na mão deles completamente inventado, porque o seguinte, deixa eu falar uma coisa pra senhora também a respeito da... da... lesão. Olha o que que aconteceu dona Elizabeth do... do... do... laudo

Juíza: estou ouvindo.

Jairo: do laudo seis pro laudo sete.

Jairo: Do laudo seis pro laudo sete. O laudo seis é... é... feito pelo pela... pela... pela... pela... polícia. O laudo sete é depois dos quesitos do... do... do... meu perito.

Juíza: São seis laudos.

Jairo: são sete.

Juíza: Mais um de reprodução simulada. O senhor está se referindo ao de

Jairo: ao não, eu tenho um sétimo. Que é o meu, que é o que... é o que lhe responde o meu perito.

Juíza: Ah o... tá.

Jairo: Né?

Juíza: pensei que o senhor está falando das complementações.

Jairo: É.

Juíza: ãhn.

Jairo: Esse sétimo laudo foi somente aí que ele se valeu das anotações pessoais. A qual deveria estar arquivado no processo e ele descreve a laceração hepática. Ele descreve a laceração hepática. Quando ele descreve a lesibilidade, laceração hepática é desculpa não sei se eu vou me fazer entender e nem a senhora tem a obrigação de entender isso. A sedação hepática é... ela é classificada de grau um até o grau seis. Grau seis é avulsão hepática. tá escrito no... no... está escrito no laudo do Tauil e teve hemorragia maciça. E hemorragia maciça é hemorragia grau

seis. Só que sabe o que que o perito do Taiul faz no sétimo laudo? Ele descreve a lesão do fígado. Ele só descreve a lesão do fígado no último laudo, no sétimo laudo. E sabe o que que ele descreve? Quatro centímetros de um a dois centímetros de profundidade. Sabe o que quer dizer isso? Laceração hepática grau dois. Sabe o que significa isso? Sabe qual o tratamento preconizado? Pa laceração hepática a qual é descrita pelo Leonardo Tauil no sétimo laudo repouso ele pegou dum livro escreveu laceração hepática grau dois. A laceração apática grau dois a qual o... o tratamento preconizado é repouso, impossível uma isso... impossível isso é impossível tá? Impossível uma lesão grau dois, sangrar durante quatro horas, é impossível pra sangrar durante quatro horas só uma avulsão hepática, só uma laceração grau seis. Então jamais uma aceleração hepática descrita como descreveu o perito doutor Tauil mataria em quatro horas. Impossível. É que que eu falo de probabilidade doutora Bianca

Juíza: eu vou ter que interromper um pouquinho. Se o senhor quiser continuar respondendo a doutora pode continuar, mas eu vou ter que atender um telefonema agora.

Jairo: Tá, sim senhora.

Defesa: Aguarda a juíza chegar. Aguardo. Aguarda a juíza chegar.

Jairo: Eu, pra mim, não tem problema.

Defesa: e tem, Jairinho olha aqui pra mim quando a tua defesa técnica falar é porque tem problema sim. Está OK?

Jairo: tá bom. Sim, senhor.

Defesa: Obrigado. Continua. É isso. Olha o microfone.

(05:40:25 Pausa saída da juíza)

(05:52:31 retorno d juíza)

Promotoria: Segue doutora.

Juíza: Sim.

Jairo: Então doutora é... eu, Vossa Excelência. É sobre essas contradições que... que foram que apareceram aqui no ao longo dessa... dessa IJ. É porque como disse a respeito do Barra D'Or é... as características com meu enteado apareceu não é duma criança que chegou morta a gente não pode é... afirmar categoricamente isso né? Impossível, a única coisa o que é possível é o seguinte e... e... que é inconteste, inequívoco e como um mais um é... é... são dois. O esse raio X não é do corpo que está descrito no laudo. Isso daí é uma prova matemática. Se ele não viu o pulmão ele não viu o fígado. Se a gente tem a prova que ele não viu o corpo, ele não viu o

pulmão. Logo ele não viu o fígado. Por uma questão de honestidade com a defesa, com a... com... com... o tribunal e com a acusação é... o perito coloca hipótese diagnóstica em cima daquilo que foi apresentado pra ele. Obviamente eles pode ter tido isso, pode ter sido isso, pode ser aquilo, lógico que pode ter sido um pneumotórax, pode ter sido um pneumotórax razão pode ter sido do... do... da... da... da... massagem. Pode ter sido um uma queda antes e o pulmão e... o... e ficou uma lesãozinha dessa pequenininha vim se agravando. E aí não ter prestado atenção no vômito pode ter sido agravado... agravado... agravado e ter levado uma... um... um sangramento a tal ponto que dentro do apartamento ocorreu um desmaio. Pode ter acontecido. Assim, então a gente diz o que pode ter acontecido. O que a gente tem aqui hoje, que nós conseguimos trazer pro tribunal, que não aconteceu de maneira nenhuma. Né? E por isso que eu peço pra senhora as câmeras. E o seguinte. E o seguinte, e a senhora falou pra mim que não pode contratar um de radiologista. Então vamos pedir pro... pro... se for possível for pedir, pro próprio radiologista do Barra D'Or completar o... o... o... laudo que ele só diz ali. Pneumotórax. Assim se dizer se ele pode dizer que é impossível é... não achado necroscópico é... ver imagem diferente. Assim porque a gente tem a prova cabal de que o laudo não é um laudo idôneo. né? Esse raio X nos deu a prova cabal que não é um laudo idôneo. Eu tenho certeza que o segundo raio X iria nos mostrar uma possível causa morte que por um pneumotórax pode ser um... uma... uma causa morte. Caso te... caso por exemplo uma sonda nasoga... a gente tem duas descrições de sonda nasogástrica. Uma passa a outra não passa. Aqui não passa pode ter furado o esôfago criou um pneumotórax e empurrou todas as estruturas pra lá. Colapsou os vasos. É piorou a... a... a... possível PCR que pode levar a morte. Isso é uma possibilidade. Enfim, a gente tem diversas possibilidades. A gente tem a só que a gente tem o impossível. E o impossível foi o que o doutor Tauil escreveu. Ele e... ele começa a contagitar e assim, o mais interessante é aquele do quarto pro quinto lado muda radicalmente e diz aqui que foi com a ajuda do doutor... Gabriela Graça e por conta de fotografias que a gente não sabe origem. Então como é... é... como que nós vamos levar em consideração? Nós... nós numa questão de... de... de... de... cooperação porque eu estou preso e eu preciso mostrar aqui o que acontece é... é... nós demonstramos diversas... o que ser aquelas lesões de decorrente da massagem, da decorrente da... da... dos procedimentos médicos. Enfim, é... é, mas nós mostramos justamente porque por respeito a... a... esse tribunal e respeito a acusação.

Jairo: que a gente possa abrir o leque que não foi que não foi me oferecido essa oportunidade. Né? É e por isso que eu pedi que a defesa pede a oitiva da doutora Gabriela porque ela faz com que o período da Tauil mude radicalmente a... a... a... concepção dele, né? É passa a... a... ter mais lesões fotos apócrifas eu acho que não pode tá dentro do laudo, eu não tenho conhecimento jurídico, mas essa foto tem que ter uma origem né? E aqui o doutor Leonardo falou que não sabe quem tirou, não tem a mínima ideia de onde veio, se foi os técnicos de necropsia, acho que é por isso que está ali pedindo que os dois técnicos de necropsia é... é... possam é... é ser escutado pra dizer quem tirou a foto porque eles não podem tirar foto ali claramente é uma foto depois da morte. Então tem diversos achados ali que não tem nada a ver com... com o intervalo antes da morte ou pere morte. Enfim não é antes da morte eu pere morte. Enfim é... é a gente não pode fazer uma comparação pegar uma foto que foi feita muito tempo depois e levar em consideração como ela tenha sido uma foto que tem tirado logo assim que aconteceu o problema. Né? Quando o contexto do problema quando eu coloquei aqui na... aqui no início uma questão fática e lógica e inclusive falei pra perguntar pra qualquer policial se o Henry tivesse chegado no hospital com qualquer sinal de violência eu não estaria recebendo os pêsames até o dia do velório né? Nem a delegacia manteria como acidente doméstico e nem o doutor Antenor mandaria ficar e nem a tudo aquilo que eu já é... é... falei pra senhora. Tá? É... então eu acredito que essas imagens fotográficas também vão ser importante pra gente saber qual é a origem. Se tem mais imagens do que essas, se tirou mais fotos, enfim. Porque ali com certeza não é um exame completo, né? Não tem ele não fez o que manda os protocolos. É...

Jairo: é se... se... se... se a causa morte foi o fígado e pôde tirar fotos depois porque que não tirou a foto do órgão afetado? Porque a gente não tinha dúvida nenhuma. A gente não é... a gente ficaria sem dúvidas. Só que o seguinte, o que que tira totalmente a nossa dúvida? A certeza que o doutor Tauil não viu o corpo do meu enteado. Porque caso o... o... perito Tauil tivesse visto o corpo do meu enteado ele não descreveria uma um colapso como uma contusão. Se ele fosse muito negligente ele poderia não descrever, não viu o pulmão, mas ele descreve. Ele descreve algo que não existe. Então é uma coisa que ele copiou de outro lugar. E isso tá claro como sol é que veio na mão dele um laudo um laudo ali que já estava mais ou menos pronto ele foi completando e o caso daquele... dum pulmão contundido e ele não... e ele negligenciou no pulmão que estava colapsado que não dava pra ver em detrito a descrição né? Então isso a gente

tem a prova disso. Então por isso excelência eu... eu... eu... peço a senhora que... que a senhora é... é... reavalie todos esses pedidos que que nós fizemos.

Juíza: Deixa eu lhe dizer, a capacidade postulatória não é sua, é dos seus advogados.

Jairo: Tá, tá bom.

Juíza: o senhor pode falar sobre os fatos, mas o senhor não pode postular.

Jairo: tá bom.

Juíza: Pois não.

Defesa: É o senhor aponta que essas seriam provas da sua inocência que essas coisas seriam capazes de provar que o senhor é inocente.

Jairo: sim com certeza, com certeza.

Defesa: o senhor aponta isso como provas da sua inocência?

Jairo: aponto com muito nove pronto eu aponto que... que a... a... gente precisa ver os 2 peritos, nós precisamos escutar a doutora Daniela, elas precisam

Juíza: é isso né? Está sob judice né? Tem um habeas corpus.

Defesa: Certo. É pragmaticamente só porque o senhor foi esclarecido pela sua defesa que o senhor tem conhecimento que o artigo um oito nove do CPP ele dá o direito de apontar as provas da sua inocência no seu interrogatório? O senhor tem esse esclarecimento?

Jairo: Tenho esse conhecimento.

Defesa: e o senhor aponta essas provas como provas da sua inocência?

Jairo: Aponto.

Defesa: Elas são imprescindíveis?

Jairo: São impesc... não são imprescindíveis como são lógicas, né?

Defesa: OK. Quer seguir Renan?

Jairo: É doutora é... eu... eu... eu... passo por um processo como eu disse pra senhora de inquisição. E os meios de comunicação não foram é... é... é informados é... *ipsi litteris* do que aconteceu. Houve uma subversão da verdade né? E assim eu eu precisava que vir da luz a isso que está acontecendo. eu não tenho força pra poder fazer isso sozinho. Eu não consigo. Diante de Deus que eu não consigo. Eu não consigo ser ajuda da senhora, sem ajuda do promotor, fazer com que a gente dê luz a esse processo. Né? Nós temos as provas incontestes de que o laudo é falso. A gente imputou aqui inúmeras... inúmeras inconsistências do laudo. A gente tem desdizendo que é lesão vital. E aí ele fala que é... é... a lapso de digitação tem muito lapso de

digitação é muito... é muita negligência. Tem hora que fala que quando ele fecha o primeiro laudo, né? Ele faz os outros complementações sem a autorização de Vossa Excelência. É infiltrado inflamatório ele fala de duas maneiras, contém é... é contém infiltrado inflamatório presença de infiltrado inflamatório depois ele fala que contém o infiltrado inflamatório. Então ele... não pode ser um lapso de digitação se ele fala de duas maneiras a mesma coisa. Né? Um lapso de digitação é alguma coisa que você escreveu errado. E mais, do... do sexto pro sétimo laudo ele faz as complementações e depois é... é... desdenhando da nossa é... é honestidade intelectual dele e desdenhando da minha honesti... honesti... da minha intelectualidade.

Jairo: ele diz que jogou o laudo, jogou as provas fora. A única coisa que ele tinha de prova que devia ter feito um monte de coisa. Devia ter tirado foto, devia ter descrito deveria ter visto algo que não dava pra ele não ter visto. Aí ele fala que a única coisa que ele tinha pra apresentar ele jogou fora, jogou a prova fora da única coisa que ele tinha pra falar. Então como é como que vai fazer um... um... um... um... depois um laudo se ele joga um laudo em girado, se ele joga a única coisa que ele tem... que ele tem que são as anotações dele. Se eu fosse um perito legista e um outro perito legista pedisse pra eu fazer uma... um... uma... necropsia num corpo que eu não estou vendo, eu não faria. Eu não faria. Eu só faria naquilo que eu estou vendo. Se ele não tem foto, se ele não tem nada. Se ele não tirou a foto do órgão, se ele não descreveu. Se ele jogou a anotação fora. Como é que ele pode ter uma outra uma segunda opinião do mesmo do... do... em que que possa vir a complementar? Por que que jogou fora a dinâmica do hospital? Por que que essas duas horas de... duas horas de... de... de hospital é... ficaram fora do... do... do exame de... de... de... reprodução simulada e do... do... por que que não como fez na... na... comparativamente fez o doutor Sami naquele... naquele exame de necropsia do doutor Bumbum que ele bota o que ele descreve tudo... tudo... tudo... regradinho e na hora que ele tem dúvida ele evoca os laudos. Evoca o prontuário, evoca o boletim médico pra poder tirar todas as dúvidas. Não, ele fecha o laudo. E a partir do momento que ele fecha o laudo, de repente ele abre o laudo e começa abrir e faz isso durante seis vezes. É... por mais cinco vezes. Né? Depois de um ato jurídico formado ele reforma ele durante mais cinco meses.

Defesa: É. Jairinho, acompanhando a autodefesa aqui da Monique ela... ela busca fazer imaginar que o senhor imprimia a ela um relacionamento abusivo. O senhor é em algum momento perseguiu a Monique?

Jairo: não, de maneira nenhuma. eu já falei isso, eu já falei no meu...

Defesa: especificamente

Jairo: depoimento que o meu relacionamento com ela era noventa e nove por cento maravilhoso.

Defesa: Ela tinha condições de avaliar. O senhor é um homem, um médico, um parlamentar de cinco mandatos. Quem era Monique? Ela era uma mulher esclarecida ou ela era uma mulher assim desprotegida, acanhada que não conseguia gritar se estiver sendo oprimida, perseguida. Como é que era Monique? Ela tinha liberdade pra ir, pra vir.

Jairo: não, ela era mulher, ela era uma mulher determinada e como é uma mulher determinada. Pra aguentar inclusive, pra aguentar tudo que ela está aguentando até agora, sofrendo tudo que ela está sofrendo. ela é guerreira. Sempre foi.

Defesa: Uh hm.

Jairo: Enquanto minha companheira também.

Defesa: Entendi. É como é que era a relação da Monique por exemplo com os seus pais, com os seus familiares? Com a senhora sua irmã, com seu cunhado, os senhores tinha uma... uma... harmônica relação?

Jairo: Maravilhoso. Maravilhoso. Maravilhoso. A Monique sempre foi... a Monique é alegre e tal. Fazia jantares pra nós, enfim e tal e sempre agregava.

Defesa: Oito de março de dois mil e vinte e um o senhor inicia o relacionamento com ela há quanto tempo antes da data do fatídico?

Jairo: Eu comecei o relacionamento com ela em setembro.

Defesa: Em setembro. Setembro namoram e passam a morar juntos quanto tempo?

Jairo: cinco meses depois.

Defesa: cinco meses depois o senhor pode falar o mês só pra gente gravar.

Jairo: janeiro, em torno do dia quinze de janeiro.

Defesa: janeiro?

Jairo: é em torno do dia quinze de janeiro.

Jairo: janeiro.

Defesa: Janeiro. Uma informação que ela também traz aqui quando interrogada e promovendo sua autodefesa é de que tanto o Henry quanto ela e quanto o Leniel tinham a mesma conta de telefone, ela que pagava o telefone dos três. O Henry tinha telefone?

Jairo: Tinha telefone.

Defesa: Esse telefone ele... ele mantinha esse telefone ligado ele tinha WhatsApp?

Jairo: ele falava com todo mundo.

Defesa: Só permita só o seguinte. Pra que não fique uma fala sobreposta. O senhor primeiro ouve a pergunta do seu defensor e aí o senhor responde. Então vamos lá, tá bom? Estabelecemos dessa maneira? Vamos lá. O menino Henry, ele tinha um celular que era uma conta corporativa da Monique, do Henry e do Leniel. Procede?

Jairo: Sim, segundo a Monique.

Defesa: Tá. Henry tinha esse aparelho celular, como é que ele usava esse aparelho celular?

Jairo: Estava sempre na mãozinha dele.

Defesa: ta, e ele tinha ali o WhatsApp, ele tinha rede social, ele tinha o telefone da mãe.

Jairo: Rede social eu não sei, o WhatsApp com certeza.

Defesa: Ele sabia se comunicar via WhatsApp?

Jairo: Sabia.

Defesa: Sabia?

Jairo: não, via WhatsApp não sei acho que a mãe apertava pra ele pra ele falar a mãe me ligava mas eu acho que de vez em quando ele sozinho conseguia ligar ele ia apertando lá os botões dele ele conseguia falar com o avô com avó de vez em quando.

Defesa: Então ele com esse telefone ele falava com avô, com a vó, com... com a mãe se precisasse?

Jairo: Falava. Falava.

Defesa: Esse... esse... esse telefone celular ele foi apreendido? O senhor tem notícia dele ter sido apreendido aos autos?

Jairo: Não sei. Eu acho que levaram só o telefone da Monique.

Defesa: Só o telefone da Monique.

Jairo: É, pediram pra entregar, não sei.

Defesa: Uhum. Esse telefone de celular ele tinha uma conta ou ela só usava no Wi-Fi? Ele... ele tinha uma conta de telefone mesmo. Ele tinha um número de telefone?

Jairo: Tinha um número.

Defesa: Entendi. A imprensa toda noticiou que o senhor estava fugindo quando o senhor está lá na casa da tia avó, né? Se não me falha a memória, é isso?

Jairo: É, mas eu acho que isso ficou resolvido, doutor. Né?

Defesa: Não, pra grande opinião publicada que a imprensa vem promovendo, a Monique diz o seguinte, que vocês foram até lá pra evitar o assédio da imprensa.

Jairo: Exatamente.

Defesa: Procede isso?

Jairo: Procede a... a... a ca... não é verdade, a casa não é da tia-avó é a casa da minha avó. É a casa onde eu moro também era a casa da minha... foi casa da minha avó. A casa da minha vó frequenta desde que nasci.

Defesa: Tá.

Jairo: E fica eu... eu vou a pé pra casa da minha vó. Aí andando pela casa da minha vó dá... dá três, quatro minutos.

Defesa: Tá.

Jairo: E aí nós inclusive é antes de ser preso eu ia a pé pra lá e voltava. As pessoas me viam. Indo a pé. Não entrava escondido na casa da minha avó.

Defesa: noticiou a imprensa de que o senhor teria jogado pelo vitrô pela... pela janela do... do banheiro, celulares, isso procede ou não?

Jairo: Não, eu peguei os dois celulares e botei na janela e botei na janela do banheiro. Não joguei.

Defesa: Sabe dizer por qual razão?

Jairo: Ah eu tomei um susto na hora que chegou a polícia, pra poder prender, arrebatando o portão chutando portão.

Defesa: Uhum. Tocando a campainha. Realmente eu fiquei muito assustado. Em algum momento o seu pai coronel Jairo coagiu a Monique a ela fazer ou deixar de fazer alguma coisa?

Jairo: Óbvio que não pô. Monique se dá muito bem com meu pai. Esta se dá melhor com meu pai do que comigo.

Defesa: Entendi. É...

Jairo: de verdade, doutor se dá melhor com o meu pai do que comigo.

Defesa: Entendi. Se dava bem também com a senhora e sua mãe?

Jairo: Muitíssimo.

Defesa: entendi. A Monique ela... ela diz também que o senhor é... é... a perseguia, a sufocava implicava com o *personal*, implicava com o fisiculturista. Como é que era a rotina dela? Como é que era a rotina da Monique? Ela tinha esse *personal*? ela tinha esse fisiculturista?

Confusão entre os advogados:

Fala muito longe: eu quero que o senhor indique onde que tá o depoimento. Acho que o senhor não observou um preparador, um preparador o que quer dizer a palavra

Defesa: Não, não sei. Não sei. Não, não sei.

Fala ao fundo: Eu só sei que o senhor pode falar.

Discussão entre advogados:

Olha só, diz que diz quem está com a palavra...

Calma aí.

Quem diz que está com a palavra não é o senhor. É a juíza.

Abaixa o dedo também.

Abaixa o dedo não.

Baixa o dedo. O dedo e abaixa o tom. Abaixa o dedo.

Abaixa o dedo e abaixa o tom. Não dê dente o dedo.

Ta desequilibrado garoto?

Está com medo de quê?

Não tenho medo de você.

Está com medo.

Abaixa o tom de voz.

Tira o dedo da minha cara. Tira o dedo

Ta desequilibrado rapaz sujeito desequilibrado

desequilibrado é você.

tira o dedo desequilibrado

sem noção

vocês mantém a ordem

Flávio

desequilibrado mal educado tira o dedo

vem tiro tira o dedo.

Para de cuspir também.

Mentira.

Olha aqui ó. Cuspiu aqui. Tá se babando todo garoto. Para de babar, que póler é essa?

Você.

O Renan.

Babando aqui na banca está babando aqui rapaz, teatro é você que está fazendo desequilibrado sai daqui rapaz

O senhor está fazendo algo que não condiz com a nossa atividade o senhor está que nossa atividade vai pra lá, menino que desequilibrado.

Menino é o senhor, o senhor é um menino.

Moleque.

Moleque é o senhor.

Para de babar.

Moleque é o senhor.

Para de babar.

Está dizendo mentiras aqui.

Doutor, já deixei. Doutor, senta aí. Doutor. silêncio.

Jairo: Excelência.

Juíza: pois não.

Jairo: Eu não compactuo com isso.

Juíza: Olha, eu já deixei muito claro que o senhor não tem nada a ver nada.

Jairo: Deus me livre.

Juíza: Nada. Tá?

Juíza: Podemos? já discutiram o que é fisiculturista, o que que é professor de educação física? o que que é treinador físico? já resolveram isso? Então vamos prosseguir. Prossegue, doutor, com a pergunta?

Juíza: o senhor aguarda a resposta ou vai continuar com a pergunta doutor?

Defesa: Eu vou prosseguir excelência. Obrigado.

Jairo: Doutor, olha só. Eu tinha ciúme da Monique assim como ela tinha ciúme de mim e eu tinha localizador no telefone dela assim como ela tinha no meu. Eu tinha ciúme dela assim como ela tinha ciúme de mim. Algo completamente normal, completamente natural. Se ela... se houve alguma força aqui de que tinha algum relacionamento abusivo isso daí não condiz com a realidade. Eu sempre respeitei a Monique, sempre tive Monique em alta consideração, sempre respeitei a família dela, a família dela sabe a maneira que ela tratava é... eu não, eu não, eu não acho que... que... o que a... que a... que a... conversa tem que descambar pra esse ponto

porque é o seguinte eu tinha tanto ciúme da Monique quanto ela tinha meu. Se eu reclamava que ela tinha algum é... *personal trainer* não reclamei, não. Se eu não reclamei. Se eu conversei com ela de alguma vez de algum episódio de ciúme de alguma coisa? Com certeza. Que algum rapaz ligou pra ela e tudo mais. Que eu conversei com ela, porque ela, porque quando nós fomos morar junto, ela já não tinha mais esse *personal trainer*. Aí eu vou te dizer, porque de repente ela se confundiu. Eu pedi a ela, eu não tenho vergonha nenhuma de falar isso, eu pedi a ela. É o seguinte, Monique, se você puder, por que que você não contrata uma *personal* mulher? Isso eu pedi. Isso é verdade.

Defesa: Tá.

Jairo: Quando eu comecei o relacionamento com ela, ela já não tinha mais o *personal*. Eu acho que isso é irrelevante, né?

Defesa: ta dizendo que a minha pergunta é irrelevante e o que ela colocou irrelevante?

Jairo: O que ela colocou irrelevante.

Defesa: Entendi. Ela também tenta fazer criar a esse juízo que o senhor dopava ela, né? Ela disse que certa feita é... percebeu que o senhor macerava comprimidos e a dopava. Isso é realidade? isso é uma fantasia? isso é uma forma...

Jairo: Doutor.

Defesa: E tentar ficar inconsciente no dia.

Jairo: Doutor, olha só.

Defesa: Com o Henry.

Jairo: Doutor é, o fato concreto é o seguinte: a Monique tomava Rivotril assim como eu tomava, era o único remédio que ela tomava. Ela tomava Rivotril.

Defesa: Aham.

Jairo: Também. de vez em quando ela tomava Rivotril.

Defesa: Uh hm.

Jairo: Mas d'eu macerar o... o comprimido pra ela não, nunca ela nunca nem falou isso comigo. Nunca teve essa conversa comigo. Ela me pedia de vez em quando porque eu tinha... eu como sou neurótico, eu tinha em casa o estoque dos remédios que eu usava. Dentre deles o Rivotril. E tinha a noite que ela falava assim: "eu estou com dificuldade de dormir". Principalmente as noites que o Henry não estava com a gente. E na... e ela... ao contrário deixa eu ver aqui a memória... a Monique tomava conta de tudo porque ela é assim. Ela é uma pessoa que toma

conta de tudo, ela se dá conta de tudo, dá conta de casa, dá conta do filho dá conta de mim, dava conta de tudo pro lado positivo, não estou falando pejorativamente, não. Eu estou falando no caso de que ela é uma supermulher. De vez em quando quem trazia os remédios e dava na minha mão era ela. Eu pedia: amor, remédio. Quando ela já não trazia os remédios. Ela trazia. Assim, assim, assim como ela fazia com todo com toda a casa. Ela que comandava a casa, comandava as empregadas, comandava babá. Comandava tudo. Ela que era a dona da casa, pô. Ela era a dona da casa.

Defesa: Era uma mulher autodeterminada.

Jairo: Sim pô. Todo mundo que conhece a Monique sabe disso.

Defesa: qual era a rotina dela? Acordava, ela tinha a ocupação dela, ela pegava um automóvel, ela ia até a um local de trabalho onde que ela trabalhava?

Jairo: Ela, ela começou a trabalhar, ela trabalhava numa escola que era uma escola municipal lá onde a gente morava em Bangu, né? Ela é diretora do colégio e se eu não me engano ela foi diretora mais nova da... da... eleita a Monique era muito altiva, inteligente ela foi... a Monique tem trinta e três anos de idade, fez trinta e quatro anos de idade. Ela foi diretora de escola mais nova que tinha. Com o esforço pessoal dela fez o terceiro grau na UFRJ eu acho com letras não é isso Dr? (Incompreensível) eu acho que é o Henry... eu... eu acho que... que a Monique era só motivo de orgulho pra família dela.

Defesa: Entendi. O que eu quero saber do senhor se ela era uma mulher autodeterminada como o senhor disse né? Se ela era uma mulher que sabia dos seus direitos se ela era uma mulher que se ela tivesse sentindo opressão de qualquer lado ela procuraria, ela procuraria os seus direitos, ela deixaria ser dominado, oprimida?

Jairo: Não, ela reagiria na hora. Mas assim, além de... de a nossa relação é... uma relação muito amistosa, muito verdadeira, doutor. A minha relação com a Monique é não tinha, não tinha tudo o que acontecia de problema com a gente, a gente falava um no rosto do outro. Eu tive problemas com ela? Lógico que eu tive problemas com ela, mas a gente sempre discutiu esses problemas e resolvemos.

Defesa: OK. Seu pai coronel da PM e ela, o tio coronel do bombeiro.

Jairo: Uhum.

Defesa: Tinha relação com tio, conversava com o tio, tinha liberdade o tio dela, não conhecia?

Jairo: Não conhecia o tio. Não.

Defesa: Que prestou depoimento aqui?

Jairo: Não, não conhecia. Não conhecia.

Defesa: Não conhecia. Mas tinha contato com o pai, com a mãe, com todo mundo.

Jairo: Com os familiares dela?

Defesa: É

Jairo: eu falei aqui do... do... do meu relacionamento com o senhor Fernando, com a dona Rosângela.

Defesa: Uhum.

Jairo: Está tudo bem. Ótimo.

Defesa: Sob controle. Uhum.

Jairo: O tio dela inclusive falou que se ela precisasse pagaria o advogado pra ela. E eu falei pra ela também.

Defesa: o tio coronel?

Jairo: é o tio coronel

Defesa: e o seguinte é no meio do caminho o coronel era morava ali no em Bangu também? é que eu não sou daqui.

Jairo: morava na Barra, na Barra.

Defesa: Mora na Barra da Tijuca. É. Perto dela ali também.

Jairo: É. Não e... e... e... assim, a Monique que determinava, teve um determinado momento que ela ficou meio desconfortável com o nosso primeiro advogado, eu falei pra ela se ela quisesse mudar, a gente mudaria.

Defesa: Ela disse que ela foi submetida e submissa, se entregou a treinamentos exaustivos do advogado, do doutor André e que ela era cotidiana e rotineiramente uma sessão, uma sabatina de três dias sendo assim quase que abduzida a falar o que ela falou na fase policial, cê assistiu?

Jairo: É ela... eu vou lhe ser sincero. Ela ficava mais no escritório do André do que eu. Ela ficava muito mais tempo lá. Se havia algum tipo de treinamento com certeza muitas conversas né? e assim como Monique ela é muito ativa... ela é muito ativa e ela também é muito determinada ela gosta de participar, de ajudar é... eu não eu... eu vou ser leviano em dizer pro senhor se não teve treinamento, ou não teve eu posso te dizer ao senhor o seguinte ela ficava muito mais tempo dentro do escritório do doutor André do que eu. Porque eu ia trabalhar, ia fazer as coisas e ela ficava lá dentro.

Defesa: E junto com o doutor André ela ia despona e própria, ela ia?

Jairo: várias vezes ela foi sozinha.

Defesa: ela ia coagida?

Jairo: não, óbvio que não.

Defesa: Isso não existiu?

Jairo: Não, óbvio que não. Tem câmeras lá onde o doutor André tem escritório, tem tudo isso?

Jairo: tem assim o que eu falei se o doutor quiser chamar o doutor André, é o... relacionar a Monique tem muito mais entrada nesse mês que... que... que o André ficou com a gente, entrada da Monique do que a minha entrada dentro do... ela chegou aí várias vezes sozinha.

Defesa: Ela tinha liberdade pra constituir outro advogado? Se caso ela quisesse?

Jairo: Sim toda e qualquer liberdade. Inclusive eu falava pra ela se você estiver desconfortável com o André a gente contrata outro advogado. Inclusive é dito por ela mesma o... o tio dela que é coronel do bombeiro falou que também... que pagaria um advogado caso ela estivesse desconfortável ela tinha então ela tinha duas possibilidades. Trocar de advogado caso ela quisesse pela minha parte que eu trocava se ela quisesse. Ainda tinha o tio que falou que trocava caso ela se quisesse também.

Defesa: Uhum. É quando... quando é eu vou conhecer aquele exame chamado de reprodução simulada é... eu vejo ali que encontra na geladeira é umas substâncias ali. O hormônio de crescimento, o famoso GH. Ela estava se tratando com GH?

Jairo: Não, eu não.

Defesa: ela estava se com GH?

Jairo: É, a Monique usava pra... pra fazer exercício. A Monique malhava é... com seriedade. Fazia o... é... levava a sério é... fazer exercício. Então ela fazia uso desse dessa medicação.

Defesa: GAF.

Jairo: GH. GH.

Defesa: Tomava testosterona, alguma coisa nesse sentido?

Jairo: Acho que não. Acho, acho que só o GH.

Defesa: Tinha algum acompanhamento médico pra ela proceder isso?

Jairo: Que ela me dissesse não. Pode ser que sim. Eu não controlava se ela ia, o médico que ela foi.

Defesa: O senhor falou GH.

Jairo: Testosterona não.

Defesa: o senhor falou do uso é... de medicamento, né? Por parte da... por parte da Monique. Ela também fazia uso de medicamentos controlados pra dormir.

Jairo: Isso que eu falei, ela... ela falou que... que fazia uso de Rivotril e começou a... a... e eu quando antes de eu estar com ela eu via ela usar algumas vezes e estando comigo quando o Henry estava com a gente, de vez em quando, ela tomava quase sempre quando o Henry não estava com a gente ela também tomava pra poder dormir.

Defesa: a despeito do... do ataque.

Jairo: Só o Rivotril.

Defesa: Tá.

Jairo: No resto da medicação era minha.

Defesa: É desconsidere que o ataque do... do advogado, mas a despeito disso ela mesmo fala que ela tinha acompanhamento de um *personal* e também de um preparador físico que era fisiculturista. Isso ela fala no depoimento dela. O senhor lembra disso aí?

Jairo: Eu lembro. Eu lembro só co... ela... ela tinha isso antes de estar, de morar comigo depois que morar comigo ela não fazia mais nada. Eles já não acompanhavam mais ela.

Defesa: Era só isso que eu queria saber justamente porque ela também coloca como se o senhor tivesse a proibido é de fazer treinamento.

Jairo: Não, porque ela já tinha... já tinha... ela já tinha... ela me falou que tinha um... um preparador físico, a única coisa que eu sugeri a ela se ela pudesse fazer com uma mulher. Foi isso. Eu acho que durante o tempo que nós ficamos ela não procurou ninguém pra poder fazer.

Defesa: Jairo, o Ministério Público aqui do estado do Rio de Janeiro ele acusa, o senhor especificamente do seguinte Ele diz que o motivo foi o seguinte, restou apurado que após subir para o apartamento o casal desejava assistir uma série na televisão e a criança apresentou dificuldades para dormir o que gerou uma sessão de agressões físicas por parte do denunciado Jairo Souza Santos Júnior vulgo doutor Jairinho contra a vítima. O que ele ocasionou as lesões já descritas em auto próprio, nos rins, pulmões, crânio, culminando com uma significativa laceração hepática que causou hemorragia interna. Além de diversas outras lesões corporais descritas no auto de exame cadavérico e no auto de exame cadavérico complementar. É o senhor nega esse fato?

Jairo: Absolutamente. Com certeza.

Defesa: Pergunto ao senhor, esse apartamento, como é que era esse apartamento ali na Barra?

Jairo: É, é impossível é... é... eu... eu... eu...

Defesa: tem vizinho?

Jairo: O doutor, eu acho que eu coloquei já muito bem essa questão do da chegada do Henry no hospital não tem nenhum contexto de violência. Inclusive os investigadores foram meus vizinhos, eu tinha vizinho em cima, embaixo, nas laterais e na... no silêncio na noite de domingo que é... o que é... que é... o que é bem silencioso e nenhum vizinho escutou nenhum barulho. Eu tive a oportunidade de... de ter acesso aos depoimentos dos vizinhos do Majestic nenhum dos seis vizinhos, nenhum dos seis vizinhos que fazem confronto com o meu apartamento, ouviu nenhum barulho na madrugada.

Defesa: E era justamente essa minha segunda pergunta. Eu indago o senhor justamente por eu não ser daqui e a região ali era um domingo, era um sábado pra domingo,

Jairo: domingo pra segunda.

Defesa: Domingo pra segunda. A partir de meia-noite, uma hora da manhã é silencioso ou é um movimento assim de intensidade.

Jairo: Bem silencioso.

Defesa: Bem silencioso. Só que pra mim, pra ficar claro, o... o apartamento é... é um por andar ou no mesmo andar tem quantos?

Jairo: No mesmo andar tem seis apartamentos. Fora de cima e o de baixo.

Defesa: Tá então, seis apartamentos fora o de cima e o de baixo. É estavam ocupados?

Jairo: Todos eles.

Defesa: Teve alguma reclamação?

Jairo: Não, a polícia foi até lá interrogar os vizinhos, notificaram e todos eles disseram que não escutou nenhum barulho.

Jairo: Mas a coisa que me solta mais aos olhos excelência é... é a coisa da admissão no hospital.

Defesa: eu ia perguntar o seguinte...

Jairo: pode falar. Não tem contexto de violência, contexto de violência é óbvio, ocular.

Defesa: Na época o senhor... o senhor... o senhor chegou a citar aqui, né? Que essa reprodução, né? Essa... essa reprodução simulada ali que deram nome nessa reprodução simulado, ela não foi feita no Hospital Barra D'Or.

Jairo: Não foi feita, eu acho que é a parte mais importante inclusive do... do que duma reprodução simulada que foi a parte do hospital, né?

Defesa: Uhum

Jairo: eu por isso que eu pedi tantas imagens e assim acho que contextualizei bem pro senhor o que... que eu... o que que eu acho a respeito da... da captura dessa imagem é impossível um hospital da qualidade do Barra D'Or não ter é... essas imagens salvas né? Haja vista até a ordem da... e a gente pediu até errado né? Porque eu acho que devia ter pedido pro... pra empresa que que toma conta do... do... do monitoramento, na busca e apreensão. Não sei, porque com certeza hoje em dia tudo é guardado na nuvem, né? Seria super esclarecedor.

Defesa: o doutor Renan vai prosseguindo as reperguntas, depois eu... eu vou fazer alguns complementos, tá OK? Doutor Renan!

Dr. Renan: então, Boa tarde Jairo.

Jairo: Boa tarde.

Dr. Renan: Boa tarde. Além do que o doutor Dalledone já estava mencionando o Ministério Público do estado do Rio de Janeiro em maio de dois mil e vinte formula uma hipótese acusatória e distribui a doutora Elizabeth. Nessa hipótese doutor Jairo são imputadas contra o senhor quatro tipos penais. Quatro crimes. O primeiro deles doutor Jairo se refere ao homicídio.

Jairo: É, eu posso até mal com isso cara.

Dr. Renan: Espere, espere eu perguntar. Primeiro deles seu Jairo se refere a um homicídio com três qualificadoras. Qualificadoras nada mais é do que uma do que causas de aumento de pena. E segundo essa hipótese acusatória oferecido em juízo em maio de dois mil e vinte e um entre as vinte e três horas e trinta minutos e às três horas e trinta minutos do dia oito, ou seja, na madrugada do dia sete para o dia oito de março o senhor teria dentro do seu apartamento cometido vinte e três lesões externas no corpo do Henry. Segundo essa hipótese ainda senhor Jairo, o motivo dessas agressões teria sido porque a criança, senhor Henry, menino Henry atrapalhava a relação sua com a de Monique. O senhor já respondeu às perguntas?

Jairo: Nunca atrapalhou.

Dr. Renan: Da doutora Flávia. O senhor viajava com o menino Henry?

Jairo: Sim, viajou conosco por duas vezes tranquilamente comigo, numa boa. Eu acabei de falar que como ele me recebeu em casa, deu um pu... me deu um beijo descrito pelas... pelas

funcionárias o outro episódio ele ficou o dia inteiro com o pai foi pra psicóloga não tem, não existe isso.

Dr. Renan: Ele atrapalhava em alguma, alguma, razão o teu relacionamento?

Jairo: de jeito algum.

Juíza: doutor, com licença. É talvez o senhor não tenha se apercebido, mas esse relato foi substituído por outro relato. Não aditamento já recebido.

Dr. Renan: Isso excelência, mas é que eu estou no primeiro momento ainda.

Juíza: Mas esse primeiro momento acabou porque ele substituiu essa narrativa por outra no aditamento.

Dr. Renan: foi oferecido em juízo por isso que eu estou perguntando a ele.

Juíza: Sim, mas isso não vigora mais.

Dr. Renan: Perfeito.

Jairo: Eles tiram, eles tiraram o... o dólar, tirou a tortura.

Dr. Renan: Perfeito. Sustenta ainda o Ministério Público que o meio dessas agressões teria sido cruel que o senhor teria infringido intenso sofrimento físico dentro do apartamento utilizando-se de uma de uma brutalidade fora do comum.

Jairo: Mas isso foi... mas isso foi exaurido pelo próprio perito Tauil que falou que de maneira nenhuma, de jeito nenhum isso já está, já... já não existe mais.

Dr. Renan: Além do perito Tauil do assistente técnico Sami

Jairo: aqui o senhor me permita por favor, desculpa.

Dr. Renan: Excluindo essa prova material, eu lhe pergunto, o síndico lá do Majestic foi oficiado pra oferecer as imagens lá do prédio. O síndico em alguma oportunidade mencionou algum tipo de agressão no livro de ocorrências lá do Majestic tinha alguma reclamação de...

Jairo: jamais, jamais, ah aab... nossa casa é absolutamente silenciosa.

Dr. Renan: os funcionários lá do Majestic, as pessoas que trabalhavam lá no prédio também foram oficiadas pelo delegado. Pelo doutor Damasceno. Pediram uma lista de funcionários do prédio. Esses funcionários em alguma oportunidade mencionaram qualquer tipo de barulho estranho. De conduta inadequada, do seu apartamento?

Jairo: Não senhor, ainda mais o que eu disse aqui pro senhor, eu tratava, eu trato desde o porteiro até o prefeito da cidade de maneira igual e a minha casa absolutamente silenciosa.

Dr. Renan: muito embora o senhor não tenha sido denunciado, isso não consta no processo, eu preciso lhe perguntar, nós temos depoimentos de vizinhos que foram lá, lá no delegado de polícia e falaram “eu estava em casa”, “eu estava dormindo” e “eu não escutei nada”, o senhor que pediu pra esses vizinhos irem até o delegado, pedir pra eles mentirem pra te ajudar?

Jairo: Esses vizinhos eu nem conhecia.

Dr. Renan: Continua. Estamos ainda no dia oito de março de dois mil e vinte e um. Você na época com quarenta e três anos de idade, correto?

Jairo: Correto.

Dr. Renan: No dia oito de março Jairo naquele domingo pra segunda-feira você pai de três filhos correto?

Jairo: Correto.

06:35:07 Cinco mandatos, mandatos como vereador do município do estado do Rio de Janeiro em exercício. É isso?

Jairo: Sim, senhor.

Dr. Renan: Sem nenhum antecedente criminal?

Jairo: eu nunca nem tinha, nunca entrei, não sei nem como é que era uma delegacia por dentro.

Dr. Renan: Sem nenhum processo criminal portanto.

Jairo: Nenhum, zerado.

Dr. Renan: Sem pisar numa delegacia de polícia.

Jairo: Nunca pisei.

Dr. Renan: No dia oito de março estamos lá naquele dia.

Jairo: Nunca pisei até então. Primeira vez que eu fui na delegacia fui prestar o depoimento. Que eu entrei numa delegacia. Nunca tinha entrado em nenhuma outra.

Dr. Renan: Hoje seu Jairo o senhor responde essa acusação. que tá sendo aqui hora debatida, hora instruída e mais quatro outras ações penais. O senhor tem conhecimento disso?

Jairo: Sim senhor.

Dr. Renan: O senhor tem conhecimento que o senhor tá sendo acusado também e uma tortura ocorrida em dois mil e onze que veio surgir só depois do dia oito de março de dois mil e vinte e um até então nada se falava, nada se dizia, ninguém registrou absolutamente nada.

Jairo: Sim senhor. Tenho conhecimento, mas sobre... sobre isso eu tenho provas incontestes de que isso é não é, absolutamente, não tem nada a ver com a verdade. Tem conhecimento, mas acho que se a gente adiantar isso aqui não é legal.

Dr. Renan: É importante pra nós traçarmos uma nuvem se formou o senhor respondendo a minha pergunta.

Jairo: é, mas quando, mas quando nós resolvemos esse também vai ser bom pra gente.

Dr. Renan: o senhor respondendo à doutora Flávia o senhor diz o seguinte que no dia dezoito de março de dois mil e vinte e um a nuvem negra começou a se formar. O senhor lembra?

Jairo: Foi exatamente esse dia, foi dezoito de março. Até lá estava tudo bem.

Dr. Renan: Pois bem, é nisso que eu gostaria de traçar essa cronologia chegando até o dia dezoito de março pra ver como que a chave virou o senhor me compreende?

Jairo: Agora sim.

Dr. Renan: Pois bem, estamos no dia oito de março de dois mil e vinte e um o senhor sai do apartamento Slide número três, Letícia, por gentileza. O senhor sai do apartamento e essas imagens foram fornecidas pelo síndico do condomínio.

Jairo: É, e o delegado omitiu porque ali iu... iu... iu... esqueceu de combinar com perito porque tinha parte do abdômen do meu enteado não tinha lesão e nem o rostinho dele.

Dr. Renan: Essas imagens...

Jairo: essa imagem são muito triste, doutor.

Dr. Renan: eu compreendo, mas isso é o seu momento. Esse é o momento da sua

Jairo: mas eu não eu acho legal.

Dr. Renan: Pode, pode passar, eu vou fazer perguntas sobre essa imagem. Senhor Jairo, lendo o inquérito policial e lendo a ação penal. Eu não encontro essas imagens.

Jairo: eu não acho legal, como é que é? Desculpa, pois não.

Dr. Renan: Lendo o inquérito policial lendo ação penal eu advogado defesa eu não encontro essa imagem juntada logo nos primeiros dias ali no apuratório do doutor Damasceno elas demoraram pra surgir elas demoraram pra aparecer....

Jairo: Memoraram ficou, a gente só teve a noção disso depois bem depois ele escondeu as imagens. O que era bom pra gente ele escondeu o que era ruim ele deu luz. Por isso que eu conheci por isso que eu peço, peço vênha desculpa pelo amor de Deus. Pedi aqui pra Vossa

Excelência, doutora Elizabeth, doutor Fábio que me ajude, é eu não tenho força sozinho pra poder fazer, buscar a verdade, eu não tenho doutor Fábio, não consigo, sozinho eu não consigo.

Dr. Renan: Muito se ventilou.

Jairo: Não consegue.

Dr. Renan: Inclusive hoje foi objeto de pergunta que o senhor teria levado mais do que o necessário pra chegar no hospital. Primeira indagação que eu faço. O senhor tem conhecimento se essas câmeras foram enviadas ao instituto de perícias pra ver se aquele horário que consta lá no topo estava correto?

Jairo: Não, não tenho conhecimento, não.

Dr. Renan: Pois bem, o senhor entra no seu veículo e vai às pressas pro Hospital Barra D'Or, correto?

Jairo: Desesperadamente.

Dr. Renan: Letícia, prontuário, por gentileza. Pode. Ficou um efeito errado ali, mas, pois bem, pode voltar, Letícia. Três horas e cinquenta segundo o prontuário. Volta, Letícia. Aí. Pode colocar, passar. Três e cinquenta por favor. Três e cinco. Pode deixar aquela tela Letícia. Três e cinquenta segundo prontuário juntado pelo hospital. Está dizendo que a criança deu entrada nos serviços de emergência pediátrica aproximadamente às três horas e cinquenta minutos em parada cardiorrespiratória. Essa diferença de horário o senhor não consegue dizer se foi três e cinquenta, quatro e nove, isso

Jairo: é, foi o que eu disse pro pra doutora juíza, né? É a referência do hospital pode ser uma do Majestic pode ser outro, os horário pode não coincidir.

Dr. Renan: pois bem.

Jairo: Mas tem que levar em consideração o horário do Barra D'Or e o tempo que ele que foi realizado que as coisas foram realizadas. Se a gente estiver com um balizamento a imagem do... do Majestic tem que ser as coisas que aconteceram dentro do Majestic. Dentro do hospital com os horários que aconteceu dentro do hospital. Porque pode ser que tenha uma diferença de horário entre um lugar e outro, né? Na minha opinião.

Dr. Renan: E é exatamente sobre essa diferença que eu ia te perguntar. Por que no corpo do prontuário está dizendo que a criança. Chegou às três horas e cinquenta. Lá na etiqueta lá em cima oh, nome Henry Borel já tem a idade do menino. Ali tá dizendo o horário das quatro horas e trinta e nove minutos. Então tem dois horários distintos no próprio prontuário, é isso?

Jairo: É. Pelo que a gente tá lendo sim.

Dr. Renan: E o do elevador seria já um terceiro horário?

Jairo: Sim, senhor.

Dr. Renan: Pois bem. Continua aqui o prontuário seu Jairo. Que é sobre esses pontos que eu gostaria de indagar?

Jairo: Hum.

Dr. Renan: que a médica quando recebe o Henry lá no Barra D'Or ela diz que imediatamente após a chegada do Henry ele foi acomodado no leito e iniciado manobras de ressuscitação. O senhor já tava lá dentro do hospital quando isso começou a acontecer?

Jairo: Eu já devia tá entrando, né?

Dr. Renan: o senhor verificou se o corpo do menino Henry foi colocado sob uma maca rígida daquelas hospitalares?

Jairo: Henry o nome dele.

Dr. Renan: Henry.

Jairo: É sim. Você vai fazer massagem cardiorrespiratória? A maca é mole. Você bota embaixo uma prancha. Os bombeiros normalmente usa de madeira, dentro do hospital normalmente ela é metálica. né? E aí você tem no dorso as... as marcas da massagem cardiorrespiratória.

06:42:31

Dr. Renan: Segundo o que o senhor já respondeu dizendo que verificou também acessos venosos sendo realizados, o prontuário, não sei se o senhor tinha conhecimento, ele também diz isso, realizado tentativas de punção venosa nos membros superiores.

Jairo: nos dois.

Dr. Renan: no direito superior e braço esquerdo. O senhor viu isso também acontecer.

Jairo: eu vi, tanto, tanto, tanta excelência, tanto, tanto no eu vi os acessos tanto no... no... no perto da mão quanto perto do braço. Isso eu e sua médica eu vi, eu presenciei tentando acesso no... perto da mão e perto nos meus membros superiores e na parte de cima e na parte de baixo na parte de baixo e na parte de cima.

Dr. Renan: Parte de baixo membros inferiores?

Jairo: Não. Ah. Aqui. Do punho e no cotovelo. Pra ser mais explícito.

Dr. Renan: Também o prontuário diz que teve acesso na região da jugular.

Jairo: Nas duas...

Dr. Renan: nas duas.

Jairo: É uma sem sucesso, outra com sucesso.

Dr. Renan: É isso foi escrito ali e o senhor viu também lá no hospital.

Jairo: Vi. Inclusive essa é uma dos... dos sinais vitais porque é impossível uma hemorragia maciça dentro do apartamento é... doutora é assim isso é uma das contradições que... que... que apareceram que também é... é... de suma importância ele fala em hemorragia maciça ele fala que sangrou dentro do apartamento até o falecimento. Hemorragia maciça ele falou que em quatro horas sangra. Sendo que quando foi feita a punção na jugular esquerda ou direita teve um hematoma enorme. Quando você tem um hematoma é obrigatoriamente tem que estar circulando no corpo por volta de oitenta ou noventa por cento de sangue. Então essa hemorragia maciça que diz que aconteceu nesse apartamento cai por terra quando nós vemos a... a equimose na jugular. Entendeu?

Juíza: Entendi.

Dr. Renan: que o senhor tá nos falando como também o doutor Sami já falou é que esses acessos pretórios tem sinais vitais...

Jairo: obrigatoriamente sinais vitais é... e... e... e porque o seguinte o... eu não sei se o doutor Sami que teve a oportunidade de... de... de falar quando nós realizamos massagem cardiorrespiratória o objetivo é salvar os órgãos mais nobre encéfalo, pulmão, coração e você imprime um débito um débito de sangue, cerca de... de trinta por cento do... do que o corpo demanda, né? Quando nós vemos dentro do hospital a médica é fazendo a... a punção na jugular e tem extravasamento de sangue daquela natureza, ou seja, o sangue não tava indo só pro pulmão, pro coração e pro encéfalo. O sangue tava indo pra periferia, né? É sinal vital.

Dr. Renan: e sinal vital significa que foi produzido com vida, é isso?

Jairo: Com vida.

Dr. Renan: Perfeito. Continua ainda o prontuário trazendo um quarto horário, doutor Jairo, que às quatro horas e vinte e nove teria sido realizado a intubação ouro traqueal. O senhor também junto com o Leniel, a senhora Monique, presenciaram esse procedimento.

Jairo: presenciamos e foi o que eu falei, aí ah é impossível eles acharem que assim eu... eu já vi que pessoas chegarem no hospital, excelência... excelência é, doutor Fábio eu já vi... eu já vi pessoas chegando no hospital que vieram conversando no carro, conversando no carro e teve um ataque do coração. Eu vou falar de maneira bem leiga. E na hora que entrou no hospital pra

gente atender a gente já detectou a morte. Quando nós detectamos a morte aconteceu isso com... com... com o senhor e uma senhora. Mas ela tava conversando comigo tem dez minutos. Mas senhor ela faleceu. Mas a gente não vai tentar nada senhor. Ele faleceu. Obviamente que com criança mesmo ele tendo muito mal é muito mais é descrito na literatura que você tenta além, um pouquinho além do limite, isso é verdade, mas não da maneira que foi feita, né? É e inclusive intubação ouro traqueal quarenta minutos depois da chegada no hospital.

Dr. Renan: Nesse momento da intubação o seu pai

Jairo: se... se... se... se tivesse feito um por exemplo é isso aí de fala muito contra a denúncia e aí a denúncia fala em hemorragia maciça hemorragia maciça dentro do apartamento e a lesão que o perito descreve, a lesão grau dois, impossível de acontecer uma, é impossível, lesão grau dois, impossível de ter hemorragia maciça no fígado e o perito descreve lesão grau dois, um a dois centímetros, isso é impossível e aí essa lesão um é... é... às quatro e vinte e nove se tivesse essa... eu inclusive, se tivesse essa esse tipo de... de... de lesão dessa que não teve, hoje a gente sabe que não teve essa hemorragia maciça, principalmente pelas características da... da... da própria descrição feita pelo doutor Tauil. Assim o... o doutor Renan, doutor, assim excelências, assim eu não estou, não sei se eu estou sendo enfadonho, mas a gente tá partindo de um pressuposto que o laudo é idôneo. A gente sabe hoje que o através do daquele raio X que o legista não viu o corpo, né? A gente tá pelo princípio aqui da... de... da... da eventualidade que a gente tá levando em consideração que o que ele escreveu é verdade.

Dr. Renan: Por enquanto nós estamos ainda no prontuário médico do Barra D'Or.

Jairo: sim, senhor.

Dr. Renan: Doutora Leticia...

Jairo: não, mas porque fala de hemorragia maciça né? Hemorragia maciça jamais causaria, causaria é... equimose.

Dr. Renan: Logo após manobras cardíacas com ambu com aquela bexiga.

Jairo: É porque eu assim que... assim que chega é... é que está mais a mão é o ambu e aí que eu vi que eu falei que o... que eu, que eu tenho certeza absoluta né? Eu não posso, não podia ter falado aos auxiliares de enfermagem, mas eu tenho certeza absoluta que eu ambu foi feito pelo enfermeiro maior que da... da enfermagem de adulto ele começou a abusar.

Dr. Renan: o senhor disse que teria enfermeiros da... da... da sessão adulta. O senhor sabe nos dizer mais ou menos quantas pessoas estavam ali é... fazendo essas manobras, revezando. Um

dez pessoas em torno do leito é realmente uma criança chegar num hospital grave e chamaram todo mundo que podiam. Hoje nós sabemos que a maioria é auxiliar de enfermagem, mas mais ou menos fazendo revezamento ali em torno de seis...

Dr. Renan: Seis pessoas.

Jairo: Seis pessoas.

Dr. Renan: E tudo isso o senhor, a Monique, Leniel, seu pai.

Jairo: Eu, primeiro eu, Monique, Leniel, presenciamos, o meu pai foi quase no finalzinho.

Dr. Renan: Mas vem cá, o Leniel, como que ele chega até o hospital? A Monique liga pra ele?

Jairo: Eu peço pra Monique ligar pra ele depois de meia hora de atendimento e aí eu falo oh eu... tá grave e tem que chamar o pai. Chama o pai porque é importante ele ta aqui com a gente.

Dr. Renan: E desde esse primeiro

Jairo: ligando meia hora depois o Leniel ainda assiste uns sessenta minutos de massagem cardíaca.

Dr. Renan: E desde esse primeiro momento lá no hospital o Leniel já chega com amigo dele o senhor Sigmar?

Jairo: Sim, é eu não sei se chegou no mesmo carro, mas chegaram no mesmo momento de repente combinaram chegar, não sei se foi no mesmo carro.

Dr. Renan: tá ótimo. Doutora, Letícia por gentileza. Ali é só um exemplo que não, não precisa doutora Letícia as lesões pumpitórias descritas no prontuário foram essas que o senhor visualizou in loco lá no Hospital Barra D'Or?

Jairo: conquítórias sim né? E as do rosto foram feita também pelo ambu.

Dr. Renan: Isso que eu ia lhe perguntar. Essas lesões no rosto que depois aparecem nas fotografias juntadas em abril de dois mil e vinte e um foram produzidas lá dentro do hospital?

Jairo: Com certeza, pô! E aí tanto é assim que as médicas receberam ele absolutamente nenhuma lesão. Eu fiz esse exercício com a doutora Elizabeth, fiz esse exercício com o doutor Fábio e fiz esse exercício com a doutora Bianca. De que jamais, em momento algum, inclusive pedi pra doutora Elizabeth pedi pra algum policial aqui que os cercam que estão hospital público quando uma criança chega com qualquer tipo de lesão qual é a... a... a repercussão disso dentro do hospital? Qualquer arranhãozinho, qualquer arrochozinho é motivo pra se chamar a polícia e se chamar o conselho tutorial no mínimo. Então com certeza. Com certeza. Pode ser que alguma em alguma proeminência óssea aí pode ter tido alguma equimose que não seja dada

referente referida dentro do hospital. Mas a sua grande maioria sim. Inclusive tem mais lesão no esquema esquemático mesmo após a as fotos sendo apócrifas, ou seja, a gente teria que saber é... qual é a origem dessa foto tem mais lesão no esquema de... de lesão do que na própria foto. Ou seja, é eu acredito que quem tenha feito esse esquema de lesão tenha feito sem as fotos porque se tivesse olhado as fotos tinha menos, teria lesões, tá errado, tá diferente.

Dr. Renan: Doutor Jairo, mas o Ministério Público aqui do estado do Rio de Janeiro está dizendo que todas aquelas lesões ali daquele diagrama, as vinte e três foi o senhor que produziu.

Jairo: E é isso que eu pedi pra Vossa Excelência, eu pedi pros produtores das... das grandes emissoras eu pedi pros blogs, eu pedi pra grande mídia, eu pedi pra todo mundo, eu pedi pelo amor de Deus, parem com isso, isso não aconteceu, vinte e três lesões. Isso aí nunca aconteceu, isso não tá dito nem pelos médicos, nem pela... pelo... pelo hospital, isso nos é dito por ninguém. Isso aí é absolutamente fantasioso, isso não existe. Eles não param de fazer isso. Eu passo mal dentro da... de dentro da cadeia quando acontece isso. O meu filho de nove anos estava vomitando. A minha filha está em depressão. Eu vou ter netos, eu vou ter, a Monique tá vendo isso também dentro da casa dela. Pelo amor de Deus isso não aconteceu. Por favor isso aí não aconteceu. É assim é... isso está claro como isso é transparente. Pelo menos isso. Porque isso até o perito diz. A gente está aqui discutindo a perícia. Mas até isso o perito diz que não tem vinte e três lesões. Essa insistência eu não sei da onde vem. Isso aí é algo assim surreal, absurdo. Pô, eu peço por favor que isso, tá pode... pode ser alguma coisa que tenha pouca relevância pra quem faz a produção dos programas, mas tem muita relevância pra minha família, pra família da Monique. Nós estamos, nós estamos ficando doentes. Eu não desejo isso pra ninguém. Nós estamos ficando doente. Isso vai causar algum câncer na pessoa, vai causar doença é depressiva. Vai causar, isso aqui está dando doença pra nossa família. É algo que absolutamente eu não tenho culpa eu não fiz nada disso, pelo amor de Deus pô.

Dr. Renan: Jairo me perdoe até pelas re...perguntas mas esse é o seu momento é o seu interrogatório o senhor está há quatorze meses preso essa é a sua última oportunidade de falar nessa fase do rito escalonado do tribunal do júri. Então eu que mesmo pra você pode lhe parecer obvias.

Jairo: Eu tenho fé em Deus.

Dr. Renan: Doutora Letícia. Aquela outra lesão que ficou na sua conta.

Jairo: não, não é.

Dr. Renan: No hospital?

Jairo: não, é essa denúncia, é justamente aquilo que eu falei ó. Essa... essa... essa lesão é mais uma lesão hemorragia maciça dentro do apartamento, sangrou de tanta... tantas horas, quatro horas, avulsão hepática, impossível. A denúncia ela já começa é... é uma denúncia impossível. Porque se tivesse uma hemorragia maciça dentro do apartamento jamais produziria aquela lesão com aquela equimose, aquela lesão com aquela equimose desrespeita a uma lesão com circulação de sangue com no mínimo oitenta por cento pelo corpo. Então a coisa da hemorragia maciça e o horário que eles definiram é completamente, é anômalo. Isso é completamente débil. Não existe esse horário. Esse horário que colocaram é um horário inventado. Porque primeiro que esse horário não tem nada a ver com a lesão que o próprio período descreve. Que é uma lesão grau dois. Esse horário não é compatível, é compatível com hemorragia maciça. Esse horário é um horário que se ele estivesse desse jeito não teria produzido as equimoses é... é no hospital muito menos teria cadavérico que... que... que foi posto. Tá tudo errado.

Dr. Renan: Pois bem...

Jairo: tá tudo errado.

Dr. Renan: Só finalizar o diagrama ali, doutora Letícia. Todas essas lesões colocadas e infografadas ali com o vermelho segundo o próprio prontuário foram produzidas dentro do Barra D'Or e ficaram na sua conta. O senhor tinha conhecimento disso?

Jairo: sim, isso que eu estou pedindo aqui, pelo amor de Deus, pelo menos ler a gente que tá contestando a perícia, mas pelo menos leia o que é um perito disso que nem isso o perito disso.

Dr. Renan: Pode ir acelerar um pouco doutora...

Jairo: Eu sou pai de três filhos. Eu tenho três filhos, eu não posso ta passando por isso. É muito injusto eu ta passando por isso.

Dr. Renan: Volta só uma... uma tela ali doutora Leticia. essas três aqui na face no diagrama.

Jairo: Pesadelo isso.

Dr. Renan: Foram produzidas também em decorrência daquele procedimento. que fora realizado dentro do Barra D'Or?

Jairo: Doutor Renan, se o senhor reparar está até errado porque eles pegaram ali um algum tipo de programa de computador e a lesão que era mais pra baixo nas fotos, ele mora mais pra cima. Ele tem uma lesão ali em cima do cílio, ali em cima do nariz. E uma e uma lesão que não existe

nem nas fotos. E essa lesão que existe nas fotos foi produzida pelo ambu e que na verdade é correspondente do... do feito no laudo de reprodução tá... tá inclusive tá no lugar errado.

Dr. Renan: Entendi. Pode passar doutora Letícia. Pode passar finalizando o prontuário. Felizmente pode... pode passar. Aí só completa a as lesões por gentileza. Retorna, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Sete já estavam dentro do prontuário do Barra D'Or dizendo que foram produzidas lá no Barra D'Or. Só que na imprensa e na denúncia ficaram na tua conta. O senhor tinha conhecimento disso?

Jairo: sim, mas eu já pedi eu tenho certeza que todo mundo já entendeu.

Dr. Renan: Dr. Letícia depois ainda dentro desse prontuário doutor Jairo, as médicas apontam sinais vitais. É isso que o senhor estava respondendo pela doutora Flávia.

Jairo: Foi. Oxigenação, Glasgow três e temperatura trinta e quatro graus.

Dr. Renan: E isso tá dentro do prontuário do próprio Barra D'Or.

Jairo: Sim, senhor.

Dr. Renan: as médicas e as enfermeiras colocam esses sinais como vitais, sinais de vida.

Jairo: É tem que ter até impressão no computador se por acaso eles disserem que também perdeu, né? Porque isso aí é com a gente consegue tirar o extrato se dá o computador consegue dar o extrato disso aí na hora que foi preenchido.

Dr. Renan: O óbito é constatado às cinco horas e quarenta e dois, isso tá no prontuário, isso tá no termo de declaração do próprio Leniel que tava lá no hospital e esse corpo vai pro Instituto Médico Legal, necrotério, correto?

Jairo: Não, essa é a questão enfática que eu pedi ajuda de... da... das vossas excelências que por volta de seis da manhã as médicas vêm prestar solidariedade a mim, Leniel e a Monique a respeito do óbito. E ninguém que leva uma criança com lesão violenta as médicas vão prestar solidariedade. E é por isso que eu disse, por isso que eu que eu trouxe um exercício de lógica aqui pro pro tribunal.

Dr. Renan: Próximo slide do orifício. Mais um. Nesse termo de encaminhamento, doutor Jairo, as médicas elas precisam preencher a causa da morte. E elas colocam ali como improvável.

Jairo: Indefinida, né?

Dr. Renan: Indefinida, perdão.

Jairo: É, quando você não tem causa da morte vai indefinida, né? Normal isso. Por aí tem que ir pro IML.

Dr. Renan: Então até o momento da saída do corpo do... do... do Henry do... do... do Henry do Barra D'Or até a ida pro Instituto Médico Legal Ninguém acusava o senhor de ser homicida e torturador.

Jairo: Não, porque isso é uma questão ocular óbvia. Isso é caro como sol. Você olha uma criança machucada, você sabe que está machucado e ninguém viu isso. Isso é óbvio.

Dr. Renan: Pode passar a doutora Letícia. Vem o primeiro laudo de necropsia, ele é feito no dia oito de março de dois mil e vinte e um. E o perito diz uma série de questões dentro desse laudo, doutor Jairo.

Jairo: É, está me fazendo muito mal isso aí, doutor.

Dr. Renan: Gostaria de não ver mais esse documento.

Jairo: pode fazer, mas tudo isso me faz muito mal. É eu... eu... eu, é surreal o que eu estou passando aqui dentro. Eu nunca imaginei passar por essa situação.

Dr. Renan: Só retorno o slide quando o senhor diz que o colapso do raio X constatado pelas médicas constantes no raio X ele não poderia ser uma contusão? Seria nesse aspecto.

Jairo: É. e aqui doutor Fábio é aqui que eu mostro o que eu falei pro senhor e pra sua doutora Elizabeth. Chegou o ponto que eu onde que eu queria. Agora está aí a... a prova de que eu não deveria estar aqui. Aí a prova inconteste. Se o senhor puder...

Jairo: eu não, eu posso levantar doutora?

Juíza: Não adianta falar sem estar no microfone.

Dr. Renan: Não eu vou dar o microfone aqui só passa a próxima imagem doutora Leticia.

Jairo: Por favor volta. Essa é a prova inconteste. Presença de trauma, contusão pulmonar, principalmente a direita. Os pulmões exibem áreas de contusão. E mais, ele define aqui, ó que aos cortes dão saída de... de líquido avermelhado e espumoso. Ou seja, ele além dele constatar o pulmão, além dele constatar que o pulmão estava contundido, ou seja o pulmão estava espancado ele falou que ele cortou o pulmão ou seja, não dava nem pra ele falar que não viu, ele cortou o pulmão e fala que aos cortes vocês... vocês só sublinharam essa parte aqui do... do... contusão pulmonar, principalmente à direita e pulmões exibem áreas de contusão. Isso daí é uma coisa de sublinhado que os cortes vão ser de líquido avermelhado. Ou seja, ele detalha ainda mais. Além dele falar que o pulmão estava é... é... contundido normal todo preenchido, mas contundido ele ainda fala o seguinte, eu peguei o pulmão, retirei, cortei e quando eu cortei ele dava saída de líquido avermelhado espumoso. Então ele não dá pra ele falar que ele não viu

o pulmão. Porque ele além dele... dele... dele... eu estou assim, doutora nervoso, a senhora me perdoa porque aqui é prova da minha inocência.

Jairo: Aqui é a prova que eu não fiz isso aqui, eu... eu vou mostrar pros meus filhos e pros meus netos. Eu é assim, surreal estar aqui nesse lugar. É... é... é... Eu não acredito que isso está acontecendo na minha vida. E aqui está aqui pudesse vir aqui dentro o mesmo com frio tô arrepiado. Presença de líquido avermelhado no... no espumoso, ele corta o pulmão. Então o pulmão que ele que estava colapsado ele fala que ele viu o pulmão, além de falar que ele viu o pulmão, ele não fala que só não viu o pulmão, ele tira o pulmão ou ele corta o pulmão? Não dá. Ou é uma coisa ou outra. Aquilo que eu falei pra senhora é o impossível. Isso daí é o impossível. Passa o... o... o... o outro e aí que que eu falei ó onde tá preto, onde tá preto se tivesse pulmão preenchido estaria mais claro tamanha é o pneumotórax que ele empurra o coração pro outro lado. Então esse pulmão está colapsado e o segundo o perito Tauil essa área preta tá toda preenchida. Então impossível. Aqui nós temos um retrato de que a perícia é uma perícia falsa. Ali tá elucidativo ali que mostra ali o empurrando o mediastino pra lá. Inclusive, inclusive doutor naquela primeira, naquela primeira na... porque que eu pedi pra vim a... a imagem do... o segundo raio X que não veio da busca e apreensão. Porque caso tenha furado o esôfago na sonda nasogástrica, caso tenha furado esôfago, quando a sonda nasogástrica é quando ela não... porque a... a enfermeira...

Jairo: Eliane Scheneider, ela fala que ela tentou passar a sonda nasogástrica. Tem duas opções: dela não ter passado direito, ou ela encontrou um objeto, um uma bala, uma moeda, alguma coisa que a criança engole ou ela entrou com muita vontade de fazer muito rápido, isso é uma hiatrogenia. Isso não é crime, mas acontece no ambiente hospitalar. Ela pode ter furado o esôfago e o esôfago... e aí nesse momento o ar entra todo pra dentro da cavidade, causa o pneumotórax, empurra o... o... o pulmão pro lado direito, inclusive tem dentro a... o... imagem mostra, por isso que eu falo que o radiologista é importante, um desvio de mediastino e quando você tem um desvio de mediastino você empurra o coração pro lado e o coração ele tem vasos, ele tem artérias. quando você empurra o coração pro lado essas... essas artérias elas fecham e elas podem ser uma causa de morte entendeu? E isso aqui também descrito ali ó desvio medicinal é o que está naquela imagem ali o qual no exame de necropsia tá como... volta o... o slide. Contusão pulmonar exibindo aos cortes e dão saída de líquido avermelhado mostrando

que além... além dele não ver o pulmão ele fala que cortou o pulmão. Desviei o pulmão ele fala que cortou o pulmão.

Dr. Renan: Doutor Jairo além da imagem do raio X falar por si só as próprias médicas do Hospital Barra Dor descreve ali

Jairo: ó eu vou eu vou é a pneumotórax, eu vou, vou me arriscar aqui uma coisa aqui que eu... eu não quero ser leviano e não quero é, é aqui ensejar nenhum tipo de.. de... de assim, mas eu peço socorro. Eu peço socorro pros senhores. Eu peço socorro pros senhores. Eu tenho certeza que o doutor Leonardo Tauil sabe ler esse... esse raio X. Eu tenho certeza que ele sabe ler esse raio X. Eu não sei se o dia que ele... eu não sei se daqui... no dia ele não ficou nervoso, não deixou de ficar. Porque uma imagem dessa é... mostra que ele está botando na cadeia durante quatorze meses um inocente. É simples assim doutora. Eu posso lhe assegurar pela liberdade do... pelo... pela felicidade dos meus filhos pela... vida dos meus filhos, pela vida dos meus filhos. Doutor Fábio, pelas vidas dos meus filhos. Eu lhe asseguro que ele se soubesse, eu acredito que sabe que aquilo ali é prova da minha inocência. Ele... ele sabe que o que... o que ele cometeu aqui foi crime.

Dr. Renan: Não, estou numa linha de raciocínio depois ao final se eu achar conveniente se o senhor entender, eu preciso seguir meu raciocínio excelência por gentileza. Doutor Jairo aqui ainda nesse raio X o senhor consegue verificar uns fios e presilhas. Na parte superior ao lado do pescoço lá ó, lá em cima. Sim? O senhor sabe nos desinformar o que que era isso? Você que esteve lá no Barra D'Or e viu que que estava sendo feito, qual o procedimento estava sendo adotado?

Jairo: Ah deve ter sido monitoramento, monitoramento. Isso é um monitoramento cardíaco. Isso é pra poder é... ver se tem impulso nervoso. Porque tem diversos tipos de parada cardiorrespiratória, né? E aí, você analisando separado e se o coração parar de bater ou se ele aí você tem que dar choque ou se o coração, ele fica parado e não consegue injetar sangue enfim esse monitoramento é possível e mais, eu te digo mais... eu não sei nem se o doutor Sami chegou a dizer isso, mas eu vou dizer isso pra vocês. É... o... a cor de pele do Henry, esses... esses... esse monitoramento aí pode ensejar alguma... eu não sei se está lá no esquema de... de lesão na hora de retirar, na hora de retirar se teve alguma lesão, se teve alguma equimosezinha exatamente no lugar onde retirou aí a prova inequívoca, de novo, que tinha circulação. Porque

se você cola um adesivo e na hora que você tira você tem a marquinha quando chega qualquer pessoa morta não tem marquinha nenhuma. Igual a mesa. Não existe.

Dr. Renan: superada essa questão do colapso versus contusão ainda no primeiro laudo, doutor Jairo. Doutora Letícia próximo slide, por gentileza. É aqui que o senhor fala que o perito colocou que o menino veio do Hospital Lourenço Jorge quando na verdade veio do Barra D'Or?

Jairo: É, eu... eu acredito assim, eu vou fazer um exercício aqui de achismo, tá? Porque assim, é... ele disse que eu erro material. É pela qualidade do exame que foi feito, pelo que nos foi... nos foi apresentado, me parece que o doutor Leonardo Tauil é... deve ter feito um exame em alguma, porque o seguinte é... é... é... é público e notório, excelência. É público e notório, doutor Fábio. Que a demanda do IML é muito grande. Né? E pode ser que tenha lá na tela do computador já alguns exames prontos e que muda pouca coisa dum... dum pro outro. A única explicação que eu, que eu acho, que eu vejo em... tá escrito Lourenço Jorge, sendo muito sincero assim, sendo muito honesto com o próprio perito é que novamente ele não viu o... o corpo. Tá havendo fralda descartável o doutor Renan não vejo nada demais tá? Porque é quando Henry chegou no... no... no hospital tiveram que cortar o... o pijama dele normalmente quando... quando a gente veste a criança pra fazer remoção normalmente pode... pode ter ido com fralda. Mas dentro do Hospital Lourenço Jorge e o... as outras impropriedades chamam muito mais atenção do que o trajano fralda descartável.

Dr. Renan: Pode passar doutora Letícia. Ele descreve também a íris a cor do olho como castanho.

Jairo: isso, foi isso, foi de outra criança.

Dr. Renan: Oi?

Jairo: Isso foi de outra a criança que ele aproveitou o enunciado.

Dr. Renan: o olho do Henry não era, não era castanho?

Jairo: A gente já viu que ele não viu o corpo, que ele não viu a perícia. Alguém fez isso pra ele. Ele foi e complementou. Ele pegou esse exame de alguém e repetiu.

Dr. Renan: no depoimento do Leniel, doutora Letícia, por gentileza. Ah aqui só, só retornando. Ainda nesse laudo, doutor Jairo, ali, ele descreveu o tórax o abdômen com múltiplas equimoses de dez milímetros cada. Ele descreveu isso lá no primeiro exame. O senhor tomou conhecimento que naquele diagrama que depois de ajuntado lá mais de quarenta dias depois essas equimoses desapareceram ali?

Jairo: é... é justamente isso me chama atenção, doutora Elizabeth e doutor Fábio, excelência é...

Dr. Renan: vou te passar...

Jairo: foram essas impropriedades do laudo que quando nós... quanto que... que ensejou nós contestarmos eles lá... eles lá atrás porque nós não tínhamos a certeza absoluta é que o resto demonstrava. A gente já sabia, nós da defesa, e eu como médico já sabia que o laudo não tava... era um laudo falso.

Jairo: Quero que... que tinha impropriedade no laudo e que ele foi contraditado e que ele foi mudado. Isso aí a gente tinha certeza absoluta. Haja visto, essas equimose e vários outros, vários outros achados. Como hemorragia maciça e a gente viu que ele descreveu como grau dois. E a hemorragia maciça, morreu dentro do apartamento sangrou até morrer durante quatro horas, impossível, doutora Bianca impossível! Porque ele chega no hospital com sangue na periferia então ele não teve hemorragia maciça dentro do... dentro dooo... dentro da... dentro do apartamento. Mas quando veio o raio X aí a gente teve certeza absoluta. Mas essas impropriedades foram um dos motivos que a gente já sabia, desde antes, que o laudo não era um laudo idôneo.

Dr. Renan: Perfeito. E é por isso que o senhor disse que o laudo pode ter sido falso. Falsificado.

Jairo: Não eu, a gente.

Dr. Renan: por causa de todas essas impropriedades

Jairo: por causa de todas essas impropriedades a gente sabia que o laudo era um laudo obscuro, negligente, omissivo e que eu achava que não era do Henry. Só que agora eu tenho certeza que não é. Absoluta.

Dr. Renan: perfeito. Dra. Leticia. Depoimento do doutor... do Leniel. Só seguir ali os slides? Não, não. Seguir os slides? Não, excelência, eu estou, estou numa linha de... de consideração. Por gentileza. Ah aqui. Isso é muito importante. Volta por gentileza. No dia oito no dia oito, Doutor Leonardo Tauil respondendo qual foi a causa morte, ele diz hemorragia interna laceração hepática produzida por ação contundente. No dia oito lá no dia oito.

Jairo: Sim.

Dr. Renan: Eu lhe pergunto, no dia nove, no dia dez, no dia onze, já tavam lhe acusando de homicida e torturador?

Jairo: Não, não porque isso poderia... na minha cabeça o doutor Tauil imaginou que fosse realmente um socorro de uma criança que foi atendida no hospital e que teve uma laceração hepática resultante duma manobra de ressuscitação. Eu acho que isso tava na cabeça dele.

Dr. Renan: Então mesmo depois da confecção do laudo o doutor Tauil dizendo que a causa morte seria laceração hepática ainda não acusavam o senhor.

Jairo: Não porque na cabeça deles esse... essa criança, vê uma criança do Lourenço Jorge que foi submetida a exaustivas massagens cardiorrespiratórias e que deram... causando... a essa causa à morte. É o que eu posso depreender disso, né? Não pode ser coisa diferente.

Dr. Renan: E cada uma das massagens cardíacas realizadas.

Jairo: cada uma delas é uma ação contundente isso é claro. Doze mil no caso, né? foram durante duas horas.

Dr. Renan: Perfeito. Doutora Letícia no dia oito mesmo o Leniel é a primeira pessoa a comparecer na delegacia e falar com o delegado. Primeira pessoa.

Jairo: Aí foi o que eu falei pra senhora doutora Elisabete. Foi o que o depoimento do Leniel na delegacia. Porque me abraço... superimportante a imagem do Leniel... me abraçou no hospital a médica solidarizou, solidarizou com... com o que estava acontecendo é deu os pêsames, falou que a gente tinha que ter força pra superar esse momento e o Leniel que viu todo o procedimento, viu o filho, viu completamente nu chega na delegacia e fala isso, ele não viu o filho machucado, com certeza, né? Absoluta.

Dr. Renan: O senhor tem...

Jairo: porque o que vale não é o que é dito depois, o que é dito depois a... a... a gente pode ser construído. O que vale é aquilo que salta aos olhos no mesma hora aquilo que aconteceu acabou de acontecer o quê? Chegou no médico, deu entrada não teve lesão o... o... o Leniel foi dar entrada no... na delegacia não sabe explicar o motivo do óbito, isso tá claro, isso tá posto. E... e até agora não tem violência. E é por isso que a... a... a sequência de... de... de que vai acontecendo e que leva a gente a crer que não teve a que... que... que prova que não teve lesão violenta. Quer dizer não foi é... é que não aconteceu nenhum tipo de lesão com (inaudível) dentro do apartamento.

Dr. Renan: Só passa mais um slide, Letícia, por gentileza. Aí. Então, doutor Jairo no dia oito o Leniel que esteve no Barra D'Or, depois ele esteve lá no IML que tem print nesse sentido, ele estava aguardando lá a liberação do corpo. Depois disso ele é ouvido lá na delegacia, sim.

Depois da liberação do corpo e ele respondendo às perguntas do delegado em primeiro lugar. Ele não descreve nenhuma lesão no corpo do Henry e diz que os médicos não souberam explicar o motivo do óbito. Isso o próprio Leniel que acompanhou os procedimentos no Barra D'Or e esteve no IML.

Jairo: Sim. Ele vai na delegacia e diz que os médicos não souberam explicar o motivo do óbito.

Dr. Renan: o senhor tinha conhecimento dessa declaração do senhor Leniel?

Jairo: Tenho, tenho conhecimento, por isso que eu disse que ele... ele chegou aqui e ele sofismou. Sofisma.

Dr. Renan: Então até o dia oito de março não era culpado nem taxado de torturador e homicida.

Jairo: é, então dia dezoito.

Dr. Renan: A gente está no dia oito ainda. Doutora Letícia só volta ali a data. No dia nove Doutor Leonardo ele faz uma complementação daquele laudo de necropsia que ele fez no dia oito. E lá doutora Letícia, o doutor Leonardo ele diz o seguinte doutor Jairo que ele não identificou sinais de esganadura e não identificou sinais engasgamento. E mais ele diz que as lesões do corpo do menino Henry podem ter sido causadas na tentativa de socorro.

Jairo: Lógico.

Dr. Renan: Podem ter sido causadas na tentativa de socorro. Isso no dia seguinte. No dia nove e ainda, por fim, respondendo.

Jairo: Doutor Renan no atendimento médico, doutor Fábio doutora... doutora Elizabeth. O bracinho dele não tá rígido. Né? E quando pega a ponta do dedo pra poder puxar pra poder fazer os acessos. Essa pressão na ponta do dedo pode causar equimose também. Dentro do próprio hospital.

Dr. Renan: e respondendo ainda o quesito

Jairo: o maior espaço crônico é isso, toda criança que tem inclusive, tem algumas que são clássicas tipo (incompreensível) né? Síndrome de *Silvermam* que é a criança maltratada, né? Que hoje em dia não tinha nada disso foi dito aqui pelos parentes, por todo mundo.

Dr. Renan: Aqui o médico legista está dizendo que não havia sinal, sinais de maus tratos. Em plenário ele afirmou de jeito nenhum. Mas o senhor está sendo acusado de ter torturado o Henry três vezes em menos de quarenta dias e a tortura ela é pior que os maus tratos. O senhor tinha conhecimento disso?

Jairo: O quê?

Dr. Renan: A tortura deixa mais marca que um simples maltrato.

Jairo: Não, é... foi um absurdo isso. Eu acabei de... eu acho que eu narrei pra Vossa Excelência os episódios de forma clara e ágil. Não foi, doutora? Esses episódios de seis minutos, um dia eu não estava com ele e isso foi dito pelo próprio perito. Tortura passou longe, entendeu? Se não tem maus tratos, quem dirá tortura.

Dr. Renan: Exatamente. Nós tamos no dia nove de março até esse dia nove, doutor Jairo, o senhor respondia algum processo criminal? Foi denunciado em juízo por alguma coisa?

Jairo: Não.

Dr. Renan: Não foi.

Jairo: Não.

Dr. Renan: Doutora Letícia eu gostaria do PDF a habilitação do advogado assistente de acusação contratado pelo doutor pelo Leniel Borel. Um, três, sete por gentileza.

Dr. Renan: Do dia nove até o dia dezoito ninguém lhe acusa de absolutamente nada também, doutor Jairo?

Jairo: Não.

Dr. Renan: O senhor respondendo às perguntas da minha colega disse que no dia dezoito a chave virou. senhor saberia nos informar porque que houve essa mudança de chave? O que eu verifico nos autos é que no dia dezoito, Leniel Borel de Almeida habilita nos autos um assistente de acusação advogado pra auxiliar nas investigações.

Jairo: Eu falei que foi dia dezoito porque foi o dia do meu depoimento, né? Foi isso que eu... digo isso. Foi o dia do meu depoimento na delegacia.

Dr. Renan: E por coincidência o mesmo dia da habilitação do advogado, dia dezoito. O senhor sabia disso?

Jairo: Não. Não sabia.

Dr. Renan: Dois, quatro, três nessa mesma linha do tempo. É... dois, três, sete, me perdoe. Dois, três, oito. E aí nós temos uma informação, doutor Jairo, já no dia vinte e dois de março dizendo o seguinte, que hoje, no dia vinte e dois, compareceu até essa unidade de polícia judiciária afim de indicar uma testemunha que entrou em contato com o cliente do declarante. Doutor Leonardo Barreto, aquele que se habilitou lá no dia dezoito como advogado assistente de acusação. Ele vai... ele vai lá na delegacia e diz, olha, uma testemunha entrou em contato aqui com o Leniel

e ela quer ser ouvida. E essa testemunha chama-se Natasha Machado. E essa testemunha presta um termo de declaração lá na delegacia. Trazendo históricos

Jairo: É, mas isso aí eu acho que eu queria deixar pra uma outra oportunidade no... no processo que eu tenho provas que...

Dr. Renan: mas esse é o seu momento de se defender, doutor Jairo. Eu preciso compreender e essa defesa precisa entender como que no dia nove. Depois do exame de necropsia apontar a causa morte como laceração e ninguém lhe acusar de ser um homicida e torturador. Até o dia dezoito. O que que fez mudar a chave? Como que essa nuvem negra se formou e é isso o grande enigma dessa defesa. Porque no dia vinte e dois, segundo essa informação tem o advogado levando uma testemunha lá pra ser ouvido. E além da Natasha outras, outras ex-namoradas suas também são ouvidos. O senhor sabia? depois do dia vinte e dois?

Jairo: Sabia e... não e assim... e o que eu queria com a doutora Elizabeth é, por Vossa Excelência, que diversas outras pessoas que eu pedi pra ser ouvidas, que eu tive crianças sobre o meu pátrio poder, crianças inclusive, crianças, crianças mais vulneráveis é... absolutamente não foram ouvidas. É eu digo... aqui comigo... não, no... pro delegado.

Juíza: Ah não tem contraditório lá. Ele não tem como ouvir testemunha lá, não quando o senhor apresenta como defesa. Não tem contraditório.

Dr. Renan: Pois não. Pois não. Dia sete de abril depois desses depoimentos o senhor é preso. É isso?

Jairo: Isso.

Dr. Renan: E desde então permanece no cárcere.

Jairo: Isso.

Dr. Renan: No meio do caminho, doutor Jairo, dia primeiro de abril o delegado, os peritos, doutora Letícia, pode encerrar a apresentação, eu já finalizei, o delegado, os peritos legistas, os peritos e os locais... de local, estiveram lá no seu apartamento, lá no Majestic o senhor sabia?

Jairo: Sabia.

Dr. Renan: o senhor sabia que eles coletaram ali fragmentos da parede, fragmentos do chão.

Jairo: De todo o apartamento, de todos os cômodos. Ou seja, isso é importante ãh, doutora. É... é... o quando fizeram a reprodução simulada e botaram luminol no apartamento inteiro... O meu... e o sangue ele não desaparece do dia pro outro, dura meses até. Como nós morávamos ali há um mês e meio, ou seja, não tem, não tinha sangue de ninguém, nem meu, nem da

Monique, nem do Henry no apartamento inteiro durante meses. Isso foi comprovado através do luminol. Então, ou seja, e dentro do apartamento nunca sofreu que... se quer um acidente doméstico, né?

Dr. Renan: E além do luminol o senhor tem conhecimento que foi pesquisado qualquer material biológico? saliva, suor, cabelo. Esses fragmentos foram submetidos a toda essa prova. E nada foi encontrado.

Jairo: É, esse isso diz muita coisa.

Dr. Renan: Daqui a pouco, daqui a pouco vai... haverá o problema o... o haverá o momento, né? E caso ele não queira responder vai ter que ficar pra uma próxima, né? O senhor se habilitou já nos... nas outras acusações que pesam contra o doutor Jairo. O senhor vai ter oportunidade larga pra perguntar.

Juíza: Um a um. Doutor. Perguntas que o Jairo não quiser responder eu respeito aí.

Dr. Renan: ele não vai lhe responder, ele não vai lhe responder ô Jairo

Jairo: pois não

Dr. Renan: se sua excelência persistir

Jairo: pois não, Renan

Dr. Renan: é eu peço se Vossa Excelência persistir insistindo no silêncio dele e eu vou conseguir na ata, obrigado. Rogério eu estou vou pra minha última indagação e vou passar a palavra pra doutora Flávia. O senhor respondendo também a doutora Flávia no início disse que o Henry verbalizava tudo.

Dr. Renan: o senhor respondendo às perguntas do meu colega doutor Dalledone diz que o Henry inclusive tinha um telefone e frequentava psicólogas, ia com frequência a casa do pai. Em algum momento o Leniel falou para o senhor parar de bater no filho dele, parar de dar banda no filho dele ou isso nunca aconteceu, seu Jairo?

Jairo: Não, aconteceu dele pedir pra eu parar de dar um abraço apertado, mas de qualquer... nenhum tipo de violência.

Dr. Renan: Perfeito, eu estou satisfeito, muito obrigado, me perdoe pela pelas insistências passando a palavra pra minha colega doutora Flávia Froes.

Juíza: Doutora, eu preciso...

Defesa: mas já vou encerrar essa lista.

Juíza: Ah então tá.

Defesa: É Jairo, prestados todos esses esclarecimentos aqui hoje a sua defesa lhe orienta porque todos os pontos foram discutidos exaustivamente a sua defesa orienta que você não responda mais nenhuma pergunta a partir desse momento, acho que tudo já foi discutido exaustivamente durante longas horas a não ser que você queira complementar ao final de sua defesa, a sua defesa lhe orienta a não responder a mais nenhuma pergunta e encerrar com alguma colocação que você queira fazer.

Jairo: Ah peço por favor que eu preciso de justiça. Preciso de justiça. Eu não aguento mais ficar aonde que eu estou, não aguento mais sofrer, não aguento mais ver minha família sofrer. Não aguento mais passar o que eu estou passando. Um filme de terror, surreal. Que tá acontecendo na minha vida. Não desejo isso pra ninguém. Parece que eu vou sair daqui agora, vou, vou morrer. Eu não tenho mais... tô perdendo a vontade de viver. Isso é verdade.

Juíza: Foi citado a sua real, o senhor não tem não tem pergunta pode encerrar então.

ANEXO

Presentes na Audiência Instrução e Julgamento	
Juíza de Direito	Elizabeth Machado Louro
Promotores de Justiça	Dr. Fábio Vieira dos Santos
	Dr. ^a Bianca das Chagas de Macedo Gonçalves
Advogados	Cristiano Medina da Rocha
	Alexsander de Paula Campos
Assistente da acusação	Flávia Pinheiro Fróes
	Cláudio Dalledone Júnior
	Renan Pacheco Canto,
	Fabiano Tadeu Lopes,
	Luís Fernando Abidu Figueiredo Santos
Assistem a ré Monique;	Thiago Miranda Minagé
	Hugo dos Santos Novais
Acusado	JAIRO SOUZA SANTOS JÚNIOR
Comissão de Prerrogativas da OAB	Dra. Bianca Saldanha Marinho
	Fernanda e Silva Neiva
	Dr. Cláudio Dalledone Júnior
	Dra. Catiane Maisa de Freitas
	Ingryd Souza
	Márcio dos Santos
	Alexandre Rangel